



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CAMPUS BAIXADA SANTISTA
Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da
Saúde

Rita Gisela Guedes Ferreira

DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA:
SOBRE SILÊNCIOS E PRECONCEITOS

Santos

2020

RITA GISELA GUEDES FERREIRA

**DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA:
SOBRE SILÊNCIOS E PRECONCEITOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo, *Campus* Baixada, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre Profissional em Ensino em Ciências da Saúde.

Orientadora: Prof^a. Dra. Patrícia Leme de Oliveira Borba

Santos
2020

**Ficha catalográfica elaborada
por sistema automatizado com
os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)**

F383d Gisela Guedes Ferreira, Rita .
Diversidade Sexual nas Escolas: sobre seus
silêncios e preconceitos. / RitaGisela Guedes
Ferreira; Orientadora Patrícia Leme de Oliveira
Borba. -- Santos, 2020.
241 p. ; 30cm

Dissertação (Mestrado Profissional - Pós-graduação
Ensino em Ciências da Saúde) -- Instituto Saúde e
Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, 2020.

1. SEXUALIDADE. 2. ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL.
3. DIVERSIDADE . 4. IDENTIDADE DE GÊNERO . 5.
ORIENTAÇÃO SEXUAL . I. Leme de Oliveira Borba,
Patrícia , Orient. II. Título.

CDD 610.7

Bibliotecária Daianny Seoni de Oliveira - CRB 8/7469
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CAMPUS BAIXADA SANTISTA
Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde

RITA GISELA GUEDES FERREIRA

**DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA:
SOBRE SILÊNCIOS E PRECONCEITOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Ensino
em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo,
Campus Baixada, como parte dos requisitos para obtenção do
título de Mestre Profissional em Ensino em Ciências da Saúde.

Aprovada em ____/____/____

Prof. Dr^a. Patrícia Leme de Oliveira Borba – Presidente

Prof. Dr^a. Maria Fernanda Petrolí Frutuoso (Unifesp) – Membro Titular

Prof^a. Dr^a Maria Natália Ornelas Pontes Bueno Guerra – Membro Titular

**Prof.^a Dr^a. Iara Falleiros Braga (Universidade Federal da Paraíba) – Membro
Suplente**

Prof^a. Dr^a. Beatriz Prado Pereira (Universidade Federal da Paraíba) – Membro Suplente

RESUMO

O trabalho analisa o tema da diversidade sexual em escolas do município de Santos, localizado no Estado de São Paulo, em especial as medidas empreendidas por profissionais da educação, equipe técnica e gestores, para tal fim. Os objetivos são compreender se há, ou não, medidas por parte desses atores para implantar o tema da diversidade sexual nas escolas. Para alcançar os objetivos, a pesquisa levantou documentos oficiais que versam sobre o tema e, principalmente, calcou-se em 10 entrevistas com orientadores educacionais e gestores de cinco escolas do ensino fundamental localizadas na Zona Noroeste da cidade de Santos. As entrevistas foram transcritas e posteriormente analisadas entrelaçando a subjetividade da pesquisadora ao referencial teórico do estudo, sendo criados três eixos temáticos: a) Todos temos que falar!, b) Quem deve falar? e c) Estratégias para se falar. O primeiro eixo, frente a unanimidade de se tematizar diversidade sexual nas escolas, salienta a necessidade e relevância dessa ação; já o segundo eixo se voltou à observação sobre a análise dos profissionais no que concerne a quem elas atribuem o movimento/a responsabilidade de se colocar em pauta a temática em tela, uma vez reconhecido por elas o pouco domínio e suas inseguranças conceituais e assim delegando a 'outros', em especial, profissionais da saúde, prioritariamente médicos e psicólogos, os profissionais os quais competem conduzir o tema. O terceiro eixo, enfim, se orientou no sentido de identificar perceber os métodos e as técnicas propostas pelas entrevistadas para implementar o assunto nas escolas, ficando no lugar da intenção, da possibilidade, uma vez que não houve nenhuma descrição sobre algo que já aconteceu nas escolas. Por fim, com os resultados da pesquisa, pretendeu-se fornecer subsídios para o fortalecimento do diálogo sobre diversidade sexual no contexto escolar.

Palavras-Chave: escola, sexualidade, diversidade, orientação sexual e identidade de gênero.

ABSTRACT

The work analyzes the theme of sexual diversity in schools in the municipality of Santos, located in the State of São Paulo, in particular the measures undertaken by education professionals, technical staff and managers, for this purpose. The objectives are to understand whether or not there are measures by these actors to implement the theme of sexual diversity in schools. To achieve the objectives, the survey raised official documents dealing with the theme and, mainly, was based on 10 interviews with educational advisors and managers of five elementary schools located in the Northwest Zone of the city of Santos. The interviews were transcribed and later analyzed, intertwining the researcher's subjectivity with the theoretical framework of the study, creating three thematic axes: a) We all have to speak !, b) Who should speak? and c) Strategies to speak. The first axis, in view of the unanimity of focusing on sexual diversity in schools, highlights the need and relevance of this action; the second axis, on the other hand, turned to the observation about the analysis of the professionals with regard to whom they attribute the movement / the responsibility of putting the theme on the agenda, once they recognized the little domain and their conceptual insecurities and thus delegating 'other's, in particular, health professionals, primarily doctors and psychologists, the professionals who are responsible for conducting the topic. Finally, the third axis was oriented towards identifying perceiving the methods and techniques proposed by the interviewees to implement the subject in schools, replacing the intention, the possibility, since there was no description about something that has already happened in the schools. Finally, with the results of the research, it was intended to provide subsidies for strengthening the dialogue on sexual diversity in the school context.

Keywords: school, sexuality, diversity, sexual orientation and gender identity

Dedico este trabalho às pessoas LGBT. A elas, meu respeito e admiração. Com elas, trilharei caminhos para que as diferenças não as tornem desiguais.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à espiritualidade que sempre guiou meus caminhos.

Agradeço também ao curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação Ciências da Saúde e ao seu corpo docente e técnico.

Meu muito obrigada à minha orientadora, Professora Doutora Patrícia Leme de Oliveira Borba, cuja orientação atenta, solidária e amiga foi crucial para a realização da dissertação e um novo aprendizado. Respeitando os limites de quem estava há muitos anos afastada do universo acadêmico, sempre acreditou que tudo isto seria possível.

Estendo meu agradecimento às Professoras Doutoras Maria Fernanda Petroli Frutuoso (Unifesp) e Maria Natália Ornelas Pontes Bueno Guerra, por suas contribuições na qualificação e na defesa de tese. Igualmente agradeço às Professoras por participarem da defesa da dissertação.

Também sou grata aos colegas de curso que me incentivaram e compartilharam comigo anseios e angústias para a realização do curso.

Agradeço às diretoras e orientadoras educacionais entrevistadas que, além de dedicarem seu tempo para a construção da pesquisa, contribuíram verdadeiramente com suas respostas, desprovidas de qualquer outra intenção que não fosse a de colaborar.

Ao Programa Saúde na Escola, agradeço a possibilidade de adentrar neste universo que permeia a interlocução das políticas públicas de saúde e educação.

Sou agraciada pela base familiar e por todo amor que possa haver nela. Agradeço ao meus pais, Naldo e Maria Luisa, que sempre estarão em minha mente e coração.

Ao meu marido Antônio Marcos, agradeço por apoiar minhas decisões, sendo companheiro, motivador e paciente neste e em tantos outros desafios. Te amo.

Agradeço as minhas filhas, Luisa e Laura, meus amores incondicionais. Obrigada por estarem sempre ao meu lado.

Aos meus irmãos, Reinaldo, Roberto e Robson, obrigada pela troca de afeto que até hoje nos mantém unidos. Agradeço especialmente ao Roberto pelas orientações que em muito me ajudaram para a conclusão deste trabalho.

Minhas sobrinhas Beatriz e Catarina sempre deram apoio com suas alegrias contagiantes, assim como minha “neta” Valentina.

Para minhas cunhadas, Silvana, Cris e Cátia, também dirijo meu muito obrigado, sobretudo Silvana por me dar orientações na reta final do trabalho.

SUMÁRIO

1)	Apresentação -----	p. 1

2)	Introdução -----	p. 3
	--	
3)	Hipótese	p. 13
4)	Objetivos	p. 14
	4.1) Objetivo Geral -----	p. 14
	--	
	4.2) Objetivos Específicos -----	p. 14
	--	
5)	Método de Pesquisa -----	p. 15
	--	
6)	Análise de Resultados -----	p. 18
	--	
	6.1) Dados Sociais e Pessoais -----	p. 19

	6.2) Trajetória de Formação Profissional -----	p. 21
	--	
	6.3) Depois da Graduação -----	p. 26
	--	
	6.4) Trajetória de Atuação Profissional -----	p. 29
	--	
	6.5) Eixos Temáticos -----	p. 36

	6.5.1) Todos temos que falar! -----	p. 36
	--	
	6.5.1.1 Consensos em torno de falar para proteção	p. 36
	6.5.2) Percepções geral sobre as falas das entrevistadas em relação aos docetnes -----	p. 52
	--	
	6.5.3) Quem deve falar? -----	p. 56

	6.5.4) Estratégias para se falar -----	p. 60
	--	
	6.5.4.1) Técnicas pedagógicas -----	p. 60
	--	

6.5.4.2) Gestão participativa -----	p. 61
--	
6.5.8.3) Agentes condutores da estratégia -----	p. 64
--	
7) Palavras Finais -----	p. 65
--	
8) Referências Bibliográficas -----	p. 69
--	
9) Apêndices -----	p. 74
--	
9.1) Termo de Livre Consentimento Livre e Esclarecido -----	p. 75

9.2) Roteiro de Entrevistas com Equipe Técnica -----	p. 76
--	
9.3) Transcrição integral das entrevistas -----	p. 78
-	
9.4) Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética -----	p. 233
--	
9.5) Aprovação do projeto pela Coform -----	p. 239

10) Produto Técnico -----	p. 242
--	
10.1) Introdução e Justificativa -----	p. 243

10.2) Objetivos -----	p. 245
--	
10.3) Público Alvo -----	p. 246
--	
10.4) Método de Operacionalização -----	p. 247
--	

10.5) Execução ----- p. 247

--

10.6) Referência Bibliográfica ----- p. 248

--

Índice de Quadros

Quadro 1) Perfis Sociais e Pessoais das Entrevistadas -----	p. 21
Quadro 2) Formação Secundária e Superior das Entrevistadas -----	p. 24
Quadro 3) Formação em Pós-Graduação e/ou em Especialização das Entrevistadas -----	p. 28
Quadro 4) Experiência Profissional das Entrevistadas -----	p. 32
Quadro 5) Cargo nas Escolas e Conhecimento sobre o tema por parte das Entrevistadas -----	p. 35

1) APRESENTAÇÃO

Graduada em Serviço Social em 1990 pela extinta Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro, ao longo dos anos atuei em algumas frentes de trabalho: empresas, hospitais, projetos com mulheres em situação de violência, idosos negligenciados/abandonados e república de idosos. Mas o marco profissional de minha trajetória se deu em 2007, ano em que, como servidora pública, passei a compor o quadro da secretaria municipal de saúde do município de Santos, no Estado de São Paulo. Assim, o interesse em realizar esta pesquisa está intimamente ligado a minha atuação profissional como supervisora técnica de agentes de prevenção voluntários (APV) junto à população LGBT, entre os anos de 2007 a 2011.

Este trabalho foi realizado através da Seção de Prevenção em DST/AIDS/Hepatites Virais da Secretaria de Saúde do município de Santos, localizado no Estado de São Paulo. A título de esclarecimento, APV são pessoas que desenvolvem ações em campos específicos, dialogando sobre prevenção, vulnerabilidades e cidadania, junto aos seus pares (seus iguais). Quando não há “paridade”, necessitam ter alguma inserção junto ao meio (guetos), quer seja por relações externas de trabalho ou através de relações pessoais.

Dentre algumas atribuições do meu cargo, estava a de supervisionar as ações dos APV no campo. Estes momentos foram de grande troca e aprendizado, principalmente nos campos de prostituição. Por vezes, ouvi narrativas da população LGBT (especialmente travestis e transexuais) que traziam dor e amargura, associadas à ausência do convívio familiar e ao rompimento precoce na trajetória escolar.

Algumas das narrativas desta população traziam marcas e questões não só âmbito físico/biológico (agressões/mutilações), mas, principalmente, subjetivas. Havia necessidades evidentes em dialogar sobre temas ligados a (in)diferenças, respeito, oportunidades negadas, bem como desejo explícito em retornar à educação formal, sem rótulos ou julgamentos, que os fizeram ausentar-se da vida escolar.

Em 2014, passei a integrar a equipe de trabalho do Programa Saúde na Escola (PSE)¹ na condição de “articuladora” - profissional que articula as ações de saúde na escola. Nesse papel, vislumbrei a possibilidade de aprofundar a compreensão sobre como os

¹ O Programa Saúde na Escola (PSE) visa a integração e articulação permanente da educação e da saúde, proporcionando melhoria da qualidade de vida dos educandos. portal.mec.gov.br > PDDE > Secretarias > SEB - Educação Básica.

agentes educacionais estão preparados (ou não) para lidar com a temática da diversidade sexual no interior da escola.

Assim nasce a proposição da presente pesquisa, que buscará ampliar o diálogo sobre sexualidade humana - suas diversidades e diferenças – compreendido como um direito que necessita ser esclarecido e respeitado, para que pessoas, em especial, as LGBT, não sejam evadidas da escola e o campo da educação revise suas práticas ainda muito calcadas nos silêncios, e em preconceitos quando na lida por esses temas e junto a esse público.

2) INTRODUÇÃO

Diversidade sexual nas escolas é tema polêmico na sociedade brasileira contemporânea, conforme bibliografia especializada (SEFFNER, 2009; EGYPTO, 2009). Há diretrizes institucionais que abordaram o assunto, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), para o segundo segmento do ensino fundamental, especialmente para alunos entre o 6º e o 9º anos, segmento que é o foco de nossa pesquisa (BRASIL, 1998).

O título do documento oficial expedido pelo Ministério da Educação em 1998, *Parâmetros curriculares nacionais 5a a 8a séries [6º ao 9º anos atuais] Orientação sexual. Temas Transversais*, sugere preocupação com o tema da diversidade sexual de crianças e adolescentes e com a educação sexual para além do âmbito familiar, como discutido por Freitas (2017, p. 135). Ao analisar seu teor, porém, precisamente, a expressão “diversidade sexual” – que abranja inclusive, mas não exclusivamente, a população LGBT – não consta no documento e nem “orientação sexual” e “identidade de gênero”, componentes importantes no debate da diversidade sexual. No mais das vezes, as relações de gênero dizem respeito a atributos dos papéis sociais e culturais de meninos e meninas baseados na heteronormatividade.

Recentemente, em 2017, também a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017a), em sua última versão, exclui as expressões “orientação sexual” e “identidade de gênero”. Nesse caso, o documento alterou sua versão anterior, eliminando aquelas expressões e substituindo-as. Como afirmou Natália Cancian, em artigo publicado no jornal Folha de São Paulo (CANCIAN, 2017, p. 11), a primeira versão do documento apresentava o seguinte trecho:

Dizia o trecho do documento inicial, na página 11: ‘A equidade requer que a instituição escolar seja deliberadamente aberta à pluralidade e à diversidade, e que a experiência escolar seja acessível, eficaz e agradável para todos, sem exceção, independentemente de aparência, etnia, religião, sexo, **identidade de gênero, orientação sexual** ou quaisquer outros atributos, garantindo que todos possam aprender’.

Já na versão atual, disponível no site da base curricular, a frase foi modificada para ‘A equidade requer que a instituição escolar seja deliberadamente aberta à pluralidade e à diversidade, e que a experiência escolar seja acessível, eficaz e agradável para todos, sem exceção, independentemente de aparência, etnia, religião,

sexo ou quaisquer outros atributos, garantindo que todos possam aprender’. [grifos nossos]

Outra alteração, ainda conforme o jornal, ocorreu no tema Vida e Evolução, no eixo Vida e Sexualidade, previsto para o ensino de ciências do 8º ano do ensino fundamental. Inicialmente, o documento afirmava que, entre as habilidades a serem desenvolvidas pelos alunos deste segmento, estariam a seleção de “argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética) e a necessidade de respeitar, valorizar e acolher a diversidade de indivíduos, sem preconceitos baseadas nas diferenças de sexo, **de identidade de gênero e orientação sexual**” [grifos nossos]. No entanto, na nova versão, consta o que o aluno deverá selecionar “argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética) e a necessidade de respeitar, valorizar e acolher a diversidade de indivíduos, sem preconceitos baseadas nas diferenças de gênero” (CANCIAN, 2017, p. 11).²

Como se nota, deliberadamente, as alterações visam desprezar ou escamotear o tema da diversidade sexual nas escolas. Pelo menos, ao retirar expressões (diversidade sexual, identidade de gênero e *orientação sexual*³), o documento não reforça a pluralidade dos diversos gêneros.

Elaborado em 2008, o *Plano Municipal de Educação* da cidade de Santos⁴ não comporta em seus capítulos quaisquer referências à palavra “sexual”, nem “diversidade sexual”, “orientação sexual” e “identidade de gênero”.⁵ Poderíamos dizer que, nesse sentido, o município de Santos apenas segue outras orientações do Ministério da Educação, como o PCN e a BNCC.

Já existem outros documentos oficiais de outras cidades/Estado que trazem avanços significativos na temática da diversidade sexual nas escolas, como, por exemplo, as *Diretrizes Curriculares de Gênero e Diversidade Sexual, da Secretaria de Estado da Educação do Paraná*. Aliás, o Estado do Paraná disponibiliza, *on line*, materiais didáticos e para formação de docentes, como os livros *Gênero e Diversidade na Escola – Caderno de Atividades*, *Gênero e Diversidade na Escola – Formação de Conteúdo* e *Gênero e*

² Sobre as questões políticas que conduziram a alterações na BNCC, vide MACEDO (2017).

³ Cabe realçar que a ideia de ‘orientação sexual’ no PCN, por exemplo, não é a mesma utilizada hoje por especialistas no tema da sexualidade. Ver, por exemplo, FREITAS (2017).

⁴ Prefeitura Municipal de Santos, Secretaria de Educação, Plano Municipal de Educação (Anexos), p. 5. <http://www.portal.santos.sp.gov.br/seduc/page.php?136>.

⁵ *Idem*.

*Diversidade na Escola – Gravidez na Adolescência e Participação Juvenil.*⁶ Certamente, é da alçada estadual lidar com o ensino médio, não cabendo aos municípios.⁷ Entretanto, poderia a esfera municipal lidar com questões em torno da sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e identidade de gênero, a fim de promover a inclusão social? Estes temas podem ser tratados no segundo segmento do ensino fundamental, a exemplo de outras experiências⁸, para que se possa realizar a inclusão social de estudantes? Por exemplo, como afirma a autora Silva:

Nos espaços escolares, questões relacionadas à sexualidade, não raramente, geram julgamentos, punições, isolamento e exclusão. Estão presentes no cotidiano escolar sob a forma de demanda, de curiosidade inclusive, atreladas à própria experiência dos/as estudantes, podendo despertar sentimentos de receio, constrangimento nos/as educadores/as, surpreendidos/as com repertório limitado com que contam para lidar com tais questões. (GONÇALVES DA SILVA, 2017, p. 106).

A partir daí, podemos nos perguntar os porquês no município de Santos ainda não se ter implementado políticas públicas que visem uma educação nas escolas que atendam demandas da população sociais contemporâneas, como, por exemplo, o respeito à orientação sexual e à identidade de gênero, entre outras. É o que têm salientado especialistas no assunto para outras realidades (GONÇALVES DA SILVA, 2015, p. 20).

Antes de prosseguirmos, cabe explicitar o que entendemos por sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e identidade de gênero:

A noção de orientação sexual, de modo genérico, refere-se ao sexo ou ao gênero que constitui o objeto de desejo de uma pessoa no qual não está implicado consciência nem intenção, assim como também não necessariamente descreve uma condição da pessoa. Trata-se de algo que apresenta uma grande abertura, portanto, flexibilidade. Esta condição permite diversas interpretações e usos que, por vezes, acabam agregando significados que cristalizam e essencializam a orientação sexual nos sujeitos [...]. É importante que não se pense que a orientação sexual resulte de escolhas racionais dos sujeitos, pela condição do caráter do desejo e o fato de que nossa experiência social é envolta de uma grande complexidade. Desta forma, não devemos falar de opção sexual, já que a dimensão do desejo não cabe numa escolha racional. (GONÇALVES DA SILVA, 2015, p. 20).

⁶ *Idem*. Logicamente, não apenas o Estado do Paraná. Por exemplo, o documento elaborado pelo próprio Ministério da Educação, em 2009 (VVAA, 2009).

⁷ LDB. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Edição atualizada até março de até 2017, p. 13. Cf. http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf

⁸ Vide, por exemplo, SILVA (2014).

Por sua vez, diversidade sexual se refere a “ ‘diversas manifestações e práticas sexuais’, termo usado para designar as várias formas de expressão da sexualidade” (FREITAS, 2015, p. 159), ao passo que identidade de gênero se refere à

profundamente sentida experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos ou outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos (CORRÊA; MUNTARBHORN, s/d, p. 7).

Partindo da concepção de que sexualidade não traduz somente a questão da dimensão biológica e que é compreendida pelo contexto histórico em que se encontra, de acordo com Gonçalves da Silva (2015, p. 5):

sexualidade é uma dimensão da experiência humana que não deriva diretamente da anatomia, mas sim abarca vários elementos na sua constituição, tal como as relações sexuais, o erotismo, a intimidade e o prazer. É preciso compreender que a sexualidade é experimentada e se expressa através de pensamentos, ações, desejos e fantasias. Sexualidade se articula a gênero, mas não pode ser tomada nem como seu sinônimo e nem tampouco gênero deve ser a única questão a ser considerada quando se pretende compreender a sexualidade como dimensão humana e, nessa condição, como algo plural.

Vistos os conceitos, e retornando à análise daqueles temas na escola, estamos cientes de que, além de aspectos normativos que se expressam ou são silenciados em documentos oficiais da educação, como o PCN e a BNCC, dimensões religiosas, de valores morais, culturais, de foro íntimo, etc., pressionam significativamente o silêncio do poder público e de seus agentes no interior da escola. No entanto, esse mesmo poder público pode contribuir para o debate e a reflexão sobre demandas sociais da contemporaneidade. Ao promover na escola o que envolve o campo de discussão sobre diversidade sexual, especialmente na educação de crianças e adolescentes em fase de intensas reflexões sobre sexualidade.

Baseado na experiência profissional nesse campo na cidade de Santos, colocar na pauta da discussão essas temáticas, poderiam contribuir para reduzir a evasão escolar e o constrangimento de alunos vítimas de preconceito, ao mesmo tempo em que cooperaria para a redução da discriminação e da exclusão.⁹ A propósito, a “escola é considerada um espaço decisivo para contribuir na construção de uma consciência crítica e de

⁹ Sobre demandas LGBT, vide REIS (s/d).

desenvolvimento de práticas pautadas pelo respeito à diversidade e aos direitos humanos” (JUNQUEIRA, 2009, p. 7).

Pelo exposto, atender a demandas sobre diversidade sexual é um meio e um fim, concomitantemente. Promover o tema da diversidade sexual em meio a gestores e equipe técnica das escolas visa reduzir/extinguir as diferenças causadas pelos marcadores sociais que reforçam as discriminações pejorativas e as desigualdades.¹⁰ Nesse sentido, é possível afirmar a necessidade da implementação de medidas/ações sob responsabilidade do poder público para promoção de um diálogo inclusivo que estimule a permanência de estudantes LGBT no espaço escolar, em especial, àqueles que transgridem com mais evidências comportamentos heteronormativos, evitando assim interrupções de trajetórias educacionais marcadas por violências simbólicas vivenciadas no espaço escolar (estigma, isolamento, assédio, etc...), promovidas por educadores e educandos.

Para contextualizar, no ano de 2004, algumas medidas intersetoriais foram empreendidas pelo governo federal. Foi lançado o Programa “Brasil sem Homofobia”¹¹(BSH), que tem como objetivo “promover a cidadania de gays, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais, a partir da equiparação de direitos do combate à violência e à discriminação homofóbicas”. Esta ação governamental dá início a mobilizações em diferentes campos, que vão da saúde ao mercado de trabalho, da segurança à educação. A partir do BSH, surgem algumas ações importantes entre os setores, tais como: criação dos Centros de Referência em Direitos Humanos de Combate à Homofobia; formulação da Política Nacional de Saúde LGBT; resolução acerca do tratamento a pessoas LGBT em situação de privação de liberdade; ampliação de cirurgias de redesignação e tratamento hormonal segura para pessoas trans no Brasil; reconhecimento pelo MEC da identidade de gênero de pessoas trans na educação básica e no ensino superior, entre outras.

Apesar de algumas medidas implementadas, descritas no parágrafo anterior, há que se avaliar esforços no sentido da divulgação, execução e continuidade das mesmas. No campo da saúde, por exemplo, houve avanços significativos, um dos exemplos se refere a Portaria 1.820/2009 que garante o direito de pessoas ”trans” serem atendidas e

¹⁰ Sobre marcadores sociais que acirram as discriminações sobre sexualidade, vide GONÇALVES DA SILVA (2015).

¹¹ Cf. Enap Escola Nacional de Administração Pública, - curso Promoção e Defesa dos Direitos LGBT (Turma NOV/2018). [HTTPS://mooc.escolavirtual.gov.br/mod/book/tool/print/index.php?id=73450](https://mooc.escolavirtual.gov.br/mod/book/tool/print/index.php?id=73450) Módulo 3 – Cultura e Políticas Públicas para LGBT: Avanços e Desafios, pg. 4

identificadas no Sistema Único de Saúde, pelo nome que se reconheçam, independentemente do registro civil ou decisão judicial¹².

Outro marco importante nesta área, foi a Portaria 2.836/2011¹³, que reafirma o direito das pessoas LGBT à saúde integral, humanizada e de qualidade no Sistema Único de Saúde. E também vale lembrar que o processo transexualizador foi instituído em 2008 pelo SUS e ampliado pela Portaria 2.803¹⁴, de 19 de novembro de 2013, e tem como objetivo garantir o atendimento integral de saúde a pessoas “trans” que desejam modificar seu corpo, através de hormonioterapia até procedimentos cirúrgicos.

Há que se destacar o progresso no campo do direito. Leis, normativas, decretos e resoluções que asseguram diretrizes em âmbito federal, estadual e municipal no sentido de acolher demandas da população LGBT. Como exemplo dessas normatizações, temos no âmbito federal, a Resolução do Conselho Nacional de Justiça nº 175/2013 que dispõe sobre a habilitação, celebração de casamento civil ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas de mesmo sexo.

No âmbito do estado de São Paulo¹⁵, salientamos alguns marcos legais:

- Lei Estadual nº 10.948/2001: dispõe sobre as penalidades a serem aplicadas à prática de discriminação em razão de orientação sexual e dá outras providências.
- Decreto nº 55.839/2010: institui o Plano Estadual de Enfrentamento à Homofobia e Promoção da Cidadania LGBT e dá providências correlatas.
- Decreto nº 55.588/2010: dispõe sobre o tratamento nominal das pessoas transexuais e travestis nos órgãos públicos do Estado de São Paulo e dá providências correlatas.
- Deliberação CEE nº 125/2014: dispõe sobre a inclusão de nome social nos registros escolares das instituições públicas e privadas no Sistema de Ensino do Estado de São Paulo e dá outras providências correlatas.

12 vsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt1820_13_08_2009.html

13 Brasil. Ministério da Saúde (MS). Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – LGBT. Brasília: MS; 2011. Brasil. Ministério da Saúde (MS). Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – LGBT. Brasília: MS; 2011.

14 Brasil. Ministério da Saúde (MS). Portaria nº 2803, de 19 de novembro de 2013. Redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS). *Diário Oficial da União* 2013; 20 nov.

15 B823m Brasil. Ministério Público Federal. Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão. O Ministério Público e a Igualdade de Direitos para LGBTI : Conceitos e Legislação / Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, Ministério Público do Estado do Ceará. – 2. ed., rev. e atual. – Brasília : MPF, 2017. 83 p. Disponível também em: . Título anterior: O Ministério Público e os Direitos de LGBT: Conceitos e Legislação. I. Homossexualidade – Direitos – Proteção – Brasil. I. Ministério Público Federal. Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão. II. Ministério Público do Estado do Ceará. III. Título. CDD 341.272.

- Resolução SAP n° 11/2014: dispõe sobre a atenção a travestis e transexuais no âmbito do sistema penitenciário.
- Resolução SAP n° 153/2011: regulariza visita íntima homoafetiva para presos. Resolução Cremesp n° 208: atendimento médico integral à população de travestis e transexuais.

No campo educacional, na nossa área de estudo ainda são muito tímidas as ações desenvolvidas no estado de São Paulo. Pauta-se somente na utilização do nome social para maiores de 18 anos e limita-se a tirar dúvidas para a comunidade escolar, quanto à tramitação para o uso do banheiro adequado de acordo com a identidade de gênero, como apresentado pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo em 2017¹⁶. Segundo o documento, é “necessário que se faça na secretaria da escola a solicitação de inclusão do nome social nos registros do estudante, como a lista de presença e o diário de classes, por exemplo. Somente após concluir esse processo a pessoa passará a frequentar o banheiro conforme a sua identidade de gênero”.¹⁷ Portanto, o link da secretaria estadual de educação explicita bem! O Estado dá diretrizes de como fazer para o nome social ser incluído nos diário de classe, bem como para poder se usar o banheiro. Não se trata de uma iniciativa apenas do aluno para que o mesmo possa utilizar o banheiro conforme sua identidade de gênero.

No ano de 2018, houve uma formação virtual¹⁸ pontual disponibilizada para todos os servidores da Secretaria Estadual de Educação em relação aos temas sobre diversidade sexual envolvendo a comunidade escolar. Apesar de ser uma importante estratégia para o avanço do conhecimento e para sensibilização sobre o tema, entendemos que este modelo de formação está aquém do necessário para a promoção do debate nas escolas, posto que ignora questões em torno da subjetividade, experiências locais compartilhadas e singularidades dos educadores e de demais membros da comunidade escolar. Estes aspectos são cruciais, mas inviáveis de serem eficazmente analisados em sistemas não presenciais.

¹⁶ <http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/secretaria-de-educacao-reafirma-compromisso-contra-homofobia/>

¹⁷ *Idem.*

¹⁸ Maiores informações disponíveis:
<http://www.escoladeformacao.sp.gov.br/portais/Default.aspx?tabid=8548>

Por sua vez, o município de Santos em seu Plano Municipal de Educação, como já descrito na introdução deste trabalho, sequer faz menções sobre palavras chaves que norteiam o debate sobre diversidade sexual.

Também no ano de 2018, houve apenas uma ação isolada em parceria com a Comissão da Diversidade Sexual da OAB/Santos e Comissão Municipal de Diversidade Sexual na cidade de Santos, junto a supervisores de ensino da Secretaria Municipal de Educação.

Apesar da existência de alguns avanços em relação as normativas e leis que regem o campo dos direitos das pessoas LGBT, ainda há uma distância no que diz respeito à efetividade da garantia e da fiscalização de quaisquer leis. Nesse sentido, portanto, leis, por si só, não garantem a implementação de quaisquer políticas público-educacionais. É preciso atuação dos poderes públicos e da sociedade, sobretudo da comunidade escolar.

Ademais, dados recentes sobre a violência¹⁹ que atinge aquele público são preocupantes, o que reforça a importância do debate desde muito cedo no interior da escola. Pessoas fora da sexualidade heteronormativa são alvos de frequentes discriminações e preconceitos de natureza variada. Não raras vezes as ações de discriminação e violência são causadas por agentes do próprio Estado, especialmente policiais, entre outros setores sociais, estão entre os que praticam atos agressivos (PINTO, 2003). Todavia, se as faces mais visíveis das formas de discriminação e preconceito são ações fisicamente violentas, inclusive letais, a violência física está longe de ser a única; e talvez nem seja a principal, mesmo que seja a mais exacerbada e aviltante ação contra os direitos da pessoa humana. Outras formas de violência podem, inclusive, se iniciar na escola.

Assim, exclusões, explícitas ou não, em relação ao mercado de trabalho, ao convívio familiar e social, às esferas da socialização em espaços públicos (praias, shows, etc.) e privados (clubes, escolas e universidades privadas), entre outras formas, fazem parte da redução da população não heterossexual a condições de humanidade degradantes, vexaminosas. Em síntese, a homofobia, bifobia, lesbofobia e transfobia, que se revelam em sentimentos de ódio, aversão, intolerância, desprezo e discriminação, são elementos estruturantes da heterossexualidade normativa opressora (PASSADOR, 2017, p. 17 e *segs*; 2015, p. 159).

¹⁹<https://oglobo.globo.com/sociedade/assassinatos-de-lgbt-crescem-30-entre-2016-2017-segundo-relatorio-22295785>

Com efeito, os meios de comunicação dão ênfase à dimensão da violência física. Poucos são os veículos que sublinham formas de violência não física sofrida por pessoas LGBT. Assim, paradoxalmente, não obstante a constatação de violências físicas e simbólicas, inclusive não raro veiculadas por órgãos da grande imprensa e/ou pelas redes sociais, o poder público na cidade de Santos precisaria avançar na formulação de políticas públicas na área educacional. Revelando a importância da elaboração de materiais didáticos e de formação de profissionais da educação. Cumpre lembrar que o enfrentamento de novos desafios não se dá apenas na área da educação junto a crianças e jovens, mas também apontam a necessidade de se trabalhar com o público adulto.²⁰

Quando se trata de público infantil e juvenil no espaço escolar, é possível avançar mais na direção dialógica sobre as temáticas em questão envolvendo tanto as esferas oficiais como a comunidade escolar (pais, setores religiosos, etc.).

Em relação a equipe técnica da escola - professores, coordenadores pedagógicos e demais técnicos educacionais, seguem alguns questionamentos norteadores que a pesquisa pretende abarcar: em sua formação, teriam esses profissionais desenvolvido habilidades e conhecimentos necessários para aquela implementação de política pública sobre sexualidade e diversidade sexual? Ao longo de suas práticas, são desenvolvidas habilidades e competências necessárias para lidar com a temática em tela? Quando há o desconhecimento sobre as demandas que envolvem a diversidade sexual o silêncio é reforçado e como efeito ampliam-se ações violentas contra esse público? Em suas condições de trabalho e em meio a outras demandas sociais, o quadro técnico e os gestores estariam aptos a lidar, também, a tais questões? Os agentes educadores do espaço escolar percebem tais aspectos como de sua alçada profissional? Em caso negativo, quais os meios de sensibilizar gestores e técnicos educacionais em prol das discussões sobre sexualidade e diversidade sexual? Mais, ainda nessa negativa, cabe indagar a gestores e técnicos educacionais a quem compete lidar com esses temas nas escolas? Por fim, quais os papéis de pais e/ou responsáveis em torno de todas estas discussões?

²⁰ Por exemplo, quando atuei como supervisora técnica junto a demandas da população LGBT, na Seção de Prevenção em DST/Aids/Hepatites Virais, na secretaria de saúde do município, pude perceber que as ações aos LGBT voltavam-se, basicamente, em coleta e análise exames de sangue, distribuição de insumos, raramente, a questões que incentivassem o exercício pleno da cidadania. Paradoxalmente, o município criou a Seção de Apoio à Diversidade Sexual da Secretaria de Defesa da Cidadania, porém não há ações que promovam a participação do público LGBT em movimentos sociais, oficinas, discussões temáticas e/ou em serviços que atendam suas expectativas. Nem mesmo projetos voltados para jovens em idade escolar matriculados na rede municipal do ensino público focalizando a diversidade sexual, e sim a prevenção de doenças. Cf. Projeto Santos Jovem Doutor: <http://jovemdoutor.org.br/>. Acesso em 30/04/2017.

Tais questionamentos traduzem em um conjunto do que nomeamos de pontos norteadores que a pesquisa se debruçou, entre eles: **a)** o porquê da não abertura ao tema na formulação de política pública educacional por parte da secretaria municipal de educação; **b)** compreender os limites do poder público municipal para promover políticas inclusivas, levando em conta os marcadores sociais de diferenças²¹; **c)** compreender a viabilidade da implementação de processos formativos, estimulada/apoiada pela prefeitura, de gestores e de quadros técnicos educacionais; **d)** escutar o que pensam gestores e técnicos educacionais sobre a tarefa, em termos de alçada, da condução do debate nas escolas; **e)** no que concerne aos agentes educacionais, saber os motivos que levam à não problematização da temática por profissionais da educação no espaço escolar; **f)** compreender se o silêncio nas escolas sobre aqueles temas norteadores produz efeitos, a médio e longo prazos, em termos de vivência e fracasso escolar (evasão, repetência e desvalorização da escola).

Por fim, importante salientar a ausência de estudos de tal natureza para a cidade de Santos. Com isso, o desenvolvimento desse projeto se justifica em termos de preenchimento de lacuna de conhecimento, mas também para inovação nesta mesma área; e, ainda, pela pretensão de poder contribuir para o debate sobre sexualidade e diversidade sexual nas escolas, portanto ampliar subsídios para políticas públicas de educação que pretendem avançar no campo do direito à diversidade, não somente como campo discursivo, mas como pretensão da prática educativa.

²¹ Sobre marcadores sociais de diferença. Cf. GONÇALVES DA SILVA (2015).

3) HIPÓTESE

A hipótese principal do trabalho é a de que, no município de Santos, o tema da diversidade sexual no ensino fundamental é pouco problematizado por gestores e técnicos educacionais por razões subjetivas, institucionais e por pressões sociais diversas.

No que tange às razões de ordem subjetiva, gestores e técnicos educacionais talvez não vejam como de sua alçada a promoção do debate sobre diversidade sexual nas escolas porque entendem que, devido à sua formação específica, lidam com questões conteudistas específicas, predominantemente, tais como o ensino de matemática, português, ciências, etc.

No plano institucional, o poder público municipal de Santos enfrenta dificuldades em pautar a temática da diversidade sexual no espaço escolar. Haja vista as pressões sociais que pairam sobre gestores e técnicos educacionais os levam ao não comprometimento com o debate, bem como de pais e responsáveis contrários ao tema, por não partilharem valores que propiciem a sua discussão, e/ou por adotarem a concepção de que assuntos sexuais são de foro íntimo. Ou seja, caberia à esfera familiar privada lidar com tais questões, e não à instituição escolar. Ademais, há motivações religiosas que implicam também no silêncio do debate nas escolas.

4) OBJETIVOS

a) Objetivo Geral

Compreender como o tema da diversidade sexual tem sido abordado (ou não) nas escolas de ensino fundamental, ciclo II, na cidade de Santos/SP.

b) Objetivos Específicos

- ✓ Sistematizar e analisar orientações e instrumentos normativos dos âmbitos federal, estadual e municipal sobre o tema da diversidade sexual nas escolas;
- ✓ Compreender como a comunidade escolar – professores, gestores, alunos e pais – se relacionam com o temática da diversidade sexual;
- ✓ Elaborar um material informativo com possibilidade de sugestão sobre a temática em tela, a ser entregue às secretarias municipais de educação e saúde de Santos.

5) MÉTODO DA PESQUISA

Para realizar a pesquisa, o método utilizado visa responder às perguntas elaboradas e atender aos objetivos pretendidos. Nesse caminho, mas, sobretudo, partindo do princípio de que o tema diversidade sexual deve ser enfatizado nas escolas, o passo inicial da pesquisa foi examinar a legislação²² e orientações pedagógicas oficiais. Os Parâmetros Curriculares Nacionais, a Base Nacional Comum Curricular, planos de ensino, por exemplo, sugerem em que séries assuntos relacionados à sexualidade devem ser trabalhados.

Para a lida com documentos, utilizamos a análise de conteúdo porque esta implica em seleção prévia de textos/documentos, exame de seu conteúdo (CAREGNATO; MUTTI, 2006, pp. 679-684), inclusive o que os textos enunciam ou não dizem. Por exemplo, a presença ou ausência de expressões como “diversidade sexual”, “orientação sexual”, “identidade de gênero”, “LGBT”, entre outras.

O passo seguinte foi a realização de estudos de caso (ALVES-MAZZOTTI, 2006), pois, de acordo com Pádua *et al* (2000), *“é uma tentativa de abranger as características mais importantes do tema que se está pesquisando, bem como seu processo de desenvolvimento”*.

Os estudos de caso ocorreram em escolas públicas do município de Santos, com turmas de ensino fundamental, localizadas na Zona Noroeste. A escolha de escolas deste território se deve ao fato de a pesquisadora ser articuladora da saúde nesses espaços educacionais. Além disso, é uma região de alta vulnerabilidade social.

No interior dos estudos de caso, foram realizadas entrevistas com profissionais da educação. Totalizamos 10 entrevistas, sendo duas em cada escola, com orientadores educacionais e diretores. A título de esclarecimento, orientador educacional faz parte da equipe técnica da escola. Ele é o profissional que é o elo entre escola e os responsáveis pelos educandos, além de manter relações estreitas com todos os agentes educacionais no interior da escola. Cabe a ele assumir funções de assistência ao professor, aos pais, às pessoas da escola com as quais os educandos mantêm contatos significativos²³.

As entrevistas foram previamente autorizadas pela Coordenadoria de Formação da Secretaria de Educação do Município. A Seção de Formação da referida Secretaria

²² Por exemplo, Constituição da República Federativa do Brasil, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Estatuto da Criança e do Adolescente, entre outros.

²³ <http://oecolinasdotocantins.blogspot.com/2010/02/importancia-do-orientador-educacional.html>

facilitou as entrevistas, enviando às escolas não só autorização para realizá-las, mas também dizendo sobre qual objetivo das mesmas.

Não houve dificuldades na realização das entrevistas. Todas as agentes educacionais, foram muito solícitas em contribuir com a pesquisa. Porém, apesar do aviso das profissionais entrevistadas junto aos demais funcionários sobre a importância de não serem importunadas, em duas escolas tivemos interrupções em decorrência do cotidiano escolar. Estes episódios não afetaram o desenrolar do encontro.

As entrevistas tiveram um roteiro previamente elaborado com questões mais abrangentes, com o intuito de respeitar e compreender fala dos interlocutores. O roteiro de entrevistas versa sobre: dados pessoais, incluindo nome; origem familiar; socioeconômica (faixa de renda), grau de instrução (familiar e pessoal); atuação profissional; tempo de magistério ou outra atividade técnica educacional; instrução e/ou formação complementar em temas afins à sexualidade; orientação religiosa; (auto)identificação sobre orientação sexual. Em seguida, a entrevista abordará o conhecimento do profissional da educação sobre textos normativos e documentos oficiais relativos à diversidade sexual nas escolas; se conhece iniciativas escolares de implementação de temas LGBT em escolas; se há ou houve medidas para adotar na escola em que atua; as competências sobre quem cabe tal iniciativa, entre outras perguntas pertinentes ao tema da pesquisa.

Para a análise das entrevistas, as questões de produção de sentido e de efeitos da fala nortearão a metodologia. Pode-se a partir daí fazer relações além do dito pelos entrevistadas e chegar a uma interpretação (CAREGNATO; MUTTI, 2006).

Utilizamos como modalidade da análise de conteúdo, a análise temática que “consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença ou frequência signifiquem para o objeto analítico visado” (MINAYO, 2010).

As entrevistas ocorreram em algumas escolas do território da zona noroeste do município de Santos. Ocorreram nas seguintes unidades municipais de ensino: Prefeito Oswaldo Justo, José da Costa e Silva Sobrinho, José Carlos de Azevedo Junior, Prefeito Esmeraldo Tarquínio e Padre Leonardo Nunes. O tempo de duração das entrevistas foi de aproximadamente de 50 minutos a 1 hora, e os recursos utilizados nas entrevistas foi gravador e celular. Todas foram devidamente autorizadas dentro das normas que balizam o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos.

A escolha do território foi em decorrência de minha atuação como articuladora do Programa Saúde na Escola, nestes espaços. Aliada a esta condição, está a questão da alta vulnerabilidade social territorial destas escolas.

A partir dos resultados obtidos nas etapas documental e de estudo de caso, empreenderei a abordagem à luz dos principais referenciais teóricos que compõem a pesquisa.

Todas as entrevistadas assinaram o Termo de Livre Consentimento de acordo com os preceitos éticos do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNIFESP sendo que o projeto foi aprovado pelo parecer CAAE 94706318.9.0000.5505 (Apêndice) e pela Comissão de Formação da Secretaria Municipal de Educação da cidade de Santos (Apêndice).

6) ANÁLISE DE RESULTADOS

Os resultados das entrevistas advêm das perguntas formuladas que visavam ouvir um quadro amplo dos profissionais, do ambiente escolar e de suas perspectivas em relação ao tema da diversidade sexual em cinco escolas da Zona Noroeste de Santos.

Nesse sentido, as entrevistas foram divididas em quatro blocos (Ver apêndice), a saber: **A) Dados Sociais e Pessoais, B) Trajetória de Formação Profissional, C) Trajetória de Atuação Profissional e D) Conhecimento sobre o tema.** Tal segmentação almejou compreender a trajetória pessoal-familiar, o perfil social, a formação profissional, a experiência profissional e o entendimento do tema da diversidade sexual por parte de cinco diretoras e cinco orientadoras educacionais de escola entrevistadas, dois de cada escola.

Cumpramos realçar, todavia, que, para efeito de coerência textual e de aproveitamento das entrevistas, priorizamos, na análise, a dimensão qualitativa das falas, o que nos levou a evitar repetições e, por conseguinte, a dimensionar os assuntos e dizeres das entrevistadas a partir de nossa percepção sobre suas respostas.

Nesse caso, a eleição das temáticas está entrelaçada na subjetividade do pesquisador articulada ao referencial teórico do estudo, mas, decerto, calcada nos tópicos salientados pelas entrevistadas pelas quais se procedeu à montagem de eixos temáticos que julgamos adequados. A partir daí, e, após o processo de transcrição e analítico, criamos três eixos temáticos: a) *Todos temos que falar!*, b) *Quem deve falar?* e c) *Estratégias para se falar.*

O primeiro eixo salienta a necessidade e relevância, ou não, por parte das entrevistadas, de tematizar diversidade sexual nas escolas. As justificativas das respostas também foram analisadas. Como houve unanimidade na concordância de colocar em pauta diversidade sexual na escola, o segundo eixo se voltou à observação sobre a análise das profissionais no que concerne a quem elas²⁴ atribuem o movimento de colocar em pauta a temática em tela, uma vez reconhecido por elas o pouco domínio sobre a quem compete conduzir o tema, isto é, quem ou quais profissionais e/ou agentes da comunidade escolar deveriam abordar o assunto com os estudantes. O terceiro eixo, enfim, se orientou no sentido de identificar os métodos e as técnicas propostos pelas entrevistadas para implementar o assunto nas escolas.

²⁴ Utilizarei o gênero feminino no corpo do texto porque as entrevistadas se identificaram como mulheres.

Para a compreensão dos resultados alcançados com base na análise das entrevistas, cabe, antes de tudo, atentar aos perfis sociais, de formação e profissional das dez entrevistadas nos oferece uma descrição sobre o seu *lugar de fala*. Para tal fim, dividimos a abordagem em três pontos. O primeiro se reporta ao histórico pessoal-familiar e seu pertencimento social conforme as percepções de si mesmas sobre a classe social em que se inserem. O segundo centra a atenção sobre a formação acadêmica, e o terceiro realça a trajetória profissional, com ênfase na experiência na rede escolar pública do município de Santos. Os três pontos que foram enfatizados estavam previstos no roteiro de entrevista (Ver apêndice), precisamente as perguntas relativas a A) Dados Sociais e Pessoais, B) Trajetória de Formação Profissional e C) Trajetória de Atuação Profissional.

6.1) Dados Sociais e Pessoais

No que concerne a dados pessoais, os entrevistados responderam às seguintes perguntas: 1. Qual seu nome completo? 2. Qual sua data de nascimento? 3. Qual seu sexo? 4. Qual sua naturalidade? 5. Seus pais nasceram em que estado? 6. Tem formação religiosa e/ou é adepto de alguma religião? Qual? 7. Considera-se em que faixa de renda familiar: classe média, média alta, média baixa ou outra? 8. Faz parte da primeira geração da família com curso superior? 9. Tem parente com curso superior completo?

Para facilitar a visualização e discussão sobre o perfil e formação das entrevistadas apresentamos esses dados no quadro 1:

Quadro 1) Perfis Sociais e Pessoais das Entrevistadas

Entrevistadas										
Itens	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
Sexo	Fem	Fem	Fem	Fem	Fem	Fem	Fem	Fem	Fem	Fem
Idades	63	52	54	36	53	45	49	48	40	40
Ano de Nascimento	1955	1966	1964	1982	1965	1973	1969	1970	1978	1978
Naturalidade	Santos	Santos	S ^{to} . André	São Paulo	Alagoas	Santos	Santos	Pres. Venceslau	Santos	Santos
Naturalidade dos pais	Santos; Campinas	Santos; Portugal	São Paulo; São Paulo	MG; MG	Alagoas; Alagoas	Sergipe; Santos	MG; MG	MG; MG	Santos; Santos	Santo André; Portugal
Formação religiosa	Católica	Católica	Kardecista	Não tem	Evangélica	Evangélica	Não tem	Católica	Católica	Católica
Renda Familiar	Classe Média	Classe Média	Classe Média	Classe Média	Classe Média Baixa	Classe Média	Classe Média Baixa	Classe Média Baixa	Classe Média	Classe Média

Obs: Respectivamente, a naturalidade do pai e a da mãe antecedem e sucedem o ponto e vírgula

Como se pode observar no quadro 1, lidamos com um conjunto de profissionais da educação adultas, cujas idades variam entre 40 e 63 anos, nenhuma das quais, todavia, se identificou como LGBT. Todas se identificaram como mulheres. Suas naturalidades são majoritariamente do Estado de São Paulo, incluindo cinco nascidas no próprio município de Santos e apenas uma oriunda da região Nordeste do Brasil. Esta tendência se aproxima do caso dos pais, posto que cinco deles são naturais do Estado de São Paulo, três dos quais nascidos em Santos. Por sua vez, apenas quatro mães são paulistas, duas das delas santistas. Boa parte das mães é migrante porque três provêm de Minas Gerais e uma de Alagoas, e há duas portuguesas.

Estes dados demonstram que, em sua grande maioria, as entrevistadas, embora fossem filhas de pai e/ou mãe externas a Santos, não precisaram migrar para regiões longínquas de seu lugar de nascimento e, conseqüentemente, já desfrutavam de laços de socialização em seu lugar de origem. Talvez isto tenha contribuído, além de outros fatores, para, como veremos adiante, a conclusão do ensino médio na faixa dos 18 anos de idade e para o acesso a curso superior. Ainda assim, todas as entrevistadas são a primeira geração da família com graduação completa, exceto uma, cujos vínculos avunculares propiciaram, à parentela ascendente, a finalização de um curso superior.

6.2) Trajetória de Formação Profissional

O encaminhamento desse tópico deu relevo ao ensino médio, à formação superior e à realização de cursos de especialização, não levando em conta a prática profissional como elemento de contribuição para a formação. No que concerne às trajetórias de formação profissional, o questionário se pautou nas seguintes perguntas: 1. Onde cursou o ensino médio: escola pública e/ou particular? Qual? Em que estado? Quando o concluiu? 2. Em que instituição cursou a graduação? Quando a concluiu? 3. Seus pais e/ou avôs têm formação superior? Em quê? 4. Você faz parte da primeira geração de sua família com curso superior? Tem irmãos com curso superior?

Consoante ao tópico anterior, há, em primeiro lugar, que se considerar que todas as entrevistadas, por ascendência direta (pais, mães, avôs e avós), são a primeira geração de suas respectivas famílias com curso superior completo. Assim, a ausência de antepassados com graduação não foi barreira para o acesso ao curso superior. Em termos familiares, parece ter havido estímulo e ambiente propício para a finalização de uma graduação. Das nove entrevistadas com irmãos, cinco compartilharam com eles a

experiência de uma graduação completa. Isto pode indicar que os pais e mães (talvez avôs e avós) das entrevistadas, desprovidos de curso de graduação, tenham estimulado seus filhos no caminho da mobilidade social via educação. Por outro lado, quatro entrevistadas foram além de seus irmãos no nível de ensino, talvez por seus próprios esforços individuais e/ou propensão aos estudos. No geral, o conjunto desses dados indica que uma combinação de estímulos de antepassados familiares e de iniciativas pessoais abriu portas de uma graduação.

Quadro 2) Formação Secundária e Superior das Entrevistadas

Entrevistadas										
Itens	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
Ensino Médio	Particular	Pública	Pública	Pública	Pública	Pública	Particular	Pública	Pública	Pública
Ano	1973	1982	1981	--	1983	1992	1988	1991	1996	1996
Idade de Conclusão EM	18	16	17	--	18	19	19	21	18	18
Ensino Superior	Particular	Particular	Particular	Particular	Particular	Particular	Particular	Particular	Particular	Particular
Ano	1996	1989, 2003	1990	2007	1987	2002	1992	1995	2000	2003
Idade de Conclusão ES	41	23	26	25	22	29	23	25	22	25
1ª geração	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Tios	Sim	Sim
Irmãos com curso	Não	Todas	Não	Não	Todos	Todas	Não	Um dos dois	Filha única	Todos

Obs: EM = Ensino Médio ES = Ensino Superior

Há, ainda, um indicador importante sobre a idade de formação. As dez entrevistadas não apresentam defasagem na idade escolar de formação, posto que concluíram o ensino médio por volta de seus 18 anos de idade. O mesmo pode ser dito em relação à faixa etária de conclusão do curso superior. Entre as dez entrevistadas, oito terminaram suas graduações entre 23 e 26 anos de idade. Não há, portanto, um grande hiato entre a conclusão do ensino médio e a conclusão do ensino superior. Esta constatação pode indicar que familiares das entrevistadas puderam custear seus estudos superiores ou que elas não precisaram arcar com o sustento familiar quando da realização de seus ensinos médio e/ou superior. Evidentemente, isto não esgota outras explicações, como a possibilidade de receber bolsa de estudos, parcial ou integral, ou trabalhar para arcar com despesas educacionais superiores. Talvez por isso mesmo todas se identifiquem como classe média, ainda que três delas se considerassem, à época da entrevista (2018), de classe média baixa.

Decerto, oito das dez entrevistadas cursaram o ensino médio em escolas públicas, quatro nos anos 1980 e cinco nos anos 1990 (uma delas não se recorda). Quase todas frequentaram bancos escolares públicos, embora se declarem como de classe média, haja vista que nenhuma se incluisse no nível de renda familiar atual abaixo da classe média, ainda que de classe média baixa. Sete afirmaram pertencer à classe média e três à classe média baixa. De alguma maneira, puderam concluir o ensino médio, realidade nem sempre tangível para parte substancial dos jovens e adolescentes brasileiros.

Logo, o cursar o ensino médio em escola pública e o sentimento de pertencimento à classe média não são contraditórios, estão ligados, ainda que não seja a única explicação, a posterior possibilidade de realização de curso superior em instituições privadas de ensino superior. Porém, como todas as entrevistadas residem em Santos e/ou outras cidades da Baixada Santista, pode ser que a ausência de universidades públicas quando da realização de seus cursos de graduação também explique a realização do ensino superior em instituições privadas. Não há curso de pedagogia em nenhuma universidade pública na região da Baixada Santista e tampouco havia a possibilidade de realizar cursos de educação à distância (EAD) tais quais se tem atualmente e em larga oferta.

Se hoje as entrevistadas se sentem pertencentes à classe média, pode ser que a carreira docente tenha ajudado para a mudança ou preservação de sua condição social, caso se considere que, mesmo que o estudar em escolas públicas durante o ensino médio seja um indicador de famílias não abastadas, as entrevistadas não arcaram com o ônus do

sustento familiar em seus períodos de estudo. É possível ainda que suas origens familiares e seus esforços pessoais no trabalho possam ter contribuído decisivamente para sua formação custeada no superior ensino privado, mas também isto não é acessível à grande maioria dos jovens brasileiros. Também o conteúdo não ofertou essa informação para podermos fazer tais afirmações.

De toda maneira, podemos analisar essa questão a luz do que Barbosa (2017) nos traz em sua obra ao colocar que uma das questões mais expressivas do cotidiano escolar contemporâneo se refere ao não reconhecimento das múltiplas alteridades²⁵, ou seja na escola se convive com pessoas ou grupos diferentes, a principal diferença para Pereira se refere a diferença geracional, e podemos somar a ela, a questão da classe social, no caso as orientadoras/coordenadoras se autopercebem como sendo da classe média e/ou da classe média 'mais baixa', o que provoca uma distância entre elas e seu público. Outros marcadores podem ampliar esse não reconhecimento das alteridades, no entanto, nossos dados nos permitem localizar apenas dois deles.

O contexto político e social de formação profissional das entrevistadas pode ser um dado relevante para a análise da temática LGBT nas escolas. Todas são formadas em pedagogia, mas há que se realçar também que seis das entrevistadas concluíram suas graduações antes de 2001, e das quatro restantes três antes de 2004, apenas uma em 2007. Isto significa dizer que, à época das entrevistas, em 2018, o menor tempo de formação entre a conclusão da graduação e as entrevistas é de 11 anos. Ao mesmo tempo, para além de certos segmentos especializados, a pauta LGBT, como debate público, midiático, e como intenção de política pública, ainda que tímida, ganhou corpo apenas a partir de inícios dos anos 2000, com mais ou menos intensidade. Pode-se dizer, portanto, que à época da formação superior de quase todas as entrevistadas, não havia tanto espaço para discutir o tema, sendo que até os dias de hoje, os cursos de Pedagogia ainda abordam pouco esse tema, apesar de estar contemplado nas Diretrizes Nacionais Curriculares para os Cursos de Pedagogia²⁶.

25 Segundo Cardoso (2013), alteridade é um conceito que permite, do nosso lugar humano reconhecer e compreender as diferenças como parte da humanidade, isto se dá ao identificarmos nossas similitudes e diferenças com o outro, somado a isso, ainda de acordo com a autora, 'a experiência da alteridade nos impede de um posicionamento contra toda e qualquer forma de violação de nossa humanidade' (CARDOSO, 2013, p. 60).

26 http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05_05.pdf.

6.3) Depois da Graduação

Todavia, a formação profissional não se esgota no âmbito da graduação. Para aferir as atividades de pós-graduação das entrevistadas, as perguntas realizadas foram as seguintes: 5. Você cursou pós-graduação? Qual? Em que instituição? Quando a concluiu? 6. Cursou alguma especialização? Em que instituição? Quando a concluiu? 7. Tem alguma formação específica em temas sobre sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e/ou identidade de gênero? Em que instituição? Quando a concluiu? Os resultados das entrevistas constam do quadro 3.

Como vimos, embora não haja defasagem etária no período formativo nos âmbitos do ensino médio e superior, as colaboradoras são graduadas, em sua grande maioria, há pelo menos mais de 15 anos. Cinco delas são formadas em curso superior há mais de 20 anos, quando o debate LGBT não estava posto tal como em momentos posteriores. Isto significa dizer que se, entre o ano de conclusão do curso de graduação e o ano de 2018 (período das entrevistas), não foram realizados, por parte das entrevistadas, por quaisquer razões, estudos voltados à temática LGBT, isto gera desinformação e compreensões sobre o assunto em pauta, contribuindo para ocasionar a não promoção do debate sobre sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e identidade de gênero nas escolas.

Quadro 3) Formação em Pós-Graduação e/ou em Especialização das Entrevistadas

Entrevistadas										
Itens	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
Ano de conclusão do ES	1996	1989; 2003	1990	2007	1987	2002	1992	1995	2000	2003
Pós-Graduação ou Especialização	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
Tema	Jogos Cooperativos	Educação Infantil	Educação Infantil; Gestão e Supervisão Escolar	Psico- pedagogia	Psico- pedagogia	Docência do Ensino Superior	--	Educação Infantil; Orientação Educacional	Educação infantil; Alfabetização e Letramento	Gestão; AEE
Ano	1998	2011	2001; [?]	2013	2015	2017	--	2010; 2015	2001; 2010	2015; 2017
Instituição	Particular	Particular	Particular	Particular	Particular	Particular	--	Particular	Particular	Particular
Formação específica em LGBT	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim
Ano	--	--	--	--	--	--	--	--	--	2018
Instituição	--	--	--	--	--	--	--	--	--	Rede Sementeira

Obs: ES = Ensino Superior

Conforme o dito acima, o quadro 3 demonstra que os cursos de pós-graduação e/ou especialização das profissionais entrevistadas não priorizaram o tema LGBT, o que se deve a vários motivos. Em primeiro lugar, em 2018, ano das entrevistas, apenas quatro profissionais haviam realizado pós-graduação/especialização a partir de 2015. Três delas realizaram pós/especialização entre 2010 e 2013, duas entre 1998 e 2001, e uma jamais frequentou, mesmo depois de mais de 25 anos de conclusão do ensino superior. Quaisquer que sejam os motivos (baixos salários, acúmulo de funções docentes e administrativas, falta de incentivo do poder público, custos dos cursos de pós-graduação/especialização, falta de oferta regular de cursos, administração do cotidiano, etc.), pode-se dizer, até certo ponto, que não há uma prática frequente de realização de pós-graduação para parte substancial das entrevistadas.

No que concerne especificamente à temática LGBT, o quadro se agrava, tal como se constata na escolha dos cursos de pós-graduação/especialização. Exceto uma das colaboradoras, ninguém teve formação específica no tema. Os campos de estudo escolhidos versam sobre aspectos outros do universo escolar infanto-juvenil: educação infantil, psicopedagogia, gestão escolar, etc. Provavelmente, tais escolhas se devem a três motivos: a falta de oferta e os custos de cursos afins, a falta de interesse público para a promoção do debate e a opção prioritária por temas relacionados ao cotidiano escolar infantil e à gestão. Se associarmos estes três fatores ao período de realização das pós-graduações/especializações das entrevistadas, pode-se afirmar que a pauta LGBT já fazia parte da agenda pública, ainda que timidamente, mas não atingiu a formação docente tanto no âmbito da graduação como da pós-graduação quando de sua emergência. Por outro lado, não temos conhecimento, para a região da Baixada Santista, da oferta de cursos de pós-graduação sobre diversidade sexual. Assim, torna-se um ciclo que se retroalimenta negativamente, porque não se oferta formação para produzir e impulsionar o debate nos espaços escolares e, por outro lado, não há de fato um movimento organizado por parte das escolas em se pautar a necessidade de uma formação que respalde os educadores para sua atuação no tema em tela.

Do exposto até aqui, pelo perfil pessoal-familiar e de formação das entrevistadas, pode-se dizer que não houve direcionamento para o assunto em pauta, exceto para uma colaboradora durante a pós-graduação.

Isso se somado à ausência de formação específica incentive o silêncio sobre o assunto. O silêncio em relação a essas formas de

discriminação e exclusão também é um problema que deve ser enfrentado no caminho da construção de uma educação cidadã que respeite e valorize a diversidade. Muitas vezes educadoras e educadores silenciam sobre preconceitos e discriminações para evitar um suposto acirramento desses fenômenos e dos conflitos que eles geram no ambiente escolar. Ou silenciam porque se sentem desempoderados para enfrentar esses temas e conflitos, por se sentirem sem amparo institucional e de pares, e sem apoio das famílias e da comunidade em que a escola está inserida. O silêncio no ambiente escolar em torno desses problemas tende ao reforço do chamado “currículo oculto” que invisibiliza diversidades e conflitos, reproduz desigualdades, e não estimula a crítica e a formulação de intervenções para transformar esse quadro.

Esse currículo oculto está presente nas representações das diferenças que encontramos nos materiais didáticos, nos conteúdos ensinados, nas relações entre educadoras e educadores, entre estes e estas e seus estudantes, entre estudantes com seus pares, entre escola, família e comunidades, entre escola e Estado, e em toda uma série de experiências que atravessam o contexto escolar. (PASSADOR, 2015, p. 39).

6.4) Trajetória de Atuação Profissional

Para examinar a atuação profissional das colaboradoras entrevistadas, as perguntas a elas dirigidas foram as seguintes: 1. Há quanto tempo atua no magistério? 2. Em quantas escolas já trabalhou? 3. Em que níveis de ensino já trabalhou? 4. Em quantas escolas trabalha atualmente? 5. Há quanto tempo você trabalha na educação escolar no município de Santos? 6. Em quantas escolas municipais de Santos você já trabalhou? 7. Em quantas escolas do município de Santos você trabalha atualmente? 8. Nas escolas do município de Santos, que projetos e/ou demais iniciativas escolares o marcaram ou quais você considera significativos? 9 Por quê? 10. No município de Santos, houve alguma política pública e/ou iniciativa escolar em prol dos temas da sexualidade, orientação sexual e/ou identidade de gênero? 11. Você atuou nestes casos?²⁷

²⁷ As respostas perguntas de 7 a 10 não foram analisadas porque nenhuma das entrevistadas se reportou a experiências de participação educacionais significativas no município de Santos, sobretudo voltadas ao tema LGBT (Cf. entrevistas na íntegra no apêndice). Nesse caso, trata-se do silenciamento sobre o tema, o que abordaremos adiante no que concerne ao foco desta pesquisa.

Quadro 4) Experiência Profissional das Entrevistadas

Itens	Entrevistadas									
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
Tempo de Magistério	33	12	17	16	31	24	28	23	18	28
Há quanto tempo você trabalha na educação escolar no município de Santos?	27	22	16	11	33	14	12	17	18	20
Em quantas escolas já trabalhou?	12	16	14	25	10	10	13	9	5	13
Em quantas escolas municipais de Santos você já trabalhou?	9	16	6	10	9	5	8	5	4	6
Em quantas escolas trabalha atualmente?	1	1	2	1	2	2	2	2	1	2
Em quantas escolas do município de Santos você trabalha atualmente?	1	1	2	1	2	1	1	1	1	1
Em que níveis de ensino já trabalhou?	Fund I; Fund II; EJA	Infantil; Fund I; EJA	Infantil; Fund I; Fund II; Médio; EJA	Infantil; Fund I; Fund II;	Infantil; Fund I; Fund II;	Fund I; Fund II; EJA	Infantil; Fund I; Fund II	Infantil; Fund I; Fund II; Médio	Fund I; Fund II	Infantil; Fund I; Fund II

Obs: Fund I = Ensino Fundamental I

Fund II = Ensino Fundamental II

EJA = Educação de Jovens e Adultos

O quadro 4 revela que as profissionais entrevistadas não são calouras em termos de tempo de experiência profissional e nem em termos de instituições de ensino em que já atuaram. Tampouco são iniciantes no exercício de suas funções de magistério no município de Santos, inclusive no número de escolas públicas municipais. A fixação, porém, parece se estabelecer nas escolas públicas municipais, posto que, à época da entrevista, quatro das dez docentes trabalhavam apenas para a educação pública da municipalidade, e as demais seis só atuam em uma escola além das públicas municipais. Essa situação, no setor Educação tem sido um indicador de avaliação sobre escolas públicas, uma vez que estudos recentes já tem demonstrado o impacto negativo da alta rotatividade de professores e da gestão escolar no desempenho dos alunos (PEREIRA JUNIOR; OLIVEIRA, 2016).

A experiência das profissionais em tela também se observa no fato de que todas elas já atuaram e/ou atuam nos segmentos I e II do ensino fundamental, sete na educação infantil, e cinco na educação infantil. Logo, têm experiência com alunos entre 11 e 18 anos de idade (dos níveis fundamental II, médio e EJA). Nesse sentido, todas elas lidam com um público infanto-juvenil em fase de formação ou lida com sua sexualidade, com a diversidade sexual, com a orientação sexual e com a identidade de gênero.

A partir daí, o que elas pensam sobre o debate do tema nas escolas? Será que a ausência de formação adequada no âmbito da graduação e da pós-graduação seriam empecilhos intransponíveis para profissionais experientes debaterem o tema nas escolas?

Conhecimento sobre o tema

Neste subitem exploramos a questão sobre o conhecimento por parte das entrevistadas sobre o conhecimento no tema. Visto o quadro geral deste tópico (Quadro 5), as perguntas relativas ao conhecimento sobre o tema almejaram nos levar à compreensão sobre a dimensão do tópico da diversidade sexual na prática e/ou na concepção pedagógico-profissional das entrevistadas, seu entendimento sobre o assunto materializado em prática pedagógica. Então, demos ênfase a fatores relativos aos conceitos de sexualidade, etc., leitura sobre o tema, meios de informação, atualização bibliográfica, relevância da matéria na sociedade brasileira e na cidade de Santos (perguntas 1 a 5, infra), conhecimento de implementação de políticas públicas específicas ou afins à diversidade sexual nas escolas, políticas públicas dos entes federativos e ciência

de legislação (perguntas 7 a 13, *infra*). No desfecho, as questões as entrevistadas puseram em destaque suas percepções sobre diversidade sexual nas escolas, experiências prévias, competências, técnicas, interlocução com a comunidade escolar, poder público e estratégias (perguntas 6, e 15 a 20, *infra*). O conjunto de perguntas para esse subitem foram:

1. Como você define sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e identidade de gênero?
2. Quantos livros e/ou textos afins você já leu sobre estes assuntos?
3. De que maneiras você se informa sobre eles?
4. Qual foi a última vez que você se informou sobre eles? Por quais meios?
5. Você os acha relevantes, ou não, para a sociedade brasileira contemporânea e para o município de Santos em particular? Por quê?
6. Você acha que a escola deve, ou não, atuar em prol desses temas? Por quê?
7. Você conhece alguma política pública, municipal, estadual e/ou federal, voltada àqueles temas? Você acha que deveria haver, ou não?
8. Você conhece alguma lei ou norma jurídica, municipal, estadual e/ou federal, voltadas àqueles temas? Você acha que deveria haver, ou não?
9. Você conhece alguma orientação pedagógica, municipal, estadual e/ou federal, voltada àqueles temas? Você acha que deveria haver, ou não?
10. Você sabe o que os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Bases Nacionais Curriculares Comuns dispõem sobre aqueles temas?
11. Você conhece alguma postura, iniciativa, norma ou orientação do município de Santos em relação àqueles assuntos? Você acha que deveria haver, ou não?
12. Como você os avalia?
13. Você conhece alguma postura, iniciativa, norma ou orientação do município de Santos em relação àqueles assuntos no espaço escolar? Você acha que deveria haver, ou não?
14. Como você os avalia?
15. Você acha relevante e importante, ou não, para o corpo docente e para o corpo técnico escolar que estes temas sejam debatidos nas escolas do município de Santos? Por quê?
16. Você acha relevante e importante, ou não, para o corpo discente que estes temas sejam debatidos nas escolas do município de Santos? Por quê?
17. Que profissionais deveriam, se for o caso, atuar em prol da promoção do debate em torno daqueles temas? Por quê? De que formas eles deveriam atuar?

18. Como tais temas deveriam ser debatidos nas escolas, se for o caso?

19. Você acha, ou não, que haveria pressões ou resistências de pais e/ou responsáveis e de alunos para a implementação de políticas públicas e ou de quaisquer iniciativas escolares em prol daqueles temas? Por quê?

20. Que outros aspectos sobre os temas você gostaria de destacar?

Quadro 5) Cargo nas Escolas e Conhecimento sobre o tema por parte das Entrevistadas

Identificação	Função na Escola	Conhecimento sobre política pública afim ao tema, exceto o município de Santos	Posicionamento em relação a temática diversidade sexual na escola	Realiza leituras sobre a temática da diversidade sexual
A	Diretora	Não	A favor	Não
B	O.E.	Não	A favor	Não
C	Diretora	Não	A favor	Sim
D	O.E.	Não	A favor	Sim
E	Diretora	Não	A favor	Não
F	O.E.	Não	A favor	Não
G	Diretora	Não	A favor	Não
H	O.E.	Não	A favor	Não
I	Diretora	Não	A favor	Não
J	O.E.	Não	A favor	Sim

Obs: O.E = Orientadora Educacional

Como vimos, todas as pessoas entrevistadas são do sexo feminino. Pelo menos nas unidades municipais de ensino da Zona Noroeste (território de abrangência da pesquisa) nos cargos ocupados pelas equipes técnicas há predominância do sexo feminino. Acreditamos que talvez tivéssemos outras contribuições se as perguntas fossem aplicadas a pessoas do sexo masculino. Isto não é uma constatação, mas apenas uma

hipótese. Também vimos que uma das colaboradoras exerce o magistério a menos de 15 anos e que a grande maioria já trabalhou em diferentes níveis de ensino, ou seja, da educação infantil à educação de jovens e adultos (EJA).

Ao entrevistar as colaboradoras sobre curso de especialização, apenas uma afirmou ter concluído somente a graduação. Fato interessante é que quando fizemos esta pergunta de forma objetiva, disseram não ter, não considerando pós-graduação *stricto* ou *lato sensu* como uma especialização. Entendendo formações reconhecidas pelo MEC como especializações, percebemos que nove das dez, possuem especializações. Também importante, como realçamos, é que, totalizando, seis colaboradoras atuam somente em uma escola e as demais, em duas. Fixas em seus locais de trabalho, temos seis. Essa informação é importante porque revela a importância da permanência destas educadoras nas escolas. Percebemos que elas dispõem de maior conhecimento/vinculação não só em relação aos alunos, mas também em relação à comunidade escolar, incluindo-se aí responsáveis, aos serviços de cuidado do território e aos agentes educacionais.

A partir daí, no que concerne ao posicionamento sobre a promoção do tema relativo à diversidade sexual na escola, todas são favoráveis. Logo, podemos afirmar que há consenso sobre a inclusão do debate no âmbito escolar. Todavia, de acordo com o quadro 5, constatamos que ainda é muito tímida a busca por leituras sobre diversidade sexual. Uma vez que entendemos que a formação sobre a temática não se dá somente pela via das formações formalizadas em cursos, mas em uma busca contínua por conhecimento, em especial na era da *internet*. Evidenciando um certo desinteresse por se formarem/informarem extra oficialmente sobre a temática.

Apenas três colaboradoras disseram realizar leituras afins. Uma delas, inclusive, justificou tal leitura por questões de cunho pessoal. Ela, no momento da entrevista, nos disse ter oportunidade de estar participando de curso que também tratava do assunto. Por outro lado, a grande maioria das colaboradoras disse buscar informações pontuais, quando há “problemas” na escola ou quando se interessava por questões midiáticas envolvendo celebridades e sexualidade, por exemplo.

Sobre religião, sete disseram frequentar semanalmente cultos e/ou prática similar. Porém, percebemos que esta questão não foi entrave (como pensávamos inicialmente) para o consenso acerca do debate do tema da diversidade sexual no universo escolar por parte dos agentes educacionais, contudo, apesar das orientadoras em sua maioria não estarem vinculadas as práticas religiosas, não podemos deixar de reconhecer a influência que os padrões heteronormativos preconizados principalmente pelas religiões de base

cristãs influenciam o cotidiano escolar, e ainda, a existência de toda uma proposta veiculada pela Escola Sem Partido sobre a identificação do que eles nomeiam da *Ideologia de Gênero* colado as questões sobre diversidade sexual e que tem ganhado expressão, inclusive, pela aprovação de políticas públicas municipais.

Nos tópicos anteriores, priorizamos a análise agregada de dados a fim de traçar o perfil social-pessoal, de formação e atuação profissional das entrevistadas. Em resumo, no quadro geral, as colaboradoras da pesquisa são profissionais do gênero feminino, com idade média de 48 anos, sem defasagem etária no ano de conclusão do ensino médio, que tiveram como possibilidade de conclusão de curso superior também sem grande defasagem etária, ainda que sendo a primeira geração na família em tal situação, mas com baixa frequência em cursos de pós-graduação e majoritariamente sem especialização na temática sobre a diversidade sexual/público LGBT nas escolas, mas com larga experiência profissional, inclusive em escolas públicas municipais de Santos.

Além disso, elas estão fixas na escola há algum tempo o que lhes provê mais acúmulo de informação e vivências com sua comunidade escolar, contudo as diferenças estão postas, notadamente as diferenças etárias e de classe. Isso acumula elementos para análise das entrevistas, no sentido do silêncio, da invisibilização da temática na escola.

Doravante, porém, o foco recai na análise do discurso. Assim, frente ao que foi expresso nas entrevistas, articuladas ao referencial teórico e aos documentos oficiais analisados na pesquisa, passemos à abordagem propriamente dita do primeiro eixo de perguntas qualitativas.

6.5) Eixos Temáticos

6.5.1) Todos temos que falar!

No conjunto das entrevistas sobressai a ideia favorável à promoção do debate sobre a diversidade sexual nas escolas. Podemos mesmo dizer que é o único consenso que se autoevidencia nas entrevistas. Há, no entanto, matizes importantes sobre a presença do tópico na sala de aula/escola, que estão relacionadas ao modo como duas perguntas foram feitas. Referimo-nos, precisamente, às questões do roteiro de entrevista número 16: Você acha relevante e importante, ou não, para o corpo docente que estes temas sejam debatidos nas escolas do município de Santos? Por quê?; número 17: Que profissionais deveriam, se for o caso, atuar em prol da promoção do debate em torno daqueles temas? Por quê? De que formas eles deveriam atuar?

No momento da análise percebemos que ambas perguntas puderam induzir a entrevistada a concordar com a presença do tema no universo escolar, outra reflexão que precisa ser feita é relativa ao papel da pesquisadora na rede de educação porque sou reconhecida entre meus pares por meu conhecimento e militância no tema em questão. Assim, as escolas e suas respectivas coordenadoras e orientadoras educacionais entrevistadas já tinham essa informação subjacente. Contudo, não se tratou de indução da pergunta, uma vez que a ênfase das respostas e as justificativas dadas pelas entrevistadas revelaram uma espontaneidade que foi lido como de fato uma concordância sobre a presença do assunto na escola.

A concordância, todavia, pode sugerir necessidade, aceitação total ou aceitação parcial do tema, a depender de vários aspectos, desde a formação específica do agente e/ou profissional da educação, bem como à faixa etária das crianças/adolescentes destinatários do debate. Nesse sentido, iremos trazer esses diferentes posicionamentos e percepções das entrevistadas sobre a relevância do tema e o corpo docente a partir de trechos das entrevistas de cada uma delas para, em seguida, analisarmos as intenções e as evidências das falas que nos dão bases empírica e argumentativa.

1.1) Consensos em torno de falar para proteção

Em termos empíricos, portanto, nota-se respostas similares relativas ao consenso. Como observamos na resposta de A:

A – “Eu acho. Eu acho importante porque a gente pode chegar aos alunos com mais propriedade, com mais segurança, com mais entendimento, você poder pôr na cabeça de todo mundo que isso faz parte da nossa vida ‘né’, e que a gente precisa ‘tá’ protegendo os nossos alunos ‘né’, eu acho muito importante.” (toda transcrição da entrevista precisaria estar com outro formato de letra e tem uma página de onde foi retirado no documento de cada entrevista, assim na referência precisa referenciar: Excerto da entrevista com A, ver anexo)

Soma-se, para além do consenso observado, o argumento reside no fato da proteção dos alunos, ainda que não esteja evidente de que forma ocorreria essa dada proteção. Já para B, ainda na produção do consenso, ela coloca:

B – “ ‘Ah’, eu acho relevante porque hoje em dia a gente ‘tá’ lidando com... porque tudo que a gente vai fazer, vai passar lá no aluno também ‘né’, porque são temas novos, atuais, uma mudança de comportamento, de sociedade... E a gente tem que ‘tá’ se adequando, então a gente tem que ‘tá’ aberto a mudanças, então a gente tem que abrir a nossa cabeça também e buscar o conhecimento. Que nem quando no começo eu falei, que realmente eu não tenho conhecimento sobre isso exatamente, mas são temas atuais que a gente tem que buscar e a gente acaba falando muito da nossa grade, porque não faz parte da grade, faz parte da grade? Não... ”.

Por sua vez, B trouxe outros elementos para o debate, além de salientar a relevância, ela coloca sobre a atualidade da pauta e seu impacto na formação discente, além disso B reforça a necessidade da busca do conhecimento, se colocando e colocando os educadores no papel de ‘inacabados’ tal qual formulou Paulo Freire:

A consciência do mundo e a consciência de si inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca. Na verdade, seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse em tal movimento (FREIRE, 1996, p. 24).

Após ressaltar a adequação às mudanças dos tempos, e de admitir não dispor de “conhecimento sobre isso exatamente”, novamente B enfatiza que se trata de “temas atuais que a gente tem que buscar”.

Outro aspecto muito importante para a discussão sobre o silêncio é trazido por B, quando ela coloca que a temática sobre a diversidade sexual, não faz parte da grade: “a gente acaba falando muito da nossa grade, porque não faz parte da grade, faz parte da grade? Não...”.

Sendo assim, não obstante legislação e orientações educacionais presentes, por exemplo, nos PCNs, B declara que a grade escolar, entendida como o conteúdo curricular a ser ministrado pelos docentes e pela equipe pedagógica, não contempla a matéria da diversidade sexual na escola.

O quadro desenhado por B indica aspectos interessantes em relação ao corpo docente. A entrevistada reconhece a necessidade de evidenciar o assunto, mas não se sente capacitada, assim como o corpo docente, e afirma a imperativo de adequação e busca de conhecimento. Porém, uma barreira importante é a grade escolar, ou seja, por mais que exista o esforço do corpo docente em aprofundar sua compreensão sobre a temática, a 'grade' que leva a prática pedagógica também é um empecilho/barreira para não se atentar ao assunto.

Ademais, conforme está implícito na resposta, a profissional da educação não se fecha ao diálogo, porém está presa à uma forma de se conceber a educação, tal qual foi formulado por Freire, de educação bancária. Uma educação bancária é aquela em que a prática pedagógica está centrada exclusivamente nas mãos do professor, pois, "o educador é o que diz a palavra, os educandos, os que escutam docilmente; o educador é o que disciplina, os educandos, os disciplinados" (Freire, 2005, *Pedagogia do Oprimido*, p. 68).

Esses dizeres de Freire remetem à ideia de que o educador deposita nos educandos os conteúdos das disciplinas, como se os discentes fossem meros recipientes a serem preenchidos, daí a expressão por ele cunhada de "educação bancária", ou seja, a educação é um processo de "puro treino, pura transferência de conteúdo, é quase adestramento, é puro exercício de adaptação ao mundo" (FREIRE, 2000, p. 101).

Nesse sentido, os saberes da sexualidade não normativas não são entendidas, ainda, no universo educacional formal como componente do saber oriundo do próprio corpo discente. As práticas e afetividades em prol da manifestação da sexualidade, diversidade sexual, da orientação sexual e da identidade de gênero estão muito longe de serem vistas pela ótica de uma práxis transformadora e libertária no sentido de respeito as expressões não normativas. Assim, embora o autor escrevesse em uma época na qual a heteronormatividade fosse inquestionável, mais uma vez recorremos a Paulo Freire:

Ninguém vive bem sua sexualidade numa sociedade tão restritiva, tão hipócrita e falseadora de valores (...) é preciso viver relativamente bem a sexualidade. Não podemos assumir com êxito, pelo menos relativo, a paternidade, a maternidade, o professorado, a política, sem que estejamos mais ou menos em paz com a sexualidade. (FREIRE, 1992).

Portanto, por meio de uma educação problematizadora e consciente, também em termos relacionais e de identidades múltiplas, é possível aos educandos LGBT, ou não, questionarem a forma como a sexualidade é reproduzida e legitimada pela sociedade e, por conseguinte, no ambiente escolar. Nessa seara, a promoção do debate alusiva ao tema, centrada na dialogicidade, é um dos caminhos possíveis para rompermos com as práticas do silêncio vigentes no âmbito escolar.

Retomando a fala de B, suas palavras também encontra ressonância nas formulações sintetizadas por Freitas, que, ao abordar o tema das sexualidades, afirma que os profissionais da educação se indagam sobre:

(...) como organizar o trabalho didático e metodológico sendo que, em sua formação, não tiveram tais conteúdos. Em sua prática diária, os docentes são solicitados a responder indagações e a intervir em situações para as quais não estão devidamente capacitados. Os profissionais da área da educação sentem necessidade de se adequar a tais demandas, porém se deparam com as limitações dos currículos, bem como com a escassez de formação continuada em temas transversais. (FREITAS, 2010, p.16).

Com certeza, as formulações de Freitas e as afirmações das profissionais da educação, que em seu cotidiano lidam com saberes escolares oriundos de alunos provenientes de distintas realidades, lançam luz sobre uma práxis pedagógica muito restritiva ao conteúdo curricular.

Assim, como se pode observar, a fala de B reconhece, ainda que implicitamente, a necessidade de ir além do engessamento do currículo, da educação bancária, e a importância da educação como um fator de responsabilidade social e política de transformação da realidade. Ela foi capaz de perceber que a questão LGBT está presente no universo escolar e que os alunos precisam, conforme A, ser “protegidos”. Implicitamente, B diz que o quadro de exclusão social opressora na educação deve ser revertido e que o caminho para tal fim é o diálogo. Isto nos conduz à constatação da necessidade da construção dialógica e democrática no universo escolar, no qual se possa incluir, para muito além do conteudismo cristalizado, o tema da diversidade sexual. Afinal, segundo Paulo Freire:

Não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora, em que a liderança revolucionária, em lugar de se sobrepor aos oprimidos e continuar mantendo-os como quase ‘coisas’,

com eles estabelece uma relação dialógica permanente. (FREIRE, 2005, p. 63).

Por outro lado, no que concerne à fala da entrevistada, também está implícito na resposta – o que também percebemos na ambiência da entrevista – que B lamenta a ausência da matéria no currículo e sugere a inclusão do tema na grade curricular para que a diversidade sexual seja discutida na escola. Assim, B, de forma espontânea, postula a adequação e mudança de grade. Sendo assim, ela almeja uma prática pedagógica voltada e umbilicalmente ligada à realidade dos alunos e a aspectos sociais. Ou seja, a grade escolar, ao contemplar o tema, se transforma junto com o mundo em que vivemos, com a sociedade contemporânea, ligando a escola aos aspectos sociais e relacionais. Suas preocupações e indagações foram teorizadas por Paulo Freire. Para o autor, uma educação opressora só será ultrapassada no momento em que se prepare:

(...) o *humano* para isso por meio de uma educação autêntica: uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjugue. Isto obriga a uma revisão total e profunda dos sistemas tradicionais de educação, dos programas e dos métodos. (FREIRE, 2001, p. 45).

Como se percebe, as respostas de A (diretora) e B (orientadora educacional), ambas da mesma escola, apesar de concordantes sobre a aceitação do debate da diversidade sexual nas escolas, deram justificativas diferentes. Sucinta, A salientou apenas proteção aos discentes, ao passo que B deu relevo à busca de conhecimento e à questão da superação da grade engessada. Ambas, todavia, reconheceram a atualidade da matéria.

Ainda a luz do consenso, a entrevistada C também concorda com “isso”, isto é, a promoção do debate do tema da diversidade sexual no universo escolar, mas trouxe aspectos diferentes de A e B tal como pode ser lido no trecho abaixo:

C – “Eu acho importante que se tenha isso, sim; sempre que puder fazer alguma formação específica, até para os docentes, a própria gestora, pra se apropriar dos temas ‘né’. Quem não tem o devido conhecimento, que nem eu, desconheço muita coisa também, e quando você faz uma formação específica você passa a conhecer, e até pra você lidar com o próprio bullying, que eu acho que isso é o que mais pesa pra escola. Porque pro aluno tanto faz, a orientação sexual dele, o que ele defende, pra parte pedagógica. Mas o que me incomoda é a parte psicológica dele, e aí nesse sentido é que eu acho que a escola tem que debater bastante esse tema, que é pra gente poder tratar esse aluno

com o respeito que ele merece, não haver nenhum tipo de discriminação”.

Ao sublinhar em sua fala a questão da formação como traço importante. A formação específica para docentes e gestora levaria à apropriação do tema por parte dos profissionais da educação no universo escolar. Percebemos assim, por contraste, a ideia de que sem o conhecimento sobre o assunto não haverá apropriação pelos profissionais da área e perpetuará o silêncio. Isto também sugere que o não saber também é o mantenedor do silêncio sobre o tópico no universo escolar. Como colocado anteriormente, nesse caso como se constata na fala da entrevistada, a falta de uma formação específica não viabiliza a condução da matéria, ainda que a experiência profissional sensibilize educadores para a percepção da necessidade de debater o tema devido aos traumas psicológicos, ao *'bullying'*.

Além disso, o objetivo de adquirir conhecimento tem um direcionamento específico. Na nossa análise da fala de C, o debate sobre o tema LGBT na escola não se relaciona à evasão escolar, a direitos de cidadania, ao reconhecimento das diferentes formas de identidade de gênero ou à manifestação da sexualidade como direito humano. Nada disso sobressai como justificativa da eventual introdução do debate na esfera escolar. O foco é para “você lidar com o *bullying*”, que “é o que mais pesa para a escola”. Na avaliação de C, a “orientação sexual” do aluno, o que ele “defende” sobre a matéria, “tanto faz” para a “parte pedagógica”. A questão é, antes de tudo, a parte “psicológica” de quem sofre *bullying*. Segundo C, para o discente “tanto faz” “a orientação sexual dele, o que ele defende”, o que sugere que, na avaliação da entrevistada, a criança/jovem não vive conflito em relação à sua orientação sexual, ao menos não tem implicações na “parte pedagógica”.

Isto é muito controverso, já que a literatura sobre *bullying* importada dos EUA, colocou por meio dessa criação conceitual e sua posterior propagação, o acento somente na violência entre pares, deslocando ou ‘desresponsabilizando’ os atores, da escola ou de outras instituições e da própria sociedade que atuam com o público infanto-juvenil da violência e/ou discriminação que realizam e também são causadores de sofrimento (ANTUNES, ZUIN, 2008)

Sendo assim, o debate sobre o tema na escola, com ênfase na formação específica do profissional da educação, visa, primordialmente, evitar conflitos entre o corpo discente em torno da sexualidade, da orientação sexual. Não se trata de tematizar a diversidade

sexual para entender e respeitar a identidade de gênero e promover a cidadania LGBT infantil-juvenil. É apenas “nesse sentido”, o da precaução ao ‘*bullying*’, da violência entre pares, que a “escola tem que debater bastante esse tema, que é pra gente poder tratar esse aluno com o respeito que ele merece, não haver nenhum tipo de discriminação”. Para a “gente poder tratar esse aluno” com respeito como ele merece significa apenas evitar que ele sofra discriminação por sua orientação sexual. Assim, aquela formação específica pretendida por C para os docentes teria um sentido da não existência do conflito escolar em torno da diversidade sexual.

Em oposição a entrevistada C, a entrevistada D coloca:

D – “Acho, sim. Acho importante essa discussão, mesmo porque as dúvidas, né?, as angústias dos alunos acabam aparecendo na sala de aula, e muitas vezes o professor não consegue lidar com a situação, então eu acho que as escolas precisam abrir espaço pra diálogo entre os professores”.

Embora partilhe do consenso sobre a inclusão do debate sobre o tema da diversidade sexual entre o corpo docente, D atesta que as “dúvidas” e “angústias dos alunos acabam aparecendo na sala de aula”, o que evidencia que as questões em torno da sexualidade, da identidade de gênero, da orientação e da diversidade sexual estão postas na “parte pedagógica”, na sala de aula.

Ademais, também comparada a C, não se trata de um “tanto faz”, por parte dos discentes, que sofrem angústias, dúvidas. Tais dúvidas, ainda que a entrevistada não precise ao que se refere, no contexto da fala, perante nós pesquisadores, com o tema em pauta, dizem respeito a questões sobre sexualidade, identidade de gênero, orientação e da diversidade sexual.

Ademais, também comparada a C, não se trata de um “tanto faz”, por parte dos discentes, que sofrem angústias, dúvidas. Tais dúvidas, ainda que a entrevistada não precise ao que se refere, no contexto da fala, perante nós pesquisadores, com o tema em pauta, dizem respeito a questões sobre sexualidade, da identidade de gênero, da orientação e da diversidade sexual.

Por outro lado, D concorda com C no que concerne ao corpo docente, “muitas vezes”, não conseguir “lidar com a situação”, daí “que as escolas precisam abrir espaço para diálogo entre os professores”. Assim, ambas as respostas constatarem o desconhecimento dos professores sobre os assuntos em pauta. Novamente, o não saber leva à não lida com a questão, com o assunto. Mais importante, ainda, se “muitas vezes o professor não consegue lidar com a situação”, isto significa que muitas vezes as situações,

quaisquer que sejam elas, ocorrem na sala de aula. Precisamente aí é que se faz necessário estimular o diálogo com os docentes e com os docentes e seus respectivos alunos.

Se para C a formação específica no assunto visa atenuar conflito entre alunos, para D o diálogo entre docentes visa levá-los a resolver situações na sala de aula. Trata-se, em suma, de uma questão de preparo teórico-prático e relacional-dialógico.

Pelo exposto acima, trata-se de uma questão de dialogicidade, de encontro de palavras, diálogo sem o qual é impossível qualquer ação transformadora no universo escolar e muito menos a inserção do tema LGBT em seu seio. Segundo Freire:

O diálogo é este encontro dos homens, imediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito (Freire, 2005, p. 91).

O diálogo, portanto, vai muito além de um voluntarismo dialógico no espaço escolar entre profissionais da educação. Este trecho de Freire nos remete à sua atualidade transformadora, não obstante tenha sido escrito há mais de 40 anos. Na atual conjuntura político-pedagógica em que vivemos, medidas legislativas e grades oficiais insistem em não querer a “pronúncia do mundo”, a exemplo da Lei do Banha que adiante será analisada, e do total silenciamento do tema da LGBT na grade curricular oficial do município de Santos recentemente publicada²⁸.

Não obstante todas as forças contrárias, o caminho possível de transformação é promover o debate dialógico no universo escolar e em outras instâncias da sociedade brasileira. A luta é político-pedagógica, por meio do diálogo democrático. Mas, ainda conforme Paulo Freire:

E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só com o diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. O diálogo é, portanto, o indispensável caminho, não somente nas questões vitais para a nossa ordenação política, mas em todos os sentidos do nosso ser. (FREIRE, 2007, p.115-116).

²⁸ Cf. Currículo Santista. Documento Completo. Santos, São Paulo, Prefeitura Municipal de Santos, Secretaria de Educação, 2020. Disponível em <http://www.portal.santos.sp.gov.br/seduc/page.php?208>

A consciência da necessidade do diálogo é um primeiro e fundamental passo para uma pedagogia transformadora que se pautar no respeito às diversidades, mesmo que frente a um contexto bastante complexo, como é o contexto contemporâneo, apresentado pela entrevistada E no trecho abaixo:

E - “Bom, eles precisam ser debatidos porque a gente ‘tá’ lidando com jovens que estão extremamente solitários, então eu não sei se de fato a gente pode, é que ‘cê tá’ direcionando pro tema que você está pesquisando... E eu ‘tô’ de repente ‘num’ outro ângulo vendo isto que você ‘tá’ me trazendo e tantas outras questões porque assim, tem isso mas quando eu falo pra ti do ser humano é porque a gente ‘tá’ vendo jovens que estão com os seus processos totalmente fragmentados, ou de perda, ou de luto, ou de identidade, ou familiar... Existem, estamos “num” tempo hoje em que eles estão se isolando no virtual, estão se desconectando do real, então a gente ‘tá’ vivendo um tempo muito diferente, em que eu vejo que a escola, ela precisa, a educação precisa abrir o espaço pra que eles se vejam, pra que eles se vejam. E nesse processo de se ver, de se localizar, de se comunicar, de se respeitar e ser respeitado; porque em contrapartida a gente ‘tá’ tendo também adultos desestabilizados e desestruturados, e quando eles olham pros jovens, eles esperam mas eles não estabelecem vínculo, eles não dialogam, então a gente tem condutas profissionais que também não facilitam o convívio”.

Ela evidenciou o processo de fragmentação da vida dos jovens, solitários, que vivem em meio a perdas, luto, identidades e questões familiares. Salientou que os adultos, prováveis pais e/ou responsáveis dos jovens, talvez os professores, também são “desestabilizados” e “desestruturados”, adultos dos quais os jovens não podem esperar vínculo porque aqueles não dialogam. Especificamente, os professores teriam “condutas profissionais” que não facilitam o convívio.

A entrevistada faz uma análise de contexto onde a questão da diversidade sexual é mais uma, entre várias outras que fazem parte da vida dos jovens e que os educadores e familiares estão com dificuldades de lidar, haja vista suas próprias dificuldades, sendo que esse processo, na sua interpretação, é agravado pelas ‘redes sociais’, leva ao isolamento dos jovens e os coloca para fora da realidade. Essa análise da entrevistada vai em direção oposta a estudos que tem se dedicado a juventude e *internet*, uma vez que eles entendem que o mundo virtual, principalmente as redes sociais e os sites de relacionamento compõem parte do cotidiano juvenil, não há como separar jovem da realidade virtual (BARREIRO, 2019).

Não pensa o mundo virtual das redes sociais como parte da realidade atual dos jovens.

Assim, o debate em torno da diversidade sexual precisa ser efetivado não por si mesmo, mas porque se inclui como componente de um diálogo mais amplo ainda a se construir. Aboliu-se, portanto, o tema da diversidade propriamente dito, o que se constata no fato de que “eu não sei se de fato a gente pode, é que ‘cê tá’ direcionando pro tema que você está pesquisando. E eu estou, de repente, em um outro ângulo, vendo isto que você ‘tá’ me trazendo e tantas outras questões”. Nesse caso, o tema de nossa pesquisa é uma questão primordial apenas do pesquisador, mas que deve ser analisado, conforme a entrevistada, em um contexto maior de formação dos jovens a fim de suprir suas carências.

Por outro lado, tal como A e B, C e D, E também constata o despreparo docente e de demais profissionais da educação para a lida com a questão, haja vista que “eles não dialogam, então a gente tem condutas profissionais que também não facilitam o convívio”. Mesmo de forma não explícita, E sublinha a ausência de preparo específico e/ou predisposição dos docentes e profissionais da educação porque a “conduta profissional”, resultante da prática pedagógica, é inadequada. Pelo menos, a tal “conduta profissional” não gera diálogo sobre o tema da diversidade sexual entre docentes/profissionais da educação e os alunos porque não estabelece aproximações, convívio, acolhimento. Isto, todavia, não diz respeito apenas à questão do debate da diversidade sexual.

Da mesma unidade escolar que E, F considera primordial o debate porque a escola ajuda as pessoas a se descobrirem e sentirem seu lugar no mundo. Contudo, se por um lado a entrevistada E se coloca a refletir e analisar o contexto mais amplo, a entrevistada F nos traz a realidade não aberta a reflexão e arraigada em preconceitos e moralismo do corpo docente, como lemos no trecho:

“Primordial eu acho. No mundo que a gente vive, ‘né’?, em que as pessoas se descobrem, elas se sentem, se fazem parte, ‘né’?, do mundo, elas precisam saber quem elas são. E eu acho que a escola tem essa função, também, de ajudar. ‘Ah’, eu acho que mais pro corpo docente, porque a gente ainda é muito cheio de preconceito, ‘né’? Eu tenho professores aqui que não, de jeito nenhum; eles faltam no dia que eu faço a festa do troca [meninos e meninas com roupas trocadas]. Eles não iam pra escola, eles não aceitavam isso, como que uma menina pode se vestir de menino e um menino se vestir de menina? Então, acho que muito mais do que o aluno, que ele é mais, tem mais informações hoje, ‘né’?, muito mais pro professor.”

A escola, mais do que isso, via debate da diversidade sexual, tem a função de contribuir para a inserção social via formação da identidade da pessoa no mundo. Entretanto, os obstáculos são determinados por professores, que impedem ou boicotam a “festa da troca”, ou seja, a possibilidade de construção de identidade de gênero, por exemplo, como função da escola não se viabiliza pela negação de profissionais docentes de ensino. Há outros posicionamentos em relação a tradicional ‘festa do troca’, pois se por um lado oportuniza pautar a discussão da expressão de gênero, por outro pode trazer a luz esse debate de uma forma bastante jocosa.

O que está posto aqui não é a crítica a ‘festa do troca’, pois essa coordenadora entende que é um meio da escola promover o tema, e dentro disso, dessa proposta certos professores não aderem. A escola, cumprindo sua função, e estudantes estariam juntos na construção ou debate do tema, ao menos na festa, aqui metaforicamente entendida como debate das identidades de gênero, mas a não adesão, no caso não é lido como crítica a essa proposição, mas como uma expressão do preconceito ao que a festa promove.

Ainda sobre preconceitos, a próxima fala, revela alguns das ‘situações rotineiras’ no âmbito escolar, e pautado nesses preconceitos que a orientadora apoia o debate sobre a diversidade sexual nas escolas,

G – “Eu acho importante pra gente entender, saber lidar e respeitar, ‘né’? Quando você ‘tiver’ em sala de aula, como você vai, assim, por exemplo, quando você pega um aluno, como eu já tive, homossexual,

mas altamente, sabe? Não é uma homossexualidade, assim, vai, 'ah eu namoro um menino', mas sabe o gay afetado, que quer aparecer, que vai atrás do menino, 'tal', de todos os meninos? Quer sair pegando no pênis de todo mundo. Até pra gente, como a gente vai lidar com isso na escola, 'né'? Pegar lá a sua aluna beijando a outra, coisas. Eu tive uma situação, agora que você 'tá' falando, que a inspetora trouxe aqui duas meninas de seis anos, falou: 'já é a segunda vez que eu pego as duas no banheiro, uma olhando pra periquita da outra'. E são coisas que a gente fica meio assim, 'né'? Como que a gente trabalha isso?''.

Assim, a presença do “gay afetado”, do menino que quer sair pegando no pênis de todo mundo” e das ‘duas meninas de seis anos que observam genitais’ sugerem que aspectos relativos à identidade de gênero, à orientação sexual e à sexualidade se manifestam corriqueiramente no espaço escolar.

Porém, no contexto da fala, na ambientação da entrevista, tais constatações são percebidas mais como surpresas ou desvios da heteronormatividade do que promoção da diversidade sexual e da identidade de gênero. Não à toa, os exemplos fornecidos realçam as homossexualidades masculina e feminina. Daí o professor deve, via debate, saber como proceder com alunos “altamente” homossexuais, “gay[s] afetado[s]”, ou “como a gente trabalha isso”, visto por ela de forma espantosa, revela a não naturalização das várias formas da manifestação da sexualidade, das identidades de gênero, da orientação sexual. Ser gay afetado é uma identidade não convencional de identidade de gênero. Pode-se até ser gay, se gay comportado, mas o “altamente”, o “afetado”, transgride uma suposta identidade gay tida por aceitável. Seria similar à negação dos docentes em participarem da “festa da troca”, como sublinhara D.

Assim, subentende-se a ideia, pela negação da “festa da troca” ou pelo espanto com o “gay afetado” que “sai pegando no pênis de todo mundo”, segundo a qual, apesar de constatada, a manifestação das práticas/desejos sexuais no espaço escolar não seria adequada. Cumpre lembrar, entretanto, que as perguntas sobre (D) *Conhecimento sobre o tema* não delimitam uma manifestação de sexualidade específica (homo, hetero, pan, trans, bi, etc.), porém, a entrevistada, assim como outras colaboradoras da pesquisa, associam diversidade sexual à não heteronormatividade, ou as dissidências de gênero. Por isso, enfatizam a homossexualidade espontaneamente em suas respostas. Mais do que isso, o que o professor deve fazer em situações de homossexualidade é o objetivo maior da promoção do debate sobre diversidade sexual nas escolas.

De um modo ou de outro, o foco de qualquer política direcionada à diversidade sexual na escola deveria ser ou estar direcionada, prioritariamente, ao professor,

oferecendo subsídios teórico-práticos para lidar com os *humanos*, suas necessidades e suas amplas formas de expressão sem encarcerar em rótulos e marcas que produzem violência e sofrimento para quem recebe ou é portador.

Disso resulta que, no entendimento da entrevistada, a sala de aula seria o espaço mais crucial para a promoção do debate, mas a escola é muito mais do que salas de aulas, os espaços de convívio e sociabilidade vão desde o portão, passando pelos corredores e por seus pátios, em todos os espaços há encontros entre pessoas, e há possibilidade de diálogos, trocas e acolhimento. Se esses encontros estiverem balizados pelos preconceitos tais como expressos pela entrevistada 'G', a escola assumiu seu papel exclusivo de reprodução dos valores sociais hegemônicos, no caso, os valores heteronormativos e para problematizar, criar 'brechas' nesse sistema, em prol da diversidade, caberia a figura e a responsabilidade do corpo de docentes, como ressaltou C, a apropriação do tema somado a revisão dos preconceitos como é colocado pelas entrevistadas H e I:

H – Quanto mais nós vamos nos apropriando do conhecimento, 'né'?, e daquele conhecimento assim, persistente, mas nós temos, pelo menos, a capacidade e o convite pra sairmos da nossa ignorância, da nossa ignorância do não-conhecimento, porque, quando nós temos a ignorância do não-conhecimento, nós nem sequer percebemos que somos preconceituosos. Meu marido, ele é professor de história, ele fala uma frase que mexeu comigo, ele diz que 'todos nós somos preconceituosos', e eu fiquei abismada quando ele me disse isso. E eu, e ele falou pra mim: 'todos nós somos preconceituosos porque, a partir do momento que eu admito que eu tenho preconceito, eu passo a me olhar de outra forma para não externar o meu preconceito, para trabalhar em mim pra que eu vá, gradativamente, superando os meus preconceitos'. 'Por que não é, eu acho assim, e eu às vezes me encaixo nisso, que eu tenho essa visão hoje, depois de vinte e três anos de magistério, 'né'? E porque também eu acho que às vezes trazem umas pessoas 'meio doidas' pra dar palestra, 'né'?, pro professor. Por exemplo, já começa a falar mal do professor, da escola, tudo. Então você começa o quê, vira aquela birra, 'né'?, em vez de, e assim. Mas hoje eu penso dessa forma, eu acho que assim, [que] você pode até ter o preconceito, mas as pessoas que vêm somar com você ajudam você a ter a oportunidade de trabalhar isso em você e resolver, ter isso resolvido. Ou a possibilidade de você não externar o seu preconceito, de você ter controle sobre aquilo que você pensa, sobre aquilo que você acredita como verdade, certo?, respeitando a verdade do outro. Então, a gente não pode confundir, se você não queira[sic] mudar, suprir seus preconceitos, mas que você pelo menos tenha o conhecimento pra não fazer com que o outro sofra por causa do seu preconceito. E a equipe técnica também tem que estar preparada pra isso porque nós flagramos preconceitos terríveis, 'né'?, terríveis, de às vezes também uma

orientação a falar com o professor: ‘olha, não; olha, mas faça desse jeito’. Então, assim, nós ainda caímos no erro do ‘carrinho do menino’, depois de muitos anos. Hoje, eu sou uma professora que questiono, ‘né’?, porque meus alunos ainda são daqueles que pegam o carrinho porque os pais falam pra eles que menino é que tem que brincar de carrinho, e eu gosto de questionar. Então, eu falo pra eles, ‘olha, eu vim dirigindo o meu carro, e aí?’ Então, nós caímos muito nesse preconceito ainda, então acho que tem que ser aos poucos essa releitura”.

I - “Para todos, acho que para os docentes porque ‘tão’ ali em contato com a criança num espaço maior de tempo, ‘né’?, para os professores que ‘tão’ lidando ali, e vai na mão deles resolver alguns conflitos, direcionar algumas coisas que podem acontecer em sala de aula. Pra todos da escola também, porque a gente tem que entender o que se passa com os alunos, e essa questão da diversidade, sexualidade, tudo que envolve esse tema ‘tá’ muito emergente, ‘tá’ vindo muito à tona, ‘né’? Então, acho que todos da escola têm que ter uma formação pra esclarecer, não pra pré-julgar, pra esclarecer, informar, saber direcionar um conflito, ou encaminhar pra equipe de uma maneira que não gere traumas e antipatias, e nem preconceitos. Preconceitos não têm que ter nada, com nada disso, a gente tem que ver o aluno e tentar resolver, solucionar aquilo que ‘tá’ na nossa mão, mas a formação tinha que ser pra todos, a nível de esclarecimento e informação”.

H e I trazem fatores importantes para a promoção do debate, sobretudo porque salienta a dimensão do sofrimento oriundo do preconceito e dos estereótipos de heteronormatividade (brincadeira com carrinho é associada exclusivamente a meninos, por exemplo) e a necessidade da revisão sobre isso por parte do professorado.

Explicitamente, reportou-se às discriminações terríveis no universo escolar como prática recorrente. Porém, a percepção do preconceito, ao que tudo indica, seria o primeiro passo, e se encontra anterior a *apropriação do tema*.

No caso da entrevistada H, a consciência de seus preconceitos lhe veio a partir da relação afetiva, ou seja, a ciência de que é preconceituosa não resultou de sua formação, de sua prática profissional, de estímulos de poderes públicos, etc. Por outro lado, se agentes externos à escola pontuam traços por ela vistos como depreciativos à instituição e aos docentes, o resultado é a não aceitação de críticas externas. Seriam pessoas “meio doidas” externas ao universo escolar, em suas tentativas de diálogo, causando “birras”. Mas não apenas isso porque que agentes externos podem, igualmente, colaborar com a escola e com os docentes no avanço do conhecimento do assunto, haja vista que “as pessoas que vêm somar com você ajudam você a ter a oportunidade de trabalhar isso em

você e resolver”, isto é, ajudam a perceber ideias e práticas preconceituosas e a resolvê-las.

Se agentes externos ou internos podem instalar processos de mudanças para as pessoas revisitarem seus preconceitos, nesse sentido deveria ser investido processos formativos onde pudesse ser refletido sobre *alteridades, diferenças e diversidades*, sendo este um processo muito complexo, pois exige o reconhecimento da existência de diferentes formas de ser, viver e expressão, colocando em cheque conceitos, crenças e valores.

Todavia, esse não é um processo estancado, em forma de capacitação, como nos coloca a entrevistada J, e sua aposta para um processo formativo contínuo:

J – “Eu acho sim... eu acho que tem que ser, tem que ser conversado sim, até pra que eles também saibam como lidar com a situação e como conversar com todos os alunos. E talvez essa formação que eu estou recebendo, que eu ‘tô’ tendo, ‘né’?, a oportunidade de receber, se todos tivessem essa formação seria muito interessante, porque fortalece o eu, fortalece a autoestima, fortalece as pessoas a se cuidarem, a ter esse cuidado com o próprio corpo, ao cuidar do outro. E, às vezes, o professor, ele, ‘tá’ tão mergulhado nos afazeres do dia-a-dia, e naquela coisa mecânica, do que ele tem que cumprir, dos objetivos, que ele não consegue enxergar esse outro lado. Talvez uma formação contínua com esses professores também seria muito bom”.

Mas há um fator importante no que diz respeito à dimensão da realidade. Perante a constatação da complexidade da questão e dos valores sociais discriminatórios arraigados, na fala da entrevistada o preconceito é até admitido, mas desde que não gere sofrimento nos alunos: “a gente não pode confundir, se você não queira[sic] mudar, suprir seus preconceitos, mas que você pelo menos tenha o conhecimento pra não fazer com que o outro sofra por causa do seu preconceito”. Nesse caminho, o avanço do conhecimento estimulado pelo debate da diversidade sexual nas escolas, ou mesmo pela presença de agentes externos, levariam ao autocontrole do preconceito por parte de cada pessoa. Poder-se-ia ser preconceituoso, mas não praticar atos discriminatórios. Trata-se, enfim, da “possibilidade de você não externar o seu preconceito, de você ter controle sobre aquilo que você pensa, sobre aquilo que você acredita como verdade, certo?, respeitando a verdade do outro”.

Remetendo ao trecho da entrevistada ‘I’ o debate sobre o tema, segundo ela, é mais necessário aos professores porque são eles os profissionais da educação que lidam mais direta e continuamente com os discentes. Assim, o debate orientaria e direcionaria

a ação professoral no sentido da resolução dos conflitos oriundos da diversidade sexual. Similar a G, na fala espontânea sobressai a associação entre diversidade sexual e conflito, cabendo aos docentes resolver ou encaminhar a resolução do “problema”. Sendo assim, o professor é visto como um mediador/atenuador de conflitos na sala de aula relativos à sexualidade, à identidade de gênero, à diversidade sexual e à orientação sexual.

Estes temas estão presentes na sociedade, são emergentes, e por tal motivo requerem, segundo a entrevistada I, uma formação adequada para os docentes. A formação, portanto, visa resolver desentendimentos sem traumas. Ao que tudo indica, é inconcebível trabalhar a diversidade sexual separada de uma esfera conflituosa. Desse modo, caberia principalmente ao professor, por vínculo e convívio frequente com os alunos, a responsabilidade de resolução de conflitos advindos das questões relativas ao tema para que, no desfecho, se acabe com o preconceito: “Preconceitos não têm que ter nada, com nada disso (...)”.

A fala de J apresenta pontos em comum com a de I no que diz respeito à centralidade e à formação do professor para lidar com a “situação”, situação que I chamou de conflito. Sendo assim, a pauta da diversidade sexual associada ao conflito está posta, o que I chamou de assunto que está na ordem do dia. Em síntese, I e J associam diversidade sexual a conflito, delegando ao professor o papel de mediador/atenuador, mas um docente que necessita de uma formação específica para cumprir sua função. Uma diferença realçada por J, porém, alude aos rotineiros afazeres docentes, mergulhados em questões laborais.

Nossa compreensão geral sobre as falas das entrevistadas em relação ao debate sobre o tema da diversidade sexual entre os docentes atentou para a espontaneidade das respostas e para as justificativas e argumentações fornecidas.

Em primeiro lugar, notamos um consenso sobre a promoção do debate da diversidade sexual nas escolas. Todavia, o debate deve ser estimulado como meio de resolução de conflitos/situações e como caminho para habilitar os professores como mediadores/atenuadores dos conflitos que emergem envolvendo diversidade sexual. Não se visa tratar sexualidade, diversidade sexual, identidade de gênero e orientação sexual como parte da condição da vida das crianças e jovens. Logo, tudo o que não está compreendido na esfera da heteronormatividade precisa, de um ou outro modo, ser visto como um problema a ser resolvido.

Outro aspecto que nos surpreendeu foi a preocupação, direta ou indireta, das entrevistadas com uma necessidade de formação específica do docente voltada para a

diversidade sexual, sem, no entanto, que as entrevistadas explicitassem *o que e como* seria tal formação, sendo muito inspirador a percepção de uma das entrevistadas em relação a formações que pudessem problematizar os valores e preconceitos do professorado, bem como serem em modelos de formações contínuas e não nos formatos convencionais de *capacitações e/ou cursos*.

Talvez isto possa sugerir uma demanda reprimida no universo escolar, pelo menos indica a necessidade de formação específica. Todavia, há que se destacar que na atual conjuntura política nacional e municipal, é pouco provável a implementação de cursos de formação orientados à formação e ao debate entre docentes da rede municipal sobre diversidade sexual.

A este quadro pouco estimulante se alia a ausência, mais ou menos explícita na fala de entrevistadas, de preocupação dos professores para com o assunto da diversidade sexual, quer porque os docentes desconhecem, o que, na fala de H, contribui para manter o preconceito entre professores, quer porque este profissional da educação esteja ainda muito vinculado ao seu papel de transmissor de conteúdo *stricto sensu* que alude a educação bancária e assim, preso aos afazeres rotineiros da profissão, como salientou J.

Em seguida, traremos os posicionamentos das professoras em relação pautar essa temática em relação aos discentes.

6.5.2) Percepção geral sobre as falas das entrevistadas em relação aos docentes

De um modo geral, diretoras e orientadoras educacionais entrevistadas também concordam que a pauta da diversidade sexual deva ser debatida entre os alunos do ensino fundamental. Porém, apesar de favoráveis, há dois posicionamentos (ambos da mesma escola) que trazem ponderações sobre a forma pela qual o diálogo precisa ser realizado com o corpo discente.

Antes da análise das entrevistas, entretanto, organizaremos a análise deste tópico em bloco, diferente da análise pontual de cada entrevista do tópico anterior. Além do fato de as entrevistas estarem reproduzidas na íntegra no apêndice para que o leitor possa conferir, pretendemos realçar com a nova forma de organização da exposição textual mais as semelhanças do que comparar as falas, daí que nossa análise priorize uma espécie de “discurso coletivo”. Ainda que se trate de um recorte, ele advém da percepção prévia que sobressaiu nas entrevistas, lidas e ouvidas várias vezes.

No geral, podemos afirmar que, no que concerne ao debate do tema da diversidade sexual entre os alunos, a preocupação com o universo familiar e com a pressão dos pais é um aspecto autoevidente nas entrevistas.

Começamos, entretanto, pelas duas falas mais diferentes que salientam a forma do diálogo com os estudantes, ambas provenientes da mesma escola. G deu relevo à precaução no tratamento do assunto da diversidade sexual porque seu público estudantil é majoritariamente evangélico. Aludiu que lida com um público oriundo de “comunidades carentes” que até frequenta “baile funk”, mas como seus alunos são “menores” prevalecem evangélicos, o que “dá muita confusão com os pais, os pais são muito fechados em relação a isso”. A entrevistada se reportou a uma experiência prévia na qual “um professor de artes fez um trabalho sobre os orixás, mas estudando, não falando de religião”, o que deu uma “confusão pra mais de metro”. Então, “você imagina como que vai tocar, como que a gente vai falar isso?”

Como se percebe, não há respaldo institucional para que os professores abordem a pauta na sala de aula porque haverá pressão dos pais. Nesse sentido, a autonomia pedagógica (da escola e/ou do professor) é cerceada pela pressão comunitária religiosa e familiar e pela falta de respaldo institucional municipal, estadual e/ou federal. No caso do município de Santos, a Lei do Banha (Lei municipal 3.397), proposta por um vereador do PMDB, Antônio Carlos Banha Joaquim, foi promulgada e sancionada pelo prefeito

Como se observa na lei (artigo 2º, parágrafos 1 e 2),

Art. 2º Incumbe à família criar e educar seus filhos, crianças ou adolescentes, em consonância com o art. 229 da Constituição Federal e art. 1.634 do Código Civil.

§ 1º Os pais ou responsáveis têm o direito a que seus filhos menores recebam a educação moral e religiosa que esteja de acordo com suas convicções, consoante dispõe o art. 12, 4, da Convenção Americana de Direitos Humanos.

§ 2º Órgãos ou servidores públicos municipais podem cooperar na formação moral de crianças e adolescentes desde que, previamente, apresentem às famílias o material pedagógico, cartilha ou folder que pretendem apresentar ou ministrar em aula ou atividade.

Compete à família criar e educar seus filhos com direito a que estes recebam “educação moral e religiosa” com base nas convicções familiares. No que concerne ao âmbito escolar pedagógico, órgãos ou servidores públicos municipais podem cooperar com a “formação moral de crianças e adolescentes” desde que apresentem às famílias o

material pedagógico, submetem o trabalho dos professores a avaliação por parte das famílias. Por sua vez, o parágrafo 3º do artigo 3º

§ 3º A apresentação científico-biológica de informações sobre o ser humano e seu sistema reprodutivo é permitida, respeitada a idade apropriada.

Permite a apresentação científico-biológica de informações sobre o ser humano e seu sistema reprodutivo, “respeitada a idade apropriada”, sem que a lei defina a faixa etária. Mais ainda, os docentes da rede municipal, como prestadores dos “serviços públicos municipais obedecerão às normas estabelecidas pela Constituição e leis federais brasileiras e ao disposto nesta lei, especialmente os Sistemas de Saúde, Direitos Humanos, Assistência Social e de Ensino Infantil e Fundamental”. As penalidades em caso de não cumprimento da lei envolvem sanções pecuniárias, civis, criminais e laborais. Nesse sentido, como salientou a entrevistada G, “você imagina como que vai tocar, como que a gente vai falar isso?”.

A Lei do Banha é bastante recente e está no bojo das ações articuladas de um grupo de pessoas em prol do Movimento “Escola sem Partido”, que tenta impor uma mordada no tema LGBT nas escolas, entre outros. (FRIGOTO, 2016).

Assim, o que se vê na aplicabilidade da Lei do Banha é a permissão da ingerência ‘privada’, absolutizado na família, na esfera pública educacional, acaba com a autonomia didático-pedagógica, não respeita a laicidade do estado e inviabiliza, na prática docente, quaisquer iniciativas em prol do debate sobre diversidade sexual nas escolas.

Nem é preciso dizer que a lei fornece aos pais e às comunidades religiosas poder persuasivo sobre o corpo de professores. Trata-se, enfim, de retirar da escola qualquer ação em prol das demandas sociais e identitárias do mundo contemporâneo.

Comparando a Lei do Banha com aspectos presentes na fala de G, nota-se uma quase perfeita consonância com o universo moral, político e familiar preconizado por comunidades evangélicas, pois, segundo a entrevistada, “a maioria é evangélica. E aí, dá muita confusão com os pais, os pais são muito fechados em relação a isso porque eles já têm uma postura, ou é isso ou *“você anda pra esquerda, porque se você andar pra direita já é complicado”* (sic).

Na mesma concordância, também observamos pontos comuns entre a lei e os dizeres de H, no que diz respeito à faixa etária. Ela, ainda que concorde com o debate do tema com os estudantes, afirma que é preciso adequação “para as idades”. Mas há uma diferença importante em relação à lei quando se atenta à definição das idades apropriadas,

ou seja, a lei não especifica qual a idade apropriada e se reporta apenas à dimensão biológica-reprodutiva. Por seu turno, a entrevistada especifica a faixa etária (1º ao 5º), mas salienta que a matéria é para todo o público escolar estudantil, apenas com enfoque adequado para cada faixa. Ademais, a orientadora educacional alude ao debate em torno da diversidade sexual, e não se restringe, como a lei, à dimensão biológico-reprodutiva. A entrevistada não se limita à esfera biológico-reprodutiva porque, como pedagoga, tem ciência de que o ser humano difere de outros animais, tem ciência de que a reprodução sexual humana não se reduz à esfera biológica, porque sabe, por evidências científicas, que o ser humano é plural em sua sexualidade, sua diversidade sexual, sua orientação sexual e sua identidade de gênero.

Nessa seara, há que se considerar ainda outro fator importante na abordagem de H, totalmente ausente na lei. A entrevistada ressalta uma preocupação muito atenta aos efeitos da não promoção do debate da diversidade sexual nas escolas e aos impactos sociais e políticos do silêncio imposto aos docentes e discentes. O silêncio imposto, por pressão comunitária e religiosa, ou pelo poder público, efetivamente impactará negativamente a sociedade, pelo menos este é o receio da entrevistada. Segundo H:

porque todas as vezes que eu escuto na televisão falarem que bateram em um homossexual, que deram tiro, eu fico pensando que, meu Deus, que não tenha sido algum ex-aluno meu. O que eu posso fazer em sala de aula para que essa criança, que passa pelas nossas mãos, consiga sair sem esse pensamento que, de repente, já estava dentro dele desde pequeno?

Este alerta nos dizeres é deveras importante por abranger questões da formação em tenra idade e sobre valores sociais compartilhados. Desse modo, se se admite que “algo” de violento contra homossexuais “já está dentro” do aluno “desde pequeno”, este tipo de violência lhe foi imposto a partir de uma educação não escolar, talvez de um universo familiar ou comunitário avesso à promoção do debate sobre diversidade sexual. Nesse sentido, o diálogo na escola entre os e com os alunos seria uma oportunidade de reduzir a violência física, social, política e simbólica contra quaisquer seres humanos.

Daí que, ainda de acordo com H, a construção do diálogo em prol da diversidade sexual nas escolas devesse ser um projeto coletivo, que envolvesse todo o “grupo” (comunidade escolar). A exclusão dos profissionais da educação da criação de projetos educacionais, que vêm “de cima para baixo”, enfatiza H, é ineficaz porque “o grupo não se apropria deles”.

Todavia, ocorre que se a Lei do Banha for entendida como um “projeto” social e político coletivo, a escola estará fadada a ser refém de grupos conservadores de pressão, encontrando nas famílias o respaldo para tal ordenamento jurídico.

O interessante é que os próprios alunos, segundo J, indicam que a esfera familiar, nem sempre é vista pelos estudantes como *locus* adequado de diálogo sobre sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e identidade de gênero por mais aberta que as famílias lhes sejam. Os alunos, em rodas de conversa, se reportam muito às suas respectivas famílias, às quais dedicam “muito amor”. Contudo, eles “não se sentem à vontade pra tratar de alguns assuntos”, nomeadamente a diversidade sexual. Na roda de conversa, ou seja, no espaço escolar com a presença de outros estudantes e talvez com profissionais da educação, tudo “é muito legal”.

Aqui, aliás, há a inversão de uma perspectiva presente na Lei do Banha, segundo a qual o material pedagógico precisa do aval familiar dos alunos. Para J, o caminho é inverso, na medida em que as questões sobre o assunto são, primeiramente, debatidas no espaço escolar porque os próprios estudantes preterem os familiares deste diálogo. No entanto, o diálogo que é efetuado na escola, “acaba que, depois, chega na família, mas de uma outra forma; e aí a família corresponde de outra maneira e é muito legal. E isso é muito legal”. Cumpre lembrar que a geração que está no centro do debate não é a dos pais dos estudantes, mas a dos próprios alunos, que, por si mesmos, definem os parâmetros, os participantes e os locais de debate. A escola é, para eles, o local por excelência onde o diálogo deveria ocorrer, à revelia do legislador.

6.5.3) Quem deve falar?

Se para os estudantes, compete exclusivamente a eles decidir como, onde e com quem falar sobre a pauta, não é o mesmo que se observa entre os profissionais da educação. Com efeito, percebemos certa insegurança por parte dos educadores sobre a competência da condução da pauta. Eles tendem a “terceirizar” a promoção do debate por entenderem que profissionais de outras áreas do saber teriam mais autoridade de fala advinda de seus conhecimentos e de sua formação.

Por vezes, encontramos falas que indicam agentes educacionais para a tarefa, porém algumas outras demonstram fragilidades e indicam necessidades de trabalho em equipe com uma pluralidade de parceiros de outras áreas. Em resumo, há duas tendências

sobre a quem compete falar sobre o assunto. A primeira dá relevo aos profissionais da saúde, a segunda aos professores.

Embora haja consenso sobre a promoção do debate na escola entre docentes, seis das dez não delegaram a autoridade da fala e/ou condução do processo exclusivamente ao professor de sala de aula. Entre elas, por exemplo, I pensa ser “ideal” que os profissionais de saúde, que dispõem de uma “bagagem maior do que nós da educação”, lidem com a questão, não obstante a mesma I tenha afirmado, quando indagada sobre a importância da promoção do debate para os professores, que este diálogo seria importante porque os docentes estão em “contato com a criança num espaço maior de tempo, ‘né’?, para os professores que ‘tão’ lidando ali, e vai na mão deles resolver alguns conflitos, direcionar algumas coisas que podem acontecer em sala de aula”.

Como observamos antes, houve uma tendência de salientar que cabe ao professor resolver conflitos, não formar pessoas em prol da diversidade sexual. Daí que a suposta maior bagagem do profissional de saúde seja associada ao seu conhecimento sobre biologia humana e sua maior capacidade de emprego de termos técnicos. Para I, o professor deveria ser “formação” “a nível de esclarecimento e informação”. Subentendemos que está implícito a esta fala uma concepção segundo a qual médicos e/ou outros profissionais da área de saúde dispõem de um saber maior que lhes dá competência na matéria e que, conseqüentemente, a sexualidade fica circunscrita a uma questão biológica. Os dizeres de I se aproximam de outras entrevistadas que, preferencialmente, também atribuem a profissionais da saúde a gestão do debate, a saber C, F, H. As argumentações, todavia, são variadas, mas também apresentam pontos comuns. A título de exemplos, vejamos a abordagem de F e de C:

F – Sim. Acho que os médicos, ‘né’?, uma questão até de[sic] porque falaria um pouco da confusão do corpo, ‘né’?, falar da construção das séries, como que acontece. Porque ainda existe aquilo de ‘Ai, nasceu assim? Ah não! O meio que fez ele assim’, e aí você teria uma ciência pra falar: ‘Ó, existe alguma parte aí de alguns que nascem, são assim’. Não sei. Acho que os psicólogos, os próprios pedagogos, ‘né’?, poderiam atuar. Assim, com formação, é lógico. A gente realmente não tem, pedagogo falar que tem formação pra falar sobre o assunto, a não ser que ele leia bastante e o foco dele seja só esse. Eles, o psicólogo trabalha com comportamento, ‘né’?, aceitação de valorização do seu eu. Acho que é legal isso. E o pedagogo porque já ‘tá’ na escola mesmo, ‘né’? Precisava pelo menos saber do que, de repente um assunto surge lá na sala de aula, um professor, por exemplo, ele precisa ‘tá’ inteirado do assunto, de repente você fez um monte de pergunta pra mim, que eu

falei 'caramba, e agora?' E a mesma coisa acontece com o aluno, o aluno joga uma pergunta para o professor e o professor sequer, às vezes, já tem até aquele preconceito. 'Ah, eu não vou falar sobre isso, não é a minha matéria'. E aí o cara vai pra casa com aquela dúvida, e chega em casa não tem ninguém também pra ajudar, então eu acho que se fechasse ali (...).

C – Profissionais? Eu acho que era importante que fossem da saúde e também da psicologia, 'né'? Porque são temas bem delicados, e cada um vê de uma forma. Então, eu acho que tem que ser mesmo alguém da área da psicologia, da psicopedagogia, que seja, e também da saúde, porque talvez surjam questões 'numa' roda de debate que um psicólogo ou um psicopedagogo não saibam responder, que são do quesito da área da saúde; então acho que tem que ter, sim. Não só um pedagogo não, tem que também ser alguém da área da saúde.

Para F, o pedagogo com formação, se for o caso, não necessariamente o/a professor/a da sala de aula, atuaria apenas porque está na escola, não que ele/ela tenha competência para tal fim. Decisiva é a ação do profissional de saúde sobre a identidade de gênero. Compete a ele/a dar a resposta final sobre o “nasceu assim” e “o meio que fez ele assim”. A ciência, ou seja, o profissional da saúde teria que “falar”, decisivamente: “Ó, existe alguma parte aí de alguns que nascem, são assim”.

C, por seu lado, salienta a participação específica de psicólogos e de psicopedagogos, além de outros da área de saúde. Porém, no fim das contas, há aspectos *'em uma roda de debate que um psicólogo ou um psicopedagogo não saibam responder, que são do quesito da área da saúde'*. Diferente de F, C abre espaço para psicopedagogos, e psicólogos, mas, de modo similar, a palavra final em certos aspectos é dos profissionais da área de saúde, devido à limitação de psicopedagogos e de psicólogos. No mais, sobressai em C que os temas delicados não são da alçada do professor de sala de aula.

Houve, entretanto, as que delegaram exclusivamente ao professor a autoridade da promoção do debate no espaço escolar, sobretudo ao professor da sala de aula. É o caso de A, B, D, G e J. Um exemplo desta perspectiva são os dizeres de G:

G – Primeiro, eu acho que tem que ser alguém que queira. Tem que partir da vontade da pessoa, ela tem que se sentir bem trabalhando com esse tema, ela não pode ser uma pessoa que vá colocar seus valores, seus princípios, sua religião ou a sua não-religião também, e 'tal', à frente aí. Eu acho que é o professor porque eu acho que professor tem uma linguagem melhor. O professor que queira. Porque assim, eu não

sei, as experiências que eu tive com a saúde, falando pra adolescente de DST, de gravidez na adolescência e ‘tal’. ou vai para o lado muito técnico, ou quer ser legal com a ‘molecada’, e aí também ‘descamba’, sabe? Assim começa a ficar meio baixaria, às vezes. Então não sei, acho que tem que ser uma pessoa que se sinta à vontade, o profissional que se sinta à vontade, que consiga lidar com adolescente, porque a hora que você começar a falar nisso, muitas coisas vão surgir. Vai ter chacota, ‘ah aquele ali, olha, queima rosca’, sabe? E como que você vai lidar com isso? É uma pessoa que tem que querer.

Quando indagada sobre se a escola deveria tematizar a diversidade sexual, G se reportou às pressões políticas e sociais que recaem sobre os docentes, mas, a par de tais pressões, nota-se no trecho acima que a entrevistada confere ao professor o senso de responsabilidade pelo processo, desde que o mesmo queira e disponha de uma linguagem adequada para lidar com o público escolar, ainda que tal linguagem reforce o papel de apaziguador de conflitos.

Esvaziou-se, portanto, a dimensão biológica da diversidade sexual, sem que, necessariamente, se reforçasse o papel formativo do professor que dispõe da autoridade da fala. Ademais, outro ponto para análise se refere ao pouco apoio institucional para os professores se respaldarem, uma vez que não há esse respaldo, os professores se sentirão inseguros e perpetua-se o silêncio, em especial, em um contexto de ampliação de insegurança e persecutoriedade em relação ao professorado no último ano, com criação de canais de comunicação específicos para denúncia a atitudes dos professores, com estímulo aos alunos gravarem seus professores²⁹.

Atitudes e ações como essas espraizou o medo, amplificou silêncios sobre pautar determinados assuntos, e diversidade sexual certamente é um deles. Assim, não é aleatória a resposta comum em ‘delegar’ o debate para outros atores.

29 Para maiores informações sobre essa situação acesse a reportagem <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/10/30/O-que-diz-a-lei-sobre-filmar-professor-em-sala-de-aula>

6.5.4) Estratégias para se falar

Para análise deste último eixo temático, levamos em consideração diversas perspectivas sobre estratégias para a promoção da discussão relativas aos temas da diversidade sexual. Percebemos que diretoras e orientadoras educacionais sugerem ações diretamente ligadas aos profissionais da educação, mesmo tendo sido salientado, no eixo anterior, que a profissionais de outras áreas também compete realizar o debate.

Por último, destacam-se algumas falas de colaboradoras que consideram fundamental a participação de pais ou responsáveis na construção de iniciativas em prol do diálogo no espaço escolar, embora, no quesito *Quem deve falar?*, nenhuma entrevista atribuiu aos pais a autoridade para conduzir o debate. Nesse sentido, haveria menos pressões e resistências sobre a participação dos pais, vistos pelos agentes educacionais, no tópico *Todos devem falar*, como entraves a efetivação do debate.

Para efeito de análise, após leitura e análise das transcrições das entrevistas, pontuamos três aspectos a partir da ênfase das respostas das entrevistadas, ainda que não sejam estanques: 1) técnicas pedagógicas, 2) gestão participativa e 3) agentes condutores da estratégia.

6.5.4.1) Técnicas pedagógicas

Sete das dez entrevistadas explicitaram aspectos relativos a oferta de ‘técnicas pedagógicas’, nas entrevistas de A, B, C, F, G, H e I.

Em síntese propuseram: levantamento da opinião dos alunos sobre o tema, numa clara aplicação do construtivismo piagetiano³⁰, para a partir daí problematizá-lo, à exibição de filmes, realização de leitura de fruição, jogos, roda de conversas, teatro, etc.

Estes instrumentos pedagógicos frequentemente, na percepção das entrevistas, estão relacionados à ludicidade pela qual a pauta deve ser trabalhada com o corpo discente. Visa-se, em certos casos, não abordar o tema de forma tão direta para, por exemplo, que não soe “agressivo” (C). Para a entrevistada C, ‘as técnicas, igualmente, podem até ter o objetivo de não ofender os pais’.

Por outro lado, a agressividade e a violência de um ato homofóbico midiático podem ser debatidas na escola com o objetivo de combater o preconceito e a discriminação, como sublinha H. No caso, a ação pedagógica visa sensibilizar os alunos

³⁰ Entre outros, ver PIAGET (1982).

em relação aos que sofrem ataques homofóbicos, físicos, psicológicos, etc. A homofobia, no caso, é vista como um dado da realidade social sobre a qual a escola não deve ficar alheia e precisa debater. Nada disso elimina, ainda conforme H, outras técnicas e instrumentos pedagógicas para o alcance dos objetivos do combate à homofobia, como, por exemplo, leitura de fruição, eleição de um dia de combate à discriminação, etc.

6.5.4.2) Gestão participativa

No que concerne à gestão participativa, lembrando que as entrevistadas são as responsáveis pela gestão das escolas e, portanto, também indicam formas de promover o debate da diversidade sexual desse lugar de fala, cabe comparar dois distintos encaminhamentos estratégicos para implementar o debate sobre diversidade sexual na escola, o de D e o de E.

D - Eu acredito que as escolas devam ter autonomia, já que elas têm autonomia pra fazer o seu plano, projeto político pedagógico, que dentro desse projeto político pedagógico, houvesse um espaço de discussão com a comunidade escolar, e que se também considerasse a escuta dos pais por meio de conselho de pais, pra que todos construam uma identidade, um projeto próprio, pra abordar o tema. Eu acho que se todos estiverem envolvidos, todos pensarem sobre o tema, o projeto com certeza, ele vai ser mais democrático, como se propõe. Eu acredito que se for um espaço democrático, onde todos construam esse projeto, onde todos opinam e cheguem num senso comum, com certeza vão haver ideias diferentes, mas o espaço tem que estar aberto pro diálogo pra que a gente construa um projeto assim. Então se eu, enquanto escola, fizer algo engessado em que eu coloque as minhas ideias e eu acredito que elas sejam a verdade de todos, com certeza é um projeto que não vai dar certo. Um projeto que escute os professores, os funcionários, os alunos, a comunidade, os pais, eu acredito que sim. Algumas coisas vão, né?, ser permitidas que aconteçam nesse espaço, outras já não, o que é difícil até de controlar, né?, quando a gente fala de relações pessoais, a gente não consegue dimensionar muito pra onde isso vai caminhar. Mas, precisa ser, sim, haver esse espaço sim, de diálogo, de conversa, uma avaliação depois futuramente do projeto, o que tem dado certo, o que não tem dado certo. Rever os conceitos. Mas eu acredito que isso caminha, sim. É, eu acredito que seja importante descentralizar esse poder que a escola tem, essa autonomia. Essa autonomia tem que ser compartilhada, né?, a gente trabalha com esse princípio da gestão democrática, então é um espaço onde os pais têm mesmo que opinar, tem que colocar as suas ideias, mesmo porque a família vai também ser envolvida nesse processo, e de nada vai adiantar não conversarmos com os alunos e não conversar com os pais. Então eles vão precisar, sim participar, e eu acho que esse momento de conversa em forma de conselho, em forma de reuniões, em forma de

convite, chamar essa comunidade pra dentro da escola, trazer palestras até antes que se chegue a uma opinião já coletiva, mas que escute. Pessoas que estejam já estudando, aprofundando no tema, pra que possa depois construir sim o seu próprio projeto, né?, abrindo espaços que, antes, por conta de preconceito, tabus, eles não seriam abertos, mas que depois de uma escuta isso pode mudar, transformar. Então acredito que sim, esse espaço tem que haver.

E - A gente tem uma estrutura fechada 'né, tá' ali posta. Me lembra muito o meu trabalho de orientação nesta escola privada, que ela fazia uma conexão minha e da outra orientadora com os componentes que atuavam na área de humanas, de humanas mesmo. Ciências, história, geografia, até mesmo português. Então, eles abriam mão de uma hora/aula pra integrar e abrir um espaço de formação. Eu acho que, eu entendo que só há pressão quando o espaço não é dialógico. Então, se houver uma mudança, uma direção diferente no currículo, incluindo essas discussões ou esse trabalho, essa política pública, a família tem que ser a primeira a ser informada a participar dessa conversa. Tem que ser paralelo. Eu entendo que a família, o mesmo espaço que é ofertado para os alunos, a escola precisa se reorganizar pra ofertar também para os adultos. As mesmas discussões, e 'cê' vai integrar, o que é feito com o aluno no horário letivo, a noite eu faço com o grupo de pais. E ali eu vou criando também. Porque é aprendido, é uma construção, então eu vou estar apresentando, eu vou estar discutindo, informando, 'né'? Porque eu agiria de forma preventiva, antecipatória. Então, assim, assim como eu iria conversar com os alunos, conversar com os professores, com a comunidade interna, eu faria o mesmo trabalho em paralelo com as famílias.

Enquanto D dá relevo a um projeto mais “democrático” e aberto ao diálogo. Na verdade, esta perspectiva é impensável sem a efetiva participação da comunidade escolar que compreenda “os professores, os funcionários, os alunos, a comunidade, os pais”, com direito à palavra (opinião). O objetivo é gerar um “senso comum” sobre a pauta, mesmo que “haja ideias diferentes”. O fruto do diálogo definirá o que será e o que não será permitido. Porém, a iniciativa, neste projeto de autonomia compartilhada, com princípio de gestão democrática, não exige a escola do protagonismo porque a estratégia implica em “forma de conselho”, de “reuniões”, “de convite, chamar essa comunidade para dentro da escola”. Nesse sentido, é a escola que se abre e chama a comunidade, não o contrário.

Em termos estratégicos, portanto – já que nada adianta a escola fazer “algo engessado” apenas com suas “ideias” – a gestão democrática é a própria estratégia de implementação do tema no espaço escolar.

Sendo que a estratégia de gestão de E difere da de D, que não tira o protagonismo da escola, mas insere no interior da hora/aula a possibilidade de discussão. Além disso,

para E, talvez por maior inserção na comunidade que cerca a escola, qualquer política pública – caso se entenda um projeto pedagógico como política pública, se efetuado por escola pública, inclusive com alteração curricular – precisa da família (qualquer que seja o modelo, supomos), posto que a família “tem que ser a primeira a ser informada a participar dessa conversa”, mesmo que o trabalho na escola propriamente dito seja paralelo, inclusive com horário definido para os filhos estudantes (letivo) e para os pais (noturno). O resultado de se criar uma relação dialógica é evitar pressão da comunidade que cerca a escola, daí o trabalho junto aos pais. Trata-se de algo preventivo em relação à reação da família e, por isso mesmo, os docentes e a comunidade interna só são mencionados no final da fala. Mesmo que tudo seja um aprendizado coletivo, e de fato é, a prevenção está presente no discurso.

De modo similar, entretanto, a gestão participativa como estratégia pretende tornar possível qualquer implementação de projeto ou atividade voltada ao debate sobre diversidade sexual.

No fim das contas, as falas de D e E sinalizam na direção por Passador:

A escola está inscrita na sociedade, faz parte dela e, por isso, é atravessada pelos processos que constituem nosso contexto social. Dessa forma, ela não está imune àquilo que reconhecemos como positivo e negativo em nossa realidade. A escola tanto influencia ativamente na formação dos sujeitos e da sociedade, quanto é influenciada por ela. Portanto, é tanto um espaço de reprodução da estrutura social e suas relações, quanto um espaço que pode promover transformações nelas. Ao abrigar diversidades e estar em relação com educadoras e educadores, estudantes, suas famílias e comunidades, entidades governamentais e não governamentais, torna-se um espaço privilegiado para construção do respeito e da valorização da diversidade, estabelecendo estratégias sociais para superação das desigualdades fundadas em preconceitos e discriminações através de uma educação cidadã. Essa tarefa não diz respeito, portanto, apenas a educadoras e educadores, mas é um compromisso da sociedade como um todo, de seus agentes, organizações e instituições, e do Estado. (PASSADOR, 2005, p. 38).

6.5.4.3) Agentes condutores da estratégia

Sete das entrevistadas atribuíram ao professor, mesmo que de forma compartilhada, a condução das estratégias para implementar o tema da diversidade sexual na escola. Entre estas sete estão incluídas três das quatro que, no tópico Quem deve falar?, delegaram a profissionais da área de saúde a autoridade sobre a matéria. Antes que se suponha que, nestes três casos, estejamos perante uma contradição, provavelmente desconheçam as técnicas de trabalho dos próprios profissionais da área de saúde que elas supõem portadores de maior saber sobre o tema da diversidade sexual. Daí que há coerência em sobrevalorizar um suposto maior saber dos profissionais da saúde e, ao mesmo tempo, indicar docentes como condutores da estratégia. Para elas, mesmo que discordemos, faz sentido.

Todavia, entre as sete, uma ressalta que cabe ao professor de ciências, outras duas salientam a dimensão multidisciplinar, ou seja, cabe a diversos professores promover as estratégias. Paralelamente, entre as que se reportam ao professor condutor, salienta-se a necessidade de, pelo menos, ouvir os alunos e suas demandas sobre a implantação das estratégias. Mas mesmo neste caso, como asseverou J, é preciso que o professor, como agente condutor, tenha formação voltada para o tema para que saiba promover as estratégias: “E aí falaríamos com propriedade” (J).

Como vimos, as duas que salientaram a própria gestão participativa como estratégia não se reportaram, de forma direta, ao protagonismo docente, mas ao da própria comunidade.

7) PALAVRAS FINAIS

Conforme demonstrado ao longo do trabalho, a discussão sobre os temas da sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e identidade de gênero no universo escolar de acordo com a pesquisa está silenciada, apesar de haver consenso entre as coordenadoras e diretoras colaboradoras de que o debate pode ser promovido no espaço escolar. Nesse sentido, buscamos compreender as matizes que apoiam o consenso: Todos temos que falar!

Todos temos que falar, seja por proteção, por respeito à diversidade, pela humanização do ambiente escolar, das relações entre alunos, entre docentes e alunos, entre outros aspectos. A partir daí, também nos debruçamos em outras duas esferas: quem deve falar e estratégias para falar. O segundo eixo se voltou à observação da análise das profissionais da educação no que concerne a quem elas atribuem o movimento e/ou a responsabilidade de por em pauta a temática em tela, uma vez que foi reconhecido por elas próprias o pouco domínio do assunto, incluindo suas inseguranças conceituais. Assim, delegaram a ‘outros’, em especial a profissionais da saúde, prioritariamente médicos e psicólogos, a competência na condução da questão. O terceiro eixo (estratégias), enfim, se orientou no sentido de identificar os métodos e as técnicas propostas pelas entrevistadas para implementar a pauta nas escolas, mas tudo permaneceu como intenção, como possibilidade, uma vez que não houve nenhuma descrição sobre algo efetivamente realizado ou a se realizar nas escolas.

Todavia, jovens e adolescentes brasileiros de qualquer parte do mundo não podem mais ser formados desde tenra idade em um sistema educacional, do qual a escola é parte basilar (LOPES, SILVA, 2007), que produz e reproduz a diferença como exclusão social, como fardo psicológico, como afeto negativo, que cala ou estimula a violência simbólica e até física, que desumaniza cidadãos LGBT. Tudo isso com a leniência tácita e silenciosa da sociedade, do poder público, de instituições laicas e religiosas. Como reza o ditado popular brasileiro: Quem cala, consente!

As vítimas de tal sistema, porém, não são apenas jovens e adolescentes LGBT brasileiros que sofrem em seu cotidiano e em seu próprio ser todas as formas de violenta exclusão social, mas também todos os jovens e adolescentes do próprio universo escolar, haja vista que são formatados em um ambiente educacional vedado ao diálogo, à transparência do debate público inclusivo, fechado à inserção na escola das demandas sociais, políticas, culturais, comportamentais, identitárias múltiplas (sexuais, raciais, de

gênero, etc.) do mundo em que vivemos, inclusive para além da heteronormatividade. Nesse caminho, a escola só formará cidadãos plenos e relacionados ao mundo se ela se desamarrar das camisas de força curriculares, mesmo as impostas pelo poder público, a exemplo, no município de Santos, da Lei do Banha, do Currículo Santista (2020), ou na própria realidade mais ampla, da atual BNCC, exemplos de três camisas de força curriculares que forçam a exclusão das pautas das populações LGBT no universo escolar

A tarefa de reversão deste quadro não é fácil. Os currículos engessados e as leis draconianas não devem servir de mote para a acomodação e para a perpetuação do silêncio reprodutor da exclusão social no âmbito escolar. Assumindo isso, além da constatação do silêncio em torno do tema, ouvimos sobre possibilidades de rompimento desse silêncio, e, portanto, sobre estratégias formativas, técnicas e instrumentais para pautar o debate.

A atual prática pedagógica que veladamente apoia a exclusão das pautas pertinentes à diversidade sexual deve ser revertida pelo diálogo próprio a uma educação cidadã, democrática e inclusiva. Nesse sentido, por exemplo, todas as colaboradoras entrevistadas nesta pesquisa se disseram a favor da promoção do debate sobre sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e identidade de gênero na realidade escolar, mesmo que assumissem não terem formação específica no tema, e mesmo que tendessem a delegar o encaminhamento do debate a profissionais da área de saúde, reconhecendo os limites de seus saberes por um lado, mas, por outro, se desresponsabilizando da apropriação desse conhecimento.

Isto significa dizer que as profissionais responsáveis pelo estímulo ao diálogo no universo escolar, profissionais que lidam com o cotidiano de jovens e adolescentes, não são contra a inclusão do assunto na pauta escolar como forma de transformar as instituições escolares em ambientes mais acolhedores e respeitosos (SENNETT, 2004) não apenas as práticas pedagógicas, mas a própria natureza da escola.

Sendo assim, qualquer perspectiva que almeje a transformação de uma escola opressora em uma escola cidadã deve, antes de tudo, dialogar com os próprios profissionais da educação escolar, sem os quais nada será possível. Eles, por sua vez, sobretudo em função de seu papel como agentes públicos, não devem, em nome de currículos engessados e de leis draconianas, ensurdecem-se em seus silêncios excludentes. Nesta seara, o projeto político-pedagógico, por sua vez, deve chamar amplos setores sociais para o diálogo, principalmente, mas não apenas, demais agentes da comunidade escolar: alunos, pais e/ou responsáveis, agentes públicos, organizações civis,

públicas e privadas, etc. Em suma, a escola deve transpor seus muros e construir essa política para cumprir seu papel social.

Ainda no sentido da responsabilidade do agente público, cabe salientar as redes de cuidados em saúde, em especial as Unidades de Saúde da Família e Unidades Básicas de Saúde, como referências para o fortalecimento do diálogo sobre a temática, quer seja em seus atendimentos individuais e grupais, quer seja como suporte técnico para os agentes educacionais. No entanto, o que observamos nas unidades de saúde do município de Santos é que a pauta sobre sexualidade, por exemplo, ainda diz respeito apenas a aspectos preventivos ligados às infecções sexualmente transmissíveis (IST) ou à gravidez na adolescência. Os demais temas ligados a esta pesquisa – diversidade sexual, orientação sexual e identidade de gênero – não estão presentes sequer em grupos alternativos.

Como articuladora do Programa Saúde na Escola e entendendo os limites de minhas ações, percebemos um grande desafio que é promover discussões ligadas às temáticas entre os trabalhadores da saúde. Hoje, as ações do programa são tímidas nesse sentido, focando seus direcionamentos em questões protocolares entre as secretarias e organizando serviços ligados principalmente, mas não somente, a estratégias ligadas à saúde física e mental, considerando esta última como transtornos que afetam os estudantes e a escola, comprometendo o ensino regular.

Contudo, a pesquisa apontou possibilidades e reflexões voltadas ao debate do tema e a possíveis *modi operandi* em torno da educação. Ao findar deste trajeto, abrimos uma reflexão do quanto precisamos avançar ao analisar os agentes da saúde como participantes ou não deste debate. Além disso, no decorrer desta pesquisa muitas dificuldades foram encontradas, dentre elas a ausência de estudos voltados ao ensino fundamental. Acreditamos ser cruciais investimentos em pesquisas sobre o tema, uma vez que ele está presente no cotidiano escolar da faixa etária do ensino fundamental. No entanto, tematizar o objeto neste nível de ensino poder ser lido por leigos como “sexualização das crianças”. Este juízo e pré-conceito apriorístico apenas reforça a exclusão dos estudantes nos anos iniciais do ensino fundamental. Nesse sentido, em busca de uma pseudo-faixa etária idealizada, silencia-se ainda mais sobre o assunto. Nos dias de hoje, as percepções sobre sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e diversidade de gênero se dão de modo mais intenso e precoce do que talvez alguns queiram admitir.

Por fim, esta pesquisa pretendeu ser um “convite à reflexão crítica à transformação desse quadro. Somos uma sociedade diversa e plural, o que nos impõe a experiência constante de convívio com a diversidade”. Assim, sem que os casos das escolas

municipais de Santos analisadas nesta pesquisa sirvam como ampla generalização, elas podem, todavia, ser generalizáveis e comparáveis a outras realidades educacionais a fim promover, nas escolas, democraticamente, o tema da sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e identidade de gênero.

8) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES-MAZZOTTI, Alda J. Usos e abusos dos estudos de caso. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 129, set./dez. 2006.
- ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. Á. S. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 33-41, Apr. 2008.
- BARREIRO, R. G.; Influenciadores digitais e a produção de modos de vida. *Tese de Doutorado*. Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar. 2019.
- BRAH, A. (2006) Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, (26), 329-376.
- CANCIAN, Natália. Ministério tira 'identidade de gênero' e 'orientação sexual' da base curricular. In *Jornal Folha de São Paulo*, 06/04/2017. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/04/1873366-ministerio-tira-identidade-de-genero-e-orientacao-sexual-da-base-curricular.shtml>.
- CARDOSO, P. F. G. *Ética e Projetos Profissionais: os diferentes caminhos do Serviço Social no Brasil*. Campinas, SP: Papel Social, 2013.
- CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto Contexto Enferm*. Florianópolis, 2006, 15 (4).
- CORRÊA, S. O; MUNTARBHORN, V. (Orgs.). Princípios de Yogyakarta: princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero. Disponível em: <http://www.clam.org.br/pdf/principios_de_yogyakarta.pdf>, p. 7.
- EGYPTO, Antonio Carlos. Orientação sexual nas escolas públicas de São Paulo. In JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.) *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília, MEC, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, pp. 341-354.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Ed Unesp, 2000, p. 101
- _____ *Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo, Centauro, 2001, p. 45.
- _____ *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 41ª Ed.

_____ *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 30 ed., 2007.

_____ *Entrevista concedida a Mario Sérgio Cortella e Paulo de Tarso Venceslau*. (Teoria e Debate nº 17 – janeiro/fevereiro/março 1992). Reproduzida em <https://www.revistaprosaversoarte.com/paulo-freire-uma-entrevista/>

FREITAS, Maria Jose Dias. Por que abordar o tema sexualidade em sala de aula? In: Brêtas, J.R.S. (Org.). *Sexualidades*. São Paulo: All Print, 2011, pp. pp.187-196.

_____ Diversidade sexual na escola. In VVAA. *Especialização em Gênero e Diversidade na Escola*. São Paulo: Unifesp, 2015. Unidade 3 – Sexualidade no cotidiano escolar, p. 159.

_____ Orientação sexual na escola: desmistificando a educação em sexualidade no espaço escolar. In FINCO, Daniela; SOUZA, Adalberto dos Santos; OLIVEIRA, Nara Rejane C. (Orgs). *Educação e resistência escolar* [recurso eletrônico]: gênero e diversidade na formação docente. São Paulo: Alameda, 2017. Disponível on line.

FRIGOTO, Gaudêncio. “Escola sem partido”: imposição da mordaza aos educadores. In E-mosaicos, Revista Multidisciplinar de ensino, pesquisa, extensão e cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-Uerj), v. 5, n. 9, 2016.

GOÇALVES DA SILVA, Cristiane. Sexualidade e diversidade sexual: diferenças, hierarquias e resistências. In FINCO, Daniela; SOUZA, Adalberto dos Santos; OLIVEIRA, Nara Rejane C. (Orgs). *Educação e resistência escolar* [recurso eletrônico]: gênero e diversidade na formação docente. São Paulo: Alameda, 2017, p. 106. Disponível *on line*.

_____ Orientação sexual, identidades sexuais e identidade de gênero. In VVAA. *Especialização em Gênero e Diversidade na Escola*. São Paulo: Unifesp, 2015. Unidade 1 - Sexualidade: Dimensão conceitual, diversidade e discriminação Módulo 3, Sexualidade e Orientação Sexual. Disponível on line

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília, MEC, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

- LDB. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Edição atualizada até março de até 2017.
- MACEDO, Elizabeth. As demandas conservadoras do movimento escola sem partido e a base nacional curricular comum. In: *Educ. Soc.*, Campinas, v. 38, nº. 139, p.507-524, abr-jun, 2017.
- Parâmetros curriculares nacionais 5ª a 8ª séries*. Orientação Sexual. Temas Transversais. Ministério da Educação, 1998.
- PASSADOR, Luiz Henrique. Introdução. In VVAA. *Especialização em gênero e diversidade na escola*. Módulo 1 – Diversidade. São Paulo: Unifesp, 2015.
- _____ Etnocentrismo, estereótipo e preconceito In VVAA. *Especialização em Gênero e Diversidade na Escola*. São Paulo: Unifesp, 2015. Módulo 1 – Diversidade.
- _____ O ambiente escolar frente às discriminações e a promoção da igualdade. In VVAA. *Especialização em Gênero e Diversidade na Escola*. São Paulo: Unifesp, 2015. Módulo 1 – Diversidade.
- _____ Diversidade na escola: diferenças, culturas e desigualdades. In FINCO, Daniela; SOUZA, Adalberto dos Santos; OLIVEIRA, Nara Rejane C. (Orgs). *Educação e resistência escolar* [recurso eletrônico]: gênero e diversidade na formação docente. São Paulo: Alameda, 2017.
- PEREIRA, A. B. (2017) Do controverso - chão da escola - às controvérsias da etnografia: aproximações entre antropologia e educação. *Horizontes Antropológicos* (UFRGS. Impresso), 23, 149-176.
- PEREIRA JÚNIOR; Edmilson; OLIVEIRA, Dalila. Indicadores de retenção e rotatividade dos docentes da educação básica. In *Cadernos de Pesquisa*, v 46, pp. 312-332, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/v46n160/1980-5314-cp-46-160-00312.pdf>.
- PIAGET, Jean. *O nascimento da inteligência da criança*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1982.
- PINTO, Maria Jaqueline C; BRUNO, Maria Alves de T. *Violência Transexual – O Corpo Desvela seu Drama*. Editora: Átomo, 2003.

- PEREIRA JUNIOR, E. A.; OLIVEIRA, D. A. Indicadores de retenção e rotatividade dos docentes da educação básica. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 46, n. 160, p. 312-332, June 2016.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS, Secretaria de Educação, Plano Municipal de Educação.
- PROJETO Santos Jovem Doutor: <http://jovemdoutor.org.br/>. Acesso em 30/04/2017.
- REIS, Toni (Org). Apostila para gestores de direitos humanos GLBT. S/c, Grupo dignidade - Secretaria Especial dos Direitos Humanos, s/d.
- RELATÓRIO da 1ª Semana da Diversidade Sexual de Santos - 26/11/2012 A 30/11/2012
- RELATÓRIO da Execução do Plano Estadual de Enfrentamento a Homofobia e Promoção Da Cidadania LGBT - II Conferencia Estadual LGBT - Coordenação de Políticas para Diversidade Sexual - Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania - Governo do Estado de São Paulo.
- RELATÓRIO das propostas aprovadas nas conferencias regionais municipais e livres, II Conferência estadual LGBT, Coordenação de políticas para diversidade sexual, Secretaria da justiça e da defesa da cidadania, Governo do Estado De São Paulo.
- RELATÓRIO sobre violência homofóbica no Brasil. Presidência da República, Secretaria Nacional de Direitos Humanos, 2012.
- SEFFNER, Fernando. Equívocos e armadilhas na articulação entre diversidade sexual e políticas de inclusão escolar. In JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.) Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília, MEC, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, pp. 125-140.
- SENNETT, R. *Respeito: a formação do caráter em um mundo desigual*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- SILVA, Maria de Fátima da Rocha. Gênero e sexualidade: práticas pedagógicas na escola. Guarabira/PB, UFPB, Centro de Humanidades, Monografia de Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares, 2014.

VVAA. Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais. Livro de Conteúdo. Versão 2009. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SMP, 2009.

9) APÊNDICES

Todas as entrevistadas assinaram o Termo de Livre Consentimento de acordo com os preceitos éticos do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNIFESP, sendo que o projeto foi aprovado pelo parecer CAAE 94706318.9.0000.5505 (Apêndice) e pela Comissão de Formação da Secretaria Municipal de Educação da cidade de Santos (Apêndice).



Universidade Federal de São Paulo
Campus Baixada Santista
Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde

9.1) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto/pesquisa intitulado Diversidade Sexual na Escola: sobre silêncios, tabus e preconceitos, desenvolvido pelo Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde, do Campus Baixada Santista, UNIFESP.

Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa de responsabilidade de Rita Gisela Guedes Ferreira, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº (13) 97401 7530 ou e-mail ninharitagisela@gmail.com.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é analisar o tema da diversidade sexual em escolas do município de Santos, objetivando avaliar, se há ou não, medidas empreendidas por profissionais da educação para implementação do referido tema nas escolas do Ensino Fundamental II. Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFESP (CONEP).

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semi-estruturada, a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo(a) pesquisador(a) e/ou seu(s) orientador(es).

Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Santos, 06 de abril de 2018.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

Assinatura do(a) testemunha(a): _____



9.2) Roteiro de Entrevista com Equipe Técnica

Pesquisa: Diversidade Sexual na Escola: sobre silêncios, tabus e preconceitos

Rita Gisela Guedes Ferreira

Perguntas aos entrevistados a partir do roteiro

A) Dados Pessoais

1. Qual seu nome completo?
2. Qual sua data de nascimento?
3. Qual seu sexo?
4. Qual sua naturalidade?
5. Seus pais nasceram em que estado?
6. Tem formação religiosa e/ou é adepto de alguma religião? Qual?
7. Considera-se em que faixa de renda familiar: classe média, média alta, média baixa ou outra?

B) Trajetória de Formação Profissional

1. Onde cursou o ensino médio: escola pública e/ou particular? Qual? Em que estado? Quando o concluiu?
2. Em que instituição cursou a graduação? Quando a concluiu?
3. Seus pais e/ou avôs têm formação superior? Em quê?
4. Você faz parte da primeira geração de sua família com curso superior? Tem irmãos com curso superior?
5. Você cursou pós-graduação, *lato* ou *stricto sensu*? Qual? Em que instituição? Quando a concluiu?
6. Cursou alguma especialização? Em que instituição? Quando a concluiu?
7. Tem alguma formação específica em temas sobre sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e/ou identidade de gênero? Em que instituição? Quando a concluiu?

C) Trajetória de Atuação Profissional

1. Há quanto tempo atua no magistério?
2. Em quantas escolas já trabalhou?
3. Em que níveis de ensino já trabalhou?
4. Em quantas escolas trabalha atualmente?
5. Salvo no município de Santos, em sua experiência profissional, que projetos e/ou demais iniciativas escolares o marcaram ou quais você considera significativos?
6. Por quê?
7. Salvo no município de Santos, em sua experiência profissional houve alguma política pública e/ou iniciativa escolar em prol dos temas da sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e/ou identidade de gênero?
8. Você atuou nestes casos?



9. Há quanto tempo você trabalha na educação escolar no município de Santos?
10. Em quantas escolas municipais de Santos você já trabalhou?
11. Em quantas escolas do município de Santos você trabalha atualmente?
12. Nas escolas do município de Santos, que projetos e/ou demais iniciativas escolares o marcaram ou quais você considera significativos?
13. Por quê?
14. No município de Santos, houve alguma política pública e/ou iniciativa escolar em prol dos temas da sexualidade, orientação sexual e/ou identidade de gênero?
15. Você atuou nestes casos?

D) Conhecimento sobre o tema

1. Como você define sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e identidade de gênero?
2. Quantos livros e/ou textos afins você já leu sobre estes assuntos?
3. De que maneiras você se informa sobre eles?
4. Qual foi a última vez que você se informou sobre eles? Por quais meios?
5. Você os acha relevantes, ou não, para a sociedade brasileira contemporânea e para o município de Santos em particular? Por quê?
6. Você acha que a escola deve, ou não, atuar em prol desses temas? Por quê?
7. Você conhece alguma política pública, municipal, estadual e/ou federal, voltada àqueles temas? Você acha que deveria haver, ou não?
8. Você conhece alguma lei ou norma jurídica, municipal, estadual e/ou federal, voltadas àqueles temas? Você acha que deveria haver, ou não?
9. Você conhece alguma orientação pedagógica, municipal, estadual e/ou federal, voltada àqueles temas? Você acha que deveria haver, ou não?
10. Você sabe o que os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Bases Nacionais Curriculares Comuns dispõem sobre aqueles temas?
11. Você conhece alguma postura, iniciativa, norma ou orientação do município de Santos em relação àqueles assuntos? Você acha que deveria haver, ou não?
12. Como você as avalia?
13. Você conhece alguma postura, iniciativa, norma ou orientação do município de Santos em relação àqueles assuntos no espaço escolar? Você acha que deveria haver, ou não?
14. Como você os avalia?
15. Você acha relevante e importante, ou não, para o corpo docente e para o corpo técnico escolar que estes temas sejam debatidos nas escolas do município de Santos? Por quê?
16. Você acha relevante e importante, ou não, para o corpo discente que estes temas sejam debatidos nas escolas do município de Santos? Por quê?
17. Que profissionais deveriam, se for o caso, atuar em prol da promoção do debate em torno daqueles temas? Por quê? De que formas eles deveriam atuar?
18. Como tais temas deveriam ser debatidos nas escolas, se for o caso?
19. Você acha, ou não, que haveria pressões ou resistências de pais e/ou responsáveis e de alunos para a implementação de políticas públicas e ou de quaisquer iniciativas escolares em prol daqueles temas? Por quê?
20. Que outros aspectos sobre os temas você gostaria de destacar?

9.3) Transcrição Integral das Entrevistas

Entrevistada A

[00:16] RITA: Bom Dona A, boa tarde. Eu só quero reforçar aí o agradecimento pela contribuição pra somar aí ao projeto de pesquisa "né", a pesquisa em si, e eu escolhi como instrumento pra que a gente possa começar o roteiro de entrevista; eu pensei em alguns blocos que dizem respeito também aos seus dados pessoais, depois eu vou pra sua formação, a sua trajetória de formação, a sua trajetória de atuação profissional e depois o conhecimento sobre o tema. Dividindo isso em perguntas, e eu gostaria que a senhora começasse dizendo seu nome completo, a sua data de nascimento, qual é o seu sexo e o nome da escola e o seu cargo.

[01:20] A: Meu nome é A, minha data de nascimento é X e sou formada em Pedagogia.

[01:35] RITA: O nome da escola, por favor...

[01:38] A: A escola é a Z.

[01:42] RITA: A senhora... Qual o seu sexo, a senhora é natural de onde?

[01:46] A: O sexo é feminino, eu sou natural de Santos.

[01:50] RITA: Os seus pais, eles nasceram no Estado de São Paulo também?

[01:55] A: Sim, minha mãe em Campinas e meu pai em Santos.

[01:58] RITA: "Tá". A senhora tem formação religiosa, ou é adepta a alguma religião e qual?

[02:05] A: Católica, fiz todos os trâmites "né", porque minha avó, minha mãe, eram bem "carolinhas"...

[02:15] RITA: Família bem religiosa...

[02:18] A: Bem religiosa, praticante, de frequentar, ir na igreja, ter amizade com os padres... Minha vida foi assim.

[02:27] RITA: E a senhora também? Praticante desta mesma natureza?

[02:31] A: Dessa mesma natureza...

[02:33] RITA: Como a senhora se vê em relação a sua... a questão da renda familiar. Classe média, média alta, média baixa ou outra? Como é que a senhora...

[02:43] A: Média, média... Média pra chegar pra baixo já... [risos]

[02:48] RITA: Ok. Partindo dos seus dados, a gente agora vai pra trajetória da sua formação profissional, meio que uma viagem no tempo "né". Aonde que a senhora cursou o ensino médio, foi em escola pública, particular, e qual?

[03:05] A: Foi particular, foi o Liceu Santista.

[03:09] RITA: Quando que a senhora concluiu o ensino médio, a senhora lembra?

[03:14] A: O ano?

[03:16] RITA: Mais ou menos o ano... Que antigamente tinha outra...

[03:22] A: É, eu fiz o... eu peguei uma transição quando eu estudei no ensino médio, eu fui fazer o normal, que na época era de quatro anos, e eu peguei a transição pra três, mas eu fiz normal e colegial junto, foi uma loucura, foi uma mudança que teve no currículo, "né".

[03:48] RITA: Eles se separaram, é isso? A senhora teve que cursar o normal e o ensino médio? Que antes era junto?

[03:55] A: Foi acontecendo tudo junto, ao contrário. Isso aconteceu um ano só, o ano que eu estudei, depois voltou a ter a separação do ensino médio e do normal... Que era pra professora.

[04:14] RITA: É, antigamente falava "né", escola de normalista...

[04:16] A: Isso, isso mesmo, aí nesse ano eu peguei essa mudança e eu fiz em três anos, foi assim, uma loucura, porque a gente estudava mais de treze matérias, ou catorze, porque tava tudo condensado, tudo junto e muito puxado.

[04:35] RITA: Foi o primário, o ginásio mais a transição e mais três anos?

[04:41] A: Não.

[04:43] RITA: Não, dos três, já pega um dessa transição. A senhora nasceu em 60, que a senhora falou?

[04:47] A: 55.

[04:49] RITA: 55... Mais ou menos...

[04:53] A: Mais ou menos... Eu "tava" com meus dezesseis anos, dezessete... Pra depois tá na faculdade... 70... Por aí...

[05:11] RITA: Em qual instituição a senhora se graduou? Pensando na sua formação acadêmica, em que instituição e quando que a senhora se graduou?

[05:23] A: Bom... quando eu estava, que eu me formei no ensino médio, eu ia fazer vestibular e meu marido não queria, marido não, era namorado... aí acabei casando no dia que era meu vestibular, com medo dele me perder...

[05:44] RITA: Já casou, já direcionou a data...

[05:47] A: Tudo pra não ter problema. Aí eu levei dezessete anos pra "mim" voltar a estudar, porque aí eu criei as minhas filhas, quando eu vi que elas iam entrar no ensino médio eu fiz vestibular e passei, passei entre as trinta primeiras, foi na...

[06:11] RITA: A senhora fez aonde?

[06:12] A: Na UNIMES, foi presencial, fiquei dentro da faculdade cinco anos.

[06:18] RITA: A senhora lembra quando concluiu?

[06:20] A: Eu concluí, pra poder já "tá" exercendo a função em 96.

[06:27] RITA: Esperou algum tempinho... esperou bastante pra poder realizar aquele sonho que ficou aí meio que congelado...

[06:35] A: Isso, que ficou congelado.

[06:39] RITA: Os seus pais ou avós tem formação superior, em que?

[06:44] A: Não, nenhum deles.

[06:46] RITA: "Tá". Então a senhora faz parte da primeira geração da família com curso superior.

[06:51] A: Isso, com curso superior fui eu.

[06:53] RITA: A senhora tem irmão com curso superior?

[06:56] A: Não, eles trancaram.

[06:58] RITA: Então a senhora realmente...

[07:00] A: Eu sou a única da família que tem...

[07:02] RITA: Dessa geração que tem o curso superior. A senhora cursou pós-graduação lato ou stricto sensu? Qual?

[07:10] A: Eu fiz pós-graduação. Eu fiz em jogos cooperativos.

[07:13] RITA: Em que instituição e quando?

[07:15] A: Foi na UNIMONTE, eu entrei assim em sequência "né", foi 96, 97, 98... Foi em 98 ou 99 que eu entrei, fiz um ano e meio de pós presencial. Eu gosto tudo na presença. [risos]

[07:39] RITA: Antigamente era né...

[07:41] A: Tinha. Já tinha a distância...

[07:43] RITA: Já existia... a senhora opta pela presencial...

[07:48] A: Presencial.

[07:50] RITA: Além dessa pós-graduação, ela é lato ou stricto sensu, a senhora lembra?

[07:57] A: Não lembro...

[07:59] RITA: Não lembra, "né"... Mas além dela, a senhora cursou alguma especialização?

[08:03] A: Não. Fiz isso aí, aí fora eu fiz cursos só pra aprimorar...

[08:12] RITA: Mas não uma especialização... "Tá". A senhora tem alguma formação específica em relação aos temas sobre sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e/ou identidade de gênero?

[08:26] A: Eu optei "né", por profissão no começo, ser orientadora educacional. Mas não que eu...

[08:34] RITA: Tivesse uma formação específica em relação a esses temas, não.

[08:39] A: Não.

[08:40] RITA: Tá. Partindo pra sua atuação profissional, há quanto tempo a senhora atua no magistério?

[08:46] A: 33 anos.

[08:48] RITA: Em quantas escolas nesses 33 anos a senhora lembra que trabalhou, quantas escolas a senhora trabalhou? Aí entra município, Estado, particular, quantas mesmo?

[09:03] A: Olha... No particular eu trabalhei em três. E agora no município, aí é que vai longe, que a gente entra e escolhe, escolhem na tua frente, você perde aonde você tava, é uma roda, roda muito, nós rodamos muito. Eu comecei no Cidade de Santos, fui pro Gota de Leite, fui parar numa entidade, a Casa João Paulo... Lá eu fui só substituir a professora, quando a professora voltou as irmãs não queriam que eu saísse, elas criaram uma sala pra "mim" continuar trabalhando com as crianças, então lá eu fiquei um bom tempo. Depois eu trabalhei em Monte Cabirão, em Caruara, Ilha Diana... eu rodei. Walter [10:05], Martins Fontes, e agora eu "tô" aqui.

[10:14] RITA: Doze... doze escolas. A senhora conheceu bastante territórios, "né"...

[10:15] A: Conheci, eu tenho assim, peguei assim uma diversidade.

[10:20] RITA: É, bastante. Em que níveis de ensino a senhora já trabalhou?

[10:27] A: Eu era de fundamental...

[10:30] RITA: I e II?

[10:31] A: Não, fundamental I. Também trabalhei com jovens e adultos, no fundamental I dando alfabetização e com ensino fundamental II e o médio eu nunca atuei.

[10:51] RITA: Não atuou diretamente... tá. Hoje a senhora trabalha em quantas escolas?

[10:55] A: Só aqui.

[10:57] RITA: Só aqui... salvo no município de Santos, salvo aqui, em sua experiência profissional que projetos ou demais iniciativas escolares marcaram a senhora, o que a senhora considerou mais significativo? Porque a senhora disse que trabalhou em escolas particulares, mas elas também eram em Santos? A sua experiência então é toda em Santos?

[11:25] A: Toda em Santos.

[11:26] RITA: Tá. A senhora, então, dentro da política de Santos... porque na medida que a senhora não tem um conhecimento de outros municípios, ou de outros Estados, qual projeto a senhora considerou mais significativo, que teve, marcou a senhora e por que motivo?

[11:50] A: Então, quando começaram a fazer um projeto, até desenvolvido aqui, pela Secretaria da Educação, de DST AIDS, que eu achei assim muito importante, até me envolvi bastante como orientadora... Mostrando pros alunos, e a gente fazia encenação, fazia um teatro encenando os perigos "né" da contaminação, então assim... Eu acho que foi uma coisa muito bonita de viver, que...

[12:26] RITA: A senhora atuou diretamente com os alunos... e porque a senhora achou bonito assim, porque que foi tão significativo?

[12:31] A: Porque você vê o jovem entendendo, se envolvendo e aí passa a se preocupar... Foi assim, eles tiveram entendimento do que estava acontecendo e foi o "boom" mesmo da AIDS, que "tava" assim... Falavam muito, coisas que não, "tava" muito enrustido e começou até a mídia "tá" falando, porque "tava" um absurdo... Deve "tá" ainda, mas aí já a mídia não "tá" falando tanto quanto naquela época...

[13:12] RITA: 90 e poucos mais ou menos isso, "né"?

[13:14] A: Isso... Foi, foi.

[13:18] RITA: A senhora atuou, que a senhora disse "né", e no município a senhora então trabalha há trinta e...

[13:26] A: No município mesmo eu "tô" há 27 anos, o restante foi fora...

[13:32] RITA: Foi no particular... A senhora já falou em quantas escolas no município, que uma coisa vai puxando a outra... Em relação ao tema da sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e identidade de gênero. No município de Santos, houve alguma política pública de iniciativa escolar em prol desses temas?

[14:00] A: Como eu atuei mais no fundamental I e as escolas do município não tinham... Quando eu fui que eu peguei escola com o fundamental II é que tinham mais essa atuação da parte "né", da sexualidade, de levar os alunos a entenderem, a conhecer o seu corpo, mas já tivemos muitas barreiras também, por causa dos pais, "né"... Teve pais que não queriam que falasse, que ensinasse, porque achava que a gente que "tava" encaminhando os filhos pra vida ativa sexual, e era muito pelo contrário, a gente "tava" conscientizando "né", a criança, o adolescente... E teve também muito entrave nesse lado aí.

[14:53] RITA: Entendi. A senhora mesmo não atuando nesses casos "né", diretamente, mas a senhora, no seu entendimento, houve alguma política pública voltada pra esses temas...

[15:05] A: Sim, pra esses temas.

[15:07] RITA: Agora a gente parte pro seu conhecimento sobre o tema mesmo, voltando a esclarecer que é como a senhora entende "né"... Como que a senhora define sexualidade? O que é sexualidade pra senhora?

[15:24] A: Eu acho assim... passa a ser, não sei se eu vou saber explicar...

[15:29] RITA: Sim, é do jeito que a senhora sabe explicar...

[15:32] A: Eu acho que tá ligado muito também a um sentimento interno da pessoa. Então, tem gente que tem a mente mais voltada "né" pra parte de sexo, então, às vezes tem umas maldades, um olhar diferenciado, "né"? Então eu vejo isso "né", é um sentimento mas alguns têm o sentimento menos aflorado, outros mais aflorado "né", e quando se descobre "né"... na parte do sexo mesmo... então tem gente que, jovens que você vê que ficam até meio perturbados, eu vivi muito isso "né", lá em Caruara. Então a gente percebe nesse sentido, não sei se eu "tô" te explicando do jeito que...

[16:31] RITA: Não, do jeito que a senhora entende. Então a sexualidade pra senhora tem a ver com um interior, com o sentimento, como cada um lida com isso, com essas questões.

[16:44] A: Como se lida com essa questão da parte sexual deles.

[16:47] RITA: Tá. E como que a senhora entende, o que a senhora define como diversidade sexual?

[16:56] A: Aí tem... agora a gente tá com, não sei se eu "tô" entendendo bem a tua pergunta, tem agora, tá um leque "né" da diversidade nossa... Não sei se entra os homos, os trans, os... Não sei se é pra esse lado que você tá me perguntando, "tá" um leque aí enorme que era um tabu, "né"... E agora "tá" muito essa diversidade toda que a gente tem aí, no mundo da gente. Não sei se "tá" certo.

[17:39] RITA: Como que a senhora entende, como a senhora define orientação sexual? Porque as perguntas elas têm a ver realmente com o tema. A senhora já explicou o que a senhora entende sobre sexualidade, sobre diversidade sexual, falta orientação sexual e identidade de gênero. O que a senhora entende como orientação sexual, quando eu falo essas duas palavras o que a senhora pensa que seja isso?

[18:03] A: Eu vou até, assim, falar pela minha vivência que eu tive. É você conseguir passar pra uma pessoa "né" o entendimento do que é ser masculino, o que é ser feminino, o que acontece nessa junção da parte sexual... Da prevenção, de se prevenir de pegar uma doença ou então de transmitir alguma coisa "né", se a pessoa tem.. Se descobrir, se cuidar, ter um cuidado com o seu corpo, é isso que eu entendo... que você "tá" orientando alguém ou vai, uma escola, uma sala, ou seu próprio filho, a ter o cuidado sexual com eles mesmos "né", essa parte.

[19:06] RITA: Tá. E o que a senhora define como identidade de gênero?

[19:14] A: É, aí tem o gênero masculino, tem o gênero feminino, tem o gênero que é os trans, os bi... Então, eu entendo por isso aí, não sei se eu "tô" certa, "né".

[19:32] RITA: Tá. Então pra senhora identidade de gênero, deixa eu ver se eu entendi o que a senhora quis passar... São o gênero identificado como masculino, feminino, bi e trans?

[19:46] A: É, é.

[19:47] RITA: Tá. Quantos livros e/ou textos afins a senhora já leu sobre esses assuntos, ou não leu.

[19:58] A: Não, o que eu mais li assim foi pra parte, pra ensinar, que eu me preocupava muito com as minhas filhas "né", delas entenderem a parte sexual desde a concepção, então eu mesma comprava muitos livrinhos, historinhas, coisas bem lúdicas pra elas terem esse entendimento. Então, eu passava, não vinha com a historinha da cegonha que era da minha época, ou então da sementinha, então eu criei as minhas filhas nesse sentido, conhecendo a parte feminina, a masculina, o que acontece quando namoram, tudo com livrinhos... Mas eu esperava a curiosidade aflorar pra "mim" entrar no assunto, era aí onde eu ia, eu pesquisava e ia procurar pra poder dar o melhor pra elas.

[21:07] RITA: Tá, então sobre esses assuntos especificamente a senhora não leu.

[21:13] A: Não, nunca li, pra entrar, me aprofundar...

[21:15] RITA: Tem mais a ver com anatomia, com o corpo... Pensando no cuidado com o corpo e não sobre sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e identidade de gênero.

[21:27] A: Não, isso eu nunca me aprofundei.

[21:29] RITA: A senhora nunca se aprofundou e a senhora também não se informa sobre esses assuntos, esses que eu disse, não esses que a senhora... E sem nenhum julgamento viu dona A, é pra entender mesmo, a senhora se identifica mais com outras questões que vão além da sexualidade, diversidade... A senhora separa isso e, até pela sua experiência com as suas filhas, com a forma de cuidar que a senhora entende nesse quesito, a senhora vai na linha da prevenção, do cuidado, do esclarecimento, do desenvolvimento do corpo. Agora se informar sobre sexualidade, diversidade sexual, identidade, não, a senhora não parte pra essa busca?

[22:13] A: Não, eu nunca... Não, eu não tive porque, nossa, foi tantas coisas já que a gente tinha que correr atrás que essas aí ficou, não foi prioridade pra mim.

[22:25] RITA: Mas mesmo não sendo prioridade pra senhora, a senhora acha que esses temas, eles são relevantes ou não pra sociedade brasileira contemporânea e pro município de Santos em particular, porque?

[22:39] A: Eu acho que sim, eu acho que deveria ter mais, assim, tinha que ter um órgão, não sei... Posso "tá" até errada, algum setor que se preocupasse mais com esse lado e desenvolver alguma coisa pra o esclarecimento para o povo, isso que eu sinto que "tá" precisando, assim a gente dentro da escola percebe até entre os pais, tem uma... Você não consegue ter uma boa conversa nem entrada sobre essa situação.

[23:22] RITA: Entendi. Mesmo a senhora não tendo lido, não tendo buscado, mas a senhora acha importante...

[22:30] A: Acho.

[22:32] RITA: Pra sociedade e pro município e a senhora acha que a escola deve atuar em prol desses temas, porque? Além do órgão cita aí como um gerenciador de política nesse sentido, mas a senhora acha que a escola deve...

[23:48] A: É, então, que nem na época que a gente tinha essa parte da IST, AIDS, Hepatite B... é aonde eu também me apoiava, eu tentava entender mais e "tá" junto, entendeu? Se tivesse uma coisa, uma pessoa com mais compreensão, com mais entendimento, isso da uma segurança pra gente, pra gente "tá" abraçando e indo em frente.

[24:20] RITA: Então pelo que eu "tô" entendendo, a senhora me corrija se eu "tiver" errada, a senhora acha que é importante, que a escola poderia fazer, pelo que eu entendi, desde que tivesse algum órgão, alguma pessoa com algum conhecimento que desse segurança, é nesse sentido?

[24:37] A: É, é, pra passar esses esclarecimentos...

[24:45] RITA: A senhora conhece alguma política pública municipal, estadual e/ou federal voltada aos temas da sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e identidade de gênero? A senhora conhece enquanto política pública, em todas as esferas, a senhora conhece alguma? A senhora não conhece?

[25:04] A: Não.

[25:05] RITA: A senhora acha que deveria haver alguma política pública voltada pra esses temas?

[25:11] A: Eu acho... pra ter um cuidado melhor pra "tá" lidando com as pessoas, com os adolescentes, eu acho que deveria sim.

[25:24] RITA: Agora enquanto lei ou norma jurídica, municipal, a senhora conhece alguma lei municipal, estadual ou federal voltada pra esses temas? Enquanto lei, a gente pensou em política pública, a senhora desconhece, enquanto lei ou alguma norma jurídica, a senhora conhece alguma nessas esferas? E a senhora acha que deveria haver ou não?

[25:53] A: Assim... Eu sou bem leiga nesse sentido, mas o que eu vejo é em forma de lei, é só "né" a punição das pessoas que transgridem... Mas assim, uma coisa mais profunda eu não conheço.

[26:18] RITA: Quando a senhora fala de lei e de pessoas que transgridem é que fogem aos padrões?

[26:24] A: Isso, que fogem ao padrão...

[26:25] RITA: Que fogem aqueles padrões que como dizem "normais" da heteronormatividade, aí existe uma lei que pune, mas uma lei municipal, federal, estadual ou uma norma jurídica que garanta o direito a senhora não conhece nenhuma?

[26:42] A: Não.

[26:43] RITA: A senhora acha que deveria haver alguma lei ou não voltada pra esses temas da sexualidade, da diversidade sexual, orientação sexual e identidade de gênero?

[26:55] A: Eu acho sim porque "tá" havendo uma mudança tão radical no mundo "né", que eu acho que as pessoas tem que ter mais proteção, mesmo aquelas que escolhem querer ser o que for, ou o trans, ou um bi, ou alguma coisa... Eu acho que deveria ter mais proteção pra essas pessoas porque "tá" tendo muita discriminação e a gente não "tá" livre, de ter alguém perto da gente que seja e "é" excelente pessoas, e isso a gente percebe que há discriminação e a proteção não é tão efetiva, "né".

[27:42] RITA: Agora pensando em orientação pedagógica... a senhora conhece alguma orientação nesse sentido, pedagogicamente falando, alguma orientação municipal, estadual e/ou federal voltada pra esses temas, existe alguma orientação pedagógica voltada pro tema da sexualidade, da diversidade sexual, orientação sexual e identidade de gênero?

[28:05] A: É, então, atualmente a gente não "tá" tendo tanto aqui na nossa rede, nós já tivemos mais atuação e foi...

[28:16] RITA: Orientação que eu digo em relação à orientação pedagógica?

[28:19] A: A orientação mesmo, nós tivemos, a gente era chamada, tinha uma reunião, tinha mais explicações... Agora parece que não existe mais essa parte da sexualidade, parece que "tá" tudo resolvido, eu não entendo isso, porque que parou, acabou os projetos, acabou tudo.

[28:46] RITA: Isso a nível municipal, a nível estadual e federal a senhora não conhece nenhuma orientação nesse sentido, nem nenhuma orientação pedagógica?

[28:54] A: Não.

[28:55] RITA: A senhora acha que deveria haver ou não?

[28:58] A: Eu acho que sim, faz parte, não tem como a gente deixar de lado. Isso é a gente, somos nós "né", é o ser, o ser é uma pessoa que tem a sua sexualidade na pele até, e isso parece que "tá" por conta da mídia.

[29:26] RITA: Entendi. A senhora sabe o que os parâmetros curriculares nacionais e as bases nacionais curriculares comuns dispõem sobre esses temas, sexualidade, diversidade sexual...

[29:38] A: Sim, eles têm na... até vi nos parâmetros "né" que tinha essa parte de falar da sexualidade, aquela preocupação, mas não tem um efetivo pra realmente "tá" desenvolvendo esse lado.

[30:00] RITA: A senhora sabe então o que os parâmetros definiram...

[30:03] A: Isso...

[30:04] RITA: Mas a senhora não vê efetividade...

[30:06] A: Não, não vejo.

[30:08] RITA: E da base, a senhora já teve algum conhecimento, da base nacional curricular comum sobre o que eles dispõe sobre esses temas?

[30:17] A: Isso, é...

[30:18] RITA: A senhora viu que tem também...

[30:19] A: Tem também, mas assim, você não encontra pessoas mesmo dispostas a abraçar e por a mão na massa e fazer alguma coisa, isso que eu sinto falta.

[30:35] RITA: A senhora sabe que os parâmetros e as bases dispõe sobre esse tema, a senhora conhece que eles dispõe, agora o que a senhora não consegue...

[30:44] A: Não consigo enxergar o que é que eles "tão" fazendo, não chega, não chega nas escolas.

[30:51] RITA: Tem as diretrizes mas não tem a execução.

[30:54] A: Isso mesmo.

[30:55] RITA: Tá. Há uma lacuna, é isso?

[30:57] A: É, é.

[30:59] RITA: Tá. A senhora conhece alguma postura, iniciativa, norma ou orientação do município em relação a esses assuntos hoje?

[31:09] A: É, hoje eu "tô" achando mais parado, entendeu? A gente foi muito mais ativo tempos atrás nesse sentido, eu não sei também, posso estar errada né, porque eu "tô" vivendo mais o fundamental I, o EJA que eu tenho que é de fundamental II e... mas eu não via um trabalho efetivo nesse sentido.

[31:39] RITA: Hoje não tem nenhuma iniciativa, assim, nenhuma orientação...

[31:42] A: Não...

[31:44] RITA: Tá, mas... a senhora já me respondeu que deveria haver, "né". Agora a senhora conhece alguma postura, iniciativa, norma ou orientação do município em relação aqueles assuntos no espaço escolar? Porque a pergunta anterior não só no espaço escolar, se existe alguma norma, alguma iniciativa em outras esferas também de secretaria ou no próprio município, uma iniciativa privada que venha a fazer algo em relação aos temas... Era nesse sentido, uma pergunta mais abrangente...

[32:26] A: É, isso nunca chegou...

[32:28] RITA: A senhora não conhece a existência de nenhuma, tá. Agora enquanto a iniciativa, postura, norma dentro da sala de aula, na verdade no espaço escolar, a senhora me responde que "tá" morno, "tá" apagado...

[32:46] A: É, "tá" meio... é.

[32:48] RITA: Ok. A senhora acha relevante e importante ou não para o corpo docente, para o corpo técnico escolar que esses temas sejam debatidos nas escolas do município de Santos, porque? Pensando no corpo docente e na equipe, a senhora acha importante?

[33:09] A: Eu acho. Eu acho importante porque a gente pode chegar aos alunos com mais propriedade, com mais segurança, com mais entendimento, você poder por na cabeça de todo mundo que isso faz parte da nossa vida "né", e que a gente precisa "tá" protegendo os nossos alunos "né", eu acho muito importante.

[33:38] RITA: Entendi, e esse corpo técnico e os professores eles fariam parte, na medida que eles debatem, por analogia, eles poderiam proteger, garantir...

[33:52] A: Sim, garantir, saber, ou então quando chegar uma situação como chega na mão da gente, e às vezes você não tem, sabe, qual o primeiro passo que eu devo dar pra "tá" ajudando essa criança, esse aluno? É bem por aí.

[34:11] RITA: Por esses motivos então a senhora entende como sendo relevante e importante o debate dos assuntos dentro da escola. Agora a senhora acha relevante e importante, na mesma linha de pergunta, ter a promoção desse debate nas escolas com o corpo discente, porque?

[34:34] A: Eu acho. Porque a gente já viveu mais ou menos isso um tempo atrás.

[34:38] RITA: Que a senhora trouxe a experiência... "tá".

[34:41] A: E eles ficam mais "atento" no que "tá" acontecendo com eles mesmo, no desenvolvimento do próprio corpo deles, do que está acontecendo, tem um entendimento, entende o que está acontecendo, não fica perdido, não fica uma coisa "meia" solta... Porque a gente na adolescência, a gente não sabe o que é, o que "tá" acontecendo... Essa transformação, pra esses alunos, nossa, foi assim, foi claro, foi nítido pra mim.

[35:13] RITA: Isso naquela linha do cuidado, da anatomia... Agora a senhora acha importante debater com o corpo discente a questão da diversidade sexual...

[35:24] A: Eu acho. Por conta também deles entenderem, porque eu acho que agora "tá" virando muito moda, dessa moda muitos vão querer fazer coisas que... É o que eu já percebi até... Ah, eu sou bi, eu gosto de mulher e não sei o que... Daqui uns tempos você vê essa pessoa namorando com um rapaz, noivando, casando... Quer dizer, entrou numa "vibe", numa... daquele modismo que "tá" muito aflorado. Então era bom ter essa orientação pra realmente perceber o que é, o que sente, se realmente a pessoa é, "né".

[36:14] RITA: Tá. Que profissionais deveriam, se for o caso, atuar em prol da promoção do debate em torno daqueles temas? Porque e de que forma eles deveriam atuar? Quais profissionais a senhora pensa que poderiam promover essas conversas em torno daqueles temas, quando a senhora pensa na dinâmica da escola...

[36:36] A: Assim, eu "tô" vendo assim, a escola... Eu iria pela pessoa que se interessasse mais, se engajassem mais, não interessa que matéria ela fosse... Era uma pessoa que a gente poderia "tá" contando, trabalhando e apostando nessa pessoa pra "tá"...

[36:58] RITA: Não num cargo efetivamente...

[37:00] A: Não, eu acho que assim, naquilo que a pessoa "tá", sente, que se identifique, porque é uma parte que tem muito tabu, é muito fechado, não tem tanta abertura, então a pessoa desenvolve e que tivesse esse entendimento e o interesse... eu vejo por aí.

[37:27] RITA: E como que eles poderiam atuar... como que esses temas poderiam ser debatidos se fosse o caso? Você pensa nessa identificação, o profissional que se identifique com os temas "né", mas efetivamente como que eles poderiam atuar, partindo do que, como é que eles fariam, um modus operandi, o que a senhora pensa num primeiro momento, como se daria isso na escola?

[37:52] A: Teria um projeto montado em cima "né".

[37:57] RITA: Seria uma coisa pontual.

[37:59] A: É uma coisa assim... que tinha um começo, mas você não tem um fim, porque você vai trabalhando vários assuntos aí, e você pode trazer com maneira de jogos, com maneiras de teatro, você tem a maneira de troca de ideias, um círculo de rodas, então você vai tirando da pessoa, você não joga o tema, entendeu? Você vai conhecer onde você "tá" e vai tirando dali pra saber o que você vai trabalhar com aquelas pessoas, entende? Eu acho que é o essencial, porque você vai já tirando da pessoa o que "tá" dentro dela.

[38:48] RITA: Entendi, então uma ideia inicial da senhora seria a pessoa se apropria do que acontece, do tema, se identifica, ela parte aí pra um grupo, pra um círculo, uma roda, e as coisas...

[39:03] A: Dali vão fluindo, você vai percebendo, daquilo que você vai tirando, qual a dificuldade que cada um "tá" tendo, qual o medo que tem, a pessoa tem, dali você dá pra fazer um trabalho maravilhoso em cima.

[39:18] RITA: E não uma coisa pontual...

[39:19] A: Não...

[39:20] RITA: Um projeto de continuidade, seria isso?

[39:22] A: É uma coisa assim que você vai levando, que isso é infinito, se você for ver é uma coisa que nunca termina, que cada hora aparece um ponto de diferença de não entender ou o medo muito profundo, às vezes tem alguns nossos que sofreram o abuso, até não entenderam o que aconteceu e dali viram uma outra pessoa... Então daí você vai fazendo um trabalho, neste grupo, que vai surgir muita coisa pra poder tirar dali.

[40:05] RITA: A senhora acha, e dentro do que a senhora "tá" falando que muita coisa pode tirar daí "né"... Perdão, tem uma pergunta anterior. A senhora acha ou não que haveriam pressões ou resistência de pais e/ou responsáveis de alunos...

[40:25] A: Com certeza.

[40:26] RITA: Pra implementação de política pública ou de qualquer iniciativa, como essa por exemplo, em prol daquele tema? Porque essa certeza?

[40:34] A: Porque eu acho que é um tema que já foi posto, mas já vem dos nossos avós, que é uma coisa proibida, entendeu? E eu não enxergo como dessa maneira, entendeu? Então você dando conhecimento, entendimento e trazendo "né" pra criança, pro adolescente ou pra nós mesmo, porque às vezes a gente pensa que conhece tudo e não conhece... É um crescimento pro ser humano. E, por outro lado, não tem esse entendimento pelo lado dos pais, eu acredito que esse trabalho deveria "tá" começando, quando for implantar em algum lugar, em quem vai ser feito, ver aonde "tá" a resistência, começar o trabalho com a resistência pra poder chegar aonde a gente quer chegar. Porque se você trabalhar aqui, até dentro de casa vai ter o entendimento, vai ter o apoio maior, entendeu? É o que eu tento fazer aqui, é trabalhar os nossos pais pra poder atingir o que a gente quer com os alunos.

[41:48] RITA: Fica mais fácil...

[41:50] A: Fica mais fácil, mais entendido, com a participação deles... vai porque você vai descobrir gente que vai poder te ajudar aí.

[41:58] RITA: Entendi. Por último, dona A, que outros aspectos sobre os temas a senhora gostaria de destacar?

[42:08] A: Como assim, que aspecto?

[42:13] RITA: É uma pergunta muito subjetiva, cada entrevistado entendeu a pergunta de uma forma "né". Esses temas da diversidade sexual, sexualidade, identidade de gênero e orientação sexual, eles trazem vários aspectos, "né". São temas polêmicos, "né". E dentre esses temas, que outros a senhora gostaria de destacar? A senhora, vou dar um exemplo de pessoas que foram por esse viés, a senhora citou um exemplo de uma possibilidade de um profissional que se identificasse e poderia fazer uma roda de conversa, coisas apareceriam. Então essas coisas, por exemplo, poderiam ser os aspectos, temas transversais, qualquer outra coisa que vem junto com esse bojo da diversidade, ou que complementa, ou que implementa "né". Então que outros assuntos relevantes dentro dos temas a senhora acha que é importante destacar?

[43:18] A: Eu acho assim...

[43:20] RITA: Ou por exemplo, desculpa, por exemplo que outros aspectos... Quando a gente fala desses temas, a gente tem esses aspectos a considerar...

[43:28] A: Não, o que eu vejo assim, com esse trabalho, eu sei que vai aparecer muitas coisas, e até chegar a você tirar da pessoa, que é muito tímida, um exemplo, uma vertente "né", que não se abre, não se fala... Você "tá" trabalhando a parte da sexualidade, aí no final você consegue pegar na parte, vai, emocional das pessoas, você tem uma vertente pra "tá" trabalhando isso que às vezes não tem nada a ver com a parte sexual, isso é um problema meu, ou teu, entendeu? É uma vertente que a gente tem aí, que a gente pode "tá" tirando e você descobrir muitas coisas nas pessoas, não sei se você "tá" me entendendo...

[44:20] RITA: "Tô". Mediante aos temas podem surgir coisas de outras naturezas...

[44:24] A: Podem surgir coisas que você nem imagina que poderia "tá" trazendo pra dentro desse trabalho... Nossa, eu "tô" aqui, "tô" visualizando... [risos]

[44:36] RITA: Eu "tô" entendendo o que a senhora quer dizer...

[44:39] A: Entendeu, e eu não sei se eu "tô" conseguindo me expressar pra você, então você pode ter até a parte da pessoa que tem uma dificuldade em estudo, entendeu? Ou então uma criança ou um adolescente que não saiba como estudar, como estudar, e a gente tem uma vertente aqui que a gente pode "tá" aproveitando pra muita coisa, entendeu? Que você vai mostrando, vai ensinando, vai falando e você vai abrindo um leque pra pessoa, eu não sei se você "tá" me entendendo...

[45:16] RITA: É, deixa eu ver se eu entendi mais ou menos... Trabalhando, vai, voltando nos temas, "né"... Você "tá" ali trabalhando um projeto, aí surge, talvez a gente vai conseguir ter naquele aluno, que alguma dificuldade que tenha a ver com a timidez dele, a dificuldade com o processo de aprendizado, vai de encontro aqui com algum sofrimento por causa desses temas...

[45:41] A: Isso. Ou então uma pessoa, que não tem nada a ver com a sexualidade, mas uma pessoa que não consegue se comunicar ou falar, porque se acha uma pessoa que não entende nada, porque se acha uma pessoa burra, se acha... entendeu? Não sei se você "tá" entendendo, nessa roda de trabalho você puxa muita coisa pra dentro...

[46:08] RITA: Entendendo esses aspectos como o que os temas poderiam suscitar...

[46:13] A: Poderiam suscitar... dali, é saber lidar, porque você vai abrir um leque de temas pra você "tá" trabalhando em cima com os alunos, até com os professores, seja lá como for, que você fizer, até com os pais, vai surgir muita coisa que não "tá" diretamente ligada com esse tema mas que você aproveitando, sai.

[46:42] RITA: Entendi. Dona A, terminamos, muito obrigada pela...

[46:48] A: Não sei se ajudei...

[46:50] RITA: Bastante, bastante, é a sua opinião sobre as coisas, é isso, era isso que eu precisava. Ok Dona A...

[47:00] A: E é uma visão "né" que, Nossa Senhora, se a gente conseguisse uma coisa assim "né"... seria muito bom. [risos]

[47:08] RITA: Obrigada novamente, viu.

[47:11] A: De nada.

Entrevistada B

[00:00] RITA: Bom B, boa tarde.

[00:04] B: Boa tarde.

[00:05] RITA: Antes de mais nada, eu quero te agradecer a prontidão "né", em responder as perguntas que fazem parte aí da pesquisa.

[00:15] B: Imagina, prazer.

[00:16] RITA: Eu... a gente vai conversar um pouquinho, eu pensei "num" roteiro de entrevista dividido em blocos que primeiro tem a ver com os seus dados pessoais, até pra eu entender de que lugar que você fala "né", da tua origem, do que permeia a tua... seus dados, suas relações familiares; depois eu fui pra uma trajetória de formação profissional, depois a da tua atuação "né" e o tema propriamente dito, em relação ao que você percebe, o que você entende, o que é relevante ou que não é, tá? E dentre esse roteiro tem as perguntas que vão também, que foram pensadas em bloco, pra que a gente possa ter um... um panorama sobre a sua... A pesquisa é diversidade sexual na escola, seu silêncio, seus tabus e preconceitos "né", e eu começo querendo saber o seu nome completo, a escola que você atua, qual o seu cargo nela.

[01:23] B: Tá. Sou B, estou sendo orientadora este ano na escola xx, ensino fundamental.

[01:35] RITA: Qual é a sua data de nascimento, seu sexo e sua naturalidade?

[01:41] B: Sou de Z, ZZZ, tenho ZZ anos, sexo feminino e eu sou natural de Santos.

[01:51] RITA: Seus pais, eles nasceram em que Estado?

[01:53] B: Então, o meu pai, ele é natural de Santos, a minha mãe nasceu em Portugal, em Tras dos Montes.

[02:00] RITA: Tá. Você tem alguma formação religiosa, ou é adepto de alguma religião, qual, e se você é praticante...

[02:10] B: Então, eu sou católica não praticante, não vou sempre à igreja, não praticante... Mas também gosto um pouco do kardecismo... Leio alguns romances espíritas, e eu gosto assim dessa linha, "né".

[02:30] RITA: Tá. Você se considera em que faixa de renda familiar? Classe média, média baixa, média alta ou outra classe?

[02:41] B: "Ah", eu acho que antigamente era classe média, agora eu já "tô" na média baixa "né", porque "tá" difícil a situação... [risos]

[02:49] RITA: Partindo pra sua trajetória de formação "né", onde é que você cursou o ensino médio, se escola pública, particular, e qual e o ano que "cê" concluiu...

[02:58] B: Então, eu sempre estudei na rede pública, estudei no Acácio o ensino médio, eu fiz técnico de contabilidade...

[03:06] RITA: O ano, "cê" lembra?

[03:07] B: O ano... 1981, 82 acho.

[03:16] RITA: A gente às vezes fica "quando foi?" "Tá". Em que Instituição você cursou a graduação e quando que "cê" concluiu?

[03:26] B: Então, eu tenho duas formações "né", a primeira Relações Públicas, comunicação social, eu estudei na UNISANTOS... Em 1989, terminei. Primeira. A segunda foi pedagogia na UNIMONTE, eu acho que eu concluí em 2003, 2004... Por aí.

[03:52] RITA: Seus pais ou/e avós, eles têm formação superior?

[03:59] B: Não, os meus avós eram analfabetos, mal sabiam ler "né" alguma coisa, aprenderam assim, muito pouco; a minha mãe e meu pai é aquele antigo primário, até a quarta série "né" que falava assim... Antigo primário, então, nenhum dos dois. Mas o meu pai era uma pessoa que lia muito e tinha uma profissão, e conseguiu se empregar bem.

[04:22] RITA: "Tá", então você é da primeira, você faz parte da primeira geração a ter o curso superior.

[04:26] B: Sim.

[04:28] RITA: Você tem irmão?

[04:29] B: Eu tenho irmãs.

[04:31] RITA: Elas têm curso superior?

[04:32] B: Todas. Nós somos em quatro, todas têm.

[04:35] RITA: Também na área de pedagogia...

[04:37] B: Tem uma que tem pedagogia, tem outra que é aquele administrativo lá... esqueci, administrador de empresas, ela inclusive é administradora de empresas, e a outra tem secretariado executivo.

[04:51] RITA: Você cursou pós-graduação, stricto sensu... lato sensu... Qual?

[04:58] B: Lato sensu.

[04:59] RITA: Em qual que "cê" fez? Qual foi o curso?

[05:00] B: Eu fiz pós em educação infantil, que eu sempre trabalhei em educação infantil.

[05:06] RITA: Em que Instituição e quando que "cê" terminou?

[05:08] B: "Ah", eu fiz na, de Carapicuíba, uma pós de interior... E concluí em 2011.

[05:21] RITA: Essa faculdade que "cê" fez, foi faculdade que você fez a especialização?

[05:25] B: Foi, de um ano, um ano.

[05:27] RITA: Um ano... Você não lembra o nome "né", só lembra que é em Carapicuíba...

[05:31] B: Não, desculpa, foi Faculdade de Pinhais.

[05:35] RITA: "Ah", Pinhais... É o nome dela?

[05:37] B: Faculdade de Pinhais, era em Pinhais mesmo, Faculdade de Pinhais, eu "tava" confundindo com outra que eu ia fazer.

[05:42] RITA: Você tem alguma especialização? Coursou alguma?

[05:49] B: Olha, além da pós "né" que eu fiz... não outra, eu tenho muitos cursos assim mas, mais cursos na área eu procuro fazer "né", mas mais especificamente não.

[06:05] RITA: "Tá", você tem cursos mas não especialização, "tá". Você teve alguma formação específica em temas, nesses temas que a gente vai trabalhar bastante, que tem a ver com a sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual ou identidade de gênero? Você tem alguma formação específica com um desses temas?

[06:26] B: Não, não tenho.

[06:27] RITA: "Tá". Agora a gente parte pra tua atuação. Há quanto tempo você atua no magistério?

[06:40] B: 11... 12 anos.

[06:41] RITA: Em quantas escolas você trabalhou nesses doze anos? Todas elas, todas.

[06:46] B: Eu acho que em 16 escolas.

[06:50] RITA: Em que níveis de ensino você já trabalhou?

[06:52] B: Então, só educação infantil, depois fundamental I e EJA.

[07:01] RITA: Você hoje trabalha em quantas escolas?

[07:06] B: É só em uma, só aqui.

[07:08] RITA: Salvo no município de Santos, em sua experiência profissional, que projetos e outras iniciativas escolares te marcaram, ou quais aqueles que você considera bem significativos e por quê?

[07:25] B: Projetos e experiências...

[07:27] RITA: Isso, algum projeto que dentro da sua experiência profissional te marcou.

[07:34] B: Então, assim, é um "pouquinho" lá atrás "né", antes de ser professora "né", então como eu falei, minha primeira formação era relações públicas, também tenho contabilidade e trabalhei muito na iniciativa privada, 11 anos. Então eu iniciei na Prefeitura fazendo um projeto, integrando assim "num" projeto de buscar as crianças que estavam evadidas da escola. Então chamava-se "Toda criança na escola". Então esse projeto, eu ganhava assim, um valor "x" pra fazer visita na casa dos alunos que estavam evadidos. Então foi uma experiência, assim, achei importante e gratificante também, porque eu comecei a perceber uma necessidade "né", de uma realidade que a gente não conhece, então eu fui visitar por exemplo... Favelas, porque "que" o aluno não vai pra escola? Então tinha umas perguntas pra fazer, um questionário. "Ah, a criança não vai pra escola porque?", então, "n" coisas. A mãe trabalha e deixa o filho em casa, sozinho, o maior tomando conta dos menores... Ou aquela mãe que não quer nada, não acorda e não manda o filho. Miserabilidade, não conhece uma praia estando em Santos... Enfim, não sai daquela rua. E isso existe, a gente acha que isso é "num" lugar distante mas não, na nossa cidade existe pessoas com essa carência mesmo, então fica naquela "mesmice", naquele círculo ali que parece que nunca vai sair daquilo. E de repente a educação poderia transformar, só que você não vê isso acontecendo. Então essa iniciativa também que eu era jovem e não entendia nada de educação, digamos assim "né", na área da educação, isso me chamou muita atenção, me marcou, porque quando eu parti pra educação eu sei dessa carência que existe.

[09:32] RITA: E você viu, então, é um projeto que tem a ver...

[09:35] B: Com a educação.

[09:36] RITA: Com a educação, mas você ainda não era...

[09:39] B: Não, educadora. Eu não era educadora e fui fazer porque eu precisava de dinheiro, aí eu soube. Aí eu fui lá, me inscrevi "né", precisava de uma "graninha" e fui pegar aqueles alunos pra buscá-los pra trazer pra escola, e baseado nesses dados, a gente entregava lá na SEDUC, e daí eles tinham todo um levantamento "né" pra que essas crianças retornassem.

[10:02] RITA: E foi marcante porque você se deparou com a realidade de vida deles, foi isso?

[10:05] B: É, uma realidade diferente "né", que a gente ouve falar e assim, marcante porque? Porque assim, tão próximo a nós... porque a gente vê muito na televisão, naquelas cidades de interior, mais no Nordeste, "tipo, vamo" colocar por exemplo... "Interiorzão" também. E aí a gente "tá numa" cidade, assim, turística, um litoral... "sei lá"... E aí tem essas pessoas com esses pensamentos, com essas dificuldades "toda".

[10:33] RITA: Salvo no município de Santos, na sua experiência profissional ainda "né", teve alguma política pública ou alguma iniciativa escolar em prol dos temas, até onde "cê" sabe "né", sobre os temas da diversidade sexual, sexualidade, orientação sexual ou identidade de gênero? Fora o município de Santos, você conhece alguma iniciativa escolar nesse sentido, você atuou?

[11:00] B: Não, então, iniciativa assim eu não conheço, porque também como eu fico muito aqui na, "sei lá", eu fico atida aqui nesses detalhes da nossa realidade aqui na escola... Mas eu fiz, participei de um seminário "né", que a gente tem a semana da educação, e teve uma palestra "né", fez parte de uma semana da educação sobre diversidade sexual.

[11:22] RITA: Em Santos?

[11:23] B: Em Santos.

[11:24] RITA: Fora Santos você não conhece nenhuma outra iniciativa escolar?

[11:29] B: Não, não conheço.

[11:30] RITA: "Tá", você só teve então, teve nessa semana da educação em Santos... sobre a diversidade sexual.

[11:38] B: Isso, teve...

[11:40] RITA: E há quanto tempo você trabalha na educação escolar de Santos?

[11:44] B: Então, eu comecei trabalhando na creche "né", então eu "tô" na Prefeitura há 22 anos.

[11:50] RITA: Há 22 anos você atua em escolas do município... Em Santos, você trabalhou em quantas?

[11:55] B: Não, então, foi em 16.

[11:57] RITA: "Ah", você só trabalhou em Santos, em escola...

[12:00] B: Em escola só em Santos, 22 anos, 16 escolas. Eu trabalhei em iniciativa privada.

[12:06] RITA: Mas em Santos também ou fora?

[12:07] B: Em Santos, em outra área, eu trabalhava em empresa, na [12:11]

[12:12] RITA: "Ah" sim, não na educação... "tá". Em quantas escolas... bom, você hoje só trabalha nessa, você já disse "né", agora pensando nas escolas do município "né"... Que projeto, você já como educadora, que projeto te marcou e o que "que" você considerou muito significativo e porque?

[12:33] B: Que eu tenha feito, realizado?

[12:35] RITA: Que você tenha participado, ou que você tenha feito... Você disse de uma experiência que foi muito importante, mas você ainda não era da educação, apesar de ter sido um projeto na educação. Mas enquanto educadora...

[12:48] B: Atuando "né"? "Ah" então, eu participei como orientadora, elaborei um projeto de... como orientadora, de inclusão, então assim, eu percebia que os pais de alunos de inclusão, eles são uns pais assim... inseguros e depositam uma expectativa na escola pro retorno do seu filho, pra melhora do seu filho, pra que aconteça uma mudança assim mesmo. Então eu sentia que esses pais precisavam ser acolhidos na escola, e precisavam se sentir seguros pra poder deixar os seus filhos, confiar os seus filhos na escola. Então baseado nessa carência que "vamo" dizer assim, eu detectei, achei "né", da minha cabeça, eu fiz um projeto. Então eu trouxe alguns profissionais da área assim... Em termos de psicologia, pra falar sobre algumas problemáticas "né". "Vamos falar hoje sobre o que que acontece com criança autista, as necessidades deles, de que forma a gente pode ajudar", então foi partindo daí. Trouxe neurologista, neurologista não, neuropsicóloga, pra fazer uma palestra pros pais e uma conversa assim, só que ficou fechada "praqueles" pais só de inclusão e a gente não acabou estendendo pra outros, "né". Mas eu achei que foi uma coisa, foi importante.

[14:17] RITA: É significativa porque você achou que com este projeto, os pais...

[14:24] B: Eu achei que eles iam ficar mais seguros, iam confiar mais na escola "né" e ampliar, tirar as dúvidas, ampliar o conhecimento, trazer questionamentos, pra ser mesmo uma parceria "né", pra ajudá-los.

[14:49] RITA: No município de Santos, houve alguma política pública ou iniciativa escolar em prol dos temas da sexualidade, orientação sexual, diversidade sexual e/ou identidade de gênero?

[15:02] B: Então, você fala pros próprios alunos?

[15:04] RITA: Uma política pública, você conhece alguma que, dentro... como iniciativa escolar, que aborde esses temas, você conhece? Pra aluno, pra pai, seja pra quem for.

[15:08] B: Ai, política pública... não, não acredito que eu tenha visto não. Eu já tive na escola sim, algumas palestras... Eu acho até que o pessoal da saúde de repente foi na escola falar com os professores, mas assim, em termos de falar sobre sexo, sobre doenças, sobre prevenção, precaução, e não exatamente sobre diversidade sexual... É um outro viés, "né". Então isso...

[15:45] RITA: É na linha da prevenção...

[15:46] B: É, isso eu lembro que eu participei sim "né" pra falar, mas em outra linha, não de diversidade, eu não conheço mesmo assim.

[15:56] RITA: Agora fazendo, agora mais especificamente sobre o tema. Você vai me definir, dentro daquilo, sem concepção se o que você vai dizer "tá" certo ou errado "né", que antes da gravação você falou "ai eu não estudei sobre", não, é o que você pensa mesmo "né". Pra você, o que vem a ser sexualidade?

[16:28] B: "Ah", sexualidade é o seu corpo "né", o que você se sente, o que você sente "né", acho que, pelo que eu imagino também assim, eu me sinto do sexo feminino "né", então é isso, você com relação ao seu sexo.

[16:56] RITA: E quando eu falo diversidade sexual?

[16:58] B: Então, a diversidade sexual então eu penso que existe o sexo feminino, o sexo masculino, e existe o que você gosta, o que você se identifica, que de repente você pode ser do sexo feminino e gostar do sexo feminino, você ser do sexo masculino e gostar de outro sexo, ter essa... essa amplitude, "vamo" dizer, diversificado "né", diversidade. Não sei se "tá" certo. [risos]

[17:35] RITA: É como você vê mesmo, como você entende. A pesquisa ela parte disso assim, do entendimento de algumas coisas por parte dos educadores.

[17:45] B: Eu acho que diversidade é isso "né", que as pessoas podem ter as preferências "né", as opções, independente se seja feminino ou masculino, independente do que ela é.

[17:55] RITA: E isso pra você é diversidade?

[17:57] B: Eu acho que é.

[17:58] RITA: E orientação sexual? Quando eu falo isso, orientação sexual, que "que cê" define?

[18:05] B: Ai, orientação sexual... Vamos dizer assim, eu fui orientada, eu sou menina, sempre fui orientada pela minha família que sou menina e vou gostar de um homem, vou ter um homem, vou ter um marido, e acho que isso é uma orientação. Aí eu tenho meu filho, que ele é pequeno, então eu também oriento ele que ele é masculino, que gosta de menina...

[18:30] RITA: Entendi, isso é uma orientação sexual pra você? "Tá". É orientar, você foi na sua análise, você foi orientada e orienta os seus pelo sexo biológico a gostarem, é isso?

[18:46] B: É, uma orientação, diria isso.

[18:50] RITA: A gostarem ou exercerem práticas, eu não sei como é que você pensa...

[18:53] B: Do sexo oposto, exatamente. Somente. Eu oriento meu filho dessa forma ainda, talvez esteja errada "né" devido a diversidade sexual, mas assim, tenho essa orientação, então eu diria que é isso. Claro, e tem a orientação de que a gente tem que se cuidar, essas coisas todas "né", de se preservar, de se cuidar... Então tudo isso acho que passa por uma orientação sexual.

[19:19] RITA: Identidade de gênero? Quando eu falo isso assim, que "que" você pensa, que "que cê" define ser identidade de gênero?

[19:27] B: Então, identidade de gênero... A gente tem o gênero masculino, o gênero feminino, agora a pessoa... o que "que" é identidade de gênero? Gênero eu acho que hoje, hoje "tá" assim, a pessoa, ela tem que se reconhecer, eu sou feminina mas eu me reconheço como feminina? Então eu acho que a identidade de gênero é a pessoa se reconhecer naquele sexo que nasceu ou não. De repente eu nasci feminina "né", nasci mulher, mas eu me reconheço que gosto, que não sou, que tenho atitudes ou outros gostos que não no que eu nasci biologicamente. Então eu acho que identidade de gênero é a

pessoa se reconhecer, do que gosta, não porque nasceu ou homem ou mulher, entendeu? Mas podendo mudar. Então eu penso que a pessoa vai se identificar com o que ela sente. Aí eu penso que pode ser isso a identidade de gênero, ela se identificar com o que ela sente independente de ela ter nascido masculino ou feminino. Também não sei se "tá" certo, não sei se é isso a identidade de gênero, mas eu acho que é a pessoa se identificar com uma situação, com uma vontade.

[20:56] RITA: Tem a ver com a vontade?

[20:57] B: Tem a ver com a vontade, como ela se vê, como ela se reconhece? Eu na faculdade tinha amigas que desde jovem, desde os 14 anos, 15, que elas já "gostava, né", já se via menino, já se via de outra forma. Então aí eu acho que é essa mudança, que é essa identidade, que ela vai se descobrir.

[21:24] RITA: Ok. Quantos livros e/ou textos, afins, você já leu sobre esses assuntos?

[21:35] B: Olha, na verdade acho que eu li pouco, alguma coisa de revista, alguma coisa de jornal, assim de buscar um livro mesmo do tema, não, mas já li algumas coisas quando você faz um curso "né"... Pouca coisa, tanto que eu não sei muito não sobre, não me aprofundei.

[21:53] RITA: Então você se informa sobre esses assuntos quando você "tá", teve um curso, é isso? Aí você tem acesso ao material, aí você lê sobre ele.

[22:06] B: Exatamente.

[22:07] RITA: E qual foi a última vez que você se informou sobre esses temas, os meios você já me respondeu, mas quando foi a última vez que você se informou sobre isso?

[22:17] B: Então, que eu fiz esse curso acho que tem uns dois anos que eu participei aí desse encontro "né", e li sobre, escutei sobre transexualidade, sobre assexualidade, já tem uns dois anos que eu li, faz tempo que eu não leio nada a respeito.

[22:37] RITA: Você os acha relevante ou não pra sociedade brasileira contemporânea e pro município de Santos? Por que? Você acha que esses temas são relevantes ou não são relevantes?

[22:50] B: Eu acho que é relevante hoje em dia sim, eu acho até que na minha atuação eu tenho que buscar mais, porque os jovens hoje em dia, eles estão se permitindo muitas coisas na sua sexualidade, na sua descoberta, na orientação "né"... E aqui na escola a gente depara com algumas coisas assim "né". É que como eles ainda são pequenos mas a gente acaba tendo que falar, embora seja às vezes um tabu "né", o que você vai falar exatamente porque são crianças pequenas, mas que... "Tá" aí a curiosidade presente "né", e faz parte do ser e do corpo e tudo. Acho que é relevante, eu acho que tem que ser tratado, mas a gente tem barreiras, barreiras de preconceito e tabu.

[23:41] RITA: Mas você acha importante trabalhá-los, e no município de Santos em particular e também porque é um assunto do contemporâneo...

[23:55] B: Do atual, é um assunto moderno que as pessoas estão vivenciando, e eu acho que a gente tem que abrir. Eu acho que a escola ainda é fechada pra algumas coisas, eu digo o município "né", porque você vê [24:10] aberta, o município ainda é fechado... Mas eu acho que de repente pela própria comunidade que atende...

[24:18] RITA: Então você acabou me respondendo se, porque quando eu perguntei sobre a relevância do tema, pensado num olhar macro "né", não só a escola, mas a pergunta a seguir é se você acha que deveria, a escola tem esse papel "né", se ela deveria atuar em prol desses temas, e você já me respondeu que acha que sim, não é isso?

[24:44] B: Eu acho, porque por exemplo, você vê um aluno... Veja bem, eu "tô" falando que eu "tô" numa escola infantil, de educação fundamental I, que no máximo eles têm 10, 11, 12 anos, ainda são pré, são crianças "vamo" dizer "né".

[25:01] RITA: Mas aqui tem EJA "né"?

[25:02] B: Tem EJA a noite. Isso. Então, mas assim, "vamo" dizer, as crianças, mas eles aqui se tratam com uma falta de respeito e também envolve o lado sexual, porque eles, um falou assim pro outro "mas esse é gay, essa é sapatão", "né", o que "que" é isso "né"? Então, quando você, se você consegue tratar alguma coisa já nesse sentido, já fazer essa iniciação, trazer tema, trazer o assunto, quem sabe abordagem não fica correta, exista mais o respeito "né", exista o esclarecimento...

[25:39] RITA: Entendi, já com essa faixa etária, pensar talvez, se fosse conversado...

[25:47] B: Pudesse ter essa mudança. Porque eu tenho uma conversa, quando eu trago, quando aparece a problemática eu não vou na sala de aula falar pra um todo, eu pego esses alunos que estão se agredindo ou falando, porque o outro não gosta, acaba sendo uma agressão pro outro, claro, porque ninguém tem a ver com o sexo do outro, é uma coisa também que é particular. Ninguém tem que falar, eu sou isso, eu sou aquilo, eu gosto desse, eu gosto daquele "né". Eu acho que a gente não tem que invadir a privacidade de ninguém, então no particular eu chamo e converso nesse sentido. Então de repente também a minha abordagem não é, assim, não tem uma gama de conhecimento pra falar, mas eu falo de uma forma que eu quero respeito e achar que a gente tem que cada um decidir o que quer ser da vida.

[26:37] RITA: Você conhece alguma política pública municipal, estadual ou federal voltada pra esses temas? Você, se não conhece, você acha que deveria haver ou não?

[26:51] B: Então, eu acho que tem que, deveria haver porque é um tema que "tá" aí "né", a gente não pode fechar os olhos pra ele...

[27:02] RITA: Precisaria ter... Você conhece alguma política pública para além da esfera da educação, alguma política pública que trabalhe esses temas?

[27:13] B: Não, então assim, eu não conheço, não tenho acesso.

[27:17] RITA: Você conhece alguma lei ou alguma norma jurídica municipal, estadual ou federal voltada pra esses temas? Alguma lei ou alguma norma jurídica voltada pra isso?

[27:37] B: "Ah", então, eu

[27:37] B: "Ah", então, eu sei que tem uma lei que a gente tem que atender "né", o municípe da forma que ele quer ser chamado, conforme a sua identidade, então eu sei que tem uma lei para o tratamento...

[27:55] RITA: Municipal...

[27:58] B: Uma lei municipal. Pro tratamento tem, essa eu conheço, agora...

[28:03] RITA: Além disso não, a nível estadual, federal não... Você conhece alguma orientação pedagógica municipal, estadual ou federal que abordem esses temas? Alguma orientação, é, bem isso, bem da área de educação...

[28:16] B: De que tenha vindo "né", de cima pra baixo, de trabalhar... Assim, agora eu não me recordo, mas eu acho que a gente tem que trabalhar a transversalidade "né"...

[28:26] RITA: "Cê" acha que tem que ter?

[28:27] B: É.

[28:28] RITA: Você não conhece da existência mas você acha que seria importante ter...

[28:33] B: Agora eu não conheço se tem, eu tenho que verificar, talvez até tenha "né".

[28:37] RITA: Não, não, é o que você conhece mesmo, você não conhece nenhuma, "tá". Você sabe o que "que" os parâmetros curriculares nacionais ou as bases nacionais curriculares comuns trazem sobre esses temas?

[28:52] B: Então, eu acho que tem alguma coisa assim nos parâmetros curriculares. Eu acho que tem, tem.

[29:04] RITA: Nas bases você desconhece...

[29:08] B: Não...

[29:09] RITA: "Tá"... Você conhece alguma postura ou alguma iniciativa, alguma norma ou alguma orientação do município em relação a esses assuntos?

[29:18] B: De trabalhar o gênero?

[29:20] RITA: Pra trabalhar todas essas questões... essas questões ligadas aos temas, diversidade sexual, sexualidade, orientação sexual ou identidade de gênero, você conhece alguma iniciativa no município como um todo em relação a esses assuntos?

[29:35] B: Ai, no município como um todo acho que não.

[29:37] RITA: Você acha que deveria haver ou não?

[29:40] B: Eu acho que deveria haver.

[29:44] RITA: Você conhece alguma postura, iniciativa, norma ou orientação do município em relação a esses assuntos no espaço escolar? Voltada agora para a educação, você conhece alguma norma, alguma orientação, alguma iniciativa que se atenha a esses temas no espaço escolar?

[30:09] B: Não, a gente não tem feito, se tem...

[30:12] RITA: Você desconhece "né"... você acha que deveria haver ou não?

[30:15] B: Acho que deveria.

[30:17] RITA: Pelos motivos que você trouxe "né", a questão do respeito... A questão do conhecimento...

[30:26] B: É, porque assim, a gente pode entrar, tudo depende da faixa etária, então por exemplo, você não vai falar pra um primeiro ano, uma criança pequena, você já vai falar com essa que "tá" aí pra pré, "né"... e aí ir passando, quando você fala já do corpo humano, aí você já vem falando... Apesar de ter uma resistência e tabu "né" pelos pais...

[30:55] RITA: Eu trago mais pro "finalzinho" questões relacionadas a isso. Apesar de você desconhecer de alguma iniciativa no espaço escolar, mas você acha que seria importante ter porque você poderia fazer um link, um gancho, a partir de uma... me corrige "tá", se eu "tiver" errada, apesar de uma, a partir de uma aula aonde a política pedagógica da escola trabalhe o corpo, qualquer coisa nesse sentido, você "linkaria"... "tá". Você acha relevante e importante ou não para o corpo docente e para o corpo técnico escolar que esses temas sejam debatidos nas escolas do município de Santos? Por quê? Você acha que é interessante conversar sobre essas, esses temas que a gente vem abordando com o corpo docente e com a equipe técnica e porque "que" você acha importante? Agora "vamo" deixar os alunos, que "cê" pensa muito nos alunos "né", pensando nos educadores, tanto do corpo técnico, da equipe técnica, como os professores, você acha relevante ou não o diálogo sobre esses temas?

[32:11] B: "Ah", eu acho relevante porque hoje em dia a gente "tá" lidando com... porque tudo que a gente vai fazer, vai passar lá no aluno também "né", porque são temas novos, atuais, uma mudança de comportamento, de sociedade... E a gente tem que "tá" se adequando, então a gente tem que "tá" aberto a mudanças, então a gente tem que abrir a nossa cabeça também e buscar o conhecimento. Que nem quando no começo eu falei, que realmente eu não tenho conhecimento sobre isso exatamente, mas são temas atuais que a gente tem que buscar e a gente acaba falando muito da nossa grade, porque não faz parte da grade, faz parte da grade? Não...

[33:01] RITA: Grade que "cê" chama é da formação?

[33:03] B: Do nosso currículo, "né"... eu dou português, matemática, ciências, "tal, tal, tal, né", então eu não passo por esse caminho propriamente dito. Eu não falo de identidade de gênero sexual, eu não tenho uma matéria de amor "né", eu tenho uma matéria sobre

isso? Eu não tenho. Então, logo, logo a gente não discute, a gente não tem esse campo de conhecimento eu acho, não sei se eu "tô" falando errado mas a gente acaba não discutindo isso, não trazendo em pauta muito... A gente sabe que existe, a gente sabe que existe uma discussão social pra isso, mas a gente às vezes não traz exatamente pra nossa reunião, pra nossa discussão, pra nossa formação.

[34:00] RITA: E você acha que deveria? Pelo que você "tá" dizendo.

[34:03] B: Então, o que "que" eu acho que eu deveria, porque na prática quando você encontra os adolescentes, quando você encontra essas questões, aí você já começa a ver a importância do esclarecimento correto. Porque se você não tem informação você não tem como fazer o esclarecimento correto, porque que nem eu agora, eu "tô" falando baseado "né"... nesse meu conhecimento de vivência, mas eu não busquei isso ainda, eu tenho pouco. Eu fui ali num curso, eu ouvi "né", mas "tá", eu não "tô" em prática, então eu não busquei, mas a gente tem que buscar porque faz parte da nossa prática. Então tudo que faz parte da nossa prática, é esse tema? Vamos falar sobre esse tema. É outro tema? Nós "vamo" falar. O que tiver sendo busca da sociedade, mudança e tudo, e comportamento, tudo reflete na escola.

[35:07] RITA: E a escola deveria, na sua concepção, dialogar.

[35:11] B: Dialogar, abrir um espaço "né" pra isso.

[35:17] RITA: E você acha, você falou um "pouquinho" da tua prática quando surge uma questão que envolva um dos temas, você chama as crianças envolvidas e procura trabalhar principalmente o valor ligado ao respeito e "tal". Mas além disso, você acha que é relevante ou importante pro corpo discente, agora pros alunos "né", que esses temas já sejam debatidos nas escolas do município de Santos e por quê? Não o [35:49] quando tem um problema, mas conversar com a gama de alunos sobre essas questões, você acha que é importante, relevante, por quê? Ou não.

[36:07] B: Então, por aquilo que eu falei mesmo, eu acho que quando surge essa problemática, se é abordado ali na aula de repente minimizaria, traria um conhecimento maior, talvez por isso também "né".

[36:34] RITA: Entendi, então pelo que eu acho que entendi, se esses temas fossem abordados em sala de aula, talvez evitariam, o conhecimento permitiria outros comportamentos.

[36:49] B: Outros comportamentos, porque talvez diminuísse essa que a gente diria falta de respeito, preconceito "né"...

[37:01] RITA: E que profissionais, se fosse o caso "né", você acha que deveriam atuar em prol da promoção do debate em relação aqueles temas? Porque que você pensa no primeiro momento nestes profissionais pra debater o tema e como que eles deveriam fazer?

[37:24] B: Seria um campo de atuação "né"... um profissional da área "né", estaria mais ligado "né". Então, aí você pegou, porque quando... na escola do meu filho eu vivenciei ano passado uma coisa assim, polêmica, quando eles começaram a aprender sobre corpo

humano e reprodução, os órgãos masculino e feminino, tiveram assim alguns pais, um grupo, que foi contra. "Onde já se viu aprender tal coisa e tal coisa", por quê? Porque as crianças, nessa aula que eu acredito que foi ciências, que nessa aula que começaram a aprender sobre o corpo humano, eles despertaram a curiosidade. Aí veio o sexo, porque falou do aparelho reprodutor masculino e feminino ali. E daí foram surgindo questionamento dos adolescentes, e os professores foram explicando, e os pais não gostaram. "Onde já se viu a minha filha aprender que faz filho tendo uma penetração"? Eu sou muito contra esses grupos porque, como eles não são professores e eu "tô" na área, muito difícil eu me fazer entender e eu não coloco assim o meu pensamento no grupo que... não gosto. Aí eu simplesmente falo o seguinte, que eu achei ótimo porque às vezes eu não sei como abordar "tal" assunto com o meu filho e a escola fez isso pra mim de uma forma correta. Eu tenho assim, eu não sei "filho, vem aqui, vamos sentar, vamos falar sobre sexo, olha você tem o pênis, a menina tem a vagina, não sei o que, é assim, é assado, tal", então de repente eu tenho uma vergonha com o meu filho, eu não tenho jeito de chegar com o meu filho, mas na escola ele aprendeu de forma certa. A professora "tá" lá explicando, e ela mostrou, e foi surgindo a dúvida deles e eles foram perguntando e o negócio foi além "né", aí foi indo, foi indo e abriu os horizontes dele, então ele sabe da forma correta! Então eu achei ótimo, enquanto eu achei ótimo, uns pais, por preconceito, "ai minha filhinha de dez anos não pode saber disso". Aí onde eu digo que a gente aqui na escola, ainda mais municipal, vai sempre esbarrar "né", nessa problemática também.

[39:54] RITA: Você trouxe a experiência do teu filho que foram os professores "né". Você pensa em quais profissionais aqui na tua realidade que dariam, poderiam falar em prol do diálogo em relação a esses temas que a gente vem conversando, sobre diversidade... Que profissionais você pensa que poderiam falar? Por quê? Como eles poderiam fazer pra atuarem em prol desse diálogo?

[40:31] B: Ai, eu acho por exemplo que na área mesmo das ciências, eu acho, porque envolve todo um... sei lá, o organismo, envolve a química, envolve o corpo e daí vai... Porque é uma questão também, tudo bem, não é uma questão só de corpo, mas quais profissionais a gente tem "né"? Eu não sei, acho que por aí.

[40:55] RITA: No primeiro momento você pensa nos profissionais de ciência, os professores de ciência.

[40:58] B: É, no primeiro momento eu penso assim partindo disso, dessa parte. Se bem que tem a ver também, eu não sei, acho também que tem a ver com questões emocionais, mas aí a gente não tem outros profissionais...

[41:14] RITA: O profissional que daria o "start" seria o professor de ciências, em primeiro momento?

[41:17] B: Eu acho que ele poderia alavancar...

[41:18] RITA: E de que forma que eles deveriam atuar? Pensando nesses profissionais de ciências, você meio que já respondeu, é o corpo, que vai "linkando"...

[41:28] B: É, você vai vindo com tudo "né"... Eu parto dessa lógica, mas poderia ter, eu não sei...

[41:37] RITA: E como esses temas deveriam ser debatidos?

[41:40] B: Em outras faculdades aí do, não sei, Estados Unidos, Harvard, algumas assim, tem profissionais do amor "né", tem professores que falam sobre o amor, eu gostaria de dar aula sobre amor.

[41:53] RITA: É, mas aqui a gente ainda não tem, ainda estamos no mundo real "né". Mas como que eles deveriam, esses temas deveriam ser debatidos na escola, se fosse o caso? É aula disso, é durante a aula, com o professor de ciências partindo aí do que você no primeiro momento projetou "né". Como que ele faria isso no cotidiano...

[42:20] B: Ou poderia ser também multidisciplinar, não poderia ser multidisciplinar? Porque você não tem "né", no fundamental I você não tem um professor que dá aula de ciências, tem só aquele professor na sala de aula. "Cê" só tem aquele, porque você vai ter inglês e educação física, por exemplo. Então se você só tem aquele um professor tem que falar de tudo, então esse professor é que vai falar.

[42:43] RITA: Mas pensando num EJA, fundamental II...

[42:47] B: Pensando num EJA...

[42:48] RITA: Fundamental II, que professor, quem você pensa que poderia trabalhar, se é que você pensa que deveria trabalhar essas questões, seria o mesmo de ciências, na mesma lógica?

[43:03] B: Acho que continuaria na mesma lógica, eu não vejo outro.

[43:07] RITA: E como esses temas deveriam ser debatidos...

[43:09] B: Não sei, professor de português... Porque professor de português?

[43:13] RITA: Professor, seria professor, na sua lógica seria professor... Primeiramente você pensou no de ciências, é pensar, não tem resposta certa nem errada, é de que como que você imagina a promoção dessa discussão, dentro da escola, com quais profissionais, com quem, e de que maneira ele faria isso, no horário da aula, no contra turno...

[43:41] B: Mas você acha que poderia dar, mas quem daria, porque quando a gente fala em...

[43:45] RITA: Eu não posso achar [risos]

[43:46] B: Eu sei, mas quando a gente fala em aula, a gente fala em professor, "vamo" dizer assim, então por isso que eu penso num professor, numa matéria. Mas claro, a gente pode pensar em um profissional, que não professor, que entendesse bem do assunto e viesse dar aula.

[44:01] RITA: Que também seria uma outra alternativa?

[44:02] B: Seria.

[44:03] RITA: "Tá", e sempre nesse modelo de aula, é isso?

[44:08] B: Eu não sei, eu acho que ultimamente... eu acho que hoje em dia, pra EJA, a aula "tá" tão saturada, o negócio tem que ser dinâmico. O aluno não quer mais vir pra escola e ficar sentado atrás de uma mesa ali, numa cadeira, o negócio tem que ser mais dinâmico "né", eu acho que "cê" tem que passar filmes polêmicos sabe, "vamo" pensar num filme, "vamo" elaborar um teatro, "vamo" falar vivências, trazendo textos. Então, por exemplo, o professor de português pra EJA poderia elencar, "vamo trazer textos? vamo falar junto e vamo construir junto?" Porque na verdade não tem certo e errado. Porque você tem conceito, quando você fala de orientação sexual você tem um conceito, "orientação sexual é isso". Quando você fala de sexualidade você tem um conceito, "sexualidade é isso", então existem conceitos. Mas quando você fala em diversidade sexual, eu acho que os conceitos estão sendo montados, porque vai depender do que cada um sente que é pra si. E eu acho que, de repente, você, um professor qualquer, que nem, eu coloquei ciências porque eu "tô" pensando aqui nos menores, mas "vamo" falar nos maiores, na EJA, no fundamental II que já tem outra cabeça, os maiores. Você pode, qualquer professor, aí pode ser multidisciplinar. "Hoje nós vamo trazer o tema de diversidade sexual, tal coisa". E aí o professor de matemática vai trabalhar "tal" coisa, o professor de história vai trabalhar não sei o que, eu vou fazer um teatro, vou fazer um cartaz, vou fazer uma palestra, "vamo" falar todo mundo junto, então eu acho que pode ser dinâmico. Eu acho, e com todos, envolvendo todos, multi "né", pode usar todas as áreas, cada um vai trabalhar de uma forma com aquele tema.

[46:02] RITA: E não vai ser uma coisa pontual, pelo que você "tá" trazendo, pelo que eu "tô" entendendo. É um projeto.

[46:08] B: É um projeto, é um projeto. Eu acho que projeto também é legal, porque todo mundo trabalha.

[46:12] RITA: Coisas contínuas...

[46:13] B: Porque todo mundo trabalha, entendeu? Você começa, começo do ano, "vamo" trabalhar "tal" coisa, e cada um vai pegar pra si, "eu vou abordar", fazer de uma forma diferente. Eu acho até que, de repente, se tem alguma coisa na base comum curricular pode ser dessa forma, multidisciplinar. Porque você não tem um professor específico, tirando a parte de ciências que você pega o gancho, mas eu acho que o que pode "tá" sugerindo seja multidisciplinar.

[46:43] RITA: Você acha ou não que, meio que você já respondeu também pensando na lógica dos menores "né", que haveria pressão ou resistência de pais ou responsáveis de alunos pra implementação dessas políticas públicas ou de qualquer iniciativa escolar em prol daqueles temas?

[47:04] B: Essa pergunta você já tinha "né"... Não, então, eu acho... Eu acho...

[47:10] RITA: Que haveria resistência, pressão dos pais ou responsáveis se a gente fosse pensar no diálogo, ou já na política pública, ou uma iniciativa como essa que você pensou?

[47:23] B: Eu acho, porque assim, porque na verdade a gente ainda, nós ainda somos, não vou falar, nós temos preconceito, a sociedade no geral porque eu acho que alguns pais poderiam pensar quando você fala da diversidade de gênero também "né", identidade, que você pode "tá" fomentando, que você pode "tá" incentivando, quando você pensa que está só esclarecendo, que na verdade quando eu comecei falar eu falei de uma forma, respeito esclarecer, respeito esclarecer, que cada um pode ser o que quiser e o outro não tem que saber de nada, tem que só respeitar todo mundo como tem que respeitar o alto e o baixo. Mas eu acho que aí tem essa parte, que alguns vão pensar "né", como eu penso, por exemplo, quando eu vejo as novelas que você coloca lá, tudo quanto é homem com homem, mulher com mulher, não sei o que, não sei o que... Eu acho tão que eles querem, eu acho tão massificante, que de repente eu tenho a liberdade de mudar de [48:40]... Mas eu acho que na escola os pais viriam aqui falar que você "tá" falando "tal" coisa. Eu acho que isso é uma briga... Não sei, é uma discussão grande "né", na escola, pros menores, não digo pros maiores "né".

[49:00] RITA: Você não diz pro EJA... Pro EJA não...

[49:02] B: Não, eu não digo pro fundamental... não, pro ensino médio "né", porque fundamental II eles ainda "tão" sexta, sétima, oitavo ano...

[49:12] RITA: Oitavos, nonos anos... Você acha que seria...

[49:13] B: Ainda eles tem doze...

[49:19] RITA: Teriam treze, catorze anos... Ou catorze, quinze anos...

[49:20] B: É, meu filho tem doze, "tá" no sétimo. Treze, catorze.

[49:22] RITA: Você acha que teria pressão?

[49:24] B: Eu acho, até no fundamental II teria.

[49:27] RITA: Pelos mesmos motivos?

[49:29] B: Pelos mesmos motivos...

[49:30] RITA: Porque os pais iriam achar um incentivo, um estímulo dado para...

[49:34] B: Porque assim, ao mesmo tempo que, que nem eu "tô" te falando lá na escola do meu filho, que nem eu "tô" te falando isso, que só porque eles perguntaram de uma forma mais aberta e o professor explicou na posição dele, qual o problema? Curiosidade. Eu achei ótimo, ele está aprendendo corretamente. O outro achou "não, onde já se viu, minha filha não sabe nada disso". Sabe? Então, é a verdade.

[50:02] RITA: E que outros... pra terminar, que outros aspectos sobre os temas você gostaria de destacar?

[50:12] B: [risos] Não sei...

[50:18] RITA: Eu fiz essa pergunta e eu tive respostas de diversas naturezas, "né". Muitas perguntas aqui são subjetivas e essa também. Quando eu pergunto que outros aspectos sobre os temas você gostaria de destacar, tiveram pessoas que disseram dois temas, eu acho favorável sim porém, ou então esse tema "linka" com, e aí vai do que você entende dessa pergunta "né"... Que outros aspectos sobre os temas você gostaria de destacar, B?

[50:55] B: Ai, assim "né"... É um tema assim, polêmico, que a gente vê "né" que é polêmico por causa do preconceito da sociedade, nosso "né", da nossa formação até religiosa também "né"... A gente também não pode esquecer que tem a parte religiosa, que a gente foi criado "né"... Eu tiro até por mim, que na minha família, todo mundo muito tradicional "né"... Tem uma família muito assim, tradicional, a gente não tem muita diversidade sexual, "vamo" dizer assim, no nosso meio, no nosso seio, então a gente não lida muito com essa problemática. E aí quando eu vejo assim, essas mudanças, esses outros arranjos "né", que são outros arranjos, e que no fundo a gente tem que se importar em ser feliz "né", então eu acho que seria esse caminho também "né", a gente acabar um pouco dos preconceitos e de entender os novos arranjos, as novas formações, e que a gente busca tentar ser feliz... Porque eu acho que os novos arranjos, as pessoas também passam por dificuldades e por tristezas, nem tudo é feliz. Eu tenho aqui na escola um pai, as crianças tem dois pais "né", que eles moram juntos, e o pai veio aqui falar que ele "tava" preocupado do filho dele sofrer preconceito, porque ele fala abertamente que tem dos pais... Mas o que "que" eu podia falar pro pai, além de falar que aqui a gente tem que incentivar esse respeito entre eles? Que todo mundo, "né"... Merece assim... Aí eu falei pros pais que o problema da criança pequena, que ele tem dois filhos, o maior não sofre tanto com isso mas o menor sofre mais, porque o menor fala, e o menor já percebe a resistência e o menor não expõe, o maior quer dizer. E o menor sim, fala mais claramente, até porque o menor já "tá" vivendo mais, "vamo" dizer assim, vai viver mais tempo com os dois do que o maior já vive, bom, enfim. Mas aí eu falei pro pai que o problema não "tá" nas crianças, "tá" nos adultos, que quando ele vem na reunião de pais, vem os dois pais, todo mundo percebe que os dois pais são um casal... "Cê" acha que a criança de seis anos, "cê" acha que "tá" percebendo? Não é. É os pais daquela criança, que percebeu na reunião os dois "paizinhos" juntos, que aí ficam falando, e aí a criança escuta. Ai eu falei "pai, eu sinto muito, mas é uma questão que a gente, o que que a gente pode falar em si?" Só se a gente fizer uma palestra "né"... [risos] Mas assim, mas você vê, ele tem a dificuldade, veio trazer a problemática, e eu... A gente não teve nenhum problema, graças a Deus, mas poderia ter tido... Mas o problema "tá" mais no adulto do que no menor, por isso que eu acho importante o menor crescer com alguma conversa. De repente, isso, esse eixo integrado, mas não pro muito "pequeninho" de repente "né"... É isso, aí não sei se foi bom...

[54:39] RITA: Foi ótimo! Muito obrigada de novo, depois a gente convida vocês a participar aí, ou da qualificação, enfim, dá uma devolutiva. Ao final eu tenho que apresentar um produto pra Universidade, que eu "tô" ainda em construção, o mestrado profissional ele exige um produto do nosso, além da conclusão por si só, e eu "tô" pensando aí possibilidade, e dependendo do que vier a gente apresenta pra escola, mas o convite a assistir, no momento certo eu farei pra você, "tá" bom?

[55:16] B: "Tá" bom, aí eu vou assistir...

[55:20] RITA: Na UNIFESP. Obrigada B.

[55:22] B: De nada, obrigada você. Nossa, agora eu vou até busca no... na base comum, lá nos parâmetros curriculares...

Entrevistada C

[00:00] R: Antes de mais nada, eu quero te agradecer a prontidão, a colaboração "aí" com a pesquisa "né"...

[00:09] C: Imagina, eu sei como é difícil essas coisas...

[00:11] R: Bastante...

[00:12] C: Não são as pessoas que tem uma boa vontade pra responder... Eu sei disso.

[00:16] R: É verdade, é verdade. Ainda mais um tema muito delicado, e... Eu vou começar a minha entrevista, ela... Dividi em quatro blocos que tem a ver com os seus dados pessoais, sua formação, sua atuação profissional e o tema, o seu entendimento do tema "né", pra eu entender de que lugar de fala você traz, o que você entende... Principalmente no recorte do tema. Então queria que você dissesse pra mim seu nome completo, seu cargo e a escola que você atua.

[00:51] C: Meu nome é, meu cargo aqui é diretora, eu sou diretora da escola YY, estou aqui há... quatro anos, é meu quarto ano aqui, e antes estava no TT como assistente de direção.

[01:06] R: Qual a sua data de nascimento, seu sexo e a sua naturalidade?

[01:11] C: Eu nasci em ZZZ, sou mulher e que mais você perguntou? "Ah", eu nasci em ZZ.

[01:21] R: Seus pais nasceram no Estado de São Paulo?

[01:23] C: Também.

[01:24] R: Você tem formação religiosa ou é adepta de alguma religião e qual?

[01:29] C: Eu sou kardecista hoje, mas a minha formação é católica.

[01:34] R: Você se considera em que faixa de renda familiar? Classe média, média alta, média baixa ou outra classe?

[01:42] C: Eu acho que classe média, a gente não... todo mundo aqui é classe média [risos], não tem essa de... a gente não vai considerar como paupérrimo "né", e... Vai dizer "aí, eu sou rico", não, não é rico, você é classe média, você trabalha você é classe média, não tem como ser outra coisa "né".

[01:57] R: Entrando no campo da tua formação profissional, você concluiu ensino médio em escola particular, pública, ou pública e qual, em que ano?

[02:07] C: Eu vim sempre de escola pública "né", fiz meu fundamental I, II, médio, foi tudo escola pública, a faculdade na minha época não tinha pública aqui na baixada, me formei em 90...

[02:19] R: Mas no médio foi 90? No médio foi quando?

[02:21] C: No médio foi antes, 87, 86... 86.

[02:27] R: E foi aqui, em Santos?

[02:29] C: Não, minto, não 86, não, foi antes. Foi 81, me formei no médio.

[02:34] R: E foi em Santos? Escola pública?

[02:36] C: Não, Praia Grande. Sempre morei em Praia Grande.

[02:39] R: Qual escola que "cê" concluiu lá?

[02:40] C: Lá eu concluí no Kuntz Busch, Reynaldo Kuntz Busch... Kuntz Busch.

[02:48] R: E a graduação, você cursou em qual?

[02:52] C: Na UNISANTOS.

[02:53] R: Em que ano "cê" concluiu?

[02:54] C: Concluí em 90.

[02:56] R: Seus pais ou avós, têm formação superior?

[02:59] C: Não. Meu pai tinha formação técnica, nível médio. Faculdade não.

[03:05] R: Ninguém além... Você é da primeira geração a ter um curso superior?

[03:10] C: Acho que sim, na minha família sim.

[03:13] R: Você tem irmãos com curso superior?

[03:14] C: Meu irmão também não terminou a faculdade.

[03:18] R: Você cursou pós-graduação lato ou stricto sensu?

[03:23] C: Tenho, lato sensu eu tenho.

[03:24] R: Qual é e em que Instituição e quando concluiu?

[03:28] C: Eu fiz na UNISANTOS também, em Educação Infantil.

[03:32] R: E "cê" lembra o ano que "cê" concluiu?

[03:34] C: 2001...

[03:36] R: "Ah", bastante... Já tem um "tempinho". Alguma especialização?

[03:39] C: Eu fiz outras depois "né"...

[03:41] R: Quais você fez?

[03:42] C: Eu fiz mais pós, eu fiz mais lato sensu de supervisão escolar, e fiz... gestão, gestão e supervisão, duas.

[03:51] R: Em que ano, você consegue... foi na mesma Universidade?

[03:53] C: Não, aí eu fiz online. Fiz EAD, eu não me lembro... Uma foi a Faculdade Brasil e a outra foi... como é que chama, que eu não vou lembrar o nome... FGV. Acho que era FGV.

[04:10] R: Foi ambas a distância?

[04:11] C: Isso.

[04:13] R: Alguma especialização?

[04:15] C: Não, só educação infantil.

[04:18] R: Você tem especialização em educação infantil, você cursou uma especialização?

[04:24] C: É, ela consta como lato sensu, mas foi uma especialização, "tá"?

[04:29] R: Ok. O teu certificado é de especialização?

[04:33] C: É, ele "tá" anexado como lato sensu, mas ele é uma especialização.

[04:37] R: Ok. Você teve alguma formação específica nos temas sobre sexualidade, diversidade sexual, identidade de gênero ou orientação sexual?

[04:48] C: Não, a gente fez isso aí, quem fez cursos, pela própria SEDUC, nunca uma formação específica, um curso específico para, nunca fiz.

[04:59] R: Há quanto tempo você atua no magistério?

[05:04] C: Faz tempo... [risos]

[05:08] R: Você deu até uma pausa agora, respirou, "faz tempo"...

[05:10] C: É, faz tempo, desde 91...

[05:12] R: 91... E em quantas escolas desde 91 você trabalha, trabalhou "né"...

[05:19] C: Muitas. Eu trabalhei no Estado "né", fui professora do Estado, depois eu dei aula também no particular como professora de inglês, aí...

[05:29] R: Duas escolas, uma no Estado e uma no particular...

[05:31] C: É, aí depois eu vim pra Prefeitura em 2002, aí eu saí do particular e do Estado, fiquei só na Prefeitura porque eu entrei na Prefeitura de Santos e na de Praia Grande concomitantemente, e aí eu não tinha como fazer mais horário "né", aí eu dava aula antigamente pra ensino fundamental e médio, II e médio. E quando eu fui pra Prefeitura já peguei o ensino fundamental I.

[05:58] R: Lá em Praia Grande você atuou com quantas escolas?

[06:00] C: Atuei em duas escolas municipais, não "tô" nem falando do Estado, que eu tenho muitas, muitas... Mas na Prefeitura trabalhei em duas escolas do município e em Santos também foram... quatro escolas do município.

[06:19] R: "Tá"... Na rede municipal, Santos e Praia Grande foram seis, e no Estado, quantas escolas?

[06:25] C: Tem mais, tem mais... Teve em São Vicente mais quatro... Umas oito escolas, vai.

[06:36] R: Oito mais as daqui? Oito mais seis, mais ou menos? Umas catorze escolas... Em que níveis de ensino você já trabalhou?

[06:46] C: Infantil, Fundamental I, Fundamental II e Médio.

[06:51] R: EJA não, "né"?

[06:52] C: EJA sim, também. Aqui no município de Santos.

[06:55] R: Hoje, você trabalha em quantas escolas?

[06:58] C: Hoje eu só "tô" em duas.

[07:02] R: Salvo no município de Santos "né", na sua experiência profissional, que projetos ou demais iniciativas escolares que te marcaram, aqueles que você tem como significativos e por quê? Quando você pensa em um projeto marcante, "numa" iniciativa escolar marcante, você se remonta a qual e por quê?

[07:29] C: Olha, eu passei por várias desde que trabalho em escolas "né", por vários projetos muito bons... Tinha uma avaliação que era feita na Praia Grande que eu achava muito significativa, muito legal, lá eu trabalhei com o ensino infantil, então era do maternal até o pré. E eles tinham um projeto, uma avaliação chamada "Sanfona Pedagógica". Então, era assim, a criança tinha um tema gerador, "sei lá", uma história que você contasse e você repetia essa história ao longo de nove meses, o tempo dos meses letivos "né", basicamente falando. Então a criança fazia uma produção, como era infantil, era uma produção de desenho. Então ela fazia aquela produção naquele mês, no mês seguinte era feito a mesma contagem, a mesma contação de história, e você anexava isso. Então você ia colando as folhas assim, pela "beiradinha", e dobrava como "fosse" uma "sanfoninha". No final do ano letivo isso era apresentado aos pais em reunião, "tal", e você tinha aquela visão de como a criança foi evoluindo. Isso, no pequeno que desenhava. Aquele que escrevia, que era o pré, então você ia acompanhando a escrita da criança. Eu

achava bem visual isso, bem legal. Porque você ia vendo como a criança ia melhorando, isso é bacana, eu achava isso bacana. Isso foi na Praia Grande. Agora, em Santos, eu gostei bastante quando começamos a ter as Feiras das Nações, Feiras das Ciências "né", que você pôde modificar o tema, então a nossa escola, por exemplo, adota a Feira das Nações, isso pra nós foi muito bacana com os alunos. Então desde que a gente começou a fazer aqui na escola esse projeto de Feira das Nações, eles promovem muitas coisas pra eles que eles crescem como pessoas, é uma experiência muito bacana. Então foi muito legal também, bem significativo pra eles.

[09:16] R: Pelo que eu entendi, você fica a vontade pra me corrigir, os de Praia Grande, o significado, foi significativo porque você acompanha o processo pedagógico da criança... E o de Santos é porque eles crescem enquanto pessoas, é isso?

[09:32] C: Isso, isso é visível. É, é muito legal.

[09:37] R: Salvo o município de Santos, quer dizer, fora ele, em sua experiência profissional, houve alguma política pública ou iniciativa escolar em prol dos temas da sexualidade, diversidade...

[09:49] C: Fora Santos?

[09:50] R: Isso.

[09:51] C: Eu não acompanhei isso em outro lugar... Não tive isso.

[09:56] R: Há quanto tempo você trabalha na educação escolar no município, agora a gente vai pensar no município...

[10:01] C: Santos, 2002.

[10:02] R: Em quantas escolas em Santos você já trabalhou?

[10:15] C: [contagem] Seis.

[10:16] R: Hoje você trabalha em quantas em Santos?

[10:18] C: Duas.

[10:19] R: Duas. Nas escolas do município de Santos, você já até falou, que naquela hora que eu te perguntei, era fora o município de Santos qual projetos... marcante, mas você já trouxe, uma pergunta subsequente em relação a Santos, qual projeto te marcou.

[10:37] C: Eu gosto muito da Feira da Ciência, essas feiras... Na verdade é uma Feira das Ciências, que é o projeto de Santos, e aí ele acaba sendo da cultura e ciência, então ele acaba sendo muito abrangente, e você pode ampliar. Então a gente abraçou a ideia e modificou pra Feira das Nações. Eles adoram, eles gostam muito.

[10:56] R: Entendi, é algo que mexe com a escola.

[10:58] C: É, que movimenta a escola como um todo.

[11:00] R: No município de Santos, eu fiz essa pergunta pensando em relação, para além do município "né", mas... no município de Santos, houve alguma política pública ou iniciativa escolar em prol dos temas da sexualidade, orientação sexual, identidade de gênero e diversidade sexual?

[11:22] C: Em Santos?

[11:23] R: Em Santos.

[11:24] C: Sim, sim, teve bastante projeto disso. A gente tem a própria professora que vem fazer as palestras pros alunos do oitavo e nono, que é a Cristiane, ela sempre vem fazer, e tem a DST e trabalha com as doenças, "né", ligada ao PSE. Tem a própria educadora que trabalha com isso, elas fazem esse trabalho em conjunto com o PSE, de vacinação dos alunos... É todo, eu acho que Santos "tá" bem engajado com essa parte...

[11:55] R: Com a discussão da sexualidade, orientação... "tá". Você atua diretamente nesses casos, não "né"?

[12:00] C: Não, na verdade assim, o papel da diretora, além da parte burocrática que é muito cansativo, que é muito chato, é a parte pedagógica. Então nesse campo do pedagógico sim, a gente participa sim das reuniões...

[12:16] R: Da construção...

[12:17] C: Sim, tudo, tudo. Na hora de você executar o projeto, aí realmente a gente não tem tempo.

[12:21] R: Não dá conta...

[12:22] C: É, não dá tempo. Mas a gente acompanha, "tá" sempre ali, e conversa com a orientadora pra ver como é que aconteceu a reunião, mesmo que a gente não possa "tá" presente, a gente acompanha com a orientadora, porque ela vai acabar acompanhando o trabalho, no caso da palestrante, o trabalho com os alunos, tem o [12:37], que também é muito legal nesse sentido, o Jovem Doutor, é um trabalho bem atuante com as crianças nesse sentido... Então assim, eu fico, na verdade eu fico acompanhando o trabalho, mas eu não fico no meio porque a gente não tem tempo de abraçar tudo.

[12:52] R: Agora a gente vai entrar no terreno do tema, "tá"? Como você entende mesmo, o que vem a ser sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e identidade de gênero. Pra você, o que é sexualidade?

[13:13] C: Não só com relação à escola, com relação ao meu entendimento, é isso?

[13:16] R: O seu entendimento, como é que você define quando eu falo sexualidade? Para além do espaço escolar, o que "que" é sexualidade pra você?

[13:24] C: Entendi. Eu acho que é, a sexualidade é como você se entende como pessoa. Você ter consciência de que você é um ser de uma natureza, é você se conhecer como pessoa. Não, não falando do teu sexo em si, ou do teu prazer sexual, não isso, de você

ser uma pessoa, ter um gênero. Você tem um, seja ele qual for, você tem um "né", você até nasceu com um mas "cê", de repente, como a gente tem aqui casos na escola mesmo... você observa a criança quando ela vai tendo a sua preferência, então, é muito delicado você tratar isso "numa" escola porque tem gente que não aceita que a criança tenha uma outra opção, a própria a família rejeita, então a gente, na escola, você acaba tendo essa visão mais ampla do caso... Você acolhe, você trata a criança independente da escolha dela, ela tem que ter a noção de que ela é um ser e ela vai ser tratada com relação às escolhas dela; ela vai ter o respeito dela como um ser, como pessoa, ela é uma pessoa que ela tem uma opção sexual, então ela tem que conhecer ela mesma como pessoa, o que ela gosta, se definir como ser pensante, como ser crítico, ela vai ter que se identificar como essa pessoa e aí sim depois escolher que "que" ela quer da vida dela. Eu acho isso, não sei. Penso dessa forma.

[14:47] R: “Tá”, é bem isso, é o que você define, “tá”? Diversidade sexual, que "que" você define como diversidade sexual?

[14:58] C: Como diversidade sexual... a gente tem, biologicamente falando, dois sexos "né", masculino e feminino. Porém dentro dessa, desse universo, existem vários hormônios aí que vão agir, biologicamente falando, e que vão definir o que você vai querer pra sua vida futura. Então, nesse campo de diversidade sexual, você tem várias ramificações, que é o que você vai... Você pode, às vezes, nem ser um homossexual, mas você tem uma tendência, você gosta de mais coisas de menino e você é menina, mas você não é necessariamente um homossexual, só tem... Acho que a diversidade sexual é isso, é muito amplo, é você ter, como eu vou te explicar pra você... É você ter várias, várias opções na sua vida, e você escolher depois a que você acha mais, mais adequada pra você. Não necessariamente que você vá se tornar homossexual ou não, você tem várias opções dentro da tua sexualidade e o que você vai “tá”, conseguir levar pra frente. Eu acho que é isso. Não tem a ver, não é a mesma coisa que orientação sexual... A diversidade é outra coisa, não é orientação, é você ter opções, esse que é... Você tem várias gamas aí de... de sexualidade pra você se definir como pessoa, como ser, eu acho que é isso.

[16:32] R: “Tá”. Orientação sexual, que "que cê" pensa?

[16:35] C: É, aí é diferente, aí você vai...

[16:38] R: É que você começou a fazer uma, "não, não, diversidade sexual não é orientação sexual"... que "que" é então orientação sexual?

[16:43] C: Orientação sexual sim. Você já teve as suas definições na sua "cabecinha" e aí você vai optar sim, se você vai ser do sexo feminino, de acordo com o teu biológico, ou se você vai ter uma outra opção, de acordo com a tua identidade.

[17:02] R: “Tá”, e identidade de gênero?

[17:06] C: Identidade de gênero é um pouco mais complicado, porque aí você tem que se definir dentro da tua orientação sexual, e você tem que definir isso pra você, você vai ser aquela pessoa, eu acho que é isso. Não é só você, "ah eu sou C mas eu quero ser João, mas eu me visto como C", não, eu sou C, eu sou João, e eu não sou mais a C, eu sou o João. Identidade é quando você assume o papel que você escolheu pra você.

[17:37] R: Assumir aí no sentido da... só pra eu entender, no sentido de tomar uma atitude por aquilo que você...

[17:45] C: De gênero, você escolheu ser aquilo, então você tem aquilo como identidade pra você. Como você assumiu aquela pessoa, então você vai ser aquela pessoa.

[17:55] R: Ok. Quantos livros, ou textos, ou e textos você já leu sobre esses assuntos?

[18:03] C: Meu Deus, quantos?

[18:04] R: Isso. Uma média pelo menos, algumas pessoas me respondem não li, não leio livros, eu leio só textos...

[18:14] C: Não, eu já li, pelo amor de Deus, eu já li livro, já li texto. Agora quantos, aí sei lá, "bota" aí então... uns três livros e uns dez textos, mas eu não faço ideia.

[18:23] R: Uma média de uns três livros e uns dez textos...

[18:27] C: É, por aí, mas não foi, foi mais, mas deixa assim.

[18:29] R: E que, é dessa maneira que você se informa sobre esses temas?

[18:33] C: Não...

[18:34] R: Como mais? De que maneiras?

[18:35] C: A gente... eu busco, pesquiso em internet, vejo no Google, assisto alguns programas específicos, palestras... não é só, não só em livro não.

[18:46] R: Você tem outras buscas "né", e são essas... E qual foi a última vez que você se informou sobre esses... esses temas, por esses assuntos, e por quais meios você utilizou, da última vez...

[19:04] C: Da última vez... Faz algum tempo que eu não participo de alguma palestra... Ai Rita, não lembro quando foi o último... Não lembro. Não, então eu cito o artigo que eu li na revista do mês passado, de educação.

[19:28] R: "Tá", você leu mês passado e foi uma revista.

[19:31] C: Isso, por revista, pronto, é mais fácil, não vou lembrar... livro não foi, porque eu não li nenhum livro nesses últimos tempos... sobre isso.

[19:38] R: "Tá"... Você os acha relevantes ou não pra sociedade brasileira contemporânea, pro município de Santos em particular e por quê? Você acha relevante falar desses temas, você os acha importante, relevante pra nossa sociedade atual, pro município de Santos, e porque "que" você acha ou não acha?

[19:59] C: Eu acho relevante discutir isso sempre, não só no município de Santos, porque isso está posto, está aí. Então a gente tem que discutir até pra não haver o bullying, porque enquanto escola "né", enquanto gestora, é muito difícil você trabalhar o bullying porque

os alunos são muito cruéis "né", eles falam, as crianças são muito cruéis nesse ponto, e elas atacam. Então quando você tira essa máscara de que isso é errado, de que isso... é a opção de cada um, e você acaba com o bullying. Então quanto mais se discutir, melhor, porque é pra todos serem aceitos da forma que escolheram ser.

[20:38] R: Entendi. E você conhece alguma política pública, seja ela em qual área de abrangência "tá", municipal, estadual e/ou federal voltada aqueles temas? Você acha que deveria haver ou não? Você conhece alguma política pública nessas esferas?

[20:59] C: Olha, no município de Santos a Cristiane mesmo, a própria palestrante, ela trabalha no SEPROG e ela tem essa... um trabalho todo voltado pra essa parte DST/AIDS, [21:13], toda essa parte "né"... Ela fala isso tudo com eles, então a SEPROG tem. Mas uma coisa que eu achei bacana, que apareceu em Santos e agora "tá" até pelo D.O., já foi publicado que tem um decreto, então ela já faz parte do nosso programa, é o programa de Justiça Restaurativa. Ele não trabalha especificamente com a parte da sexualidade, porém, ela também trata disso. Então... ela dá essa amplitude para "né", então eu achei uma coisa bacana.

[21:45] R: É uma política municipal, uma política local que não é, não tem esse recorte mas esse tema acaba permeando e ela trabalha também...

[21:55] C: Sim, sim.

[21:56] R: Isso a nível municipal, estadual e federal você não conhece outra política pública "né"?

[22:00] C: Não.

[22:01] R: "Tá". Você conhece alguma lei ou norma jurídica, quer seja municipal, estadual ou federal voltada aqueles temas? Você acha que deveria haver ou não? Aí eu tô falando do campo do jurídico...

[22:16] C: Então, é, eu sei que tem legislações, eu sei que tem que eu já li, mas eu não sei te dizer número, que é sobre a mudança do nome, a pessoa agora tem esse direito "né", quando troca de nome pode se ter o nome social e o nome que, "né"... fora do nome social e o nome que você tem no RG, você já pode trocar o seu RG mediante a mudança de sexo, então tem umas... umas legislações já específicas pra isso, no caso de mudança de gênero "né"... Só...

[22:46] R: Você acha isso importante?

[22:47] C: Eu acho importante, opa, lógico, porque é muito frustrante pra pessoa mudar de nome e não poder mudar o documento "né".

[22:54] R: Você conhece alguma, aí é com olhar da educação, você conhece alguma orientação pedagógica, municipal, estadual e/ou federal voltada aqueles temas? Você acha que deveria haver ou não acha que deveria haver?

[23:10] C: Também tem municipal, da mesma forma, já li também no D.O. do prefeito, que já, "né", que as pessoas também podem ser chamadas pelo nome que escolheram, também existe [23:19], e eu acho importante que tenha mesmo, tem que ter.

[23:23] R: Mas enquanto orientação pedagógica...

[23:26] C: "Ah", pedagógica? Então, mas veio também do professor, que tem que respeitar o aluno de acordo com o nome que ele quer ser chamado.

[23:33] R: Tem essa orientação no município?

[23:35] C: Tem, tem, tem.

[23:36] R: "Tá". Para além do município, você não conhece "né"? Só esse, ok. Você sabe o que "que" os parâmetros curriculares nacionais e as bases nacionais curriculares comuns dispõe sobre aqueles temas?

[23:50] C: Olha, os parâmetros, a gente estudou já faz tempo. A BNCC eu ainda não me apropriei, então eu não sei te responder essa questão. Eu sei que ela permeia todo esse assunto, eu sei disso, isso eu sei porque uma parte eu já li, mas eu ainda não... como ela "tá" sendo discutida agora e no currículo paulista, que também "tá" sendo discutido agora, então nós estamos em reunião sobre isso, estão passando pra nós, pras áreas pedagógicas também... Então eu não sei te responder essa questão com propriedade, eu não me apropriei da BNCC, "tá"?

[24:24] R: Sim, os parâmetros você traz que trabalhavam sobre isso?

[24:28] C: Não, tinha, tinha até um "livrinho" da [24:30] sexual, tinha bastante temas transversais, então tinha. Mas a BNCC, ela vai se sobrepor aos parâmetros, então... eles já estão em desuso "né", não se usa mais "né".

[24:46] R: Você conhece alguma postura, iniciativa, norma ou orientação do município de Santos em relação aqueles assuntos? Você acha que deveria haver ou não? Além do âmbito da escola, você acha, você conhece alguma iniciativa, alguma orientação do município, alguma postura?

[25:09] C: Fora da escola eu não sei não...

[25:11] R: Não conhece... Você acha que tem que haver em outras áreas de abrangência?

[25:15] C: Sim.

[25:16] R: Você conhece, você acha relevante ou, e importante, ou não "né", pro corpo docente e pro corpo técnico que esses temas sejam debatidos nas escolas do município de Santos e por quê?

[25:32] C: Sim.

[25:33] R: Porque "que" você acha importante que os professores e a equipe técnica abordem esse tema, debata sobre esses temas?

[25:42] C: Eu acho importante que se tenha isso sim sempre que puder, fazer alguma formação específica, até pros docentes... a própria gestora, pra se apropriar dos temas "né"... Quem não tem o devido conhecimento, que nem eu, desconheço muita coisa também, e quando você faz uma formação específica você passa a conhecer, e até pra você lidar com o próprio bullying, que eu acho que isso é o que mais pesa pra escola. Porque pro aluno tanto faz, a orientação sexual dele, o que ele defende, pra parte pedagógica. Mas o que me incomoda é a parte psicológica dele, e aí nesse sentido é que eu acho que a escola tem que debater bastante esse tema, que é pra gente poder tratar esse aluno com o respeito que ele merece, não haver nenhum tipo de discriminação.

[26:28] R: Então você, o que "que" você pensa sobre a relevância e a importância ou não pro corpo docente, dialogar, debater com os alunos no, nas escolas do município, você acha isso importante?

[26:41] C: Sim, pelo mesmo motivo, porque quando você conhece você não é mais um ignorante, você passa a conhecer o assunto e você trata com o devido respeito que ele merece, o assunto "né".

[26:51] R: Então, nessa tua lógica, é importante por conta do respeito, do conhecimento pra respeitar, tanto no corpo docente...

[27:00] C: Quanto do docente...

[27:01] R: Quanto do docente, ok. Que profissionais deveriam, se for o caso, atuar em prol da promoção do debate em torno daqueles temas? Por quê? De que forma eles deveriam atuar?

[27:19] C: Profissionais... eu acho que era importante que fossem da saúde e também da psicologia, "né". Porque são temas bem delicados e cada um vê de uma forma, então... Eu acho que tem que ser mesmo alguém da área da psicologia, da psicopedagogia, que seja, e também da saúde, porque talvez surjam questões "numa" roda de debate que um psicólogo ou um psicopedagogo não saiba responder, que são do quesito da área da saúde, então acho que tem que ter sim. Não só um pedagogo não, tem que também ser alguém da área da saúde.

[27:57] R: Agora pensando nos profissionais da escola... se for o caso, pra debater, pra promoção desse debate. Quem você pensa no primeiro momento, que profissional? Dentro da escola, da educação, deveria...

[28:14] C: Olha, da equipe gestora a gente pensa logo no orientador "né", porque ele vai "tá" ligado a essa parte social "né"... E do profissional, do docente, a gente também vai pensar logo no de ciências, porém, essa matéria já faz parte do currículo tanto do fundamental I quanto do II, então a professora do quarto e do quinto ano também aborda esses temas. E...

[28:38] R: Sexualidade, nessa idade, orientação e identidade?

[28:41] C: Sim, está no currículo, no cronograma do quinto ano... eles vêm isso como matéria do livro, então tem a parte toda da sexualidade, do teu gênero "né", masculino,

feminino, “tá” tudo no livro, você tem que aprender sobre os órgãos sexuais, “tá” tudo isso, então a parte da sexualidade já “tá” no livro. O que vai faltar, no caso, é identidade de gênero, é isso que falta.

[29:06] R: E a diversidade sexual... a orientação...

[29:08] C: Isso aí não dá, eu creio que isso você pode colocar sim pro fundamental I mas tem que ter muito cuidado, porque os pais ainda tem muito preconceito de que você fale isso abertamente com os filhos. Por isso que eu acho importante que tenha-se palestras, não só na escola, tem que ser também com a comunidade, pra quebrar esse paradigma e esse preconceito, não tem que ter preconceito, tem que falar sobre o tema, não esconder o tema.

[29:33] R: Entendi. E eu pergunto de que forma que esses profissionais deveriam atuar "né", você... eu forcei uma pergunta olhando para os profissionais de educação, mas antes você me disse o pessoal da saúde e da psicologia "né". De que forma, esses... "vamo" pensar então de duas maneiras, de que forma esses profissionais de saúde deveriam atuar? Como que eles deveriam. esses temas deveriam ser debatidos na escola?

[30:03] C: Então, o da saúde poderia falar sobre os riscos mesmo de... de prevenção, de saúde, de doenças "né", DST, é... sei lá, até sobre suicídio na parte do psicólogo, porque é um tema tão delicado, a gente vê muito isso hoje em dia, o aluno que ele não se aceita, que ele tem aquele preconceito contra ele mesmo, ele tem vergonha de se expôr, “tal”... faz o que, se fecha, aí você vê o suicídio aumentando, muitos alunos "né"... a gente escuta falar "né", aqui graças a Deus não teve isso, mas tem escolas que alunos se suicidam por conta do preconceito "né", do bullying... então é um tema que “tá” ligado, eu acho, à psicologia por conta disso. À psiquiatria, não sei "né"...

[30:52] R: Agora pensando no profissional que "cê" falou, primeiro momento a gente pensa no professor disso e na orientadora "né"... Como que eles deveriam atuar e como eles deveriam, esses temas deveriam ser debatidos nas escolas, se fosse o caso?

[31:12] C: "Ó", eu penso assim, deveria haver uma formação, assim, específica para o docente, e aí sim ele vai transmitir isso de forma lúdica pros alunos, por quê? Até por conta do preconceito dos próprios pais. Quando você aborda um tema, que eles já abordam "né", da parte da sexualidade, os órgãos genitais, reprodutores, tudo, você tem que abordar isso em sala de aula, “tá” no livro, então você aborda de um jeito amplo, você não vai falar da parte da orientação sexual, você vai falar da parte física, da parte biológica. Já tem pai que acha ruim com isso. Então quando você, quando eu falo pra você que eu acho que tem que ter essa formação para a comunidade escolar, até pra evitar essa forma de preconceito contra o professor. O professor trabalha isso em sala de aula, é natural do professor trabalhar, eu dei aula pra quinto ano e você tem que trabalhar isso, não tem outro jeito. Então você tem que trabalhar de uma forma que seja lúdico pra criança, que ela não entenda aquilo como uma agressão, que não seja uma coisa ofensiva para os pais, que eles acham ofensivo... Então tem todo um jogo de cintura pra trabalhar isso na sala de aula, mas você tem que trabalhar. Quando chega do sexto ao nono é mais fácil, por quê? A matéria quem dá é o professor de ciências, então o pai já sabe que ciências vai trabalhar isso em algum momento, ele já sabe, apesar de não gostar ele sabe que vai trabalhar, então ele aceita. E também tem que ter o cuidado, não ser ofensivo para

os pais... Então se você faz um trabalho conjunto, com a comunidade escolar, acho que fica mais fácil pra aceitação.

[32:47] R: Entendi. Então esse tema, você acha que também deveria ser trabalhado os temas concomitantemente?

[32:54] C: Sim. Tanto da orientação sexual quanto da sexualidade, e da própria diversidade sexual, tem que trabalhar tudo ao mesmo tempo, mas de uma forma bem, assim... não seria respeitosa, mas teria que ser uma coisa que os pais aceitassem, de que não fosse ofensivo para os pais, é isso... É porque assim, aqui apesar da comunidade ser carente, tudo, a gente tem muita família, e tradicional, que não aceita que você fale sobre homossexualidade em sala de aula. Eles não aceitam. Então se você fala, o pai pode se sentir ofendido e já vim direto em cima da gente, e vai na SEDUC, e fala coisa... Então é pra não ter esse choque com a família, é isso.

[33:40] R: Você um "pouquinho" que já me respondeu, mas você acha ou não que haveria pressões ou resistências de pais e/ou responsáveis e dos próprios alunos para implementação de política pública ou de qualquer iniciativa escolar em prol desses temas, por quê?

[34:00] C: Não creio que se houvesse uma política pública, os pais se opusessem.

[34:05] R: Não, não haveria resistência?

[34:06] C: Não haveria resistência, porque aí seria uma coisa que faria parte do currículo da escola. Ponto. Se vem, como tem uma matéria, uma disciplina específica para, como tem o ensino religioso. Então se houvesse essa matéria específica...

[34:22] R: Enquanto política, tudo bem.

[34:23] C: Tudo bem.

[34:24] R: Agora uma iniciativa escolar, você pensa que teria pressão?

[34:27] C: Iniciativa teria pressão sim. Teria pressão.

[34:29] R: Porque?

[34:30] C: Porque, justamente, eles têm essa voz de poder reclamar com a escola. Quando a coisa vem de cima para baixo, eles não reclamam, porque já veio posto, já veio posto pelo governo, então eles acabam aceitando. Quando a escola promove, aí tem um preconceito. Eu vou te falar uma coisa bem básica que aconteceu conosco esses dias, a gente "tá" com um projeto agora, UACEP...

[34:56] R: Projeto o que?

[34:57] C: UACEP, UACEP é uma ONG que trabalha com educação infantil, eles já "tão" lá no [35:05] há um "tempão", eles trabalham com circo, com balé e com judô com as crianças, e o karatê. A nossa escola... e tem dança pras mães quando tem a noite. A nossa escola tem só pro infantil, nós temos o circo, aulas de circo, balé e judô. A proposta inicial

era que todos participassem de tudo... Mas eu tive mãe reclamando que o filho ia trabalhar, ia estudar no balé. E que não queria que o filho fizesse balé porque era coisa pra afeminado, e ela colocou esse termo e eu tive que tirar o filho dela, então o filho dela é o único que não participa de tudo. Todos participam de tudo, do balé, do judô e do circo. O filho dela não participa do balé. Isso aconteceu faz um mês.

[35:48] R: Por conta de uma... de um projeto de uma ONG, de uma iniciativa da escola... e aí...

[35:54] C: Isso, isso foi da escola.

[35:55] R: Isso aí é atribuído no pensamento dela, é um ensino pra menina.

[36:00] C: Isso.

[36:03] R: Quais aspectos sobre os temas você gostaria de destacar?

[36:11] C: Acho que eu já falei bastante Rita... eu penso bem sobre isso na questão de você, eu penso com a escola "né", de não ter o bullying, eu penso muito sobre isso. É uma coisa que eu sinto muito aqui com eles... Esse ataque, e eu vejo que eles quando atacam são muito cruéis. Então eu fico muito preocupada com a criança que sofre esse ataque, que "tá" sofrendo esse bullying, o que "que" ela pode refletir isso na vida dela, ou agora, ou mais tarde. Eu fico muito preocupada com o bullying.

[36:48] R: "Tá", então o aspecto que você destaca, eu posso entender que é o bullying, que esse tema, ele acaba abrangendo, falando das diversas, das orientações sexuais e identidades de gênero, e que se alguma criança vivencia isso mais abertamente, contrapondo o que é estabelecido como normal, ele sofre... "Tá". Então o bullying seria algo que é importante destacar.

[37:17] C: Falo isso em relação a escola, "tá"? Porque eu acho que a gente, com a nossa vivência aqui escolar, é o que mais a gente observa da criança. Porque ela se fecha, alguns se fecham, outros extrapolam e aí depois, é... como é que fala... acaba até sendo agressivo, então... é complicado.

[37:41] R: C, mais uma vez, obrigada.

[37:44] C: Imagina, por nada.

[37:45] R: Obrigada pela tua contribuição, e você...

[37:49] C: Espero poder ter te ajudado.

[37:50] R: E muito! É a sua percepção, é a percepção do gestor da escola, como ele entende esse tema, como ele pensa sobre ele, pensa esse tema "num" universo maior do que a escola e dentro da escola... é a sua visão, é o que você pensa, é essa a proposta.

[38:07] C: É um tema atual, é um tema que "tá" aí e a gente tem que debater sempre sobre ele. Não tem como fugir.

[38:11] R: Obrigada!

Entrevistada D**ENTREVISTA D**

[00:02] R: Bom D, muito obrigada aí pela tua contribuição antes de mais nada né, eu já te expliquei um pouquinho as formalidades aí necessárias pra que a gente possa começar essa entrevista... Eu queria saber um pouquinho de você, da sua família, o seu nome completo, a sua data de nascimento, seu sexo, questões que permeiam a sua naturalidade, dos seus pais também, tudo bem? Seu nome completo...

[00:31] D: D.

[00:34] R: Data de nascimento, D?

[00:36] D: Sou de FFFFF...

[00:41] R: Sexo, como você se identifica? Sexo feminino?

[00:45] D: Sexo feminino.

[00:46] R: Você é natural de?

[00:47] D: São Paulo.

[00:48] R: São Paulo... seus pais também nasceram no Estado de São Paulo?

[00:52] D: Não, eles nasceram no Estado de Minas Gerais.

[00:54] R: Minas Gerais... tá. Você tem alguma formação religiosa, é adepta de alguma religião, qual, é praticante nela?

[01:04] D: Já frequentei algumas religiões né, acredito em Deus, e não tenho praticado atualmente nenhuma religião.

[01:11] R: Como é que você se vê em questão de faixa de renda? Você se vê numa classe baixa, média, alta... Média baixa, ou outra qualquer?

[01:22] D: Acho que média. Classe média...

[01:26] R: Tá. Falando um pouquinho da tua trajetória de formação profissional, né... Aonde você estudou o ensino médio, em qual escola, se particular, privada, nesse Estado e quando você concluiu?

[01:40] D: Toda a minha trajetória foi no Estado de São Paulo, fiz toda a educação na escola pública né, cursei o magistério em nível técnico no Ensino Médio... Depois fiz a faculdade.

[01:56] R: E você graduou aonde?

[01:59] D: Na UNIMES.

[02:00] R: Aqui em Santos... E quando você concluiu?

[02:02] D: Em 2007...

[02:05] R: Tá. A sua família né, seus pais, seus avós, eles têm graduação também?

[02:10] D: Não.

[02:11] R: Não tem. Você faz parte então da primeira geração da família, dentro dessa árvore aí, a conseguir concluir uma graduação?

[02:20] D: Isso... Sim, sim.

[02:21] R: Tá... Você tem irmãos com curso superior também?

[02:24] D: Não, atualmente não.

[02:26] R: Não, tá. Você fez pós-graduação, lato sensu stricto sensu, fez?

[02:32] D: Sim, fiz pós-graduação em psicopedagogia.

[02:34] R: Tá... Aonde foi, também na UNIMES?

[02:37] D: Não, UNIASSELVI, Universidade de Santa Catarina.

[02:45] R: Tá, e você concluiu quando?

[02:46] D: Concluí em 2013.

[02:50] R: Você fez alguma especialização, em qual instituição você fez e se concluiu, fora a pós, uma outra especialização?

[02:58] D: Não, não.

[02:59] R: Não... tá. Você tem alguma formação específica sobre esse tema da sexualidade, diversidade sexual, identidade de gênero, orientação sexual?

[03:10] D: Não.

[03:11] R: Não, tá. Agora a gente vai falar um pouquinho da tua atuação, uma coisa é aquilo que a gente né, tem de bagagem acadêmica, de formação, e aquilo que a gente consegue na atuação desenvolver né. Quanto tempo você atua no magistério?

[03:27] D: Desde 2002.

[03:30] R: Tá, em quantas escolas você já trabalhou?

[03:34] D: Média de vinte a trinta escolas...

[03:37] R: Bastante né. Em que níveis de ensino você já trabalhou?

[03:42] D: Infantil, até o ensino fundamental II.

[03:47] R: Em quantas escolas hoje você trabalha?

[03:49] D: Eu trabalho em uma.

[03:51] R: Uma. Fora o município de Santos, né, na sua experiência de trabalho, em que projetos ou demais iniciativas marcaram você, ou o que você considerou bem significativo nessa tua trajetória? Quais os projetos assim que mais te remontam a um significado?

[04:15] D: Olha, eu já atuei com vários projetos, projetos de leitura, de alfabetização, de valores... Eu acho que todos agregaram muito conhecimento pra mim, crescimento também como profissional na área de educação, alguns projetos voltados pra área de teatro, que eu também tenho nível técnico em formação de atores...

[04:38] R: Ah, que bacana.

[04:39] D: Então isso enriqueceu o meu trabalho em sala de aula, e depois refletiu quando eu vim pra orientação.

[04:45] R: Mas aquele que mais te tocou, um projeto que você tenha desenvolvido que foi muito significativo pra você e por quê?

[04:53] D: Ah, eu acredito que teatro nas escolas. Porque eu tinha um trabalho não só em uma escola, então cada dia você tava numa escola diferente, então eram cinco escolas atendidas por semana, então eu conseguia atingir um público grande, conseguia envolver pais, comunidade escolar, os alunos, todos com um propósito né, voltado pra cultura; porquê a cultura, eu acho muito importante estar presente no ambiente escolar.

[05:19] R: Uhum, tá. Fora o município de Santos, salvo esse município na sua experiência profissional, houve alguma política pública por onde você passou, ou até hoje onde você está, alguma iniciativa escolar em prol desses temas da sexualidade, diversidade sexual, identidade de gênero?

[05:42] D: Até o momento, o único projeto que apareceu aqui na escola foi em Santos, no ano passado mesmo, com a atuação de uma professora da rede que veio conversar com as crianças sobre sexualidade.

[05:57] R: Tá, fora Santos você, na sua trajetória de trabalho, nenhum outro local abordou isso?

[06:05] D: Não, nenhuma política.

[06:07] R: Você atuou em algum desses projetos, neste projeto atual, você atuou diretamente, junto com essa professora que veio dialogar com os alunos, foi com os

alunos? Sobre a questão da sexualidade que você falou, você atuou junto com ela de alguma forma ou não?

[06:24] D: Não, só acompanhei o trabalho né, a ida das crianças até o auditório...

[06:30] R: Um acompanhamento né? Há quanto tempo você trabalha na educação do município de Santos?

[06:38] D: Eu atuo desde 2007 no município de Santos...

[06:44] R: Já é um chãozinho [risos]. Tá, em quantas escolas nesse município você atuou?

[06:50] D: Ah, o número exato assim eu não consigo te falar agora, mas em torno de dez escolas.

[06:57] R: Dez... praticamente uma por ano, digamos assim, você tem 11 anos né?

[07:02] D: Um pouco mais, porque eu dobrava né, eu trabalhava em escolas diferentes, então pode ser que tenham quinze escolas por onde eu já tenha passado.

[07:10] R: Bastante escola. Nas escolas de Santos, dentre os projetos que você considera que você atuou diretamente, o que mais significou pra você e por quê? Aí pensando no município, na atuação nesses projetos, o que mais te tocou?

[07:36] D: Ah, o que mais me tocou foi ser reconhecida depois por pais e alunos, depois de uma longa trajetória poder reencontrar esses alunos por redes sociais, conversar com eles, eles terem lembrado de mim, da minha atuação junto a eles, então acho que foi um marco importante na vida deles.

[07:55] R: Entendo. Agora pensando no município de Santos e na política pública, você lembra de alguma coisa, alguma iniciativa escolar sobre essa temática sobre a diversidade, identidade de gênero específica, algum projeto específico no município voltado pra isso?

[08:18] D: Não.

[08:19] R: Não? Tá. Agora eu vou entender um pouquinho o teu conhecimento sobre o tema, e sem nenhuma tendência, aquilo que você consegue contribuir mesmo, tá D? Como é que você define, muito calmamente, o que é sexualidade, o que é diversidade sexual, o que é orientação sexual e identidade de gênero, você consegue fazer... O que você entende sobre isso?

[08:46] D: Sexualidade eu entendo que seja, biologicamente falando, os órgãos voltados pra sua sexualidade, quais são os seus órgãos, de forma biológica mesmo, o conceito biológico do que seja né. É isso.

[09:06] R: Tá, e o que que você consegue pensar sobre a questão da diversidade sexual, o que que isso te lembra, diversidade sexual?

[09:14] D: Bom, esse tema me faz acreditar que assim, as pessoas tem uma opção a partir da sua sexualidade de optar pelo que ela quiser, pelo que ela sentir melhor, mais

confortável, como é que ela se identifica, então existem formas da pessoa se expressar, sexualmente falando, né? Então eu acredito que sejam várias formas mesmo de expressão sexual.

[09:38] R: Tá... o que que você entende de orientação sexual e identidade de gênero, você consegue entender diferença disso, o que que você pensa quando eu falo identidade de gênero, por exemplo?

[09:54] D: Bom, acredito que orientação sexual seja algo com que a pessoa se identifica e se assuma naquele papel, então eu acho que ela tem uma orientação, um caminho que ela achou mais confortável, ela se identificou, ela pratica aquilo, então ela acredita naquilo, é a orientação dela, só diz respeito a ela. Identidade de gênero é como a pessoa se expressa pra sociedade, qual que é o gênero dela, então ela tem uma identidade que é só dela né, então ela vai expressar aquilo conforme ela se sentir melhor.

[10:32] R: Tá, entendi. Você já... quantos livros ou textos sobre essa temática você já leu?

[10:41] D: Bom, já li muita coisa na internet...

[10:45] R: É um recurso [risos]

[10:46] D: É um recurso, eu me preocupo por conta da minha profissão mesmo, por conta até das minhas relações pessoais né, existem várias pessoas com várias orientações e tal... Então eu procuro ler, procuro me informar um pouco, às vezes pra adquirir mais conhecimento pra poder atuar junto a adolescentes também, crianças, e é isso. Eu já li alguma coisa, tô focada na Agenda 2030 né, a Agenda 2030 tem aí dezessete princípios 'prum' mundo melhor até 2030... Então, a igualdade de gênero aparece né, como um dos princípios, então chama muito a atenção, é um tema muito em voga agora e urgente e necessário que se discuta.

[11:39] R: Tá, então você se informa sobre essas questões, sobre esses temas através da sua busca pessoal, na internet principalmente?

[11:48] D: Isso, na internet principalmente.

[11:50] R: Tá. Qual foi a última vez que você se informou sobre isso, você consegue, esse ano, semestre passado, ano passado, ontem... E sempre reforçando aí que você opta pela internet né, você lembra quando foi a última vez?

[12:07] D: Olha, a última vez acho que tem uns 30 dias...

[12:11] R: Mais ou menos um mês você leu alguma coisa sobre isso...

[12:13] D: Isso.

[12:15] R: Tá, e você acha que discutir esses temas é importante pra sociedade brasileira contemporânea né, e para o município de Santos especialmente, por que, você acha que esse diálogo sobre essas variantes que eu trago sobre temas é importante pro mundo atual, em especial para o município? Por quê?

[12:45] D: Eu acho muito importante que Santos trabalhe assim nesse tema, se aprofunde bastante, não só Santos como todas as cidades do Brasil, acredito que precisam abrir espaços pra discussão desse tema que é um tabu, que é... Fica tão distante da sociedade e tão presente ao mesmo tempo, então eu acho muito importante que se abra sim esse espaço pra discussão, se torne um objeto maior né, que a sociedade seja implicada em uma cultura de paz, onde as pessoas se respeitem, independentemente do seu... da sua orientação sexual, da sua religião, do que quer que seja, da sua cor, da sua etnia... Então eu acho sim muito importante e eu acho que já deveria ter começado um trabalho assim.

[13:35] R: Pensando enquanto unidade de ensino, enquanto escola, saindo do macro pro micro né, você acha que a escola deve ou não deve atuar em prol desses temas e por que você acha isso? Você acha que a escola deve falar, deve dialogar com esse universo por conta disso?

[14:00] D: Não, acredito que sim, as crianças precisam desses espaços, os adolescentes precisam desses espaços, mesmo porque às vezes em casa eles não têm esse espaço, essa abertura pra conversar com os pais né, então é importante que haja a discussão, que os professores estejam preparados para mediar essas conversas, acredito que sim.

[14:22] R: Você acha que isso é um compete da escola?

[14:23] D: Também.

[14:24] R: Faz parte também do processo educacional, do projeto político pedagógico da escola, deveria fazer parte?

[14:31] D: Faz, deveria fazer.

[14:34] R: Você conhece alguma política pública, alguma política municipal, estadual ou federal voltada aqueles temas? Você já disse que deveria haver né, mas você conhece da existência de alguma política de educação... Você conhece alguma política a nível estadual, federal ou municipal que fale sobre esses temas?

[15:04] D: Não, eu desconheço.

[15:06] R: Desconhece, tá. Você conhece alguma lei ou alguma norma jurídica municipal, estadual ou federal voltada pra esses temas?

[15:17] D: Eu não sei a lei propriamente dita, mas há uma no município que proíbe as escolas de abordarem esse tema de sexualidade, então... Infelizmente a gente fica limitado aí, meio engessado na escola.

[15:32] R: Indo na contramão daquilo que você acha que é importante acontecer, existe uma lei municipal que hoje proíbe essa conversa sobre sexualidade dentro do município, tá... Você conhece alguma orientação pedagógica municipal, estadual ou federal voltada pra esses temas?

[15:51] D: Não.

[15:52] R: Não, tá... Você acha que deveria ter alguma orientação pedagógica?

[15:56] D: Eu acho que sim. Me parece que eles estão 'num' movimento de construção de algum documento relacionado a esse tema, mas eu acredito que seja sim urgente a discussão né, e que toda a sociedade possa opinar, mas que a gente caminhe aí 'prum'... Pra uma finalização, esse projeto tem que acontecer na escola de alguma forma.

[16:20] R: Ok. Você sabe o que os parâmetros curriculares nacionais e as bases nacionais curriculares comum dispõem sobre aqueles temas?

[16:31] D: Sim. Há um livro sim voltado nos referenciais da educação no ensino fundamental, voltado tudo exclusivo pra diversidade sexual nas escolas, tem a capinha azul até esse livro... que já li, há um tempo atrás, sobre as propostas que estão ali...

[16:50] R: No BNCC e também na...

[16:54] D: Antigamente nos referenciais.

[16:56] R: Nos parâmetros, tá...

[16:57] D: É, nos parâmetros curriculares.

[16:58] R: Tá... Você disse que tem aí um projeto, talvez pedagógico, foi isso que eu entendi, sendo encaminhado pra que se dialogue sobre a importância, a nível nacional né. Mas, no município de Santos, você ainda...

[17:18] D: Eu desconheço.

[17:19] R: Você desconhece da existência, né? Tá. Ressaltando que você acha que deveria acontecer.

[17:25] D: Com certeza.

[17:26] R: Se você desconhece, você afirma que desconhece, mas era importante que se tivesse...

[17:33] D: Sim, muito importante.

[17:36] R: Você conhece alguma postura, iniciativa, norma ou orientação do município... Não, perdão, há uma repetição de pergunta aqui. No corpo docente, você acha importante a discussão desses temas?

[17:53] D: Acho sim. Acho importante essa discussão, mesmo porque as dúvidas né, as angústias dos alunos acabam aparecendo na sala de aula, e muitas vezes o professor não consegue lidar com a situação, então eu acho que as escolas precisam abrir espaço pra diálogo entre os professores.

[18:09] R: Tá, entre a equipe técnica também.

[18:11] D: Entre equipe, todos nós.

[18:14] R: Você acha isso importante baseado em uma linha de pensamento, eu falo ainda dos docentes e da equipe técnica, que se acha... Que se fomente essa discussão, porque... Pelos conflitos existentes, o que você pensa, por que você pensa que é importante o diálogo de todos sobre esses temas?

[18:36] D: Porque é um tema que tá muito em voga aí na sociedade, acho que a sociedade agora tá despertando pra esse olhar pra diversidade, da orientação sexual né, do que é convencional ou não, o que é pra mim não pode ser pro outro... E também eu acho que as pessoas agora né estão enfrentando mais esses dilemas, nem nós adultos conseguimos lidar com essas questões, quem dirá as crianças, então é por isso que eu acho importante.

[19:02] R: Tá, agora pensando nos discentes né... Você acha que é relevante e é importante essa discussão, que haja esse debate dentro das escolas do município de Santos?

[19:15] D: Com certeza. Acho muito importante, porque isso vai formar né a criança, vai fazer parte da formação do cidadão né, como uma pessoa atuante na sociedade, que respeite as diferenças, que valorize o outro... Eu acho muito importante sim.

[19:34] R: Dialogar com esses jovens né, com esses alunos do ensino do "Fund" II em diante... Você acha importante fomentar...

[19:42] D: Isso, com certeza. Eles estão em desenvolvimento né, o corpo deles está em desenvolvimento, a cabeça deles está em desenvolvimento, eles têm muitas questões, eles têm muitas dúvidas, nem que seja até no currículo extra né, da escola, que seja o currículo extra-curricular, que a criança tenha que ficar um tempo a mais depois do período de aula, mas que tenha esses espaços de conversa... Nada pra avaliar, pra dar nota, pra punir aluno... Não, não. É um espaço franco mesmo, aberto pra conversa, pra diálogo, né?

[20:20] R: Você diz extra horário...

[20:23] D: Extra horário, então faz parte do currículo como um todo, mas esse tempo que ele possa ter pra isso seja um tempo diferente, um espaço mais calmo também, com menos agitação, que haja uma roda de conversa mesmo, que as crianças já tenham passado pelo período de aula, já tenham almoçado, tomado um banho, uma conversa, uma roda de conversa pra eles trazerem as angústias, as preocupações né, essas questões relacionadas à sexualidade vão aparecer e acredito que apareçam outras questões também... Eu acho que é um momento importante que as escolas precisam pensar, pensar no cidadão de forma integral, não escola como um depósito onde eu deixo meu filho lá das 8 as 17, mas que ele tenha um propósito que vá além dessas atividades curriculares aí tradicionais, mas que abra esse espaço aí pra discussão.

[21:17] R: Além de pensar nessa possibilidade, as escolas deveriam promover, executar, praticar isso?

[21:25] D: Praticar isso, ainda com profissionais preparados né, capacitados, que consigam mediar conflitos, consigam mediar situações que vão aparecer né nessas rodas de conversa, nem todo profissional, nem todo professor está aberto a isso, está preparado para isso... Então tem que ser pessoas mesmo capacitadas, né.

[21:47] R: Então, dentro do que você tá trazendo nessa lógica de raciocínio, que profissionais você acha que deveriam atuar, né, se for o caso, em prol da promoção desse debate em torno daqueles temas e por que, e como você pensa, de que maneira eles poderiam promover esse debate, a metodologia adequada, o que você pensa, retornando à pergunta... Quais profissionais e de que forma eles fariam, conduziriam esse debate?

[22:18] D: Bom, eu acredito que assim... Não gostaria de ter que rotular aqui, ah o professor de história, de geografia, eu gostaria que todos os professores estivessem abertos para uma proposta como essa né, mas... Já que a gente não pode às vezes né, pensar desse jeito, mas professores que queiram atuar nesse projeto, queiram se dedicar à ele, tenham tempo e disposição para isso, tenha perfil de mediação, perfil de escuta, então teria que ser um professor mesmo com vontade pra atuar em um projeto assim.

[22:57] R: Teria que ser um professor? Quando a gente pensa nos educadores, seria o mais ideal?

[22:59] D: É, eu acredito que sim. Como se fosse um tutor daquela turma, um cuidador daquela turma, então teria que ser ele, os alunos se... Se sentiriam mais a vontade, que fosse professor da escola, de repente, já no período contrário... E se não for, não tem problema, mas que seja alguém que crie vínculo com a turma né, eu acredito que funcionaria.

[23:25] R: Tá certo. E sempre nesse modelo que você referendou anteriormente, uma roda de conversa, seria mais essa metodologia, essa linha, uma troca, é isso?

[23:36] D: Isso, uma troca, espaço pra criança colocar sua angústias pra fora né, espaço pra ela refletir, pra ela trocar com o colega, um espaço bem diferente do que tá aí nas escolas né, de forma tradicional. Um espaço mesmo de entrega, né.

[23:53] R: E como esses temas deveriam ser debatidos, a partir de que pensamento você traz isso, como? Como seria inserido isso na escola, sob que contexto?

[24:13] D: Eu acredito que as escolas devam ter autonomia, já que elas têm autonomia pra fazer o seu plano, projeto político pedagógico, que dentro desse projeto político pedagógico, houvesse um espaço de discussão com a comunidade escolar, e que se também considerasse a escuta dos pais por meio de conselho de pais, pra que todos construam uma identidade, um projeto próprio, pra abordar o tema. Eu acho que se todos estiverem envolvidos, todos pensarem sobre o tema, o projeto com certeza, ele vai ser mais democrático, como se propõe.

[24:50] R: Eu já tô acabando D, o que você acha, ou não, que se isso viesse a acontecer, já pensando na concretização, nessa possibilidade do diálogo em relação a esses temas, se haveria pressão ou resistência de pais ou responsáveis pra implantação dessa política pública ou de qualquer iniciativa escolar em prol desses recortes aí que eu trouxe, da diversidade, da sexualidade, da orientação, e por que você acha que poderia haver essa pressão, essa resistência...

[25:35] D: Bom, eu acredito que se for um espaço democrático, onde todos construam esse projeto, onde todos opinam e cheguem num senso comum, com certeza vão haver ideias diferentes, mas o espaço tem que estar aberto pro diálogo pra que a gente construa

um projeto assim. Então se eu, enquanto escola, fizer algo engessado em que eu coloque as minhas ideias e eu acredito que elas sejam a verdade de todos, com certeza é um projeto que não vai dar certo. Um projeto que escute os professores, os funcionários, os alunos, a comunidade, os pais... eu acredito que sim. Algumas coisas vão, né, ser permitidas que aconteçam nesse espaço, outras já não, o que é difícil até de controlar né, quando a gente fala de redações pessoais, a gente não consegue dimensionar muito pra onde isso vai caminhar... Mas, precisa ser sim haver esse espaço sim, de diálogo, de conversa, uma avaliação depois futuramente do projeto, o que tem dado certo, o que não tem dado certo... Rever os conceitos... Mas eu acredito que isso caminha sim.

[26:46] R: Só pra eu... me corrija se eu estiver errada, pelo que eu entendi, pra que se efetive, se propicie esse espaço de diálogo entre os discentes, porque entre os docentes vocês tem essa autonomia de promoção, de formação, penso eu, a própria Secretaria de Educação talvez chame aí pra algumas formações nesse sentido né, não sobre esses temas, mas vocês tem autonomia. Agora quando eu penso nos discentes, pelo que você trouxe, você acredita que mediante um diálogo com a comunidade escolar incluindo aí pais, conselhos de escola, meio que um plebiscito, se é que esse o nome, aí sim a coisa caminharia. É mais ou menos assim, não com o consentimento, mas o entendimento, vocês tentariam fazer um entendimento sobre a proposta da importância de se executar esse diálogo, e aí todos, senão todos, mas a grande maioria concordando, você acha que a pressão de pais seria menor, a resistência seria menor, porque foram todos envolvidos com as suas ideias, com a sua forma de pensar, com a escuta dessas pessoas sobre os temas. É isso?

[28:08] D: É, eu acredito que seja importante descentralizar esse poder que a escola tem, essa autonomia... Essa autonomia tem que ser compartilhada né, a gente trabalha com esse princípio da gestão democrática, então é um espaço onde os pais têm mesmo que opinar, tem que colocar as suas ideias, mesmo porque a família vai também ser envolvida nesse processo, e de nada vai adiantar não conversarmos com os alunos e não conversar com os pais. Então eles vão precisar sim participar, e eu acho que esse momento de conversa em forma de conselho, em forma de reuniões, em forma de convite, chamar essa comunidade pra dentro da escola, trazer palestras até antes que se chegue a uma opinião já coletiva, mas que escute... Pessoas que estejam já estudando, aprofundando no tema, pra que possa depois construir sim o seu próprio projeto né, abrindo espaços que antes, por conta de preconceito, tabus, eles não seriam abertos, mas que depois de uma escuta isso pode mudar, transformar. Então acredito que sim, esse espaço tem que haver.

[29:20] R: Tá, e aí conseqüentemente a pressão diminuiria, a resistência diminuiria, porque se chegou a um consenso, a uma possibilidade.

[29:27] D: Com certeza.

[29:28] R: Você tem algum outro aspecto em relação aos temas que você gostaria de destacar, dentre a diversidade sexual, orientação sexual, identidade de gênero, sexualidade, você tem aspectos que você acha importante quando se fala desses temas?

[29:45] D: Com certeza, violência contra a mulher, contra a criança, acredito que... O preconceito, e o preconceito de tantas maneiras como ela é expressa, o preconceito por conta da cor, por conta da condição social, por conta até da identidade de gênero... Eu acredito que esse espaço vai acabar puxando muitos outros temas, vai trazer muita luz pro

debate, então eu acredito que a sociedade vai melhorar, com um espaço desse, com uma escuta dessa, os pais vão também mudar sua visão, os próprios educadores também, os alunos... Acho que todos ganham com isso.

[30:27] R: Bom D, eu só tenho a te agradecer, a gente encerra aqui inicialmente esse ciclo aí de entrevista, peço a gentileza que se houver alguma dúvida eu possa retornar pra quando eu for passar essa gravação, se eu ficar alguma dúvida, se você me deixa a vontade pra gente digerir melhor, tudo bem?

[30:51] D: Tudo bem.

[30:51] R: Obrigada.

[30:54] D: Obrigada pela oportunidade, Rita. Foi um prazer.

Entrevistada E

[00:01] R: Bom E, boa tarde... Antes de mais nada eu quero agradecer aí a disponibilidade em contribuir pro projeto de pesquisa, "né", que eu "tô"... eu sou mestranda da UNIFESP e a minha pesquisa tem como tema diversidade sexual na escola, sobre seu silêncio, seus tabus e seus mitos, e eu optei em ouvir os educadores "né"... A parte da equipe técnica na verdade, porém o orientador educacional e o diretor como pessoa responsável pelo projeto político pedagógico da escola e tudo que permeia. Eu dividi essa entrevista em quatro blocos, primeiro seus dados pessoais, a sua formação, a sua trajetória profissional e o seu entendimento do tema propriamente dito, "tá"? Eu gostaria que "cê" dissesse o seu nome completo, sua data de nascimento, a escola que você atua e o cargo que você ocupa.

[01:07] E: E, eu trabalho aqui na UME YYYY, e também sou professora da educação infantil da rede...

[01:22] R: Seu cargo aqui...

[01:24] E: Hoje diretora, hoje aqui no TTTTT eu sou a diretora da escola.

[01:29] R: Qual a sua data de nascimento, seu sexo e a sua naturalidade?

[01:33] E: TTTTT, feminino, e eu sou natural de Alagoas.

[01:43] R: Alagoas... seus pais nasceram em que Estado?

[01:46] E: Alagoas.

[01:47] R: Também... Você tem formação religiosa, ou é adepta de alguma religião e qual?

[01:57] E: Bom, eu sou cristã "né"...

[02:03] R: Qual é a sua religião?

[02:05] E: "Tá", eu sou evangélica, eu congrego na Peniel, mas eu sou muito aberta, eu sou muito aberta ao universo, as diversas de se comunicar com o ser supremo, então assim, respeito muito e leio muito e interajo bastante, independentemente assim, eu não sou aquela pessoa que confessa, que professa uma fé e fica somente ali.

[02:36] R: Entendi. Você pratica sua fé, não pratica sua fé, mas você frequenta, é adepta à religião? Você frequenta?

[02:48] E: Sim.

[02:59] R: Você é assídua... "tá". Você se considera em que faixa de renda familiar? Classe média, média alta, média baixa ou outra classe?

[02:58] E: Média baixa.

[02:59] R: Média baixa... a trajetória de formação profissional "né", você cursou o ensino médio em escola pública...

[03:07] E: Sim...

[03:08] R: Particular... Pública? E qual?

[03:09] E: Escola pública, Martim Afonso de Souza em São Vicente.

[03:12] R: São Vicente. Quando que "cê" concluiu o ensino médio, "cê" lembra?

[03:16] E: 83.

[03:17] R: E em que Instituição você cursou a graduação e quando concluiu?

[03:21] E: Na atual UNIMES, fiz Pedagogia, e eu finalizei... "pera" aí, 83... Mais 3 anos... 87.

[03:34] R: Seus pais e/ou avós têm formação superior, em que, se tiverem?

[03:39] E: Não, não tem formação superior.

[03:41] R: Você é da... você é a primeira da família, a primeira geração a ter curso superior?

[03:47] E: Sim.

[03:48] R: Você tem irmãos com curso superior, em que?

[03:50] E: Sim, todos. Aí depende da área... as minhas irmãs, tenho duas que são professoras e eu tenho uma que se formou em Psicologia e hoje é coach.

[04:06] R: Você cursou pós-graduação lato ou stricto sensu?

[04:11] E: Não, lato sensu.

[04:11] R: Lato sensu? Qual? E em que Instituição e quando concluiu?

[04:15] E: Psicopedagogia na PUC, há três anos atrás.

[04:20] R: 2015... Alguma especialização?

[04:23] E: Não.

[04:24] R: Não... Você tem alguma formação específica em temas sobre sexualidade, diversidade sexual, identidade de gênero ou orientação sexual?

[04:37] E: Só o curso de extensão.

[04:40] R: De extensão... Quando que "cê" concluiu esses cursos?

[04:44] E: Na verdade eu trabalhei "numa" escola particular em São Vicente de 83 a 2000. Nessa Instituição eu era professora e depois me tornei orientadora, e essa Instituição, ela me proporcionou vários cursos na área de educação para o pensar na área de orientação educacional mesmo, e alguns nesta área da sexualidade.

[05:15] R: "Tá"... agora a gente vai falar um "pouquinho" da sua atuação "né" profissional. Quanto tempo você já atua no magistério?

[05:24] E: Desde 87.

[05:28] R: Em quantas escolas "cê" trabalhou desde 87?

[05:33] E: Bom, eu trabalhei na escola, escolas particulares, no São Gabriel, no Santa Maria, no São José, as escolas privadas... Aí depois na rede pública de Santos.

[05:49] R: Quantas, mais ou menos você consegue lembrar?

[05:51] E: "Ah" sim, educação infantil Bandeira Brasil, de Fundamental I Waldery, Leonardo Nunes, Mário Alcântara, 28, Maria Patrícia e hoje eu "tô" aqui.

[06:05] R: Dez escolas... Bastante escola. Em que níveis de ensino "cê" já atuou?

[06:12] E: Eu já atuei em todos os níveis. Na educação infantil, "Fund" I, no "Fund" II, no ensino médio como professora de filosofia e na EJA.

[06:26] R: EJA também. Salvo no município de Santos, na sua experiência profissional, que projetos ou demais iniciativas escolares foram bem significativos pra você, que te marcaram; ou um projeto, ou alguma iniciativa e porque representa um pensamento sobre ele, significante?

[06:52] E: Na verdade a minha trajetória na educação, ela se permeia "numa" linha que eu acredito muito, que é a do diálogo "né". Como professora de educação infantil, nas rodas de conversa, na construção do raciocínio lógico, da argumentação... Então assim, um ponto forte meu, que eu me vejo assim, é me dispor, me permitir dialogar. E aí o diálogo, ele cabe em diversas situações, nas situações mais tranquilas, nas situações de ensinagem, nas situações de conflito, de harmonização, de mediação, então assim... Eu desenvolvi uma habilidade para entrar em situações e unir os pontos, na hora que eu vejo, os ânimos estão mais calmos, as pessoas estão se vendo naquilo que ocorreu e... Não sei, me causa um bem estar muito grande.

[07:53] R: Mas pensando, através dessa sua lógica, da sua forma de fazer "né", do modus operandi pra isso... te remonta um projeto específico, uma iniciativa escolar onde você pôde explicar isso...

[08:10] E: Sim, na verdade assim, eu acredito no ser humano, eu acredito nas possibilidades de transformação, eu acredito que a gente "tá num"... seja como professora ou como aluna ou como coordenadora que fui muitos anos, aí "numa" outra escola por muito tempo como orientadora e hoje no cargo de gestor administrativo, então foi se compondo uma forma de conduzir onde eu olho pras situações e eu acredito que elas são possíveis de se transformar. Eu às vezes, olho assim, não consigo achar uma saída, mas a

gente junta as pessoas e ao fazer a roda e começar uma conversa e tentar pensar aquelas questões, a gente acaba encontrando no próprio grupo uma saída. Então assim, eu coloco isso por quê? Porque hoje, principalmente, eu "tô numa" função altamente burocrática, "num" sistema que me engole no sentido de atribuições pra ontem, e na minha frente eu vejo pessoas que também precisam da minha atenção, que também precisam da minha escuta, que também precisam da minha intervenção e da minha contribuição. Então assim, eu vivo um dilema diário, eu atendi diversos segmentos, eu tinha um horário com você, como a tua dinâmica hoje era individual com cada uma de nós, eu respirei aliviada, eu falei "ufa, enquanto ela fala com a ZZ eu vou encaminhando", porque tem uma turma que sai três horas e eu precisava dar uma palavrinha com dois setores, e aí a moça que eu tinha agendado no horário do início da tarde, a uma hora chegou próximo da nossa entrevista, que era um pagamento de uma compra que eu precisava fazer hoje... Tenho um horário hoje pra sair as quatro horas, então assim, a gente vive com uma agenda apertada, mas eu não deixo a agenda apertada, eu não deixo a dinâmica do meu dia me engolir. Então eu fico "num" processo de respirar e "pera aí", qual a emergência, qual a urgência... E é um barato porque eu saio pra ir pra um setor lá do bloco A, eu encontro várias crianças, que me param, querem dar um oi, um abraço, "oi tia, oi tia, oi tia", eu paro, eu elogio cabelo, elogio penteado, o brinco, "como é que você está?", então é uma coisa rápida mas é marcante "né". Quando eu cheguei esse ano com um grupo novo de trabalho, foi muito interessante; "nossa, mas a sua porta é aberta pra todo mundo?"... Eu achei aquilo assim, muito, falei "mas porque você tá falando isso?", "não, porque eu vim de uma escola onde a diretora, pra se chegar na diretora, fulano, ciclano e beltrano atendiam, quando viam que não davam conta passavam pra diretora", eu falei assim "então, eu não gostaria de perder essa dinâmica que eu tenho aqui, quando eu não puder atender eu vou falar que não dá no momento e agendo e marco numa outra hora, mas não passa esse filtro aqui não, a gente construiu isso". Então assim...

[11:21] R: Então eu posso considerar que essa iniciativa é marcante pra você porque você se sente o que...

[11:33] E: Eu me sinto integrada a esse coletivo.

[11:36] R: E isso é significativo pra você?

[11:39] E: Demais, demais, a ponto de eu cuidar a todo momento de não deixar a balança ficar constantemente pendendo só pra um lado, que assim, também não posso como diretora com essas demandas todas eu me permitir ficar só para o expediente, porque uma hora eu vou ter que parar, fechar a porta, "eu não estou". Pra eu não fazer isso, então eu procuro eu mesma ter essa divisão do tempo de forma que eu atenda todo mundo, ontem eu me permiti sentar com uma das colegas e a gente ter um momento de conversa, de retomada de um percurso, e eu acho que esse é um ponto relevante.

[12:16] R: "Tá ok". Salvo no município de Santos, em sua experiência profissional, houve alguma política pública ou iniciativa escolar em prol dos temas da diversidade sexual, sexualidade, identidade de gênero ou orientação sexual? Você lembra alguma política pública em prol desses temas? Ou iniciativa escolar...

[12:42] E: Na verdade assim, eu vejo ensaios. Ensaios de se começar, e na verdade eu acredito que talvez o caminho, esse caminho que a gente "tá" falando de que tem que ser voltado pra essa temática, eu acho que essa temática precisaria estar integrada, integrada

nesse "coletivão". Ela não é uma parte separada do todo, ela faz parte do todo. Só que enquanto o sistema ficar pensando o ser humano fragmentado em partes, e não integrado de fato, a gente vai "tá" sempre tendo iniciativas que não se tornam, de fato, uma política pública, são iniciativas.

[13:34] R: Então, mas você consegue identificá-las, mesmo que fragmentada, mas existe...

[13:41] E: Não de fora pra dentro, eu vejo a nossa escola...

[13:45] R: Iniciativa escolar...

[13:46] E: Interna, a partir de uma realidade que a gente "tá" vivendo.

[13:52] R: Entendi. Você atuou diretamente nesses casos?

[13:54] E: Sim. Eu não atuei não, eu atuo.

[14:00] R: Há quanto tempo você trabalha na educação escolar no município de Santos?

[14:04] E: Desde 85.

[14:05] R: Em quantas escolas você no município você já trabalhou?

[14:11] E: A minha primeira foi o Bandeira Brasil, Waldery, Leonardo Nunes, 28, Mario Alcântara, aqui, Samuel Augusto Leão de Moura, Nelson de Toledo Pisa, fui nomeada e fui parar em Bertioga quando ela ainda não era emancipada de Santos... Que mais... É, todas na Zona Noroeste.

[14:39] R: Todas então desse território... Hoje, você trabalha em quantas escolas do município?

[14:44] E: Duas.

[14:45] R: Nas escolas do município de Santos, é pensando aqui e em projeto mesmo, em iniciativa, qual aquela que foi significativa pra você, que te marcou. Pensando "num" projeto político pedagógico do ano, ou alguma iniciativa escolar de determinado ano, qual aquela que foi simbólica e por quê?

[15:07] E: Na verdade, vir pra cá em 2015 foi um divisor de águas na minha vida profissional, porque? Eu fui nomeada diretora, as minhas colegas na época visitaram as possíveis escolas em que elas estariam e eu não sei te explicar, eu sempre pensei em vir pra cá. Essa comunidade sempre me chamou atenção por alguns aspectos e eu quis vir pra cá, na época, sem conhecer o território, porque eu queria ser útil, eu queria ser uma pessoa que pudesse "tá" contribuindo pra transformação local, eu me senti com possibilidades de contribuir de alguma forma. E eu me assustei, porque quando eu vim pra cá a escola estava em reforma, totalmente assim... Eu fiquei sem chão com o estado físico da escola. Só que eu fiquei cinco minutos nesse estágio de prostração, aí eu respirei fundo e entendi, agora eu entendi porque que eu não olhei a escola antes, porque eu vim pelo coração, na primeira semana eu recebi mães que queriam conhecer quem era a nova

diretora, aí depois no final dessa semana elas me trouxeram um "bolinho", uma "garrafinha" de chá... E aí eu fui vendo o acolhimento das pessoas daqui. Então é na simplicidade que você vê o grande valor dessa comunidade, é uma comunidade muito afetiva, muito receptiva, porém muito carente de muita coisa.

[16:51] R: E aí no ano de 2015 você deslanchou alguma iniciativa...

[16:55] E: Aí eu comecei a estudar a história da escola. Aí eu percebi que a escola tinha uma trajetória de diretor de passagem, desde 2003, então o diretor entrava, saía em dezembro, entrava e saía em dezembro. Então não teve um diretor por mais de um ano... E aí a secretária de educação na época me fortaleceu, me animou, me motivou, criou uma estrutura pra que eu desse conta do ano que eu teria pra enfrentar "né", e assim, me senti muito assim... Muito, como é que eu posso te explicar? Eu me senti muito bem no trabalho aqui, porque eu já tinha, eu já tenho esse jeito de estar com as pessoas, e eu vi pessoas que queriam alguém que viesse pra ficar. Então fizemos uma conexão muito interessante. Então a gente foi conhecer, na época, o território, os alunos foram os guias turísticos pra gente poder conhecer, eu queria entender qual era o aluno que eu iria trabalhar em fevereiro, então estas mães e alguns alunos filhos dessas pessoas e as funcionárias da base me levaram pra conhecer o que era a palafita, o que era o Caminho da União, o que era a Rua João Carlos, enfim... foi uma experiência que eu falei "puxa vida, agora eu entendi". Então muitas, muitas [18:31] eu fiz naquela visita pelo bairro. Só que assim, eu vi a realidade e eu já, nisso eu sou muito rápida, eu vejo, eu diagnóstico uma situação que eu queira intervir e eu já penso "num" processo de mudar aquilo. E nunca sou eu sozinha, então eu sempre penso em mudar e quem é que vai "tá" junto comigo pra esta mudança.

[18:57] R: Então pelo que eu entendi, "cê" me corrige se eu "tiver" errada, o seu projeto inicial enquanto gestora dessa unidade escolar foi conhecer o local, teve essa iniciativa de frequentar mesmo os guetos, os espaços do território, e com isso, isso foi simbólico, marcante pra você, pensar "numa" mudança, numa possibilidade de mudança pra essas pessoas...

[19:24] E: E de que forma que eu poderia ajudá-las.

[19:25] R: "Tá"... No município de Santos, houve alguma política pública e/ou iniciativa escolar em prol dos temas da sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e/ou identidade de gênero? Você conhece alguma política pública na escola, para a escola ou iniciativa escolar em prol desses temas?

[19:52] E: Foi o que eu te falei, eu volto a reafirmar, a gente teve, eu não posso falar que é política pública...

[20:02] R: Alguma iniciativa, você falou em ensaios "né"...

[20:05] E: É, ensaios, assim... A gente teve aí uma experiência com uma sessão da Secretaria da Educação de dispôr uma profissional pra atuar nesta área. Mas não deslanchou por alguma razão.

[20:20] R: Você não atuou diretamente com ela, você sabe da existência e que ela fez aí, começou, iniciou alguma coisa...

[20:29] E: É, não tive, não posso avaliar. Porque ela veio para um público de adolescentes, que é um horário que eu não estou.

[20:37] R: Entendi. Agora a gente vai, eu vou fazer perguntas relacionadas ao tema mesmo, o seu entendimento, sem a pretensão de dizer se está certo ou errado, é entender o seu conhecimento "né"... Como é que você define sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e identidade de gênero, dentro dos recortes, o que é sexualidade pra você?

[21:04] E: Pra mim é uma das dimensões do ser humano. Tem o campo cognitivo, tem o campo emocional, tem o campo psicológico e na formação do ser humano tem o seu desenvolvimento na área da sexualidade, caminha junto, mas pra gente poder conversar a nossa cultura subdivide em gavetinhas "né", mas é um todo, faz parte de um todo. A gente fala de emoção com a nossa cultura "né", de uma forma, mas quando se trata de sexualidade ainda se tem alguns desconfortos. Então eu acho assim, a mesma naturalidade de falar das emoções não é a mesma de se falar da sexualidade, ainda causa um certo, "sei lá", desconforto.

[21:57] R: Diversidade sexual... O que você entende?

[22:02] E: Então, a diversidade sexual eu atribuo, assim como a gente tem um ser humano que na sua trajetória chega "numa" parte da sua vida, ela faz uma escolha para um campo profissional onde ela pretende atuar como adulto, vou atuar, vou produzir na sociedade por meio deste caminho, dessa profissão; eu acredito que a diversidade sexual nada mais é que as escolhas que cada um de nós fazemos no nosso desenvolvimento da sexualidade. Então nessa diversidade tem N escolhas que cada um de nós podemos fazer, acho que "tá" no campo das escolhas de se relacionar, talvez.

[23:00] R: E quando eu falo orientação sexual, o que "que cê" pensa?

[23:05] E: Então, essa palavra, ela é colocada às vezes em alguns textos que eu não entendo muito a aplicação dela. Porque assim, orientação sexual, orientação vocacional, eu consigo fazer um paralelo. Orientação vocacional nada mais é que, uma "parada" pra você pesquisa, você aprofundar, você se abastecer e poder lá pra frente decidir qual é a sua vocação "né". A orientação sexual é um momento de instrução, de conhecimento, eu levo pra este lado, mas eu já vi aplicação deste termo de uma outra forma; eu entendo que é a formação que a gente tem no campo da sexualidade que nos ajuda a fazer uma escolha que seja boa e satisfatória pra gente, não pra uma sociedade, não pra um grupo no qual eu convivo, entendeu? Acho que é isso.

[24:13] R: E identidade de gênero?

[24:17] E: Aí eu acho que já é mais diretivo "né". Eu tenho a minha identidade em relação a minha pessoa, os meus gostos, as minhas preferências "né", diretivo a algumas coisas, as minhas amizades... Eu me inclino pra um determinado perfil, não quer dizer que eu não me relacione com todos, eu me relaciono mas eu me identifico com algumas pessoas com as quais eu tenho mais vínculo, mais proximidade. A identidade de gênero eu já levo, assim, uma pessoa que tem uma boa orientação no campo da sexualidade, ela tem uma identidade própria de escolha do que ela quer ser. Então assim, "tá" muito ligado ao eu

de cada um. Não no que o outro espera que eu seja, mas assim, é uma construção muito individual no campo da escolha sexual, talvez, sexual.

[25:33] R: Quantos livros e/ou textos sobre esses temas você já leu?

[25:40] E: Então, quando eu fui orientadora educacional no período de 2000 a 2010 nesta escola na qual eu fui orientadora, nossa, eu li muitos, muitos. De Marta Suplicy até os Johnsons, tinha uma literatura norte americana que falava muito da sexualidade humana. Mas eu confesso que depois que eu saí da orientação, eu já era coordenadora na rede, e aí eu dei uma parada, então não tenho mais lido sobre o assunto.

[26:16] R: Então você, quando leu, se informava através de livros mesmo "né", de textos...

[26:23] E: Não, de cursos mesmo.

[26:25] R: Também cursos... Então a última vez que você se informou sobre esses temas foi em 2010.

[26:33] E: Assim, quando eu era orientadora, o meu tempo era voltado pra isso, pesquisa, estudo, eu tinha uma responsabilidade nessa escola muito grande porque eles tinham uma dinâmica muito interessante, não era solto como no município. O município, ele é muito ingrato, ele nos coloca "numa" rotina de sobreviver a um período. Então o aluno fica das 7 até as 11:45, e aí o orientador muitas das vezes na rede de Santos, ele tem que atender a demandas externas, a demanda interna e eu vejo que o orientador, ele pouco tempo tem de ser de fato um orientador. Então a rede tem grandes profissionais, mas não tem uma estrutura que permita que eles sejam de fato orientadores educacionais "né", isso pra mim é uma falha gravíssima.

[27:26] R: Isso você percebeu nesse período de 2002 a 2010...

[27:31] E: Na verdade assim, porque quando orientadora na rede particular, eu tinha uma estrutura ao meu favor.

[27:39] R: Entendo, veja, a pergunta é pra perceber de que lugar de fala, em que momento você traz esses conhecimentos "né", de que meio você utilizou pra adquiri-los, não a intenção de julgar "por quê não", "porque o cargo hoje", "porque o sistema"...

[28:00] E: Não, na verdade assim, eu faço uma reflexão vou te falar porquê... Porque assim, eu fui orientadora na rede pública e eu sofri muito. Eu pude, antes de me decidir pela coordenação pedagógica, eu passei pelo cargo de assistente, pelo cargo de orientador e de coordenadora. Eu sofri muito, porque assim, a gente tem vários desafios, sobra pra pasta do orientador muitas responsabilidades, e ao mesmo tempo uma demanda externa muito grande. Então eu acho assim, que são muitas atribuições, e a principal não é garantida... que é o aluno! O aluno "tá" ali gritando por ajuda, quando a gente chega nele, desculpa, ele já se jogou do prédio e... e já desistiu da vida. Então assim, enquanto a gente não tiver uma política de fato que coloca o ser humano em primeiro plano, a gente vai continuar com ensaios.

[29:00] R: Voltando aos temas "né", você os acha relevantes ou não pra sociedade brasileira contemporânea e para o município de Santos, em particular, por quê?

[29:13] E: Eu entendo que nós já estamos assim, com anos de atraso. Se você vai fazer uma observação em outros países, os alunos têm aula de orientação tanto quanto tem aulas de matemática. O profissional, seja ele um psicólogo, um pedagogo ou alguém que foi formado para esta situação, eles têm um suporte diferente do nosso. Então assim, partindo dessa estrutura, nós estamos atrasados pra falar sobre isso, mas em tempo ainda.

[29:54] R: E você acha importante falar?

[29:56] E: Em tempo, urgente. Estamos atrasados, inclusive.

[30:01] R: E esse atraso, ele remonta...

[30:04] E: Uma realidade totalmente deturpada, porque a gente "tá" tendo crianças, adolescentes com lares desestruturados, que não os ouvem ou os percebem. Quem poderia perceber "tá soberbado" de papéis, mas a gente tira os papeis e aí a gente percebe as lacunas. Então é um trabalho de saúde pública.

[30:30] R: Você conhece alguma, perdão, você acha que a escola deve ou não, a escola, atuar em prol desses temas e por quê?

[30:42] E: A escola deve, porém, eu levanto uma questão: não é todo mundo, não é para qualquer pessoa, porque assim... A gente tem que pensar em criar uma política pública, mas ao mesmo tempo trabalhar com a formação, porque o que eu vejo às vezes são depoimentos próprios servindo de exemplo pra adolescente. A gente, até onde eu estudei, até onde eu aprendi, a pessoa que vai lidar com essa temática, ela tem que "tá" distante, ela não pode ser exemplo de nada, ela é um mediador, ela é alguém que "tá", ela é protagonista tanto quanto os alunos mas "tá num" processo de construção, ela vai alimentar, ela vai instruir, ela vai subsidiar, mas ela não pode se colocar como referência. Essa reflexão ela vai acontecer, mas ela é subjetiva, ela é subjetiva.

[31:46] R: Então você acha que deve haver...

[31:48] E: Deve haver, porém... Não pode ser avassaladora, não pode ser em quantidade, ela tem que ser com qualidade. Tem que se pensar exatamente quem é que vai ser a pessoa responsável por.

[32:03] R: Porque isso faz um diferencial...

[32:06] E: Porque passa, pra mim, passa pelo campo relacional, passa pelo campo de respeitar o outro, da sensibilidade sabe... Você olha um adulto dizendo que se ele continuar assim ele vai ser um verme na sociedade. Esse profissional jamais poderia ser o elo de ligação, então assim... Ou você vê alguém falando de Deus, e aí porque Deus, porque Deus... Aí você já conecta a sexualidade com outro campo, com uma outra dimensão muito delicada, porque essa questão da opção pela religião, ela também é delicada, ela também é pessoal. Então a gente tem que zelar muito por esse formador que vai conduzir esse processo.

[32:55] R: É, eu faço mais a frente uma pergunta sobre isso, mais aprofundada, mas seguindo aqui a lógica do conhecimento sobre o tema... Você conhece alguma política

pública, municipal, estadual e/ou federal voltada aqueles temas? Uma política macro, uma política local, pública nessas esferas? Você acha que deveria haver ou não?

[33:22] E: Sim.

[33:23] R: Sim... Você conhece alguma lei ou norma jurídica, municipal, estadual e/ou federal voltada aqueles temas? Você acha que deveria haver ou não? Você conhece alguma lei, alguma norma?

[33:41] E: Eu acredito que a própria, eu não li o documento reformulado da base curricular nacional, que é o último documento, eu não li, eu não li ainda a última educação. Mas a gente vem aí, lá desde a nova LDB, dos parâmetros curriculares, já se tem uma estrutura falando da sexualidade, falando deste campo de formação na educação. Mas na prática acontecer... Porque assim, o governo federal, ele, não é que ele sugere, ele estabelece. Aí cada município, cada Estado e cada município tem que desenvolver a sua própria dinâmica "né" de política pública, então assim, está previsto na lei, mas não "tá" executado de fato. Não chegou aqui na ponta.

[34:34] R: Mas a nível de... É porque você me responde a pergunta seguinte, porque acaba uma coisa "linkando" a outra "né", em relação a orientação pedagógica... A minha pergunta seria se você conhece alguma orientação pedagógica municipal, estadual, federal, se deveria haver ou não; e aí você já traz os PCNs, a base nacional, que eu também pergunto se você conhece os parâmetros, você disse que a base você ainda não se apropriou "né"...

[35:11] E: É porque assim, um vai lapidando, então assim... Eu me apropriei lá atrás, a LDB eu entendo, eu consigo falar sobre, e eu consigo perceber que quando você fala de desenvolvimento humano, está implícito, não "tá" declarado na LDB mas "tá" implícito. Quando vem os PCNs, ele declara, ele já diz abertamente "né" que a gente tem que prever isso, tem que planejar isso.

[35:39] R: E você vê que, fazendo o recorte nos parâmetros, há alguma alusão a esses temas, que é o que a gente "tá" tratando agora. Tem algo já desenhado, afirmado e reafirmado sobre esses temas. A base que, é recente, eu vou chamar assim "né", poucos educadores se apropriaram mesmo "né", não é uma particularidade sua, é extenso, é detalhado demais, e a loucura do cotidiano não permitiu. E aí você, quando eu perguntei sobre uma política pública para além do universo da educação "né", se você conhece alguma outra que seja... Qual área, você conhece alguma específica?

[36:27] E: "Tá", eu tenho assim, na verdade... Talvez pelo cargo da direção e por ter trabalhado muitos anos na coordenação e lidar com adolescentes, jovens infratores... Eu acredito que a saúde, tanto em São Vicente quanto em Santos, tem setores, tem... Eu vejo mais concretamente ações voltadas pra...

[36:55] R: Esses temas...

[36:57] E: Para esses temas. Talvez na área de prevenção, talvez "numa" área mais diretiva, mas eu participei já de algumas reuniões, quem é vinculado a esses grupos têm formações, tem orientações...

[37:11] R: Você conhece alguma política nesse sentido...

[37:13] E: Sim. Eu vejo na verdade, tanto eu tive essa oportunidade, porque essa escola era em São Vicente, tanto em São Vicente quanto em Santos, a saúde, ela está... como que eu posso dizer... a dois passos da educação em algumas áreas, dessa coisa do cuidar do ser humano. Então eu acho que a gente precisaria, e até acho que Santos agora "tá" fazendo mais, uma conversa mais estreita, mais próxima da saúde com a educação. A gente tem, de uns anos pra cá, movimentos de aproximação à saúde, só que, eu vejo assim... São movimentos que "tá" faltando o elemento humano. Porque existe um movimento, existe uma direção bacana, mas falta o elemento humano pra fazer aquilo criar força.

[38:10] R: Eu só sugeriria outra área...

[38:15] E: E isso, sabe porque, assim, porque quando a gente fala de política pública, a política pública ela tem uma outra questão que às vezes a gente não alcança na educação "né". O que "tá" sendo cobrado de cada município enquanto ação pra dar conta das suas demandas? Então surge aqui uma situação de DST, que "que" a saúde "tá" fazendo pra atuar e intervir nesse quadro de aumento da AIDS? "Tá". Que conversa que "tá" tendo com a educação? Quando chega aqui, aqui temos problemas. Então assim, não avança, não avança.

[39:00] R: A pergunta mesmo inicial é no sentido de uma política que abranja qualquer área, eu só citei a saúde acho que porque, acho não, porque eu sou da saúde "né", então a gente pensa, foi o que eu... Mas poderiam ser outras áreas do saber também, enfim. Alguma política pública do seu conhecimento voltada pros temas, aí você já pensou na política da saúde que tem a ver com a sua experiência aí, mesmo com essa lacuna que exista, você teve a possibilidade de conhecer. Enquanto do campo jurídico você desconhece alguma coisa, mesmo que pontual, municipal, estadual ou federal. E na orientação pedagógica, só remontando aqui ao roteiro, na orientação pedagógica você falou do... Eu nem conhecia, como é que você chamou? P...

[39:52] E: A base nacional...

[39:53] R: Não, o primeiro...

[39:55] E: PCN.

[39:56] R: Antes do PCN...

[39:57] E: A LDB.

[39:58] R: A LDB, a Lei Diretriz, eu li no início do projeto "né"...

[40:05] E: Mas é ela que norteia a nossa educação.

[40:07] R: Aí os Parâmetros eu fui mais a fundo e realmente diz a que veio, e tem a base aí que eu também li e aí eu vou parar aqui porque os educadores estão se apropriando, você "linkou, né" pra que a gente possa entender o que "que" alguém "tá" dizendo sobre isso na educação, se é que "tá" dizendo ou não "né". Você conhece alguma postura,

iniciativa, norma ou orientação do município em relação aqueles assuntos? Você disse, você já respondeu de uma educadora que começou e não...

[40:44] E: É, na verdade a gente, a gente tem aí uma cidade educadora...

[40:50] R: Uma cidade o que?

[40:51] E: Educadora, é um título que Santos recebeu "né". E eu entendi também que esse projeto, ele acabou não indo além porque na câmara de vereadores de Santos teve um movimento também assim, e estrategicamente pra caminhar de forma mais assim, houve uma parada nesse trabalho que começou e talvez ele volte aí repaginado, mas por enquanto houve uma parada, mas em razão disso.

[41:24] R: Você acha que deve continuar?

[41:38] E: Eu acredito... É assim olha, eu vou ser bem sincera, nós tínhamos que ter uma comissão, saúde, educação, quantos a gente entender que sejam necessários pra essa conversa, pra essa montagem. Porque assim, é ali na base, é lá na educação infantil, é no fundamental I, não é aula de educação sexual, mas é ter a sexualidade dentro da prática... Então o que acontece, deixa eu tentar explicar... A gente tem um currículo nacional, ele é fragmentado por componentes curriculares; a proposta da base curricular é integrar, porque a gente fala há anos de interdisciplinaridade, mas eles continuam trabalhando individualmente, os componentes não se conversam. Então quando você... A gente tem uma educação brasileira que forma apenas o cognitivo, só se pensa na cabeça do ser humano. Enquanto a gente tiver com uma estrutura de educação nesse formato, a gente vai continuar patinando e não formando pessoas, e pessoas gritando por ajuda e não tendo essa ajuda. Porque eles vêm pra um espaço, não tem uma família que escuta, mas eu também não ofereço espaço de escuta, ele não se vê nesse espaço. Então a gente tem um currículo ainda falando sozinho.

[43:11] R: Entendi, pragmático "né".

[43:14] E: Isso. Quando se colocar a sexualidade dentro desse currículo de forma integrada... aí a gente vai ter uma boa conversa.

[43:35] R: Quando eu pergunto sobre alguma postura, iniciativa, norma ou orientação em relação a esses assuntos, você só conhece iniciativa da área da saúde, pensando no município, você só conhece... E fora esse projeto que meio que deu uma parada por conta da câmara, você só conhece a iniciativa do município na área da saúde, nenhum outro espaço, nenhuma outra área...

[43:52] E: Eu vou ser bem sincera pra você, vou até, isso não é nem justificativa... Em 2010 eu deixei a orientação. Aí eu continuei na coordenação pedagógica. Em 2011 eu venho para a direção, então não é que eu saio do universo pedagógico, mas eu passo a trabalhar com uma equipe de sete pessoas, onde duas ou quatro cuidam do pedagógico e duas diretamente do ser humano, e cai no meu colo, um setor que eu chamo de setor financeiro. Então eu sou uma profissional, na rede, o diretor, ele é o profissional que cuida das relações, do pedagógico, do administrativo e também do financeiro. Então eu sinto um prazer muito grande quando eu tenho que atender uma mãe e eu tenho que atender uma aluna, porque eu me reconecto a esse outro. Então assim, eu confesso a você, que

pra dar conta das minhas atribuições administrativas e financeiras eu me distanciei de coisas que eu fazia.

[45:00] R: Sim... o cargo hoje "tá" nessa...

[45:04] E: Nessa "vibe"...

[45:05] R: Nessa loucura... Entendo. Você acha relevante e importante ou não para o corpo docente e para o corpo técnico escolar que esses temas sejam debatidos nas escolas do município de Santos? Por quê?

[45:26] E: Bom, eles precisam ser debatidos porque a gente "tá" lidando com jovens que estão extremamente solitários, então eu não sei se de fato a gente pode, é que "cê tá" direcionando pro tema que você está pesquisando... E eu "tô" de repente "num" outro ângulo vendo isto que você "tá" me trazendo e tantas outras questões porque assim, tem isso mas quando eu falo pra ti do ser humano é porque a gente "tá" vendo jovens que estão com os seus processos totalmente fragmentados, ou de perda, ou de luto, ou de identidade, ou familiar... Existem, estamos "num" tempo hoje em que eles estão se isolando no virtual, estão se desconectando do real, então a gente "tá" vivendo um tempo muito diferente, em que eu vejo que a escola, ela precisa, a educação precisa abrir o espaço pra que eles se vejam, pra que eles se vejam. E nesse processo de se ver, de se localizar, de se comunicar, de se respeitar e ser respeitado; porque em contrapartida a gente "tá" tendo também adultos desestabilizados e desestruturados, e quando eles olham pros jovens, eles esperam mas eles não estabelecem vínculo, eles não dialogam, então a gente tem condutas profissionais que também não facilitam o convívio...

[47:11] R: Então, por isso... Eu sei que o seu olhar é muito amplo...

[47:14] E: Não, eu "tô" trazendo aqui a questão do convívio porque assim, porque a falta deste bom convívio "tá" levando a muitas outras coisas.

[47:22] R: Eu "tô" conseguindo ver, o seu olhar, ele é muito mais amplo, mas... como a pesquisa tem a ver com estes temas, eu "tô" trazendo pro miúdo mesmo "né", você acha que essa vinculação, pela sua linha de raciocínio, seria importante para que esse debate fosse promovido entre o corpo docente e a equipe técnica?

[47:53] E: Porque "que" eu "tô" te trazendo esse contexto? Porque não adianta eu trazer o profissional mais habilitado, mais competente pra conversar, [48:04] fazer palestra, porque eu ainda escuto de pessoas que tem que trazer pra fazer palestra... Palestra eu tenho que trazer pra adulto, pra jovem eu tenho que trazer uma roda de conversa. Esse é o meu olhar. E aí eu tenho que proporcionar, eu tenho que assim, eu tenho que estabelecer nesse ambiente escolar um bom convívio, o respeito entre as partes pra depois pensar, porque eu posso ter a melhor proposta, e eu venho numa base totalmente desestabilizada, relações detonadas, professor que aponta o dedo, aluno que faz... Não se tem tempo de fazer mediação, então a gente tem assim, eu acho que é uma estrutura que precisa ser pensada, e nessa estrutura eu incluo a sexualidade.

[48:56] R: Você, se há isso, vamos imaginar que isto está posto, essa construção... Esse ambiência, essa vinculação acontecendo, "vamo" imaginar que isso a gente conseguiu... Você acha que aí é possível debater o tema?

[49:16] E: Não, não, não... Eu só "tô" colocando isso assim, porque eu quis trazer a minha realidade, o meu contexto. A sexualidade, como é a matemática, como é as ciências, como é a geografia, entendeu? A sexualidade, ela faz parte do todo.

[49:30] R: Não, isso eu entendi. Mas isto posto, essa vinculação, essa troca, esse respeito havendo, há possibilidade desses temas serem debatidos? Você acha relevante?

[49:45] E: Não, é assim, não é que é possível ou não é possível, eu digo que ela compõe, ela integra. Ela é necessária, ela é necessária, ponto.

[49:55] R: Então é isso, ela é necessária?

[49:56] E: É necessária, ponto.

[50:00] R: Seria, naturalmente aconteceria se as coisas tivessem acontecido...

[50:04] E: Eu bato nessa tecla porque é importante quem está de fora pesquisando, aprofundando e construindo uma propositura, saber que isso não é desconectado de um todo.

[50:17] R: Nunca.

[50:19] E: E a gente tem aí um todo que a gente precisa incluir "né". Então a gente tem adultos totalmente descompensados, desestabilizados e querem equilíbrios nos seus grupos, não conversa, não encaixa, nunca vai encaixar.

[50:38] R: Eu entendi. Eu entendi. É um desdobramento da pesquisa, e esta aqui ela é mais pontual, mas eu não desconecto de forma alguma, isso é condição sine qua non "né", eu entendi a sua linha de raciocínio. E você acha relevante e importante ou não para o corpo discente que esses temas sejam debatidos nas escolas do município de Santos e por quê? Um era com o olhar sobre professores e equipe técnica, esta pergunta tem a ver com o corpo do alunato, o alunato. É importante esse debate pra ele? Mesmo trazendo essa lógica da conexão, da vinculação, para além, para além não, pensando menor do que isso, você acha importante esse diálogo com eles, por quê? Pensando aqui na realidade da escola, na realidade do município.

[51:36] E: Se eu comecei a conversa falando que eu acredito no diálogo e que eu acredito no ser humano, que eu estou aqui pra ser mola propulsora desse avanço, desse desenvolvimento, claro que sim.

[51:54] R: É importantíssimo, "ok". E aí, se é que é possível dentro da sua linha de raciocínio, que profissionais deveriam, se for o caso, atuar em prol da promoção do debate em torno daqueles temas? Qualquer profissional vinculado, qualquer profissional humanizado, integrado, que compõe o espaço escolar ou outro? Porque e de que forma ele deveria atuar?

[52:28] E: Eu entendo que tem que ser uma pessoa que goste de gente, eu entendo que seja uma pessoa que respeite o ser humano, que se respeite e respeite o ser humano, uma pessoa que conheça o que vai tratar e saiba lidar com o que vier a surgir, uma pessoa que tenha muito claro que é um momento que não tem que ter juízo de valor... Que saiba fechar ou que cutucar, que conteúdos serão colocados, quando você estabelece um vínculo, quando você cria uma dinâmica nesta via você tem que saber segurar a onda do que surgir, e aí "cê" começa a passar filtros, não é todo mundo. Não é todo mundo, tem que ser alguém especializado no ser humano.

[53:26] R: E esse alguém é pensar a especializada no ser humano como você fechou "né", de que forma ele deveria atuar? Como esses temas deveriam ser debatidos? Pensando já nessa pessoa, na existência dela "né", de que maneira ele deveria atuar?

[53:48] E: A gente tem uma estrutura fechada "né, tá" ali posta. Me lembra muito o meu trabalho de orientação nesta escola privada, que ela fazia uma conexão minha e da outra orientadora com os componentes que atuavam na área de humanas, de humanas mesmo. Ciências, história, geografia, até mesmo português. Então eles abriam mão de uma hora/aula pra integrar e abrir um espaço de formação.

[54:20] R: É quando você falou, lá atrás, da integralidade das disciplinas, para além do particular, do pragmático, do formado, um momento de integrar.

[54:32] E: Exatamente, exatamente.

[54:33] R: Então seria, esse tema, ele podia ser debatido assim?

[54:38] E: Sim.

[54:39] R: Você acha ou não que haveriam pressões ou resistências de pais ou responsáveis e dos próprios alunos pra implementação de política pública ou de qualquer outra iniciativa escolar em prol desses temas? Porque você acha que haveriam essas pressões ou resistências?

[54:58] E: Eu acho que, eu entendo que só há pressão quando o espaço não é dialógico. Então se houver uma mudança, uma direção diferente no currículo incluindo essas discussões ou esse trabalho, essa política pública, a família tem que ser a primeira a ser informada a participar dessa conversa. Tem que ser paralelo. Eu entendo que a família, o mesmo espaço que é ofertado para os alunos, a escola precisa se reorganizar pra ofertar também para os adultos. As mesmas discussões, e "cê" vai integrar, o que é feito com o aluno no horário letivo, a noite eu faço com o grupo de pais. E ali eu vou criando também... Porque é aprendizado, é uma construção, então eu vou estar apresentando, eu vou estar discutindo, informando "né".

[55:56] R: E no contraponto, se isso não ocorre, naturalmente essas pressões existiriam.

[56:04] E: Sim. Então eu não acredito na pressão, porque eu agiria de forma preventiva, antecipatória; então assim, assim como eu iria conversar com os alunos, conversar com os professores, com a comunidade interna, eu faria o mesmo trabalho em paralelo com a família.

[56:24] R: E aí não haveria pressão porque ele seria, ele participaria do controle social, ele participaria...

[56:30] E: Eles teriam espaço de discussão aberta.

[56:33] R: Pra finalizar, que outros aspectos sobre os temas você gostaria de destacar, sobre aqueles temas, que outros aspectos você pensa em relação a eles que você gostaria de dar um destaque? Você falou muito do sujeito, do ser humano, da integralidade, que além desses, que outros aspectos você acha importante destacar?

[56:57] E: Quando a gente fala de sexualidade, algumas coisas pra mim vem muito junto. O autoconhecimento, a identidade que eu tenho construída de mim mesma, o quanto eu enxergo desse meu eu, o que ele espelha o que de fato eu entendo que eu sou ou eu estou espelhando o que de fato querem que eu seja. Então eu acredito que é um trabalho que vai desenrolando alguns nós. Nós da formação que eles têm com suas famílias ou não famílias, quem é responsável por eles, então a gente vai "tá" lidando com a sexualidade mas a gente vai "tá" lidando num conjunto que eu considero maior. Então quando eu falo assim, virão mais conteúdos "né"... Então assim, eu acho que é um trabalho integrativo, eu entendo que há momentos específicos mas não dá pra separar tão assim... A gente por meio de uma situação ligada a sexualidade de um determinado jovem, "cê" vai ter uma pessoa que não se vê, uma pessoa que se mutila, ou uma pessoa que se prostitui uma autoafirmação, buscando uma aceitação... Então "cê" vê, "cê" vai falar de sexualidade mas "cê tá" falando do emocional, do psicológico, da formação que ele teve...

[58:33] R: São questões que precisam ser destacadas também...

[58:35] E: Sim, eu acredito que a gente vai "tá" trazendo um eu de cada um. Quem cada um é, e vai "tá" trazendo um mundo ao qual eles pertencem, porque eu tenho o meu universo mas... [pausa]

[59:14] R: Entendi o seu ponto de vista, assim ele se percebe enquanto eu no mundo...

[59:17] E: Você na verdade "tá" tratando da sexualidade e "tá" fortalecendo a pessoa de cada um a se entender, a se ver dentro de si, mas conectada ao mundo, a um universo de possibilidades que pra algumas culturas, elas são determinantes. As meninas daqui tem um destino já traçado, elas tem um percurso sexual já traçado. E a gente precisa criar uma política pública pra quebrar esse caminho já traçado para elas, que é ser mãe cedo, aos treze, aos catorze anos.

[1:00:00] R: É uma outra questão a ser destacada, talvez, a gravidez na adolescência.

[1:00:04] E: Mas quando a gente fala de sexualidade, a gente traz esse assuntos.

[1:00:07] R: Sim, é isso, é isso. Que "que cê" precisava destacar...

[1:00:11] E: Não é? Porque você percebe a fragilidade ou a força, ou a força. Eu atendi uma menina do ensino médio que foi minha aluna no nono ano, que por nós termos um vínculo já estabelecido, ela é hoje aluna do ensino médio, dando um trabalho danado, eu intervi no atendimento, eu me propus a conversar junto com o diretor do Estado porque eu achei que eu seria uma boa mediadora ali "né", aí depois todos saíram e eu pedi pra

ela ficar pra gente conversar... Ela desmontou. Ela precisava falar. Então assim, é muito triste a realidade do jovem hoje "né", que muito cedo eles ficam órfãos, eles não tem pra quem falar. Então é complicado.

[1:00:59] R: E, muito obrigada por essa troca. Eu te agradeço muito, eu, ao final eu tenho que produzir, eu tenho que fazer um produto, o mestrado profissional ele propõe "né", eu acho que é o grande lance do mestrado profissional, é o produto e a tua contribuição, ela é fundamental pra construção dele. Esse produto, ele tem a pretensão de intervir de alguma forma na realidade "né" que... Do meu espaço de trabalho.

[1:01:33] E: Meu nome completo aqui, "né"?

[1:01:34] R: Por favor. Muito obrigada.

[1:01:37] E: Eu que agradeço.

[1:01:45] R: Muito obrigada mesmo, a gente deu uma viajada boa aqui...

[1:01:49] E: É, eu pude também esvaziar um pouco a minha caneca [risos]

[1:01:54] R: É uma troca, é uma troca...

[1:01:56] E: É, não tenha dúvida, eu venho com uma pessoa que gosta de conversar trocando com alguém que não fala nem um pouco.

[1:02:05] R: Deixa eu compartilhar esse no meu drive, senão eu perco... Eu espero não ter perdido nada senão eu vou enlouquecer... Pronto, eu acho que "cê" foi a 9.

[1:02:25] E: Agora falta a HH?

[1:02:26] R: Não, é um orientador e um diretor, a HH achou melhor a TT. Eu fiz um trabalho aqui com a HH no ano passado...

[1:02:37] E: Ela fala muito bem de você. A gente não teve tempo de conversar ainda, mas... me fez lembrar, nossa, eu viajei agora, assim, não me preparava psicologicamente [risos]

Entrevistada F

[00:00] R: Bom F, boa noite... Essa entrevista que eu faço com você tem a ver com o meu projeto de pesquisa "né", eu tenho, a metodologia pra eu concluir essa pesquisa é a fase das entrevistas "né", eu tenho um roteiro, a minha pesquisa, ela vem com a intenção de dialogar sobre a diversidade sexual "né", seus mitos, seus tabus e seus preconceitos, e eu quero ouvir de você hoje o que você pensa, sem nenhum julgamento, sem nenhuma questão já formada... É aquilo que você entende respondendo as perguntas que eu tenho no meu roteiro "né". A gente vai passar antes pelas questões que tem a ver com os seus dados pessoais, a sua trajetória de formação profissional, a sua trajetória de atuação profissional, uma é de formação e a outra de atuação, e o tema propriamente dito, o seu conhecimento sobre o tema ou não conhecimento sobre o tema, "tá"? É a perspectiva de contribuir pra minha pesquisa e depois eu me comprometo a dar uma devolutiva "né", de trabalho em si. Tudo bem?

[01:26] F: Tudo bem.

[01:27] R: F, qual seu nome completo, sua data de nascimento, seu sexo, sua naturalidade?

[01:35] F: Meu nome é F, eu nasci em UUUU, sexo feminino...

[01:47] R: E você é natural de onde?

[01:48] F: De Santos.

[01:49] R: De Santos mesmo "né"... Você atualmente é orientadora educacional...

[01:56] F: Da UME JJJJ.

[01:59] R: "Tá". Seus pais nasceram no Estado de São Paulo também?

[02:03] F: A minha mãe nasceu no Estado de São Paulo, no interior de São Paulo, e o meu pai nasceu no Estado de Sergipe.

[02:09] R: Você tem uma formação religiosa, é adepta a alguma religião, você pratica? Qual?

[02:19] F: Sim, eu sou membro da Igreja Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, mais conhecida como os mórmons, e há trinta e quatro anos.

[02:30] R: Você pratica, você...

[02:32] F: Pratico, vou todos os domingos, participo dos eventos, vou nas atividades...

[02:38] R: Você se considera em qual faixa de renda familiar? Classe média, média alta, média baixa ou outra faixa?

[02:47] F: Classe média.

[02:48] R: Classe média... [risos] "Tá" certo. Falando da sua, da trajetória da tua formação profissional "né", aonde você cursou o ensino médio, foi em escola pública ou foi escola particular, foi aqui no Estado de São Paulo, qual foi a escola e quando você concluiu, o ensino médio...

[03:10] F: Eu cursei ensino médio, antigamente chamado como magistério, escola pública, Escola Estadual de primeiro e segundo grau Martim Afonso, eu terminei em 1992.

[03:26] R: Martim Afonso é São Vicente...

[03:29] F: São Vicente...

[03:30] R: "Tá", 92. A graduação, aonde você concluiu, concluiu a sua graduação em que ano?

[03:39] F: Eu concluí na UNIMES, a Universidade Metropolitana de Santos, na cidade de Santos em 2002.

[03:48] R: Alguém da sua família, mais diretamente seus pais, seus avós, têm formação superior e em que?

[03:56] F: Não tem.

[03:57] R: "Ah", então você faz parte da primeira geração com curso superior. Você tem irmãos também?

[04:04] F: Tenho, uma irmã.

[04:05] R: E ela também tem curso superior?

[04:06] F: Tem.

[04:07] R: "Tá", ela é... Qual é a formação dela?

[04:09] F: Ela é pedagoga também.

[04:12] R: Você cursou pós-graduação, lato ou stricto sensu? Qual?

[04:17] F: Sim. Ensino... Docência do ensino superior.

[04:23] R: Em que... Aonde você fez, aonde você cursou e em qual ano você concluiu?

[04:27] F: Na Faculdade Brasil, em 2017.

[04:33] R: Aonde que é essa faculdade?

[04:34] F: Ali na Francisco Glicério... Ali naquela...

[04:38] R: É em Santos?

[04:39] F: É.

[04:40] R: Faculdade Brasil, ainda existe? Ainda tem?

[04:41] F: Existe.

[04:42] R: Não conheço... Você fez alguma especialização, cursou alguma especialização, em que Instituição e quando concluiu?

[04:51] F: Não.

[04:52] R: Nenhuma outra, só a pós? Só não "né", parece que é pouca coisa...

[04:57] F: É, e agora eu "tô" fazendo Arte na Educação, outra pós.

[05:00] R: Não é uma especialização...

[05:02] F: Não, é pós.

[05:03] R: Ai que bacana, Arte na Educação... Que legal, aonde você "tá" fazendo?

[05:08] F: Na Faculdade Brasil...

[05:09] R: Também... Gostou [risos] É o que dá, "tá" certo. Você tem alguma formação específica em temas sobre sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e/ou identidade de gênero?

[05:25] F: Não, nenhuma.

[05:27] R: Não "né, tá" certo. Agora a gente vai falar, vai fazer uma viagem na sua atuação profissional "né". Há quanto tempo você atua no magistério e quantas escolas você já trabalhou, incluindo particular, pública...

[05:45] F: Eu estou no magistério há 24 anos, acho que eu já passei por umas dez escolas...

[05:54] R: Em que níveis de ensino você já trabalhou?

[05:57] F: Sempre Fundamental I e nos últimos 4 anos, Fundamental II.

[06:05] R: Em quantas escolas você trabalha atualmente, além do FFFF...

[06:13] F: Mais uma na rede de São Vicente. Rede pública de São Vicente.

[06:18] R: É escola estadual?

[06:19] F: Municipal.

[06:22] R: Salvo, fora o município de Santos, na sua experiência profissional, que projetos ou outras iniciativas escolares marcaram você, ou qual que você considera significativo

e por quê? Em São Vicente "né", salvo o município de Santos, qual que mais te marcou, que experiência, que projeto te tocou, e por quê?

[06:50] F: Então, esse ano a gente trabalhou com, eu e a minha parceira, a gente fez um projeto com a EJA, foi uma coisa bem legal que eu acho que é a mais recente "né". De uma página na internet, "praqueles" alunos que não sabem ler e escrever "né". Então a gente foi, e o tema do nosso projeto era "O patrono da escola". Então eles tiveram que fazer uma pesquisa junto com a comunidade, porque "que" a escola foi fundada, eles já são adultos então eles tinham que, a gente queria que eles valorizassem assim, "olha, no bairro não tinha nenhuma escola, então tinha que ter um decreto do governador há tantos anos atrás pra que se tivesse pelo menos uma casinha pra poder abrigar uma sala de aula praquilo configurar uma escola", e aí depois dessa pesquisa eles foram pra internet, então a gente postou tudo que a gente recolheu na internet e a gente fez com que eles divulgassem o site pros familiares, pros amigos, e aí eles ficaram assim... Bem enlouquecidos, porque eles viam as visualizações que o site permitia "né", quem acomoda o site, não sei como que é, que abriga o site que você faz, tinha lá uma parte que você... "quantas pessoas visualizaram no dia", e aí no final, quando a gente chegava na escola a gente abria o site e a gente via lá, 14, 15, e aí eles ficavam totalmente "nossa professora, que legal", então foi um projeto bem legal.

[08:42] R: Eu vou aguardar um pouquinho... A F teve que atender uma pessoa... Salvo no município de Santos, em sua experiência profissional... Não, voltando à essa experiência, porque "que" isso foi tão marcante pra você, esse projeto, o EJA, aonde eles foram fazer uma pesquisa e criaram uma página na internet, porque "que" isso foi tão significativo?

[09:12] F: Na verdade assim, a nossa intenção era que eles valorizassem... assim, é lógico que o adulto já vai pra escola assim, já com outra visão da criança, ele "tá" ali porque ele realmente quer aprender; e a gente queria contar a história da escola pra eles "né", pra eles se sentirem parte daquilo, porque a escola foi, só se tornou a escola porque um conjunto de pessoas que também não sabiam ler mas tinham interesse que seus filhos tivessem uma escola perto de casa, foram, fizeram abaixo assinado, foram atrás, foram na Câmara, quer dizer... isso foi legal.

[09:51] R: Todo esse movimento pra que tivesse aquele espaço de educação naquele... "tá". Salvo no município de Santos, em sua experiência profissional, houve alguma política pública ou alguma iniciativa escolar em prol dos temas da sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e/ou identidade de gênero?

[10:12] F: Eu nunca vi.

[10:15] R: Há quanto tempo você trabalha na educação escolar do município?

[10:20] F: Há 14 anos.

[10:22] R: Em Santos há 14 anos. Em quais escolas você já trabalhou?

[10:28] F: Eu trabalhei aqui na UME JJJJ, e trabalhei na UME 28 de fevereiro, na UME Osvaldo Justo, na UME Lobo Viana e na UME Fernando Costa.

[10:42] R: Hoje você no município só trabalha aqui?

[10:47] F: Sim.

[10:48] R: "Tá". Nas escolas do município de Santos, que projetos ou demais iniciativas escolares marcaram ou quais você considera significativas e por quê? É a mesma pergunta que eu fiz "né", foi para além do município, agora pensando nas escolas que você já passou, qual projeto que você teve... Sentiu importância dele e por quê?

[11:19] F: Um projeto que a gente... Que eu participei que eu acho que foi bem legal, que foi a Justiça Restaurativa "né", que era ajudar os alunos a compreenderem o conflito, tentar resolver sem aquela banalização de expulsão, de punição, de colocar o cara, o aluno pra fora da escola, e que eles fossem responsabilizados pelo ato mas com a conversa "né", acho que isso foi um bom projeto que acho que foi bem legal aqui no município.

[11:58] R: Porque "que" você acha que foi bem legal no município?

[12:01] F: Primeiro porque eu participei "né", e aí como eu pude praticar dentro da escola o projeto, eu vi, consegui ver o sucesso "né", o progresso dele. Porque a gente tinha duas salas, um que tinha a intervenção do projeto e a outra que não tinha, e no final do ano a gente conseguiu ver que aquela que teve a intervenção...

[12:26] R: Da Justiça Restaurativa teve um avanço...

[12:28] F: Teve avanço, e a outra que não foi, não teve intervenção nenhuma, a gente deixou correr, não teve evolução. Eles simplesmente continuaram como eles chegaram.

[12:38] R: Entendi. No município de Santos, houve alguma política pública ou alguma iniciativa escolar em prol dos temas da sexualidade, orientação sexual e/ou identidade de gênero? E em resposta positiva, se você atuou nesses casos...

[12:58] F: Eu não lembro, eu lembro uma vez que até você que foi lá pra falar com os pais "né", mas assim, política pública eu não consigo me lembrar, e não atuei. Atuei nesse sentido de fazer o convite e de vocês do [13:15] aceitarem e irem lá mas, fora isso, não.

[13:19] R: Não enquanto política "né"... Ou iniciativa de uma escola. Isso foi uma iniciativa da orientadora F com aquela turma que talvez tivesse vivenciado algumas questões... Não deixa de ser uma iniciativa escolar, mas não do grupo escola, mas do orientador. "Tá". Agora a gente vai partir para o tema, o seu entendimento mesmo F, sem nenhum... Sem nenhuma intenção de estou certa ou errada, é aquilo que você pensa "tá", ou não pensa. Quem sabe vai despertar a pensar "né"... Como é que você define sexualidade?

[14:01] F: Sexualidade? "Ah", deixa eu ver... Pra mim é diferente do sexo "né", sexualidade é o jeito que você encara a pessoa... Eu "tô" meio confusa agora...

[14:21] R: Fica muito tranquila, que "que" é isso pra você...

[14:25] F: Sexualidade...

[14:33] R: Você já conseguiu dizer que não é a mesma coisa que sexo.

[14:36] F: Não... Eu acho que a sexualidade é o que envolve o encontro de pessoas "né", que é lógico, eu acredito que acaba no sexo "né", mas... Eu "tô" me confundindo [risos]

[14:54] R: É isso assim, é pra pensar o que você entende mesmo...

[14:58] F: É isso, não é o ato, eu acho que não... Eu acho que é aquilo que... Não sei se é... Aquela vontade, sabe? Pode ser isso.

[15:14] R: Entre pessoas, que você falou. E pra você o que é diversidade sexual?

[15:19] F: Diversidade é... Ser homem, mulher, eu acho que... definindo já socialmente; homossexuais, trans... gênero acho que é isso.

[15:37] R: Diversidade sexual...

[15:38] F: "Ah", diversidade? A diversidade sexual é como você se relaciona com as pessoas?

[15:44] R: Não, não me pergunta, eu não posso falar [risos]

[15:47] F: Diversidade sexual... Eu acho que é como você, eu sou hétero e eu me relaciono com hétero, mas eu poderia ser hétero e gostar de me relacionar com trans ou com homo...

[16:00] R: "Tá"... Isso é diversidade. Orientação sexual, o que "que" é isso pra você?

[16:08] F: É como você se vê "né"... Na sociedade. Eu posso ser mulher e eu gostar de me relacionar com mulher...

[16:21] R: Isso é orientação sexual... E identidade de gênero?

[16:26] F: Ai então, a outra era?

[16:30] R: A primeira foi sexualidade, a segunda diversidade sexual, a terceira orientação sexual e a quarta pergunta é sobre identidade de gênero.

[16:41] F: "Ah", eu acho que identidade é como você se reconhece. Eu estou num corpo de mulher e me sinto mulher, e aí a outra que era orientação sexual eu sou mulher mas eu gosto de me relacionar afetivamente ou com outra mulher, ou com homem...

[17:04] R: E algo mais?

[17:05] F: Não... [risos]

[17:07] R: Quantos livros e/ou textos você já leu sobre esse assunto?

[17:12] F: Nossa, pouquíssimos.

[17:15] R: Pouquíssimos... E como que você se informa sobre esses temas?

[17:19] F: "Ah", ouvindo as pessoas falando "né"... A gente tem uma bibliotecária aqui que ela, agora já não sei se é orientação sexual, se é... Que ela é homo "né", então a gente tem assim, uma gama de meninas que estão se reconhecendo lésbicas "né". Nem sei se esse é o termo que se usa ainda "né"... E aí a gente ficou muito preocupada porque assim, como era uma modinha da Malhação, então será que ela se reconhecia realmente uma mulher com corpo de mulher e vontade de relacionar com uma menina ou era isso só pra se manter na modinha? E aí a D que tem uma orientação sexual "né" também, pra mulheres, aí conversando com ela, ela fez uma pesquisa, montou uns slides e a gente acabou... Nos oitavos anos, a gente só conseguiu trabalhar com os oitavos anos.

[18:33] R: "Ah" então vocês trabalharam...

[18:35] F: É, mas bem superficialmente, a gente falou sobre orientação, o que era orientação, diversidade...

[18:43] R: Não foi um projeto, foram... Foram momentos de conversas...

[18:47] F: Foram duas aulas.

[18:49] R: E aí com ela, com a T, você aprendeu alguma coisa nesse sentido...

[18:55] F: É, mas muito pouco né...

[18:58] R: Qual foi a última vez que você se informou sobre esses temas, por esses temas mesmo, e por quais meios, foi o da T, foi a última vez?

[19:08] F: Foi, a mais recente sim.

[19:12] R: Você acha, você os acha "relevante" ou não para a sociedade brasileira contemporânea e pro município de Santos em particular, por quê?

[19:24] F: Sim, eu acho importante. Mesmo eu tendo cunho religioso, quando fala ficam meio "chocado né", "ai mas você", esse meu amigo, ele fala "você não tem problema com isso?" não, eu acho importante você saber, e aí você decide o que você quer ser, eu acho que as escolas deveriam falar mas os professores não estão prontos pra falar, eu encontro muita resistência aqui na escola, "já vem de novo você com esse assunto", "se a gente não conversa sobre isso eles nunca vão ficar sabendo, não desperta o interesse", e eu acho que não é assim. Eu acho que a gente precisa conversar sobre os assuntos pra eles poderem ter informações pra poder decidir o que eles querem ser, não é assim "ai não 'vamo' falar porque é melhor não falar porque aí não desperta interesse".

[20:16] R: Bom, então... bacana. Você acha que a escola então deve atuar em prol desses temas "né", porque você acha que eles são relevantes, porque aí eles podem escolher como você falou na medida em que eles têm propriedade sobre algumas coisas que eles vivem "né"... "tá". E você conhece alguma política pública municipal, estadual ou federal voltada pra esses temas? Não só enquanto educação, mas você conhece alguma política pública mesmo, de uma forma bem abrangente nessas esferas de governo voltadas pra esses temas?

[20:57] F: Não. Nenhum.

[20:58] R: Você acha que deveria haver ou não?

[21:01] F: Sim.

[21:03] R: Você conhece alguma lei ou norma jurídica municipal, estadual ou federal voltada aqueles temas? Você acha que deveria haver? Você conhece alguma lei ou norma jurídica?

[21:20] F: Não, não...

[21:24] R: Você acha que deveria haver?

[21:25] F: Sim.

[21:27] R: Você não conhece nenhuma em esfera nenhuma, nem no município, nem no Estado, nem no governo federal? "Tá". Você conhece, aí sim, alguma orientação pedagógica municipal, estadual ou federal voltada para aqueles temas? Você acha que tem que haver?

[21:45] F: "Ah", eu acho que sim. Eu acho que a SEDUC tem um projeto de uma professora chamada Cristiane Andreia, que ela vai até as escolas falando sobre sexualidade... Então na SEDUC parece que tem uma pessoa que cuida disso, se tem algum problema... Aí você liga pra lá, mas não é uma política pública "né", deve ser um projeto... Já ouviu falar da Cris Andreia?

[22:14] R: Sim, já ouvi. E aí você, você efetivamente não conhece, você já ouviu falar...

[22:20] F: É, então, aqui na escola ela veio pra falar sobre "nudes", na rede social. A gente teve um caso com uma menina aqui e que uma viralizou, e aí nós chamamos pra ela falar sobre bullying, sobre a questão mais criminal de você "tá" propagando aquelas imagens "tal", mas durante a nossa conversa ela falou que também falava sobre sexualidade "né"... Era um assunto que podia ser abordado.

[22:53] R: Então não é uma orientação pedagógica, é uma ação isolada de um profissional pela Secretaria do município, "tá". Você sabe o que os PCNs e as Bases Nacionais Curriculares Comuns dispõem sobre aqueles temas, "cê" sabe alguma coisa sobre a Base Nacional Curricular Comum ou o Parâmetro Curricular Nacional, se eles dispõem sobre esses temas, eles falam alguma coisa sobre esses temas?

[23:26] F: Eles falam "né"...

[23:27] R: Falam?

[23:29] F: Os PCNs eu sei que falam, agora a BNCC eu não sei ainda se ela tem alguma coisa específica sobre sexualidade "né", eu não sei... A diversidade eu acredito que tenha, eu acredito.

[23:46] R: Você conhece alguma postura, iniciativa, norma ou orientação do município de Santos em relação aqueles assuntos? O município como um todo.

[23:57] F: Não.

[23:58] R: Não... você acha que deveria haver?

[23:59] F: Sim.

[24:03] R: Você conhece alguma postura, iniciativa ou norma ou orientação do município em relação aqueles assuntos no aspecto escolar? No espaço escolar, perdão.

[24:16] F: Acho que não, acho que as pessoas, acho que a escola foge desses assuntos "né", porque não "tá" preparada, primeiro porque a gente não "tá" preparado pra falar sobre isso, e eu acho que a escola tem medo da devolutiva, se você der uma informação dessa e o aluno chega em casa, de repente aquela família volta pra escola achando que a gente ensinou coisas que não deveria ensinar; então acho que a escola fica muito... tem medo, então justamente pra "não vou causar problemas".

[24:51] R: E nisso então você acredita que não há incentivo do município, nenhuma iniciativa nesse sentido por conta da comunidade... Mas mesmo assim você acha que deveria haver?

[25:03] F: Sim. Eu acho que algumas situações isoladas acontecem, como aconteceu aqui deve acontecer nas escolas de sexto ao nono, também em outras escolas, mas assim... Uma coisa bem superficial pra não, porque a gente realmente fica com medo "né", de... o que "que" esse aluno e fala, e como o pai interpreta aquilo que foi falado "né"?

[25:28] R: Você acha relevante e importante ou não para o corpo docente e para o corpo técnico escolar que esses temas sejam debatidos nas escolas do município de Santos, por quê?

[25:43] F: Primordial eu acho. No mundo que a gente vive "né", em que as pessoas se descobrem, elas se sentem, se fazem parte "né"... Do mundo, elas precisam saber quem elas são. E eu acho que a escola tem essa função também, de ajudar.

[26:01] R: Para o corpo docente...

[26:04] F: "Ah"... eu acho que mais pro corpo docente, porque a gente ainda é muito cheio de preconceito "né"... Eu tenho professores aqui que não, de jeito nenhum, eles faltam no dia que eu faço a festa do troca eles não iam pra escola, eles não aceitavam isso, como que uma menina pode se vestir de menino e um menino se vestir de menina? Então acho que muito mais do que o aluno, que ele é mais, tem mais informações hoje "né", muito mais pro professor.

[26:37] R: E você já disse que não sabe como fazer, mas tem também uma resistência e como fazê-lo "né"... E pro corpo discente, é a mesma pergunta, você acha relevante "né" ser debatido na escola do município... Por quê? Agora é pros alunos... Você também já falou em outros momentos, me corrija se eu "tiver" errada, que é por conta desse conhecimento, dessa apropriação, de se ver nesse processo, você fala, em algum momento você falou sobre modismo também "né"...

[27:12] F: Também, é, "ah, tá na moda agora né", que nem aqui as meninas, elas falam "né", "ai eu fiquei com fulano, fiquei com ciclano", quer dizer, mas ficou por quê? Eu conversando agora com um menino, esses dias, aí ele falou pra mim "ah, eu gosto mais de menina", mas porque "que" você fica com menino então? Se você gosta mais de menino? "Ah, eu fico porque todo mundo fica né F"... "Não, pera aí, se o que te bate melhor é menina, cê fica com menina, cê ficar com menino só porque a galera toda está ficando... Pra mim isso é burrice", aí "não, F, você é sempre assim"... [risos] Mas é modismo, acho que acaba também levando eles a fazer coisas que eles não querem, porque se eles têm a informação, se a escola trabalhasse esses assuntos, tanto com o professor quanto com o aluno, as coisas ficavam mais claras "né", é que a gente não fala sobre isso, os pais não falam sobre isso... Ou porque tudo é pecado "né", ou porque tudo é pecado, ou porque eu prefiro não falar pra também não descobrir certas coisas... A gente acaba colocando tudo debaixo do tapete e vai levando a vida desse jeito "né", só que lá na frente as coisas vão vir, e aí sem informação eu acho que é muito pior.

[28:38] R: Que profissionais deveriam, se for o caso, atuar em prol da promoção desses debates em torno daqueles temas? Porque e de que forma eles poderiam atuar? Quais os profissionais que você acha que deveriam, você entendeu a pergunta?

[28:57] F: Sim. Acho que os médicos, "né", uma questão até de...

[29:02] R: Na escola...

[29:03] F: Na escola acho que os psicólogos, os próprios pedagogos "né" poderiam atuar, assim, com formação, é lógico, a gente realmente não tem, pedagogo falar que tem formação pra falar sobre o assunto, a não ser que ele leia bastante e o foco dele seja só esse...

[29:22] R: E você fala em profissional médico também vir à escola, é isso?

[29:26] F: Isso, eu acho que... Porque falaria um pouco da confusão do corpo "né", falar da construção das séries, como que acontece... Porque ainda existe aquilo de "ai, nasceu assim? ah não, o meio que fez ele assim", e aí você teria uma ciência pra falar "ó, existe alguma parte aí de alguns que nascem, são assim", não sei...

[29:56] R: "Tá", médico que você falou...

[29:58] F: Psicólogos, pedagogos... Se estiverem bem informados...

[30:03] R: Então pelo... quando você cita o profissional médico, é que ele pode dar uma explicação científica. Quando você cita psicólogo, por quê?

[30:13] F: "Ah", porque eles... o psicólogo trabalha com comportamento "né", aceitação de valorização do seu eu... Acho que é legal isso pra...

[30:27] R: E o pedagogo...

[30:28] F: Porque já "tá" na escola mesmo "né"... Precisava pelo menos saber do que, de repente um assunto surge lá na sala de aula, um professor, por exemplo, ele precisa "tá" inteirado do assunto, de repente você fez um monte de pergunta pra mim, que eu falei

"caramba, e agora?", e a mesma coisa acontece com o aluno, o aluno joga uma pergunta pro professor e o professor sequer, às vezes já tem até aquele preconceito, "ah eu não vou falar sobre isso, não é a minha matéria"... E aí o cara vai pra casa com aquela dúvida, e chega em casa não tem ninguém também pra ajudar, então eu acho que se fechasse ali...

[31:07] R: Então pedagogo e professor... Professor também. E como que eles poderiam atuar? Todos esses que "cê" falou, profissional médico, o psicólogo, o pedagogo e o professor, como é que "cê" acha que deveria ser a atuação deles em prol desses temas? O debate dos temas, como é que eles deveriam fazer? É pensar mesmo F, "vamo" imaginar que isso "tá" acontecendo, que é uma proposta, como é que "cê" acha que eles deveriam fazer, de que maneira esses temas poderiam ser debatidos se fosse o caso?

[31:47] F: É, eu acho que a melhor maneira é fazer a roda da conversa mesmo. Palestras "né", trazer os alunos, o pedagogo por exemplo, o professor, podia trazer temas de pesquisa "né" na sala de informática...

[32:04] R: Seriam assuntos com continuidade, debates dentro de um projeto pensado pra um semestre ou pra um ano, pro trimestre... É um "projetinho"...

[32:15] F: Isso, e aí com os profissionais lá, interdisciplinares, trabalhando juntos em favor daquele tema.

[32:21] R: "Tá"... Você acha ou não que haveria pressões ou resistências de pais e/ou responsáveis e de alunos para a implementação de políticas públicas ou de qualquer iniciativa escolar em prol daqueles temas, por quê? Você já falou um "pouquinho" sobre isso, porque "que cê" acha que haveria essa possibilidade de pressão e resistência dos pais e dos próprios alunos?

[32:47] F: Tem, acho que sim. Aqui a gente teve essa experiência quando a gente abordou o assunto, quatro meninas da sala ficavam assim... Desdenhando o assunto, fazendo caras e bocas, até que eu tive que fazer intervenção, falei "gente, nós aqui não estamos doutrinando ninguém, nós não estamos falando que agora todo mundo precisa ser gay, que todo mundo precisa ficar com todo mundo né, eu posso ser trans... não, nós estamos dando a informação pra vocês, vocês levam a informação pra casa e ajudam outras pessoas", "ai, tudo isso que você tá falando é pecado, F", bom... Você "tá" falando pra mim que é pecado, as pessoas tem direito à informação, a gente "tá" dando a informação pra vocês, a gente não "tá" direcionando vocês pra nada, quem faz a escolha, toda escolha é feita por cada um de nós, agora, quanto mais informado menos eu erro, acho que o "lance" da escola é esse, quanto mais informação a gente levar pra vocês, menos vocês vão errar...

[34:01] R: Que outros aspectos sobre os temas você gostaria de destacar, você gostaria de destacar alguma coisa em relação a sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e identidade de gênero?

[34:12] F: Ai, acho que orientação sexual e identidade de gênero "né", é uma coisa que é muito falado e que a gente se confunde muito "né", a gente não sabe o que é "né"... Ai, o que é diversidade sexual? O que é identidade de gênero? Será que é a mesma coisa?

[34:33] R: Outros temas que pudessem cruzar com esses, você acha que poderiam ser trabalhados juntos ou não?

[34:44] F: Ai, acho que sim, DSTs "né", as prevenções... Porque a gente fala muito, a gente tem muita informação mas a gente esquece de falar como que a gente se previne... Eu posso realmente ter um relacionamento "né", mas eu preciso me prevenir, não posso sair com um, outro, dois, três, quatro a mesma noite e achando que aquilo é legal pra mim, pro meu corpo, pensando na saúde "né", vincular isso à saúde...

[35:15] R: Bom F, eu te agradeço pela tua disponibilidade em contribuir, é bem relevante o que você traz e muito obrigada.

[35:28] F: Imagina, quando precisar...

[35:30] R: Obrigada, querida.

Entrevistada G

[00:00] R: Bom G, boa noite; antes de mais nada eu quero te agradecer aí a prontidão, que no final do expediente ainda conversar um pouquinho... Eu só tenho a agradecer pela contribuição “pra” pesquisa, "né". Hoje eu vim aqui fazer uma entrevista com você, eu já te expliquei um pouquinho como funciona "né", os eixos, tudo que eu pensei, e a entrevista foi baseada naquilo que eu acho importante "pro" final, “pra” coleta de dados "né", depois eu vou fazer uma análise dos referenciais teóricos que eu tive anterior a isso que nós vamos fazer hoje, e no final depois eu apresento pra vocês, de alguma maneira, o resultado da pesquisa como um todo, "tá"? Eu queria que você falasse o seu nome completo, seu cargo e a escola que você trabalha, vai de encontro com seus dados pessoais, "tá"?

[00:56] G: Então, meu nome é G [00:57], eu sou diretora da UME PPPP há três anos, mas já atuava há mais três como diretora "né", sou diretora efetiva dessa unidade há três anos.

[01:13] R: Três anos... Quanto à sua data de nascimento, seu sexo, sua naturalidade...

[01:19] G: Eu nasci em LLLLL "né", sou mulher, feminino, nasci em Santos...

[01:29] R: Seus pais... Eles nasceram em que Estado?

[01:31] G: Os meus pais são mineiros, eles vieram pra, eles casaram, e quando eles casaram meu pai arrumou um emprego na COSIPA "né", na época se chamava COSIPA, e aí eles vieram morar aqui.

[01:47] R: Você tem formação religiosa, é praticante, qual a religião?

[01:52] G: Não, a minha família, minha mãe, ela é testemunha de jeová e a gente sempre foi criado, mas eu não sou praticante.

[02:02] R: Você se considera da religião pentecostal, evangélica, ou não?

[02:08] G: Não.

[02:09] R: Você não tem uma religião...

[02:10] G: Não.

[02:11] R: Você tem uma formação em cima de uma religião... "Tá". Qual a sua faixa de renda, qual é a faixa de renda familiar que você se vê? Na média, média alta, média baixa ou em outra faixa?

[02:26] G: Eu acho que ultimamente "tô" na média baixa [risos]

[02:29] R: Eu acredito, eu acredito.

[02:33] G: Trabalha-se tanto e ganha-se tão pouco...

[02:36] R: Dentro da sua trajetória de formação profissional, pensando no ensino médio, qual foi... Você estudou em escola pública, particular...

[02:45] G: Então, até o ensino fundamental... Não, eu comecei em escola particular "né", e fiz, acho que era pré em escola particular, mas eu tinha amigos que estudavam no Porchat e infernizei a minha mãe que eu queria ir "pro" Porchat. Me frustrei, porque quando eu fui "pro" Porchat eu já sabia ler e escrever e lá só fazia exercício de coordenação motora [risos] Naquela época. E aí eu fiquei até o, a oitava série na época "né", Ensino Fundamental II em escola pública. Fiz o Ensino Médio no Carmo, fiz técnico em tradutor e intérprete, me formei em Letras e depois em Pedagogia.

[03:32] R: Qual o ano que você concluiu o teu estudo no ensino médio ainda, você lembra?

[03:38] G: Acho que em 85... Não... 88.

[03:45] R: Desculpa, você concluiu na escola técnica...

[03:48] G: No Carmo.

[03:49] R: Carmo é particular... É Santos, particular... "Tá". Em que Instituição você cursou a graduação?

[03:56] G: Na Católica.

[03:57] R: Aqui em Santos. UNISANTOS. Você concluiu em que ano?

[04:01] G: Em 92.

[04:04] R: Seus pais ou avós, eles têm formação superior? Em que?

[04:08] G: Não, nenhum dos dois.

[04:11] R: Você faz parte então da primeira geração a ter curso superior?

[04:16] G: É...

[04:17] R: Você tem irmãos com curso superior também?

[04:20] G: Não, eu tenho irmão mas ele não fez.

[04:22] R: Então você é a primeira a ter uma graduação, "né"... "Tá". Você cursou pós-graduação lato ou strictu sensu? Qual foi e em que Instituição e quando você concluiu?

[04:34] G: Não, eu não fiz.

[04:36] R: Não fez... "Tá". Tem alguma especialização?

[04:38] G: Também não.

[04:39] R: Não... Você tem alguma formação específica sobre os temas que eu trago pra pesquisa, que tem a ver com sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual ou identidade de gênero?

[04:52] G: Não.

[04:54] R: Agora a gente vai pensar um pouquinho na tua atuação profissional. Há quanto tempo você atua no magistério? Não pensando só em Santos, há quanto tempo você atua?

[05:06] G: No magistério... Desde 93.

[05:09] R: Se formou e já começou...

[05:11] G: Já comecei a dar aula.

[05:12] R: Em quantas escolas você trabalhou, dentro e fora do município?

[05:18] G: Em quantas escolas...

[05:20] R: É, dá uma "viajada" aí, a Ângela falou "viajei na minha história"...

[05:23] G: Eu comecei no Estado... Aí concomitante ao Estado eu fui pro particular, depois eu ingressei na Prefeitura de Santos...

[05:40] R: Mas isso aí contabilizando quantas escolas, Estado uma, particular uma...

[05:44] G: Estado uma, particular... Não, particular, é foi, particular, depois foi na Prefeitura de Santos duas... Depois eu voltei pro particular, mais uma... Aí eu entrei na Rede SESI, trabalhei no Casqueiro, ali na parte do Casqueiro... Depois eu fui pra São Paulo trabalhar como formadora de professores de inglês, que o SESI faz essa troca de formação... E depois eu retornei pra Santos já no cargo de coordenadora pedagógica que eu fiquei até 2013. Aí no começo de 2013, depois eu assumi a direção. Aí nesse, concomitante a isso, em 2011... Que assim, em 2008 eu retornei pra Santos, saí do SESI e vim ser coordenadora pedagógica em Santos. Isso em 2008. Em 2011 eu passei "num" concurso da Prefeitura de Cubatão e lá eu trabalhei em... uma... duas... três... quatro... cinco escolas.

[07:05] R: Você deve ter passado aí pela sua... Pelo que eu pude acompanhar, esse vai e volta de São Paulo, umas treze escolas, por aí...

[07:15] G: É... Por aí.

[07:17] R: Bastante. E em que níveis de Ensino você trabalhou?

[07:21] G: Então, eu comecei trabalhando com Ensino Médio noturno, aí depois passei pro Fundamental, como coordenadora de creche de Educação Infantil...

[07:38] R: Mas no magistério mesmo...

[07:40] G: Pelo Ensino Fundamental... Mas magistério eu sempre dei aula no Fundamental e Ensino Médio. E cursinho.

[07:50] R: Pré-vestibular?

[07:52] G: Não, cursinho “pra” concursos, “pra” concursos públicos.

[07:56] R: Em quantas escolas hoje você trabalha?

[07:59] G: Hoje em duas. “Aonde” eu leciono, em Cubatão, que é a UME Ulysses Guimarães e aqui aonde eu sou diretora.

[08:08] R: No município de... Salvo o município de Santos, em sua experiência profissional, que projetos ou demais iniciativas escolares te marcaram? O que que foi mais significativo e por quê? Um projeto que tenha te marcado bastante, fora do município "né", para além do município, vou chamar assim, qual projeto em Cubatão e São Paulo, você falou de Cubatão e São Paulo... Seja nível Estadual, particular, qual projeto que te marcou que foi significativo pra você?

[08:42] G: Assim, como a minha formação é português e inglês, é Letras, sempre foi algum, sempre coisas ligadas à leitura, ao desenvolvimento da competência do aluno conseguir se expressar através da escrita, isso sempre foi uma coisa que eu gostei muito e que eu trabalhei muito com os meus alunos "né". Porque claro, cada um tem um canal de expressão que se expressa melhor, mas eu acho que é importante a gente poder, quando a gente escreve a gente reflete, a gente pensa nas ideias, a gente volta atrás... Então todas as experiências, eu fiz um Intercâmbio uma vez entre os meus alunos do SESI com os meus alunos do Estado, que eles tinham a mesma faixa etária e eles trocaram cartas, onde eles falavam da realidade deles, eles começaram mostrando a escola, a família, escreveram quatro... No final eles foram, os alunos do Estado foram conhecer os alunos do SESI em uma festividade que teve no SESI.

[09:42] R: E isso foi bacana pra você...

[09:44] G: Foi bem bacana, foi bem legal. Também no noturno, eu peguei... Porque o noturno são alunos, não é EJA, mas é em seis meses que eles cursavam também... Era uma modalidade de EJA diferenciado que tinha no Estado. E eu consegui desenvolver com eles o hábito da leitura "né", deles gostarem de pegar livros, deles lerem...

[10:12] R: E você vê a importância disso porque?

[10:15] G: Porque eu acho que quando você tem um livro pro seu problema, se você "tá", se você tem um problema com o namorado, tem um livro que [10:24] a mesma coisa. Se o teu problema é... "sei lá", profissional... As angústias do adolescente, tem um livro "pra" ele. E eu sempre falo isso "pros" meus alunos e, nessa situação em especial "né", que foi "ah, vocês vão ler" e eles começaram um negócio "ah, não quero", eu fui na biblioteca, peguei uma série de livros que eu já havia lido e comecei a fazer propaganda do livro. Quando eu terminei, eu falei "agora vocês podem vir pegar", levantaram todos. Aí eu falei "não, nós vamos... vem, por fileira, um de cada vez" "ah professora, mas se ele pegar o livro que eu quero" aí eu falei "não gente, depois que ele ler você pega"... E os relatos depois, eles colocaram, "olha, a personagem sofria discriminação, isso já aconteceu com

o meu pai, assim, assim", então eles foram relatando, eu acho que foi bem bacana, eles perceberam que sempre tem uma história que vai falar com você, que vai conversar com os seus problemas, com as suas angústias e que vai te ajudar.

[11:31] R: Salvo no município de Santos "né", também ainda pensando "numa" lógica além daqui... Em sua experiência profissional, teve alguma política pública ou alguma iniciativa escolar em prol do temas da sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e identidade de gênero, que você conheça? Na verdade que você conheça não, na sua experiência profissional, você lembra?

[11:57] G: Não, no Estado, quando surgiram os PCNs "né", tem uma vertente lá "né"... Mas acho que nunca foi uma coisa muito abordada, é sempre na questão da orientação de prevenir gravidez na adolescência, de falar com... que o professor de ciências fala, vamos dizer assim. Mas, em Santos, agora, aí eu lembrei, quando eu comecei a lecionar na prefeitura de Santos eu participei de um projeto piloto que era, eu não lembro o nome agora mas fazia parte com a Secretaria de Educação e Saúde, que como nós éramos chamados "professores de todos", era o... professor que substitui, só que quando nós fomos substituir, era pra trabalhar com a questão da sexualidade... E era muito aberto. Como eu sou uma pessoa muito curiosa, gosto muito de ver documentário, na TV Cultura tinha alguns programas e eu lembro que eu passei algumas coisas e, assim, você vai buscando seus referenciais... Tem um livro que eu não lembro o nome, é um livro de um escritor americano, porque na época tinha o caminhão do Leia Brasil "e tal", eu conheci esse livro onde é o diário de um adolescente e que ele... Eu lembro que eu peguei um capítulo em que ele "tava" medindo o pênis, e aí ele falava do tamanho do pênis, [13:34] eu lembro que eu trabalhei isso com os alunos... Desse da TV Cultura tinha um, da TV Cultura não, da Futura, tinha alguns trechos que falavam também da questão da AIDS e tinha uns vídeos, eu não lembro se os vídeos nós recebemos ou se eu peguei da TV Cultura, falava... Tinha um "filminho" sobre a cura do AIDS, tinha um outro "filminho" que falava da mulher que pegou AIDS através do marido, tinha outro filme que falava da adolescência também, da sexualidade... Lembro que eu passei kits pra eles, então a gente trabalhava com esses temas, e tinham as formações com psicólogo...

[14:22] R: Isso lá atrás?

[14:23] G: 98. Em Santos.

[14:25] R: Deve ter sido o Projeto AIDS nas Escolas.

[14:27] G: Eu não lembro o título... Mas eu lembro que foi em 98.

[14:32] R: Fora do município você... Não teve experiência profissional com esse tema...

[14:35] G: E como coordenadora de professores no SESI, assim, no SESI como professora nunca e como formadora também não.

[14:51] R: Há quanto tempo você trabalha na educação escolar em Santos?

[14:56] G: Então... Em Santos eu comecei a dar aula, trabalhei em 98... 98... 99... aí em 2000 eu entrei no Estado...

[15:15] R: E você continuou também o município, ou não?

[15:17] G: Não... Aí eu fui pro SESI... aí saí daqui...

[15:21] R: Você voltou em 2008, "né"?

[15:23] G: É, aí eu só voltei em 2018.

[15:25] R: Aí desde então continuou no município e ainda...

[15:30] G: Aí em 2011... fui pra Cubatão.

[15:33] R: Em quantas escolas do município você já trabalhou, em Santos, só em Santos?

[15:39] G: Mas como professora ou como diretora?

[15:41] R: De uma maneira geral, todos os cargos.

[15:48] G: Um... dois... Trabalhei [15:51], no Piratininga, no Cidade... Aqui... Na Flávio Cipriano que é creche... Trabalhei no... Olivia... Umas oito escolas.

[16:13] R: Hoje você trabalha aqui só em uma, "né", você falou. Nas escolas do município de Santos, pensando no município, que iniciativas escolares te marcaram e porquê teve algum significado pra você, enquanto projeto, enquanto iniciativa escolar?

[16:33] G: Então, esse projeto de 98...

[16:39] R: Esse da sexualidade...

[16:40] G: Esse da sexualidade que eu achei bem legal... Assim, tinha liberdade de abordar do seu jeito, então eu abordava do meu jeito através de pequenos vídeos, discussão...

[16:54] R: E porque isso foi marcante pra você?

[16:56] G: Porque os alunos se interessam, os alunos têm curiosidade e é uma coisa que vai abrindo... Porque criança e o adolescente, ele quer um canal, ele hoje é muito carente então ele quer conversar, ele quer contar, confessam coisas até que a gente não quer saber, mas eles contam. Então eu achei que era uma coisa que deveria até que ter continuado porque ajudaria bastante.

[17:28] R: No município de Santos, houve alguma política ou iniciativa escolar em prol dos temas da sexualidade, orientação sexual, diversidade sexual ou identidade de gênero, e se sim, você atuou nesses casos?

[17:44] G: Então, só lembro de 98... Isso, foi quando eu atuei... De resto, eu não...

[17:50] R: Você não conhece nenhuma política pública...

[17:53] G: Enquanto direção e coordenação...

[17:58] R: Agora pensando em relação ao tema, "né". E pensando em relação ao... Pensando em relação ao tema e sem nenhuma pretensão em responder aquilo que você acha, é o seu conhecimento, a gente vai navegar um "pouquinho" sobre os temas propriamente ditos... Fica a vontade, a gente aguarda, não tem problema.

[pausa]

[19:15] R: Como é que você entende sexualidade? O que pra você é sexualidade? Eu vou fazer diferente do que eu fiz com a Ângela, eu fui falando ela... Então "vamo" lá. O que é sexualidade "pra" você?

[19:28] G: "Ah", eu acho que é o corpo, como você lida com o seu corpo "né", com os elementos do seu corpo "né"... E juntamente as suas emoções, porque eu acho que não existe um corpo separado, sem emoção "né".

[19:47] R: Diversidade sexual, o que é isso pra você?

[19:52] G: As pessoas optarem "né", pela... Hoje em dia é escolha até de sexo, não só de qual é o sexo que eu me relaciono amorosamente, mas o sexo que eu quero ser "né". Acho que é isso.

[20:09] R: É isso, é bem o que você acha. Orientação sexual, o que é isso pra você?

[20:16] G: Não sei ao certo, mas é, com o que eu leio aí, o que eu vejo... Acho que é uma questão de escolha "né" assim, não sei... Porque cada um já nasce com um sexo, você nasceu mulher, você é orientada a ser feminina "né", espera-se isso de você. Eu acho que, vai, geralmente a orientação, vamos dizer que a maioria tem. Mas algumas pessoas "né", não sei, aí eu já não sei se é... Porque hoje se fala muito que a gente tem muitos gays, gays assumidos, rapazes afeminados e "tal" por conta da alimentação, por causa de agrotóxicos, já li algumas coisas assim... Mas também eu acho que pode ser uma escolha da pessoa "né", uma orientação, eu sou do sexo feminino mas eu gosto de mulher ou eu quero ser um homem "né" mesmo sendo uma mulher... Não sei, acho que alguma coisa assim.

[21:19] R: E identidade de gênero, você entende isso, não entende, como que você entende esse conceito? Como é que você definiria isso?

[21:29] G: "Ah" não sei.

[21:30] R: Não sabe. Quantos livros ou textos você já leu sobre esses assuntos, se é que você leu, enfim... Não tem que ler "né", assim...

[21:41] G: Livro, não li nenhum. Mas eu... Livro eu não li nenhum, mas assim, sempre me chama atenção alguns problemas, alguns artigos... Por exemplo, há um tempo atrás "tava" passando um programa na GNT que fala muito sobre isso, então mostrando "né" que a pessoa não pertencia àquele corpo que ela tinha, a modificação que ela queria fazer e "tal"... Fala muito disso assim, então algum artigo que passa na internet, alguma coisa... Assim, porque sinceramente não é uma coisa que me interessa muito, apesar de ser um assunto muito atual e "tá" até na escola "né"... Quer dizer, nos lugares que eu trabalho

estão e não estão. Porque por exemplo, eu trabalho em uma comunidade praticamente evangélica... Então, se tem, não demonstra, é um ou outro que se revela, um ou outro, não é uma coisa... Aqui, eles são pequenos, apesar de eu trabalhar na creche eu já vi um menino... Mas aqui, se nota um ou outro, mas ainda é uma coisa muito... Nada escancarado, poucos que eu vi na minha realidade assim escancarados, sabe? Sou gay ou alguma menina, menina muito difícil assim... Tive um caso só.

[23:22] R: De que maneira você se informa sobre esses assuntos? Você já me respondeu, é através de programas de televisão, é mais assim do que textos...

[23:34] G: E pela internet assim, de alguma coisa, ou algum relato que me chame a atenção.

[23:39] R: Qual foi a última vez que você se informou sobre esses assuntos, você lembra? Os meios você já me respondeu, internet, mídia televisada... Mas quando foi a última vez?

[23:52] G: Não lembro...

[23:53] R: Não se recorda...

[23:56] G: Assim, me chama atenção quando, por exemplo, uma notícia... "Ó", eu vi uma vez, eu fui ler porque a filha da Angelina Jolie, a mais velha "né", ela se vê como menino, aí me chamou atenção de ler isso... Sobre isso. Mas assim, nada muito específico não.

[24:16] R: Você acha que esses temas são relevantes ou não pra sociedade contemporânea, fazendo um recorte no município de Santos em particular e porquê? Você acha que esses temas são relevantes "pra" sociedade contemporânea, em especial "pro" município?

[24:34] G: Não, são relevantes porque é uma coisa que "tá" aí, é uma realidade que "tá" gritando aí, que os pais têm que entender, as famílias convivem com isso, a escola "né"... Então, sim.

[24:52] R: Você acha relevante por isso?

[24:54] G: É, pras pessoas aprenderem a lidar. Não significa que elas têm que aceitar, eu acho assim, posso respeitar, eu posso não compreender, mas eu sou obrigada a respeitar, eu acho que isso a gente tem que respeitar; religião, é futebol, é política, é orientação sexual, sei lá... Eu posso não concordar mas eu acho que eu tenho que respeitar a opção do outro e eu acho que isso que essas informações contribuem, pras pessoas aprenderem a respeitar, eu acho que ninguém é obrigado a aceitar, de repente e a gente mostrou agora como que a gente é um país assim... Muito orientado por religião e muito arcaico em relação a isso "né"... Mas eu acho que não tem que queimar ninguém por isso até porque ninguém é Deus "né".

[25:44] R: Então você, pelo... me corrija se eu estiver errada, é relevante por conta principalmente do respeito, é algo que permeia a sociedade contemporânea e a gente precisa respeitar, é isso?

[25:55] G: A gente precisa respeitar.

[25:57] R: Você acha que a escola deve ou não atuar em prol desses assuntos e porque?

[26:03] G: Então, eu acho que aí tem um limite, onde a escola pode atuar. Porque o profissional "pra" falar sobre isso, ele tem que "tá" preparado e ele não pode emitir as opiniões pessoais dele, eu acho que... por exemplo, "ai, eu não concordo com o sexualismo" e aí, como é que eu vou me portar "pra" falar sobre isso? Eu acho que a pessoa tem que ver que ela não vai por a opinião pessoal "dele", ela vai discutir lá, desde a Grécia Antiga tinha homossexualismo, "tal, não sei o que"... Sem se colocar, eu acho. Eu acho que não tem, porque se a gente deixar todo mundo colocar a sua opinião, a gente vai "tá" fazendo a cabeça do aluno, porque o professor faz a cabeça do aluno, "né". Vai ter gente coerente, vai ter gente totalmente incoerente, tanto "praquele" que vai "ah, isso tem que morrer tudo quanto é gay" como outro que vai falar "não gente, vamo começar a beijar na boca todo mundo agora, né", então... E infelizmente eu acho que o professorado não "tá" pra trabalhar com esses temas não, viu. Falta muito, eu acho que devia ser uma política de formação do... lá das Universidades "né", ele sai isso, porque eu acho que o profissional não "tá" preparado, muitos equívocos vão acontecer no meio do caminho.

[27:31] R: Você acha que deve, mas com limites e mediante a uma formação.

[27:37] G: Uma formação... Eu acho que tinha que ter uma seleção pra quem vai trabalhar com isso, não assim... Todo mundo deveria, pode abordar informalmente se o problema surgir na sua sala. Mas, eu penso que tem que... é uma coisa muito tênue pra você cair pra um lado cair pro outro, pro "oba oba", "vamo vale tudo" e também pro discurso moralista, entendeu? Tem que... é muito tênue, não sei, acho que as pessoas hoje não...

[28:14] R: Hoje você acha que essa... os professores não teriam essa formação, precisava passar por essa formação "né".

[28:23] G: É, passar por uma formação assim, claro. Todo mundo hoje em dia queria entender, mas o que [28:28] "tá" tão desgastado que você não lê nada, "né". Ainda mais no "[28:33] que talvez não.. não se sinta a vontade pra conversar, sei lá.

[28:41] R: Você conhece alguma política pública, municipal, estadual ou federal voltada aqueles temas? Sobre diversidade... sempre nessa lógica, diversidade, orientação... Você conhece alguma política pública municipal, estadual ou federal?

[28:56] G: Então, em Santos no nosso PPP tem lá, diversidade e inclusão "né".

[29:02] R: Mas diversidade sexual...

[29:04] G: "Ah", diversidade sexual...

[29:07] R: E não "vamo" pensar, a pergunta vem assim, num olhar do teu conhecimento até macro... Para além da política municipal, além da municipal, estadual ou federal... Você acha que tem que haver ou não?

[29:21] G: Não, tem haver, e eu acho que tem... Já tem algumas coisas, eu até pesquisando outro dia, olhando, tem programas de Universidade, tem inclusive eu não sei qual é a Universidade... Nuns achados assim, que fala de diversidades, e fala de diversidade e

orientação sexual também. São micro "filminhos". E eu acho que o nosso PPP também quando fala de diversidade, eu acho que de certa forma ele "tá", ele não entrou ali no mérito e "tal", mas assim, se é pra gente acolher o diferente, então a pessoa que é um transgênero ou alguma coisa, eu acho que entra aí sim.

[30:09] R: Você, além desse PPP, você viu em escola, mas enquanto política pública...

[30:19] G: Eu acho que o governo federal tem algumas coisas assim, algumas publicações...

[30:24] R: Você conhece alguma lei ou norma jurídica municipal, estadual, federal que volte aqueles temas? Você acha que tem que haver ou não, enquanto lei ou norma jurídica, você conhece alguma que trate esse tema, esses temas?

[30:43] G: Não, eu acho que tem, mas assim... Já ouvi falar alguma coisa, mas eu não sei.

[30:48] R: Não se recorda... sobre o que exatamente...

[30:53] G: É, mas eu acho que tem alguma coisa sim, até... sobre aluno, escola, alguma coisa assim, mas quis dizer... que seja municipal acho que não, mas a nível federal, tem alguma coisa sim.

[31:09] R: Você conhece alguma orientação pedagógica, sempre a nível municipal, estadual, federal, você conhece alguma orientação pedagógica voltada "pra" esses temas? Você acha que deveria haver?

[31:23] G: Então, a única orientação pedagógica que eu conheço é alguma coisa nos PCNs, dessas Universidades que têm alguns problemas, no Salto "pro" Futuro também que é um programa de formação de professores que é feito pela...

[31:41] R: Essa eu não conheço...

[31:42] G: Salto para o Futuro passa na TV... Ai, eu sou péssima de nome... É uma TV Federal aí... E é um programa que tem discussão de professores de vários Estados, e eles colocam temas inclusive diversidade sexual.

[32:01] R: "Ah" é? Nunca ouvi falar... Você trouxe aí os PCNs "né". Você sabe exatamente o que eles trazem e as Bases Curriculares Comuns sobre esses temas?

[32:14] G: Então, a BNCC eu vou te falar que não tive tempo de me apropriar, isso não. Mas eu lembro dos PCNs porque eu até estudei pra concurso e "tal", é sempre assim... Falar de uma forma informal "né", falar de sexualidade, falar de doenças transmissíveis, falar de promiscuidade, diversidade de parceiro e "tal", mas... Acho que na época não se falava tanto, por exemplo, de transgênero, de homossexualismo como a gente "tá" vendo hoje "né".

[32:52] R: "Tá", o parâmetro então também não vai a fundo pelo que você "tá" falando aí nesses temas de orientação sexual, identidade de gênero...

[32:56] G: Não, não... Eu acho que isso é uma coisa meio recente assim, talvez a BNCC tenha mas não fala muita coisa não.

[33:07] R: Você ainda não se apropriou, acho que é... a grande maioria dos profissionais de educação que eu venho conversando ainda... É algo mais ou menos recente...

[33:14] G: É que ela saiu agora, é recente... e assim "né", tá meio...

[33:19] R: Ainda não deu conta...

[33:21] G: É tanta coisa...

[33:22] R: Eu imagino. Você conhece alguma postura, alguma iniciativa, norma, ou alguma orientação do município em relação a esses assuntos?

[33:33] G: Não.

[33:34] R: Você acha que deveria ter, no município? Alguma orientação que venha a debater esses assuntos... Ou não... Alguma iniciativa, você acha que o município deveria avançar sobre os temas?

[33:51] G: "Ah" eu acho que sim, até porque são coisas que... como eu falei, "tá" presente na escola. Mas eu... não me recordo, assim, no momento não me recordo de nada que tenha havido...

[34:05] R: Que tenha partido de uma postura, de uma iniciativa do município. "Tá". Você acha que é relevante e importante ou não, pro corpo docente e pro corpo técnico escolar que esses temas sejam debatidos no município de Santos? Por quê?

[34:23] G: Eu acho importante pra gente entender, saber lidar e respeitar, "né". Quando você "tiver" em sala de aula, como você vai... assim, por exemplo, quando você pega um aluno, como eu já tive, homossexual, mas altamente... sabe... Não é uma homossexualidade assim, vai, "ah eu namoro um menino", mas sabe o gay afetado, que quer aparecer, que vai atrás do menino, "tal", de todos os meninos... Quer sair pegando no pênis de todo mundo... Até pra gente, como a gente vai lidar com isso na escola "né". Pegar lá a sua aluna beijando a outra, coisas... Eu tive uma situação, agora que você "tá" falando que a inspetora trouxe aqui duas meninas de seis anos, falou "já é a segunda vez que eu pego as duas no banheiro, uma olhando pra periquita da outra". E são coisas que a gente fica... meio assim "né"... como que a gente trabalha isso?

[35:25] R: É importante então...

[35:26] G: É importante.

[35:28] R: E para o corpo discente. Você acha que é importante que esses temas sejam debatidos também ou não, por que?

[35:36] G: Então, mas é aí que eu falo, tem que ter muito cuidado, por que? Porque nas comunidades mais pobres, nas comunidades mais carentes que é o nosso caso aqui a maioria é evangélica. Vão pro baile funk, alguns vão, mas os nossos aqui que são

menores... a maioria é evangélica. E aí, dá muita confusão com os pais, os pais são muito fechados em relação a isso porque eles já tem uma postura, ou é isso ou você anda pra esquerda, porque se você andar pra direita já... é complicado. Então todas essas questões que diferem... olha, eu lembro um professor de artes fez um trabalho sobre os orixás, mas estudando, não falando de religião... nossa, isso deu uma confusão "pra mais de metro". Então você imagina como que vai tocar, como que a gente vai falar isso? A Secretaria de Saúde do Estado tem muito manual falando sobre isso sim, agora eu "tô" lembrando que vinha no Estado, eu peguei algumas coisas...

[36:54] R: Então tem na política pública da educação do Estado algum material, mas esse material é para formar professor, você lembra?

[37:04] G: É "pra" formar professores, mas são umas coisas assim, que eu saí do Estado em 2003...

[37:12] R: É da saúde ou... perdão.

[37:13] G: É da saúde com a educação.

[37:16] R: "Ah", é parceria.

[37:18] G: É, aí tem algumas coisas, mas assim... Fala um pouco [37:24], tem uns projetos pra você discutir AIDS, pra você discutir algumas coisas mas não afunda. Assim, até o momento que eu trabalhei no Estado, nunca vi "ah, vamo falar de transgênero" ou alguma coisa assim, não, sabe?

[37:41] R: Mas independente que... a gente, acho que mais pro "finalzinho" fala dessa pressão aí de fora, externa, dos pais... mas na sua concepção você acha relevante e importante essa conversa com os alunos? Nas escolas do município, em Santos.

[37:58] G: Então, eu acho mas tem que, é aquele negócio... Tem que saber dosar e tem que saber quem vai ser seu mediador nessa conversa, qual postura que ter, como conversar... Porque eu acho que são coisas muito delicadas, são assuntos muito delicados e pra você falar com a criança, com o adolescente, você tem que... sei lá, precisa sabe... se não o bolo desanda.

[38:28] R: "Tá", gostei do bolo desanda, entendi. Você acha que tem que ter, mas com muito cuidado.

[38:32] G: Com muito cuidado, e quem vai falar, o que vai falar... Porque são coisas complicadas, porque o adolescente assim... se sentir na sua fala que você "tá" aprovando, que ele vê que é um incentivo, porque hoje o que acontece? Muitas meninas não são nem homossexuais, mas sabe aquele negócio? A gente "tá" experimentando, então eu vejo a colega, eu saio com a outra... Sei lá, e às vezes a família na "bandalheira". Meu marido trabalha em uma escola particular e tem muito homossexualismo feminino, as meninas falam, elas contam coisas, vieram ontem comentar que o pai é bissexual, sabe assim... E o meu marido, ele é músico, ele é "rockeiro", então ele é uma pessoa como diria, aberta do jeito que ele é. E até ele ficou meio chocado assim sabe, quando a menina veio contar "né"... Falar "ai professor, meu pai é bissexual, não sei o que", sabe... Até ele ficou meio... Como que vai abordar? Porque depende do que você fala, ela vai chegar em casa e falar

"ah, o professor achou o máximo, não sei o que", ou "o professor reprovou essa atitude", não sei... Vou te falar que eu me sinto bem despreparada assim, pra falar, pra trabalhar, e eu acho que a gente tem que dosar aí pra depois não desandar de vez.

[40:04] R: A tua resposta vai de encontro assim, com uma pergunta que eu vou fazer agora que você já meio que pensa em alguém com esse perfil pra essa conversa "né". Que profissionais, você acha, se for o caso "né", deveriam atuar em prol da promoção desse debate em torno desses temas? Porque esses profissionais, que você já mais ou menos trouxe aí, o cuidado, a forma, tem que ser alguém que consiga se apropriar e com muito cuidado debatê-lo, mas quem você pensa que poderia fazer isso e de que forma eles deveriam atuar, para dialogar?

[40:49] G: Primeiro eu acho que tem que ser alguém que queira. Tem que partir da vontade da pessoa, ela tem que se sentir bem trabalhando com esse tema, ela não pode ser uma pessoa que vá colocar seus valores, seus princípios, sua religião ou a sua não-religião também e "tal" a frente aí... Eu acho que é o professor, porque eu acho que professor tem uma linguagem melhor.

[41:19] R: O professor que queira, "né"?

[41:21] G: O professor que queira. Porque assim, eu não sei, as experiências que eu tive com a saúde falando pra adolescente de DST, de gravidez na adolescência e "tal" ou vai pro lado muito técnico, ou quer ser legal com a "molecada" e aí também "descamba" sabe assim, começa a ficar meio baixaria às vezes. Então não sei, acho que tem que ser uma pessoa que se sinta a vontade, o profissional que se sinta a vontade, que consiga lidar com adolescente, porque a hora que você começar a falar nisso, muitas coisas vão surgir, vai ter chacota, "ah aquele ali, olha, queima rola", sabe? E como que você vai lidar com isso, é uma pessoa que tem que querer.

[42:09] R: Dentro da escola você pensa o professor, e de que maneira que ele faria esse diálogo?

[42:16] G: "Ah" eu acho que tinha que ser, sabe assim, fora da sala de aula, roda de conversa, eu acho que poderia se mediar através de um filme, através de um livro, porque tem aluno que vai falar um horror, tem outro que "tá" ali caladinho, sofrendo, e talvez sabe... Por uma experiência de ver o outro, uma dificuldade no outro, no personagem, no protagonista do filme talvez ele vá se revelando, vá colocando... Porque tem os que "tão tipo" não tenho nada a perder, que vai, fala, gosto mesmo e "não sei o que, tal"... Mas também tem aquele que "tá" ali calado, não consegue, talvez isso... Eu acho que a literatura ajuda muito, acho que a literatura ajuda muito.

[43:08] R: "Tá", então pensando aí, os professores, em uma roda de conversa fora da sala de aula...

[43:16] G: É, assim, o momento descontraído, não aquele momento "ah, vamo todo mundo pra sala de aula", não, assim... Descontraído, acho que tem que ter um gancho, não é falar "olha, hoje nós vamos falar sobre homossexualismo", acho que não tem que ser assim, tópico de aula, ele tem que ser um gancho que ele vai pegar através de qualquer outra coisa.

[43:39] R: "Tá", e isso seria de forma sistemática, pontual, seria um trabalho anual, durante o ano "vamo" abordar...

[43:46] G: Então, eu acho que poderia abordar "né", assim, achar um gancho "pra" abordar, mas conforme os interesses dos alunos aí a coisa vai, o projeto vai se delineando... Porque de repente você pode pegar um grupo de alunos que, sabe... Não é ali, e a gente pensa que não, olha... Pra fazer isso, muitos adolescentes eles reproduzem pensamentos de casa extremamente tradicionais. Então você pode pegar sabe, e só conduzir aquele... e vai falar "não, não, não, não, tem que morrer, tem que isso e aquilo né", então...

[44:28] R: Você acha ou não... na verdade, você já até me respondeu, que haveria pressões ou resistências de pais ou responsáveis e de alunos para a implementação dessas políticas públicas ou de qualquer iniciativa escolar em função desses temas "né", você traz o aspecto, principalmente, do aspecto religioso como uma questão "né", que talvez...

[44:50] G: E hoje "né", mais do que nunca, os grupos religiosos mandam no Brasil, então se não for um assunto que... não vai, não viu a história aí do kit gay aí, como que... derrubou até candidato "né", assim... Fora de contexto. Teve um livro, uma vez, é "não sei o que" da galinha, como ensina as crianças... foi recolhido.

[45:18] R: Não lembro, não me recordo. Teve isso?

[45:21] G: Teve, teve um livro que foi recolhido, aqui na Prefeitura de Santos, em 2008.

[45:27] R: 2008?

[45:29] G: Eu entrei em... 2009. 2009, 2010.

[45:34] R: "Tava" no projeto da escola, na educação como um todo?

[45:39] G: Não, foi um livro que veio pra algumas escolas, acho que "tavam" na creche, e aí foi recolhido esse livro. É, que não abordava de forma... uma coisa assim.

[45:53] R: Adequada... Que outros aspectos sobre esses temas você gostaria de destacar?

[46:02] G: "Ah" eu acho assim, tem que ter uma formação, tem que ver um professor que tenha linguagem com as crianças, que saiba falar... Eu acho que não deve ser assim, tema de aula sabe, tem que ser um gancho e aí pra... "Pra" perceber as dificuldades, o que eles gostariam de saber, eu acho que a pessoa tem que ser imparcial. Ela tem que demonstrar essa imparcialidade, porque senão... E isso é difícil, também não é fácil, falar "ai eu sou totalmente imparcial", não porque todo mundo tem os seus valores, traz a sua cultura, é muito difícil. Mas, ao mesmo tempo, é uma coisa que a gente... Senão, como que a gente vai abordar isso? Eu acho que, eu penso que assim... É o que eu falo com os meus alunos, eu não concordo, por exemplo, eu tenho muita dificuldade em entender, até pensando pelo lado biológico, como eu li vários relatos aí por causa dos agrotóxicos "tal", da alimentação, de "tá" surgindo e é uma coisa que a pessoa não controla, vem dela, sei lá", a cabeça, e também tem o psíquico e tudo... Tudo bem. Mas eu acho, assim, pra mim é difícil entender, sabe? Não é assim... sei lá... Até onde você vai através dos seus desejos, porque se a gente parar pra pensar assim, "ai vou fazer tudo que eu desejo"... O ser

humano vive sem limites, e eu acho que na vida a gente tem que ter alguns limites, minha concepção. Então “pra” mim, algumas coisas nesse sentido, eu respeito muito, por exemplo, o rapaz da secretaria é gay, ele vem conversar comigo, ele fala dos namorados dele, eu respeito. Sempre tive amigos gays, eu respeito. Mas você dizer assim, "você entende? você aceita realmente dentro de você?", eu tenho muita dificuldade, mas eu primo por respeitar as pessoas, você não vai ser melhor ou pior por conta disso, entendeu? Não vou deixar de receber você na minha casa, nada disso. E eu acho que o adolescente, ele é muito novo, e a "molecada tá" muito largada. A gente vê que ou é recluso demais, vai, por conta de orientação religiosa, não sei o que, ou o cara é totalmente largado, e eu não sei até onde os pais não "tão" prestando atenção nas coisas que "tão" acontecendo, e isso em todas as classes sociais. Então, é onde todo mundo "tá", pela pressão do grupo, vai provar da droga ao homossexualismo, sabe? Vai fazendo absurdos, a gente que dá aula “pra” adolescentes você fica horrorizado com as coisas que eles contam, e vou te falar que nas escolas particulares as coisas "tão" piores, piores, piores, piores. Assim, "tá" uma loucura.

[49:22] R: Muito obrigada G pela tua contribuição, novamente eu te agradeço de verdade, é isso. É o que você acha, é o que você pensa "né", e que bom que a gente pensa de várias formas, que eu acho que o enriquecedor é isso; são as trocas, "né"... É um tema difícil "né"...

[49:45] G: Eu assisti uma... no GNT, uma, mostrou uma diretora de escola que é trans, em Minas, e ela participa de um grupo e tudo, e assim... Como ela é vista, pelos pais, pelos alunos... Todo mundo sabe que ela é trans "né". Foi um programa que eu quis continuar vendo porque eu achei interessante a abordagem que eles "tavam" dando, tudo... Mas por exemplo, teve um outro "ai, famílias, de quatro pessoas, todo mundo transa com todo mundo"... Gente, eu não consigo aceitar isso... "Tá", tudo bem, é uma opção de A, de B, de C, de D, mas eu acho isso muito, muito louco. Assim, sabe? Uma sociedade sem limites... Porque eu acho que a gente "tá" meio assim, a gente caiu... Ou você é A, ou você é B, não tem mais meio termo, isso "tá" uma loucura total, acho que os anos 70 voltaram assim... Mais enlouquecidos. E os jovens "tão" perdidos porque eles não têm referência, quem são as referências? Não são pais, não são avós, porque hoje as famílias estão aí dilaceradas e "tal", quem que é? É a blogueira, a youtuber, é o artista... Então, eu acho que os alunos, as crianças "tão" muito buscando referenciais, e aí é onde a "molecada" tá...

[51:24] R: E orientações...

[51:25] G: E orientações.

[51:25] R: "Ok", obrigada.

Entrevistada H

[00:00] R: Bom H, muito obrigada aí pela tua ajuda nessa pesquisa "né", eu gostaria de começar essa entrevista com você, na verdade é uma entrevista, trazendo aí aspectos dos seus dados pessoais "né", começando pelo seu nome e a escola a qual você representa hoje e o seu cargo, "tá"?

[00:28] H: Meu nome é H, eu sou orientadora "né", estou no cargo de orientadora educacional da Escola Municipal LLLLLLL, aqui em Santos.

[00:48] R: Qual o seu sexo, qual a sua naturalidade e a naturalidade dos seus pais, se são do Estado de São Paulo ou não, enfim...

[01:02] H: Eu sou do sexo feminino, eu sou natural de Presidente Venceslau "né", sou do interior de São Paulo, já é quase a última cidade ali, penúltima "né", divisa do Mato Grosso do Sul. E meus pais, minha mãe é de Minas Gerais criada em Presidente Venceslau, meu pai é de Martinópolis ali da região mesmo e também criado em Presidente Venceslau.

[01:38] R: Martinópolis...

[01:39] H: Estado de São Paulo.

[01:41] R: Você tem formação religiosa "né"... Você é praticante?

[01:46] H: Sim, sim, sou praticante, minha família sempre foi muito católica, minha mãe... Na verdade, assim, eu peguei a religião católica da minha avó, minha mãe, ela... Se identificou católica bem mais pra frente. Então assim, eu nunca tive obrigatoriedade de ir para a Igreja, fiz primeira comunhão já com... Já tinha uns treze, catorze anos, foi uma opção minha "né", e entrar na Igreja Católica foi muito bacana pra mim porque era uma forma muito lúdica, minha avó me levava aos terços no interior, às casas das pessoas e eu me identifiquei e encontro-me na religião católica até hoje. Até os dias atuais.

[02:42] R: Tá. Você se considera em que faixa de renda familiar? Classe média, média alta, média baixa ou outra? Qual é a classe que você se encontra?

[02:54] H: Olha, eu me encontro na classe... na média baixa.

[03:03] R: Média baixa. Agora a gente parte pra sua trajetória de formação profissional, "tá"? Você estudou em escola particular ou pública em nível de ensino médio, qual foi a escola, Estado, qual o ano que você concluiu?

[03:20] H: A minha trajetória profissional se deu toda praticamente na escola pública, só o nível universitário foi em escola particular, faculdade particular; eu estudei no interior, primeiro ano no interior... E no primeiro ano eu fiz duas vezes...

[03:51] R: Ensino médio?

[03:52] H: Não, primeiro ano mesmo.

[03:55] R: Primário...

[03:57] H: Isso. Na época era primário, não existia esse termo "fundamental". Eu era de uma região do interior onde a educação infantil era pra poucos "né", a educação infantil era pra uma classe social alta porque dizia-se no interior que mãe que colocava o filho na educação infantil eram pessoas ricas, madames, que não tinham o que fazer, colocavam os filhos nas escolas e iam passear, não eram donas de casa respeitadas... Elas tinham empregadas, tudo, e o filho ficava lá na educação infantil pra elas passearem, então era esse o conceito... Então eu me lembro que minha escola era enorme, tinham duas classes de educação infantil que nós olhávamos parecendo um aquário assim, deslumbrados mas não podíamos entrar porque educação infantil era restrita só para aquele grupo que eram os filhos dos fazendeiros.

[04:56] R: Sim, mas a nível de ensino médio você também estudou...

[04:58] H: Sim, ensino médio eu também fiz CEFAM, que foi Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério "né", foi Magistério em período integral, no Guarujá, escola pública, projeto muito bacana que infelizmente, devido às nossas políticas públicas acabou.

[05:15] R: E qual foi ano que você concluiu?

[05:17] H: O magistério eu concluí em 1991.

[05:22] R: Eu não me recordo se eu perguntei sua data de nascimento... Você não falou "né", qual é a data de nascimento?

[05:29] H: P P P P P.

[05:34] R: Porque você trouxe aí um histórico e eu me lembrei da... nossa, ela foi de uma realidade de interior, qual é a data de nascimento dela... Em que instituição você cursou a graduação e quando você concluiu?

[05:50] H: Eu cursei aqui já em Santos, eu sempre, eu morei muitos anos em São Vicente, morei trinta e poucos anos em São Vicente, na verdade eu vim morar em Santos agora depois de casada, tem uns quatro, cinco anos que eu moro em Santos... mas eu concluí, eu cursei a faculdade em Santos na UNIMES, na UNIMES não, era UNISEP na época...

[06:17] R: Quando foi, você lembra essa época?

[06:18] H: Foi 1993.

[06:23] R: Seus pais ou avós...

[06:27] H: Aliás, desculpe... eu concluí a faculdade foi em 1995.

[06:34] R: Seus pais e/ou avós "né", eles têm formação superior e em que?

[06:38] H: Não, meu pai tinha o ensino técnico "né", que na época era uma coisa de luxo [risos] Meu pai tinha o ensino técnico, ele fazia, seria... aqui era chamado de edificações "né", e minha mãe tinha... Minha mãe fez até o segundo ano, ela estudou aqui no Mobral,

ela fez o antigo Mobral e depois ela foi pra uma escola e cursou a EJA. E os meus avós, minha avó era analfabeta e o meu avô tinha o mínimo de estudo possível, por parte de mãe. E por parte de pai, o meu avô estudou, meu avô nasceu em 1900 e nós tínhamos a curiosidade de saber como o meu avô sabia ler, escrever, com tanta propriedade e ele disse ter sido alfabetizado pelo Exército Brasileiro, que ele disse que na época o Exército Brasileiro passava "né", faziam missões e alfabetizavam. Ele foi alfabetizado assim.

[07:47] R: Você 'na primeira então, é da primeira geração da família com curso superior.

[07:52] H: Não, porque eu tinha meus tios "né". Tive os meus tios que tiveram, tive tios que tinham curso superior.

[08:01] R: Mas dentre essa escala avô, pai e você, nessa geração, sem contar os tios...

[08:10] H: "Ah tá", sim, sim, seria dessa geração.

[08:12] R: Você tem irmão com curso superior?

[08:14] H: Tenho, tenho, meu irmão tem curso superior.

[08:16] R: Em que? É um irmão só?

[08:18] H: Não, eu tenho dois irmãos. Um tem curso superior, o outro não tem, o outro meu irmão não tem porque infelizmente foi vítima de um erro médico e ele tem sequelas de meningite, então ele tem um comprometimento de memória.

[08:34] R: O outro tem?

[08:38] H: O outro meu irmão tem curso superior, ele teve ensino superior em ciências contábeis e pós-graduação.

[08:51] R: Você, falando em pós-graduação, você tem pós lato ou strictu senso, qual, em que instituição você fez e quando você concluiu?

[09:00] H: Eu tenho pós-graduação, a pós-graduação eu fiz na UNIMONTE, atualmente a Faculdade São Judas, eu fiz pós-graduação em educação infantil e concluí em 2010. E a minha segunda eu concluí em orientação escolar, orientação educacional e eu concluí agora em 2015.

[09:42] R: Você cursou, além dessa pós-graduação, alguma especialização, em qual instituição e quando concluiu?

[09:53] H: Não, eu não tive, não foi assim uma especialização... Eu fiz um curso que achei muito bacana, foi há muitos anos atrás, acho que foi 1985... Eu fiz um curso, que pra mim me ajudou muito, pra minha vida em sala de aula, ele não deu titulação de pós-graduação, na época nem se falava muito em pós-graduação "pra" base... Foi pelo Estado, foi um curso em Teologia Ecumênica, achei muito bacana.

[10:40] R: Não chega a ser uma especialização...

[10:41] H: Nós fizemos dois anos mas ele não deu o título de graduação, não teve nada nesse sentido.

[10:47] R: Você tem alguma formação específica em temas sobre sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e/ou identidade de gênero? Se sim, em qual instituição e quando você concluiu?

[11:08] H: Formação, nenhuma. Nenhum curso, eu fui em uma palestra na Semana da Educação aqui em Santos, e assim, lamento porque não foi apresentada outras vezes.

[11:24] R: Tá. Agora a gente vai passar pra sua trajetória de atuação profissional. Quanto tempo você já atua no magistério?

[11:33] H: Atuo no magistério há 23 anos.

[11:36] R: Em quantas escolas você trabalhou nesses 23 anos?

[11:41] H: Nesses 23 anos...

[11:46] R: Consegue lembrar? [risos]

[11:47] H: Consigo, consigo porque foram poucas. Eu sempre fui um carrapicho, eu sempre grudei nas escolas, tive muitos laços afetivos nas escolas que passei... Nove escolas.

[12:15] R: Dentre as nove "né", somando, em quantos níveis de ensino você já trabalhou?

[12:24] H: Já trabalhei no infantil, no fundamental I, no fundamental II e no ensino médio, quatro.

[12:34] R: Você trabalha atualmente em quantas escolas?

[12:36] H: Duas.

[12:38] R: Salvo no município de Santos "né", na sua experiência profissional, que projetos ou outras iniciativas escolares te marcaram? Ou quais você considera significativas? E porque você acha significativo, ou porque te marcou?

[13:03] H: Marcou muito na prefeitura de Santos...

[13:07] R: Fora, salvo a prefeitura...

[13:10] H: "Ah tá", desculpa.

[13:11] R: Imagina, pra gente depois ir voltando no município...

[13:14] H: Salvo a prefeitura, o que me marcou foi... curso?

[13:22] R: Na sua experiência...

[13:25] H: Duas experiências... Foi um curso de Teologia, um curso de verão na PUC que trabalhava muito as comunidades eclesiais de paz, me marcou bastante devido a aquele entendimento melhor e fazer uma leitura da cultura popular e ter uma religião que, dentro da religião você não ter a discriminação. Foi significativo pra mim. E quando eu tive, eu trabalhei também no SESC, ter conhecido mais de perto o pensamento e as reflexões em grupos de estudo de Paulo Freire.

[14:24] R: Porque você achou isso importante e significativo?

[14:28] H: Porque mudou a minha visão, porque foi algo que me desconstruiu. Então isso foi muito significativo pra mim, porque eu tinha conceitos fechados né, eu vinha da minha família com muitos conceitos fechados mesmo e tudo isso me desconstruiu, me fez rever os meus valores. Isso foi muito importante.

[15:00] R: Ainda salvo no município de Santos, a gente vai chegar em Santos, houve alguma, na sua experiência, alguma política pública ou iniciativa escolar em prol dos temas da diversidade sexual, identidade de gênero, orientação sexual ou sobre sexualidade? Que você se recorde, teve alguma iniciativa escolar em prol disso, fora do município, desses temas?

[15:31] H: Olha, quando eu estudava no magistério isso foi abordado, você já fazia esse tipo de abordagem "né"...

[15:39] R: Mas enquanto experiência profissional...

[15:41] H: Agora, enquanto experiência profissional eu não tive...

[15:49] R: Não se recorda de ter nenhuma política pública?

[15:51] H: Não, política pública não porque na minha época, eu peguei uma época que não se falava "né", que era proibido tocar no assunto... Proibido entre aspas "né", uma proibição velada, que é a pior. E depois nós tivemos uma mudança que marcou o município que foram os parâmetros curriculares que surgiram, que deu abertura aos temas transversais que surgia a abordagem da sexualidade e tudo mais, era mais assim sexualidade AIDS, falar sobre DST, sobre... Temas diversidade não entrava, não era tão abrangente nesse sentido, tocava no assunto como uma pincelada, mas achei que já foi um avanço "pra" uma política pública tão fechada que vinha tendo.

[16:53] R: Agora chegando à Santos [risos] Quanto tempo você trabalha na educação escolar aqui nesse município?

[17:00] H: 17 anos.

[17:01] R: Em quantas escolas você já trabalhou?

[17:05] H: Em Santos... Já trabalhei... Cinco.

[17:27] R: No município de Santos, hoje, você trabalha em quantas?

[17:31] H: Uma, só aqui.

[17:35] R: Nas escolas do município, essas cinco que você passou, que projetos dentro daquela linha "né" de pensamento, que projetos ou demais iniciativas escolares te marcaram ou quais que você considera relevantes, significativas, e porque?

[17:58] H: Tive na prefeitura ou não?

[18:01] R: Não necessariamente

[18:02] H: Tivemos um projeto na minha escola, uma professora, ela até ganhou o prêmio Educador Santista porque ela fez um projeto de uma outra releitura da cultura indígena, por exemplo, achei que foi marcante porque envolveu a escola inteira. E assim, as pessoas se apropriaram melhor dessa cultura. Tivemos, eu desenvolvi um projeto na Escola Cely de Moura Negrini que me marcou bastante, que foi sobre a diversidade racial e o preconceito, mas onde... eu queria abrir os espaços para as discussões e para a reflexão, e me marcou bastante, porque depois de anos eu encontrei uma mãe com o cabelo todo "enroladinho", cheio de "cachinho", e ela falou "professora, eu resolvi me apropriar do que sou depois daquele projeto". Então isso me marcou bastante porque eu não tinha noção de que meu projeto estava atingindo tanto.

[19:20] R: A proporção que tomou...

[19:21] H: Isso, a proporção que ele tomou. E uma outra também que me disse, ela... Era um projeto em que os pais entravam também em sala de aula "né", então os pais vinham várias vezes na sala de aula fazer atividade com as crianças e nós tínhamos um grupo de trabalho ali dos pais, crianças, era muito bacana. E uma mãe me disse, os pais tiveram a oportunidade de escrever como eles se viam, se eles já haviam passado por qualquer tipo de preconceito. E surgiu a questão homossexual, também, mas assim, muito ainda tímido, e surgiu também uma mãe dizendo dos invisíveis. Por ela trabalhar, ela varria rua, e ela disse o quanto as pessoas se afastavam dela no ônibus porque ela estava mau cheirosa vindo do trabalho. Ela dizia que quando ela estava de uniforme ela era tratada de um jeito, quando ela vinha sem o uniforme ela se via tratada de uma outra forma.

[20:33] R: Ainda no município de Santos, houve alguma política pública ou iniciativa escolar em prol dos temas da sexualidade, de orientação sexual, ou identidade de gênero, diversidade sexual?

[20:49] H: Não, somente uma palestra, aquela palestra que eu citei na Semana da Educação.

[20:55] R: Nenhuma outra que você conheça, "né"? Tá. Agora a gente vai dar, a gente vai entrar no eixo que tem a ver com o conhecimento do tema. E reforço que não tem... É aquilo que você compreendeu ou compreende do que vem a ser, fica muito tranquila "tá", porque o que me interessa é a sua percepção disso. Como é que você define sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e identidade de gênero? Deixa eu voltar, vamos por partes "né" [risos] pra não assustar um "pouquinho". Como que você define sexualidade?

[21:41] H: Sexualidade, pra mim, a gente vive desde quando a gente acorda "né". Ou às vezes até dormindo, naqueles sonhos gostosos que temos [risos] Então, a sexualidade é muito ampla "né", eu vejo sexualidade na tão taxada e rotulada terceira, quarta, quinta

idade, que eu acho muito bonito, muito bacana; então sexualidade pra mim é desde quando acordamos, ou até mesmo dormindo, quando nosso subconsciente extravasa.

[22:30] R: Diversidade sexual, quando eu falo essas palavras, você pensa em...

[22:35] H: Eu penso nas... Nas orientações sexuais que as pessoas podem ter, independente do sexo que elas nasceram.

[22:47] R: Isso, pra você, é diversidade sexual?

[22:49] H: Pra mim, isso é uma diversidade sexual.

[22:52] R: E orientação sexual? Isso te remonta a que?

[22:57] H: Agora também, desconstruiu [risos] A orientação, poxa, uma coisa misturou com a outra "né"... Porque a orientação sexual é justamente isso, é você, não necessariamente eu nasci homem e exerço, nasci esse homem entre aspas no sentido do sexo masculino, mas de repente a orientação sexual da pessoa é gostar de outro homem, amar outro homem, se sentir bem fazendo sexo com outro homem, "né". Ou se sentir fazendo sexo com os dois, com o homem e mulher... É uma mulher que nasceu mulher mas se sente feliz e se realiza e sente o prazer dela, extravasa o prazer sexual dela tendo relações sexuais com outra mulher, "né". Ou também com outra mulher e outro homem, pra mim é isso.

[24:01] R: E por último, já tá acabando essa... esses conceitos assim, vou chamá-los... o que é identidade de gênero?

[24:12] H: Identidade de gênero é como a pessoa se identifica, acho que isso "tá" tudo entrelaçado, porque assim, eu... o ser mulher e se identificar com o sexo masculino, então eu sou uma mulher mas, em sexo feminino, porém me identifico, me realizo sendo um homem, portanto teria o direito usar o nome social, ou ter... Porque assim, seria assim, essa é a minha identidade "né", então acho que entraria nessa questão...

[24:59] R: Quantos livros ou textos você já leu sobre esses assuntos?

[25:07] H: Li há muito tempo atrás uma matéria na Folha de São Paulo, mas há muitos anos atrás mesmo, quando surgiu a polêmica "né" da Marta Suplicy, de lutar pelo casamento civil, do reconhecimento civil dos homossexuais... E não conheço nenhuma bibliografia nesse sentido nem no aspecto, e na verdade assim, escutei "né", eu sou muito curiosa então eu escutava, tinha um programa, esqueci até o nome, era na CBN que falava sobre a diversidade sexual. Então eu escutava, era todos os domingos e era curtinho, era um programa bem bacana...

[25:57] R: É rádio?

[25:58] H: É rádio. E ele terminava, assim, com gosto de quero mais, porque era bem bacana o programa, bem legal. Assistia, mas também assim, foi um programa que desapareceu, do nada sumiu, e hoje eu não me vejo assim... Tendo nada em mãos que eu possa estar.

[26:20] R: Então você se informou em dado momento da sua vida através de uma matéria na Folha de São Paulo e sobre esse veículo de comunicação no programa da CBN.

[26:32] H: Isso, que eu assistia todos os domingos.

[26:33] R: Hoje você não se informa sobre esses temas...

[26:37] H: Não, eu procuro assim, me informar com amigos, amigos homossexuais "né" que eu tenho, conversar, saber algumas coisas, algumas opiniões, tudo, quando eles também se abrem e estão abertos a isso.

[26:56] R: Tem mais a ver com a tua relação pessoal... E você se informa desse jeito, mas nenhuma busca literária, nesse sentido não... Não há hoje...

[27:05] H: Não...

[27:08] R: Você se lembra qual foi a última vez que você se informou sobre esses temas, quando foi a última vez que você teve contato com essa rádio, com essa matéria...

[27:20] H: Com a rádio... Com a rádio acho que foi uns três anos atrás... E com matérias nesse sentido, foi há dois anos.

[27:50] R: Você acha que esses temas são relevantes ou não pra sociedade brasileira contemporânea e para o município de Santos, em particular? Por quê?

[28:01] H: Eu acho que são bem relevantes "né", são relevantes, deveriam ser mais abordados, melhor abordados, porque eu acho que assim... Eu não vou usar mais a palavra "acho" [risos] É apenas um vício de linguagem, eu tenho convicção que a escola, ela é um grande retrato da sociedade. E aqui, nós temos que acolher e ensinar os nossos alunos a respeitar, certo? E a ter contato, porque o preconceito vem do desconhecimento. Então, eu acho que deveria ter mais, nós deveríamos ter mais formação nesse sentido, informação... Mas uma coisa, porque eu sinto na educação uma coisa muito desconectada. Então você tem uma formação, só que se o professor na sala de aula aborda o tema, fala alguma coisa e a criança fala em casa e a mãe vai até a secretaria da educação, a escola responde um processo. Então é como se as coisas estivessem totalmente desconectadas, é como se a secretaria virasse as costas e dissesse "eu não mandei você falar disso", sabe? Então teria que ser um trabalho, assim, conjunto, uma coisa de verdade... Não é essa administração, mas assim, a prefeitura de Santos, nós enquanto sociedade, por uma sociedade melhor, por uma escola melhor, nós abraçamos a causa não por ela ser uma causa, mas por ela ser uma realidade, por eu estar apropriada da realidade. E nós não temos isso, então eu fico muito "pê da vida" quando as pessoas criticam muito a escola, "ah, porque a escola isso, porque a escola aquilo" porque assim, nós não temos respaldo, nós não temos respaldo. Porque é como eu disse, se a mãe reclama nós respondemos um processo. A gente sabe, nunca deu assim coisas imensas, grandes, mas você ter uma coisa, você estar apropriado, não digo da verdade porque a verdade ninguém a tem, você estar apropriado de uma coisa que é justa e que a criança deveria saber e você não receber respaldo, eu acho... Absurdo.

[30:45] R: Tá. Você acabou respondendo a pergunta seguinte que tem, vem complementar a anterior, que é no sentido do que você avalia, no sentido da escola dever ou não trabalhar

em prol desses temas, "né"... Você já disse que deveria e você ainda foi além falando da falta de um respaldo "né", vou usar a sua fala, de um respaldo para que, que deveria ser um conjunto de...

[31:15] H: Mas só pra complementar isso, "né" Rita, eu também acho que assim, nós não podemos ter o oito ou oitenta "né", nós não podemos... a coisa não pode... eu sou contra qualquer extremo. E quando eu escutava CBN, tinha uma coisa que eu achava assim, absurda "né"... Por exemplo, eu não posso também querer que hoje em dia seja errado e seja absurdo você ser hétero, porque estão fazendo uma massificação em torno disso que são aqueles, justamente por não ter uma formação, que ficam aquela passagem de conhecimento muito equivocado, então, acaba ninguém se envolve, ninguém abraça, ninguém veste a camisa, então ninguém dá opinião e ninguém faz nada. Então, por exemplo, na CBN uma vez falaram "olha, agora não se deve mais falar em sexo como questão de gênero desde a educação infantil"; eu acho isso muito complicado e muito grave, como é que eu vou falar pro meu aluno, que eles deram esse exemplo, como que eu vou falar pro meu aluno de três anos, de dois anos, "olha, você é menino ou você é menina?"

[32:35] R: E você entendeu que era isso, que a proposta era essa...

[32:37] H: Não, não fui eu que entendi, foi o que foi dito.

[32:39] R: Então, foi isso que você entendeu do que foi dito.

[32:41] H: Foi o que foi dito, foi exatamente o que foi dito, porque assim, tanto que a pessoa deu esse exemplo, falou assim, "olha, a criança na escola deverá se encaixar numa...", por exemplo, que eles falaram, por exemplo numa fila, "ai não tem que existir mais menino ou menina, não, você se acha o que?" tem gente que fala, "ai escolhe a carta, porque faz fila, não sei o que", tem as suas razões de ser, você precisa ter uma organização na escola, você precisa segurar que no mínimo seu aluno... porque assim, depois, quando essa organização não acontece e acontece ali um acidente ou qualquer coisa, a culpa é da escola. Então nós precisamos ter uma organização mínima para que o professor consiga conduzir, porque na verdade eu estou falando aqui de nós professores com trinta, quarenta crianças "né", então você tem que ter uma organização. Agora, é diferente se meu aluno chegasse pra mim e falasse "olha, eu não vou ficar na fila dos meninos porque eu me sinto uma menina", meu Deus, ele se sente uma menina, pronto e acabou. Certo? Ele vai ficar na fila das meninas e acabou, e todos nós vamos respeitá-lo, e todos nós teremos que respeitá-los, "né". Mas eu não posso pegar uma criança de dois anos e pouco e falar "você se acha menino ou você se acha menina?" Acho isso muito complicado, acho que a pessoa que foi e falou estava um pouco equivocada.

[34:16] R: Que é o que você atribui aos extremos, como você falou...

[34:18] H: É o que eu atribuo aos extremos...

[34:21] R: A título de conhecimento "né", você conhece alguma política pública, municipal, estadual ou federal voltada "pra" esses temas? Você acha que deveria haver ou não? Com o seu conhecimento enquanto política pública, da abordagem dos temas, você acha que tem que haver, você conhece da existência?

[34:45] H: Eu assisti uma entrevista, falei até foi... tem uns três meses atrás, tinha uma entrevista de uma transexual, e ela aqui em Santos, e ela falava fazer parte de uma comissão "né", de um conselho municipal "né" das... de diversidade sexual, uma coisa assim; e ela falou assim, umas coisas que eu achei bem interessantes até, e ela disse que assim... Que é um trabalho de política pública que eles faziam, que era o de estar inserindo também as pessoas no trabalho, porque ela disse que nas empresas o executivo não quer contratar uma transexual, não quer contratar o homossexual, não quer... Então, mas é uma coisa muito tímida.

[35:47] R: Tá, você ouviu uma...

[35:50] H: Assisti essa entrevista, foi no canal Santa Cecília...

[35:53] R: Mas ela dizia que existe uma política municipal para isso.

[36:00] H: É, ela falou.

[36:01] R: Você acha que tem que haver políticas públicas em relação aos temas? Eu falo política pública de uma maneira geral.

[36:09] H: Com certeza.

[36:12] R: Você conhece alguma lei ou norma jurídica municipal, estadual ou federal voltada a esses temas? Você acha que deveria haver ou não?

[36:30] H: O Estado, o Estado agora tem a lei do nome social, do aluno poder se matricular com o nome social, isso eu achei "né", achei interessante... Eu só acho que tem que ir mais a fundo "né", e olhar algumas coisas, "né" assim, o aluno tem o nome social mas assim, que ele tenha o nome social em tudo, porque depois... Há toda uma questão de papeis, uma série de coisas, de burocracias que depois se cobra, aí você usa o nome, em determinado documento você usa esse nome, depois em outro determinado documento você usa outro nome, então assim... Se é o nome social, é o nome social pra tudo, pronto e acabou. Mas o Estado teve essa... essa política pública aí que eu achei bem bacana, que é as poucos "né", que é gradativamente e tendo esse reconhecimento eu achei bem bacana e corajoso.

[37:27] R: É uma lei, "né"?

[37:28] H: É uma lei, isso.

[37:30] R: Você conhece alguma orientação pedagógica, municipal, estadual ou federal voltada a esses temas? Você acha que deveria haver ou não?

[37:42] H: A orientação pedagógica no caso é essa do Estado "né", do aluno poder se matricular com o nome social.

[37:48] R: Não, mas aí não é uma questão de orientação pedagógica, é uma questão de lei estadual. Eu falo enquanto projeto pedagógico, alguma orientação nesse sentido...

[37:58] H: "Ah tá", porque assim, a orientação pedagógica seria no sentido assim, que eu entendo, porque é tão amplo... Porque eu vejo como orientação pedagógica também porque o professor na chamada tem que chamar o aluno por aquele nome social.

[38:10] R: Sim, só que existe uma lei para... agora eu falo enquanto projeto político pedagógico, uma orientação municipal, estadual ou federal, se você acha... você conhece algum? Você acha que deveria haver?

[38:23] H: Não... deveria. Com certeza deveria.

[38:26] R: Por tudo aquilo que você já falou?

[38:28] H: Sim. Deveria haver sim.

[38:30] R: Você sabe o que os parâmetros curriculares nacionais e as bases nacionais curriculares comuns dispõem sobre esses temas? Você já se apropriou disso, não se apropriou, o que você sabe?

[38:43] H: Os parâmetros curriculares dentro dos temas transversais, dentro... ele dá essa abertura, os parâmetros curriculares na verdade eu acho que eles nem deveriam ser retirados "né", na verdade hoje ele é apenas, ele está sendo até indo embora, ele está dando um tchau pra nós, sem ter na verdade... Sido concluído na sua plenitude. Porque os parâmetros curriculares "pra" mim foi um ganho imenso na educação. Então dentro dos temas transversais, era onde o professor poderia se apoiar, se apropriar disso para poder abrir esse diálogo, abrir esse canal... Ele tem também, tem abordagem de ética, que eu acho fantástico... Foi assim, um ganho "pra" educação. A educação nunca tinha tido antes essa oportunidade da abordagem da ética, "né".

[39:45] R: E os parâmetros garantiam isso?

[39:46] H: Os parâmetros curriculares asseguravam isso, eles asseguravam isso.

[39:52] R: E a base nacional curricular?

[39:54] H: A base nacional curricular comum eu pouco conheço, estou me apropriando dela agora e assim, é um material... eu acho lamentável, porque é um material onde "ah, os professores", não, os professores não fizeram parte dela, os professores não participaram dela, não a construíram "né", foi construída assim, por professores de gabinete, professores de gabinete, por professores universitários; não tenho nada contra eles, mas eu acho que a base aqui não foi ouvida e escutada, ficou de fora, e é um material assim... Foi diferente dos parâmetros curriculares, assim olha, nós temos parâmetros curriculares, ele foi mandado um volume "pra" cada professor. Nós recebemos aquela caixinha bonitinha com aquele conjunto dos parâmetros, com os doze volumes. É diferente, porque a base nacional todo mundo fala dela, mas ninguém a tem. Ela veio talvez, ainda está muito na instância da Secretaria da Educação, o professor não a tem para, não tem ela como material pra sentar aqui olha, ler, se apropriar, não tem. Ainda não. Tem acesso pelo portal do MEC pela internet, "né", mas assim, que é mais difícil, eu por exemplo, eu prefiro, eu ainda sou do tempo antigo, eu quero sentar, ler, folhear o livro, porque eu quero riscar e eu não posso riscar na tela do meu computador.

[41:25] R: Entendi, entendi. "Tá" certo. É como se fosse um livrinho de cabeceira, uma "coisinha" assim que você pudesse recorrer. Então em função disso, você não sabe me dizer muito se há alguma intenção em relação a esses temas.

[41:38] H: Não, não sei.

[41:40] R: Você conhece alguma postura, iniciativa, norma ou alguma orientação do município de Santos em relação aqueles assuntos? Você acha que deve haver ou não?

[42:00] H: Eu acho que deve haver, mas eu não conheço. O mínimo que eu conheço aqui de Santos, foi assim, até uma atitude "né" preconceituosa de uma outra gestão, nós temos uma professora trans, transexual, e ela fez a mudança de sexo e ela não foi aceita "né", foi feita uma perseguição com ela pra que ela fosse exonerada. Os pais na época se uniram, fizeram abaixo assinado e não permitiu que ela fosse exonerada pelo município. E hoje ela é uma pessoa que está aí, graças a Deus nós podemos usufruir de todo o enriquecimento que ela traz pra gente "né", mas não houve em torno disso depois uma "olha, o município vai tomar essa atitude, assim, pra que isso não aconteça mais" porque foi uma atitude até "né", se fosse nos dias atuais teria até um processo imenso para a Prefeitura "né, mas...

[43:15] R: Nada existe nesse quesito aí, mas em relação, quando eu falo também de postura, iniciativa, norma ou orientação do município em relação a esses assuntos, uma iniciativa que comece a inserir o tema, ou os temas...

[43:30] H: Olha, eu soube do, não abrange a nossa, assim, não abrange a nossa escola, tem uma orientadora educacional que ela fez um projeto muito bacana com os adolescentes, na prefeitura, não tive a oportunidade de manusear o projeto dela, sei que foi um projeto muito bom e não duvido de que tenha sido bom porque ela é maravilhosa, cheguei a fazer uma palestra, assisti uma palestra com ela. E foi tão bom que hoje ela trabalha na SEDUC, então ela trabalha em algumas escolas, forma grupos "pra" essas discussões.

[44:07] R: Enquanto iniciativa é a única que você conhece?

[44:08] H: É a única que eu conheço.

[44:10] R: Você já falou que avalia como uma coisa positiva "né", essa iniciativa do município, eu vou chamar que foi uma iniciativa... Ela é da Secretaria de Educação que você falou... Você acha que é relevante e importante ou não para o corpo docente e para o corpo técnico escolar que esses temas sejam debatidos nas escolas do município e por quê?

[44:43] H: Com certeza. Sim.

[44:45] R: Você acha importante...

[44:46] H: Acho importantíssimo.

[44:47] R: Pro corpo docente, "tá"? Porque você acha, e para o corpo técnico também, porque você acha importante e relevante?

[44:54] H: Para os dois. Quanto mais nós vamos nos apropriando do conhecimento "né", e daquele conhecimento assim, persistente, mas nós temos pelo menos a capacidade e o convite pra sairmos da nossa ignorância, da nossa ignorância do não-conhecimento, porque quando nós temos a ignorância do não-conhecimento nós nem sequer percebemos que somos preconceituosos. Meu marido, ele é professor de história, ele fala uma frase que mexeu comigo, ele diz que "todos nós somos preconceituosos" e eu fiquei abismada quando ele me disse isso. E eu, e ele falou pra mim "todos nós somos preconceituosos, porque a partir do momento que eu admito que eu tenho preconceito eu passo a me olhar de outra forma para não externar o meu preconceito, para trabalhar em mim pra que eu vá, gradativamente, superando os meus preconceitos".

[46:06] R: E você acha que isso tem a ver com essa possibilidade, caso o corpo docente e o corpo técnico...

[46:18] H: Exatamente, exatamente. Porque não é... eu acho assim, e eu às vezes me encaixo nisso, que eu tenho essa visão hoje, depois de vinte e três anos de magistério "né". E porque também eu acho que às vezes trazem umas pessoas "meio doidas" pra dar palestra, "né", pro professor... Por exemplo, já começa a falar mal do professor, da escola, tudo... Então você começa o que, vira aquela birra "né", em vez de... E assim, mas hoje, eu penso dessa forma, eu acho que assim... Você pode até ter o preconceito, mas as pessoas que vem somar com você, ajuda a você ter a oportunidade de trabalhar isso em você e resolver, ter isso resolvido, ou a possibilidade de você não externar o seu preconceito, de você ter controle sobre aquilo que você pensa, sobre aquilo que você acredita como verdade, certo, respeitando a verdade do outro. Então, a gente não pode confundir, se você não queira mudar, suprir seus preconceitos, mas que você pelo menos tenha o conhecimento pra não fazer com que o outro sofra por causa do seu preconceito. E a equipe técnica também tem que estar preparada pra isso porque nós flagramos preconceitos terríveis "né", terríveis, de às vezes também uma orientação a falar com o professor, "olha, não, olha, mas faça desse jeito...", então assim, nós ainda caímos no erro do "carrinho do menino", depois de muitos anos. Hoje eu sou uma professora que questiono "né", porque meus alunos ainda são daqueles que pegam o carrinho porque os pais falam pra eles que menino é que tem que brincar de carrinho e eu gosto de questionar, então eu falo pra eles, "olha, eu vim dirigindo o meu carro, e aí?". Então nós caímos muito nesse preconceito ainda, então acho que tem que ser aos poucos, essa releitura.

[48:36] R: Por isso a importância do debate com corpo docente e corpo técnico.

[48:41] H: Sim, com certeza, sim.

[48:42] R: E com o corpo discente, "né". Você acha importante e relevante ou não que esses temas sejam debatidos nas escolas do município de Santos?

[48:53] H: Sim, desde que ele seja adequado para as idades. Eu acho que nós não podemos criar, que são os grandes erros de todos os projetos. Primeiro eles vem de cima pra baixo, eles não vem construído com o grupo, eles não são construídos com o grupo. Então o grupo não se apropria deles. E segundo, eles vem num formato único "pra" todas as idades, se tem hoje na escola aqui, nós temos crianças de seis anos, então... Acho que deveria ser abordado sim, com todos eles "né", do primeiro ao quinto ano, mas com orientações "pra" você ter enfoques diferentes, de formas diferentes...

[49:38] R: E fora essa questão do recorte por idade, a metodologia mais adequada “pra” abordar esses assuntos, porque você acha importante pro corpo discente debater esses temas na escola do município? Porque é importante?

[49:52] H: Porque, porque todas as vezes que eu escuto na televisão falarem que bateram num homossexual, que deram tiro, eu fico pensando que, meu Deus, que não tenha sido algum ex-aluno meu, o que eu posso fazer em sala de aula “pra” que essa criança que passa pelas nossas mãos consiga sair sem esse pensamento que de repente já “tava” dentro dele desde pequeno.

[50:27] R: “Tá”, entendi. Seria um... me corrija se eu “tiver” errada, seria importante o diálogo, porque daí evitaria, seria uma atitude, talvez até pode chamar assim, preventiva, porque evitaria condutas agressivas...

[50:48] H: A homofobia. Evitaria a homofobia.

[50:50] R: “Tá” ok.

[50:51] H: Que pra mim é um dos fatores... eu vejo a homofobia e eu posso falar disso com propriedade, mas pra mim, a homofobia, ela passa pelos mesmos “viés”, não no sistema de igualdade, mas ela passa também pelo mesmo viés que passaram meus ancestrais da escravidão, daquele sofrimento por ter a pele negra.

[51:18] R: Que profissionais deveriam, se for o caso, atuar em prol da promoção desse debate em torno dos temas? Porque você pensa nesses profissionais e de que forma eles poderiam atuar?

[51:32] H: Olha, eu acho que, agora assim, de acordo com a minha, com a experiência que tenho hoje como orientadora educacional, é meu primeiro ano como orientadora educacional, eu penso que o pessoal da saúde é muito importante, eu acho que tem, pra mim... Pra mim tem que ter uma equipe diversificada, sabe? Uma equipe diversificada, porque o pessoal da saúde, eu acho muito bacana o trabalho de agentes de saúde, o trabalho de enfermeiras, porque eles têm um contato bacana, assistente social, psicólogas... Tem que ser uma, e professores... Inspetor...

[52:20] R: Então você pensa “numa” equipe inter...

[52:24] H: Isso, de interprofissionais.

[52:26] R: Agora pensando... Isso no mundo ideal, “né”? Bem bacana... Agora “vamo” pensar com os recursos da educação, pensando na dinâmica da escola, qual profissional você acha que poderia promover esse debate com os alunos?

[52:47] H: Com os alunos...

[52:48] R: Ou com os seus iguais... De que forma assim, como é que você pensa, “vamo” pensar primeiro quem “né”... Porque a escolha desses profissionais “pra” trabalhar com aqueles temas “né”, e como eles poderiam atuar?

[53:05] H: Com aluno, é sem dúvida nenhuma o professor.

[53:08] R: O professor que deveria ser... Porque?

[53:12] H: Sem dúvida nenhuma, eu até acredito que de repente essa equipe interdisciplinar pode ser até vir uma vez outras pessoas na escola, dar palestra, tudo... Porque, ainda, e eu acho que é por isso que essa sociedade brasileira tanto, os políticos brasileiros tanto tentam desconstruir o professor, o aluno tem o professor ainda como referência. O professor é uma referência forte, "né"... Eu percebo em coisas que são simples, até as coisas que nós não falamos. Vou dar um exemplo concreto, uma vez eu falei pro meu aluno "come a merenda da escola, porque ela é boa, é nutritiva, ela tem arroz, tem feijão, tem..." e ele olhou pra mim e falou "a senhora fala tão bem da merenda, mas porque a senhora não come?", ou seja, a leitura dele... E ele falou "se é tão boa, porque a senhora não come?", então a leitura dele é de todo tempo eu não comi a merenda da escola, então como que eu falo que uma coisa é boa pra ele se eu não estou começando, me aproprio dela, certo? Então, depois eu expliquei, claro, que eu sou celíaca e... Portanto, evito. Mas veja como o aluno observa o professor o tempo todo, o tempo inteiro; eu substituo salas de aula quando falta professor, e é principalmente os pequenos, é assim "mas meu professor faz desse jeito, mas a minha professora faz desse jeito, a minha..." então é fundamental o professor.

[54:47] R: E de que forma você imagina que esses professores deveriam atuar? Sobre o debate ainda dos temas, "tá"? De que maneira? Como é que você imagina de primeiro momento?

[55:00] H: No primeiro momento eu imagino que não tenha que, primeira coisa, não deveria ter... "Ah, agora é hora de falar isso", não. Acredito que nós deveríamos trazer um fato, uma notícia, certo? Até começar principalmente pela homofobia, pra mim teria que começar pela homofobia, por uma atitude de agressividade, porque? As crianças hoje e os adolescentes principalmente, eles não conseguem perceber, eles não tem a percepção do quanto o outro sofre. Eles não tem essa percepção, do quanto o outro está sofrendo com a minha atitude ou com a atitude que alguém esteja fazendo com ele, "né". Está muito... Infelizmente a educação familiar está muito voltada para o eu, ou para o eu sozinho, eu me educo, então eu também vou "né"... Nós temos assim, isso é muito complexo, então eu acho que deveria começar por aí, o fio pra mim deveria ser justamente a questão da homofobia. Para não se chegar nela.

[56:16] R: Então os temas deveriam ser debatidos, e a forma como debatê-los deveria ser partindo de matéria, de temas "aonde" os professores dialogariam com seus alunos em torno daquilo que, quem acharia importante, o professor, turma, os dois juntos, como que se daria isso? Qual o modus operandi "pra" que isso aconteça?

[56:44] H: Não entendi a pergunta...

[56:45] R: Você disse que partiria de um tema, é isso? De uma matéria, mas como se daria isso na prática, no cotidiano da sala de aula? Seriam... eu "tô" aí viajando com você, no que você poderia estar imaginando, seria algo em torno de, seria na sala de aula, seria no turno, no contraturno, seria periódico, pontual, como que seria isso?

[57:21] H: Poderia ser pontual, por exemplo, toda sala de aula hoje você tem a leitura de fruição, um tema que você dê pro aluno, um livro que você traz pra ler, um texto... "Pra" colocar o aluno e incutir nas crianças, essa questão da leitura, essa viagem pela leitura e tudo...

[57:39] R: Isso é corriqueiro na escola?

[57:40] H: Isso é corriqueiro na escola, atualmente é diário, todo professor...

[57:47] R: Ele traz cotidianamente...

[57:49] H: Isso, uma leitura "né", mesmo na educação infantil você tem a hora da história, da leitura, todos os dias, todos os dias.

[57:57] R: Então poderia aproveitar esses momentos e trazer...

[58:00] H: E trazer, porque assim, eu não vejo nenhum tema... E depois nós temos o ponto culminante que é o dia da... que é aquele dia da leitura "né", e aí, que é aquele dia da leitura simultânea, que todas as escolas param, vamos supor, em determinado horário e todo mundo faz atividades daquelas leituras, faz atividades... Eu nunca vi nada voltado "pra" esse assunto, aliás até desconheço livros, de repente, infantis que poderiam se voltar a esse assunto, porque eu tenho que escutar às vezes com sofrimento, porque quando aluno da, o aluno principalmente da educação infantil dá aquela risadinha e abaixa a cabeça, pra mim eu não vejo como uma risada, eu vejo um pouco de sofrimento ali. Ele falar, "olha, meu tio é bichinha, meu tio é...", sabe? E aí a gente, eu trago, falo "não, mas seu tio é o que? seu tio é uma pessoa que atrai, então, olha..." então o tio dele namora outro homem, e... A gente não, acho que é um momento gostoso, um momento em que você pode abrir esse debate e até mesmo pegar ganchos que os alunos trazem de, infelizmente, eles assistem novelas às vezes de forma equivocada "né"... Então...

[59:33] R: Ok. Você acha, ou não, e pelo que você responde eu acredito que você acha... Não, na verdade, a pergunta é outra, desculpa, eu vou reformular melhor. Você acha ou não que haveria pressões ou resistências de pais e/ou responsáveis de alunos para implementação de políticas públicas ou de qualquer iniciativa escolar em prol desses temas? Você acha que haveria pressão caso esses temas viessem a ser debatidos de qualquer maneira, não só a que você pensou nesse momento? Você acha que haveria pressão?

[1:00:11] H: Eu não tenho dúvida que sim.

[1:00:12] R: Por que?

[1:00:13] H: Eu não tenho dúvida [risos] Porque nós estamos "numa" sociedade muito mal informada e muito equivocada, certo? E muito cheia de "mimimi", sabe? Então... Teria sim, acho que, eu não vejo os pais também como 100% errados "né", acho que algumas coisas... Como eu falei, poxa, eu chegar pra uma criança de dois anos e falar "olha, você é menino ou você é menina?", acho complicado "né", até mesmo pra eles, pra crianças, todo mundo entenderia isso... Mas nós estamos assim, é... E pelo desconhecimento deles. Eu acho que os pais também precisariam passar por uma

formação, por uma informação "né", que não fosse essa coisa, esses equívocos que a televisão mostra, que sabe... Então...

[1:01:17] R: Por esses motivos aí do desconhecimento, pela informação equivocada, talvez, talvez não, você tem certeza que haveriam restrições, pressões, resistências "né". Que outros aspectos sobre os temas você gostaria de destacar?

[1:01:38] H: Que outros aspectos sobre o tema em que...

[1:01:42] R: Que outros aspectos você pensa que deveriam ser abordados, por exemplo, essa pergunta ela é muito ampla... Vai pra um campo bem subjetivo do entendimento de quem escuta "né". Eu já entrevistei algumas pessoas e elas mesmo trouxeram respostas diferentes "né". Que outros aspectos sobre os temas você gostaria de destacar? Você já veio fazendo destaque da questão da idade adequada para determinada fala... Que outros aspectos, algumas pessoas trouxeram assuntos transversais ao tema que talvez fosse importante, quando inserir... O que que te passa, só "tô" te dando uma pincelada...

[1:02:28] H: Pra mim, uma coisa que me, eu gostaria de saber, até pra mim mesmo, de saber enquanto conhecimento, não conceitual mas um conhecimento no sentido de informação e pra eu saber como que as coisas "funciona", por exemplo, o que é o transexual, o que vem a ser o homossexual, bissexual, como que é essa dinâmica mesmo, claro, você sabe o que é o bissexual, sim, mas assim... Como que é isso entre eles, como que isso se dá, como isso se divide, o movimento LGBT... Não conheço "né", como que funciona, como que movimenta, como que nascem os movimentos entre eles, porque nasceram os movimentos, como eles se organizam hoje, sobrevivem hoje dentro desse... Dentro de toda essa organização social "né", como que tudo isso se dá e como que tudo isso se iniciou, porque assim, eu só entendo quando eu sei também a história, quando eu conheço a antropologia das coisas, quando eu vou ali no âmago das questões.

[1:04:12] R: Entendi, são temas que talvez pra você fosse... seriam de uma resposta pra que você pudesse entender outras tantas coisas... Seria nesse sentido...

[1:04:25] H: Sim, com certeza, e eu acho que quando, e pra mim também, quando o aluno se apropria das histórias, quando o aluno se apropria das origens... É um conhecimento, ele, sai daquilo que eu falei, sai da ignorância "né".

[1:04:43] R: "Tá" certo. H, eu te agradeço "pra caramba" pela contribuição, no final... Já a noite você contribuindo aí, e ao final a gente dá um feedback, "tá" bom? Obrigada.

Entrevistada I

[00:00] **R:** Bom, I, boa tarde. Muito obrigada pela tua contribuição. Essa entrevista tem a ver com um projeto de pesquisa da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), faz parte de um projeto que é “Diversidade sexual na escola”, um projeto de pesquisa sobre seus tabus, medos e silêncios... enfim, e aí dentre todo o processo do projeto eu optei por entrevistar algumas escolas, a minha pesquisa é com o ensino fundamental II, para entender o universo dos educadores sobre o tema. E aí eu tenho algumas perguntas, eu tenho um roteiro de entrevista e a gente vai a ele, “tá”? Algumas perguntas fazem parte desse roteiro, de maneira muito tranquila, sem julgamento, é para entender o olhar do educador sobre essas questões que permeiam.. Tudo bem?

[01:01] **I:** Tudo bem, “vamo” lá.

[01:02] **R:** Então eu começo com os seus dados pessoais, seu nome completo, sua data de nascimento...

[01:10] **I:** I. 999999.

[01:15] **R:** Você... Qual seu sexo... sua naturalidade?

[01:19] **I:** Sou mulher, sexo feminino. Naturalidade de Santos mesmo.

[01:22] **R:** E seus pais nasceram aqui também?

[01:24] **I:** Nasceram aqui também.

[01:26] **R:** “Tá”. Você tem formação religiosa? É adepta a alguma religião? Qual?

[01:30] **I:** Não. Eu sou batizada na igreja católica mas não frequento.

[01:35] **R:** Não frequenta, “tá”. Você se considera em que faixa de renda familiar? Classe média, média-alta, classe média-baixa ou outras?

[01:45] **I:** Média... média.

[01:46] **R:** Média? “Tá”. A gente vai entrar agora na sua trajetória de formação profissional. Você estudou ensino médio em escola pública, particular?

[01:58] **I:** Pública, fiz o magistério na escola pública. Aqui em Santos.

[02:01] **R:** Qual foi?

[02:02] **I:** Foi na Acácio de Paulo Leite Sampaio.

[02:04] **R:** E quando você concluiu? Você lembra?

[02:07] **I:** Em 1996.

[02:10] **R:** 1996? “Tá”. E a graduação? Já tem um “tempinho” ou não?

[risos]

[02:14] **I:** “Tô” contando. A graduação foi na UNILUS, de 1997 a 2000, pedagogia com administração escolar.

[02:22] **R:** Pedagogia, mas com esse recorte aí, “né”?

[02:23] **I:** É.

[02:24] **R:** E seus pais, seus avós... tem formação superior?

[02:28] **I:** Não. Minha mãe tem até a quarta-série que chamavam, “né”? Antiga quarta-série...

[02:31] **R:** Tipo primário, “né”?

[02:32] **I:** Isso. E parou aí. Meu pai já é falecido mas ele chegou a fazer a faculdade de direito mas não concluiu.

[02:39] **R:** Seus avós também não?

[02:40] **I:** Meus avós também não.

[02:41] **R:** “Tá”. Você então faz parte da primeira geração da sua família com um curso superior?

[02:46] **I:** Sim, sim.

[02:48] **R:** “Tá”. Você tem irmãos com curso superior?

[02:49] **I:** Não. Não tenho irmão.

[02:50] **R:** Não tem irmãos. Você fez pós graduação? Lato sensu?

[02:55] **I:** Lato sensu. Fiz duas. Uma em educação infantil e outra em alfabetização e letramento.

[03:01] **R:** E em qual instituição você fez?

[03:03] **I:** A de educação infantil foi na São Luís, naquela de Jaboticabal. Fiz em São Vicente, porém a São Luís vinha uma vez por mês em São Vicente, no pólo, que chamava pólo, aí eu fiz nessa. A de alfabetização eu fiz na UNIMONTE, aí foi presencial, foi dois anos direitinho.

[03:22] **R:** A primeira é mais antiga?

[03:24] **I:** Isso, fiz antes, logo que terminei a faculdade.

[03:30] **R:** Você lembra quando foi? 2000? Você falou que concluiu em 2000...

[03:31] **I:** É, foi por aí. A de alfabetização foi 2010 que eu terminei, mas foi nesse meio tempo, o ano da primeira eu não lembro muito bem.

[03:38] **R:** Alguma especialização além dessa?

[03:40] **I:** Não, só fiz as duas.

[03:42] **R:** “Tá”. Tem alguma formação específica em temas sobre sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual? ...

[03:50] **I:** Não, nada direcionado para esse tema não.

[03:54] **R:** “Tá” bom. Agora a gente vai falar um pouquinho da sua atuação. Quanto tempo você atua no magistério?

[04:00] **I:** No magistério tem 18 anos.

[04:02] **R:** Bastante tempo...

[04:03] **I:** É.

[04:04] **R:** Quantas escolas você já trabalhou? Dentro e fora do estado, do município?

[04:08] **I:** “Hum”... Trabalhei... dentro e fora do município?

[04:10] **R:** Isso...

[04:11] **I:** Uma particular... depois lá na Auxiliadora... Genésio e aqui. Foram 5. É que eu vim logo pra cá e daqui eu estou a 15 anos, então...

[04:21] **R:** Fixou. Fixou aqui...

[04:22] **I:** É.

[04:23] **R:** “Tá”. Em que níveis de ensino você já trabalhou?

[04:26] **I:** Só no ensino fundamental I. E na educação infantil no particular, depois quando eu passei para a prefeitura só para o fundamental I.

[04:34] **R:** Você trabalha só aqui?

[04:36] **I:** Só.

[04:38] **R:** “Tá”. Salvo no município de Santos, na sua outra experiência profissional, que projetos ou demais iniciativas escolares te marcaram? Ou te marcou... porque foi uma só.

[04:49] **I:** É, foi uma só. Na verdade, a escola era uma escola construtivista, então muito do que eu aprendi lá no comecinho foi muito marcante por conta da dinâmica da escola.

Aprendi muito, assim, com o jeito que era trabalhado, nessa questão do construtivismo... da criança ser sujeito da construção do conhecimento, isso foi bem legal.

[05:11] **R:** Então te marcou por isso? É isso?

[05:12] **I:** Por isso. Isso.

[05:13] **R:** Para eu entender um pouquinho, porque a pergunta traz isso, por quê que te marcou?

[05:18] **I:** Me marcou por ser diferente, eu tava começando, foi uma rotina diferente e que algumas coisas eu trago até hoje... na formação dos professores, converso com eles, tento introduzir algumas coisas que marcaram lá.

[05:33] **R:** Entendo, bacana, bacana. Salvo no município de Santos, em sua experiência profissional, houve alguma política pública ou iniciativa escolar em prol dos temas da sexualidade, diversidade sexual, orientação e identidade de gênero?

[05:47] **I:** Não, política pública não. Até porque também fiquei um ano só fora... foi um ano mesmo.

[05:55] **R:** E com os menores, “né”? ...

[05:56] **I:** Isso, foi bem com os menores...

[05:59] **R:** “Tá, tá”. A quanto tempo você trabalha na educação escolar em Santos?

[06:04] **I:** Em Santos 18 anos, eu tenho um ano a mais no caso, 19 no todo e 18 na Prefeitura de Santos.

[06:09] **R:** “Tá”. Em Santos você trabalhou em quantas escolas?

[06:12] **I:** Então, foram 5 contando com essa, porque depois que eu vim pra cá eu não saí mais.

[06:17] **R:** Depois que você veio pra cá você não trabalhou em outra? Concomitantemente?

[06:19] **I:** Não, não. Foi só aqui.

[06:24] **R:** Nas escolas do município de Santos, que projeto ou demais iniciativas escolares te marcaram? Ou quais você considera significativas?

[06:33] **I:** Mas relacionadas ao tema ou qualquer?

[06:34] **R:** Não, ainda não. Qualquer tema. Que projetos nas 5 escolas que você atuou, te marcaram? Que você considera muito significativas para você, na sua formação profissional?

[06:47] **I:** Assim, é... eu trabalhei no PNAIC, eu fui formadora do PNAIC, aquele “Programa de Alfabetização na Idade Certa”, fui formadora, na rede, na sessão do CFORM, eu ajudei as meninas nessa formação. Isso foi bacana, porque me trouxe muito enriquecimento para minha prática na escola, enquanto CP, “tal”...

[07:08] **R:** CP é Coordenador Pedagógico?

[07:10] **I:** Coordenador, isso, é. Porque o meu cargo é de CP aqui na escola, eu estou diretora a três anos, esse é meu terceiro ano de direção, eu sou coordenadora aqui. E o que me marcou foi o que a gente fez, que foi o ECA, o... que a gente ganhou o Educador Santista em primeiro lugar, que foi o “ECA: conscientizando direitos, consolidando deveres” que a gente fez com a escola inteira e que ganhou o prêmio. Então foi uma coisa que marcou realmente a minha carreira, foi esse projeto, além de outros que a gente faz que não tem tanta visibilidade que a gente sabe que dá certo, algumas ações menores... mas que a gente vê que dá certo aqui na escola. Mas esses dois... vou escolher esses dois para colocar.

[07:51] **R:** Esse outro prêmio... é do prêmio Educador Santista?

[07:55] **I:** Isso. De educador na categoria gestor. Foi em 2014, tiramos o primeiro lugar.

[07:59] **R:** É recente...

[08:01] **I:** É, foi 2014.

[08:02] **R:** “Tá” certo... Quando você, é... fala desses programas, desses projetos que você participou, que te marcou, “né”? Que te marcaram na verdade... não tem a ver com os temas da sexualidade, “né”?...

[08:19] **I:** Não, não...

[08:20] **R:** Nada “linkou”?

[08:21] **I:** Não.

[08:23] **R:** Aquele momento... “tá”. Não houve esse link...

[08:25] **I:** Não houve a ligação.

[08:26] **R:** “Tá” certo. Então você nunca atuou diretamente com esses casos?

[08:29] **I:** Não, não.

[08:30] **R:** “Tá” certo. Agora a gente vai se ater ao seu conhecimento sobre o tema, sem nenhum julgamento...

[08:38] **I:** Sim, sim...

[08:39] **R:** ... permeando pelo teu entendimento, do que vem a ser... como que você define o que é sexualidade? E não necessariamente nessa ordem, você fique muito à

vontade... mas para eu ter uma noção do que você percebe ser sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e identidade de gênero? Como é que você define esses temas?

[09:06] **I:** Enquanto educadora no caso, a minha visão desse tema na escola ou esse tema geral?

[09:11] **R:** Sobre esse tema, sobre esse tema.

[09:12] **I:** “Tá”. Eu penso que no caso é... o que a pessoa traz no seu íntimo, na sua essência, no caso da sexualidade... da diversidade de gênero... o que ela traz como ser humano, na sua essência, pode ser relacionado com a sua sexualidade, “né”? E essa coisa da diversidade de gênero, é uma coisa que vem assim... na atualidade, ela vem até confundindo um pouco a gente, cada vez surgem mais nomes e... “tô” sendo sincera...

[09:47] **R:** [Risos] É para ser mesmo...

[09:48] **I:** ... cada vez surgem mais nomes, e mais rótulos, entende? A sexualidade eu acho que cada um tem a sua, ou a sua preferência ou a sua, o seu direcionamento... cada um eu acho que até já nasce com o seu...

[10:02] **R:** Você diz, traz a...

[10:03] **I:** A sexualidade

[10:04] **R:** A sexualidade. Pensando nesse tema sexualidade.

[10:07] **I:** Isso, isso. Agora sobre a questão diversidade, cada vez surge mais... que nem eu falei, cada vez surgem mais é... itens novos, eu não sei nem como chamar... é trans, é... é... não sei, trans, travesti, bi... sabe? Hétero, homo... é muito rótulo junto, que a gente não sabe nem definir para gente mesmo o que é cada um, às vezes, muitas vezes em casa a gente fica “mas o que é esse? O que que é o outro?...” definindo o que é. Mas eu acredito que cada um... quem é homossexual, acho que já dá sinais de que é... ou de que não é, quem é hétero, quem é homo, quem é bi, eu acho que já dá sinais...

[10:52] **R:** “Tá”. E isso você está atribuindo essa pluralidade do que você não sabe nem chamar do que chamar... do que é?

[10:59] **I:** Isso, é...

[11:00] **R:** Isso você atribui a diversidade sexual? Isso para você, sua percepção é isso?

[11:05] **I:** Na minha visão eu acho que sim.

[11:07] **R:** Então é isso. “Tá”. E orientação sexual, o que é isso? Quando eu falo essas duas palavras o que é que te vem? Orientação sexual.

[11:15] **I:** Acho que até se confunde um pouco com a sexualidade...

[11:18] **R:** Você confunde...

[11:20] **I:** É na mesma linha assim, não sei se eu que não sei definir o que é uma coisa ou outra, mas na minha cabeça as coisas são meio ligadas, sexualidade e orientação sexual, porque como eu disse, a pessoa já está com aquilo. Não é uma coisa “virei homossexual”, não é “virei”, em algum momento você era e você não se deu conta. Entendeu? Vai crescendo ou às vezes até tenta não ser... não mostrar... mas sabe? Quando é criança, pequena por exemplo, mas aí vai crescendo, fica adolescente... e por vergonha fala “não, vou tentar gostar de uma menina para não mostrar que gosto de meninos”, dando um exemplo assim bem... mas já nasce, minha visão a pessoa já nasce ou hétero ou homo, já nasce... por consequências da sociedade... ou valores, ou família tenta esconder... depois acaba se mostrando, entendeu? Para mim se confunde muito sexualidade com orientação sexual.

[12:20] **R:** “Tá”. E identidade de gênero? O que que quando eu falo isso, o que te remonta?

[12:28] **I:** Identidade de gênero, talvez quando você se reconhece naquele gênero, “né”? Você se reconhece homem ou você se reconhece mulher. Você vê muito agora pessoas que não se reconhecem enquanto mulheres e querem se “transformar”, entre aspas, em homens... porque não se reconhece naquele corpo que tem. Não se reconhece homem, não se reconhece homem. Eu acho que é mais um reconhecimento de si mesmo como veio ao mundo, vamos dizer assim.

[12:56] **R:** Tem a ver com... quando você fala esse... explica um pouquinho melhor, para eu poder acrescentar aqui na nossa conversa... esse reconhecimento....

[13:06] **I:** Esse reconhecimento... por exemplo, é... teve até caso de conhecidos meus, por isso que a gente vai juntando um caso com o outro, e assim ela é uma menina, menina, só que ela não parece uma menina, tipo assim: corta cabelo curto, roupas, e o jeito... parece que não se reconhece enquanto menina, e os gostos são de menino. É uma coisa muito confusa isso, tudo isso que a gente está falando são coisas muito confusas e acho que ainda não tem uma clareza com todo mundo. E olha que a gente estuda, a gente tem uma leitura maior de mundo e até para a gente é um pouco confuso, como eu falei antes, é muita palavra nova, muito rótulo novo que é o que não é... esse é desse, esse é do outro... “né”? É muita diversidade como você falou. Então o reconhecimento da identidade de gênero se esbarra nisso.

[14:00] **R:** No reconhecimento...

[14:01] **I:** Isso, é.

[14:02] **R:** “Tá” certo. É... quantos livros, se é que você já leu... textos a fim, sobre esses assuntos, que você chegou a ter acesso?

[14:11] **I:** Olha, livros, livros eu acho que nenhum, assim livro.

[14:15] **R:** Textos...

[14:16] **I:** Não vou nem te quantificar, porque assim... a gente lê texto até para fazer uma formação com os professores, “né”? Falar em uma reunião, alguma coisa assim, mas não posso nem dizer um, dois, três... porque....

[14:28] **R:** Mas você já leu textos sobre esses assuntos? Não necessariamente livros, mas textos, alguns você leu...

[14:33] **I:** Sim... a gente até... isso, em revistas, assim... como lidar com essas situações com os pequenos, essa coisa da sexualidade que neles é muito latente... assim, muito... é... como... sem tabu, "né"? As crianças parecem que quando menores demonstram mais, a gente que vai moldando depois.

[14:52] **R:** "Tá". Como que você se informa sobre esses assuntos? É nos momentos que você trouxe agora, quando você vai ter que dialogar com alguém..?

[15:01] **I:** Sim... acho que pra buscar informações, ou se acontece alguma coisa, não é dizer que "ah, eu leio sempre", não, ou se, "poxa", eu preciso fazer uma reunião sobre isso, ou porque aconteceu alguma coisa, ou atendi uma mãe... então assim, na busca de uma informação em um momento pontual, não é dizer que sempre estou lendo, não, aí não.

[15:23] **R:** Qual foi a última vez que você se informou sobre esses assuntos e por quais meios você se informou? Você se lembra quando foi a última vez, você teve contato com alguma leitura que vá de encontro com esses temas?

[15:35] **I:** Olha...

[15:38] **R:** E quais foram os meios que você utilizou pra ter essas informações, livro, jornal...

[15:45] **I:** Assim, agora com a internet "né", a gente busca muito na internet. E até por conta do plano de curso mesmo "né", também trazer uma exigência pro quinto ano, que é um determinado ano que tem esse conteúdo, e a gente teve um caso assim, de esclarecer até pras mães porque "tava" sendo falado desse tema naquele ano.

[16:06] **R:** Qual tema?

[16:08] **I:** Sobre sexualidade, DST, corpo humano... Porque é um conteúdo da escola, é uma informação que tem que ser dada.

[16:15] **R:** Faz parte do conteúdo do programa.

[16:17] **I:** É, e aí assim, algumas mães questionando, porque "tava" se tratando isso na escola, aí a gente, "né", teve que ter uma conversa, "tal"... Mas pra isso mesmo...

[16:30] **R:** Então você não sabe a última vez que você se informou exatamente sobre esses assuntos?

[16:35] **I:** Não, te dizer assim, uma data, um mês assim, faz dois meses, três meses...

[16:37] **R:** Não, foi esse ano, foi ano passado... Por exemplo...

[16:41] **I:** Vamos dizer que foi o ano passado, vai. Se você tem que colocar uma data...

[16:45] **R:** Não, não tenho que colocar, é pensar junto com você, se você se lembra "há muito tempo que eu li sobre isso", "li sobre isso recentemente", "eu busquei na internet"...

[16:55] **I:** É, recentemente não foi. Não foi.

[17:01] **R:** "Tá" certo. Você acha que esses temas são relevantes ou não para a sociedade brasileira contemporânea?

[17:06] **I:** Muito, muito.

[17:07] **R:** E pro município de Santos em particular? Por que você acha muito importante?

[17:11] **I:** Então, primeiro pela questão de que muitos, a gente pensa nos adolescentes, "né". Que muitos adolescentes não têm essas informações em casa, "tô" te falando pela nossa clientela. Não tem essa informação em casa. Muitas vezes os pais não têm essa informação pra dar para os alunos. Então se eles vão buscar alguma coisa, o pai não vai saber responder, porque também não teve esse conhecimento. Então, a escola, pra mim a escola é o lugar onde tem que ter a informação. A gente tem que dar essa informação. Então, esses assuntos são muito importantes. Já eram antigamente, creio que na, vai, quando eu era, estudava, já era importante pra gente saber. E eu tiro por mim que assim, sempre tive informação em casa, e pra mim já era importante, imagina quem não tem. Aí vai aprender com os amigos, uma coisa que um amigo fala, ou que o outro fala, que muitas vezes é errado ou não é uma informação certa. Então precisa ter essa informação sim, tanto de corpo humano, como funciona, o que me acarreta ter uma relação, o que... sabe... tudo que envolve. E ainda mais com esses temas atuais como a gente já falou, diversidade, essa coisa da identidade do gênero, coisas que eles vêem na mídia, que passa pela "cabecinha" deles que "tá" em mutação na adolescência, e vai perguntar pra quem, vai tirar dúvida com quem? Então é na escola que tem que acontecer isso. Acredito que não só para os alunos como para os pais também.

[18:39] **R:** Entendi, você já me respondeu a outra pergunta, se você acha... Muito bom isso, porque vai puxando... [risos] Ele "linka". Você acha que a escola deve ou não atuar em prol desses temas, porque, você já respondeu... Você conhece alguma política pública nível municipal, estadual, federal, voltada para esses temas? Lembrando, sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e identidade de gênero...

[19:04] **I:** Então, política pública, eu entendo que política pública tem que ser uma coisa constante, sistemática que eu digo "né", vai um projeto de debates ou de conversas, mas tem que ser constante.

[19:16] **R:** Você conhece algum assim nesse teu entendimento?

[19:19] **I:** O que eu conheço é o que foi oferecido até pra orientadora da escola, que ela faz sementeira, acho que é o nome, e ela dá formação para os adolescentes que têm interesse, que os pais autorizam, os pais autorizam mediante todo o conteúdo que vai ser trabalhado na formação, então acho isso bárbaro, acho isso muito bom.

[19:39] **R:** É voltado para o orientador?

[19:40] **I:** É, para o orientador e algum professor da escola que tenha perfil e que queira.

[19:45] **R:** Então ela se forma e tem esses temas aí?

[19:48] **I:** Isso, tem. Há uns anos atrás uma professora, ela oferecia mas eu não me lembro o nome do projeto, não sei se era sexualidade mesmo... Que até era a professora de português, mas isso faz muito tempo, lá pra 2009, por aí. Que era oferecido pra quem tinha perfil, dentro da escola, se algum professor quisesse, tivesse um perfil bom de relacionamento com os alunos, que teria a formação e que passaria pra eles. Isso teve acho que 2009, 2008, por aí; mas também se perdeu, "né"? Agora que eu me lembre esse da orientadora tem, existe, e a gente tem uma parceria com a UBS, que um enfermeiro de 15 em 15 dias vem fazer palestras sobre DST, sobre AIDS... Ele não entra muito na questão da diversidade, da sexualidade em si, mas dá informação nesse caso...

[20:39] **R:** Da prevenção às ISTs, AIDS, hepatite...

[20:41] **I:** Da própria anatomia, sabe assim, pra se entender o que processa no corpo humano, isso a gente tem uma parceria legal que também esclarece, para nono, oitavo ano, isso é muito, muito legal...

[20:52] **R:** E na sua opinião, você pensa que deveria ter essa política pública constante, seja a que nível fosse, municipal, estadual e federal, pra abordar esses temas?

[21:01] **I:** Deveria. É muito importante.

[21:06] **R:** "Tá". Você conhece alguma orientação pedagógica, municipal, estadual ou federal... Perdão, antes dessa pedagógica, você conhece alguma lei ou norma jurídica municipal, estadual ou federal voltada pra esses temas?

[21:25] **I:** Que valorize essa conversa, esse debate, não.

[21:31] **R:** Você acha que deveria haver?

[21:32] **I:** Deveria.

[21:33] **R:** Alguma coisa que legalmente...

[21:36] **I:** Que legalmente respaldasse esse tipo de informação na escola, porque eu conheço ao contrário... A que não deixa, a gente já teve conhecimento ano passado, a que valoriza, a que reforça essa importância, não.

[21:50] **R:** "Tá". Aqui no município de Santos, tem uma lei que dispõe ao contrário do que você tenta fazer...

[21:55] **I:** Ao contrário, que inibe esse assunto na escola. Que inibe, que não permite, no caso. Não sei nem se não permite, porque não sei se é um decreto, alguma coisa, eu sei que vem de um vereador então, não sei dizer "em que pé" está a coisa, entendeu? Se não permite oficialmente, se já foi aprovado, se tudo...

[22:17] **R:** E você acha que isso, talvez, esbarre um "pouquinho" na execução da...

[22:22] **I:** Exatamente.

[22:23] **R:** “Tá”. Agora assim, dentro da questão da orientação pedagógica. Você conhece alguma, seja a nível municipal, estadual, federal, voltada para aqueles temas? Você acha que tem que haver ou não?

[22:34] **I:** Então, a única que eu conheço é essa que a orientadora faz.

[22:38] **R:** Aqui em Santos...

[22:39] **I:** Isso, isso.

[22:40] **R:** Aqui em Santos. Pensando numa lógica, numa amplitude maior, você conhece alguma orientação pedagógica pra esses temas?

[22:47] **I:** Não, eu creio que até nos PCNs, quando surgiram, alguma coisinha estava ali registrada, mas que aconteça efetivamente...

[23:00] **R:** Sob o seu conhecimento você não... “Tá”. Então, você falou em PCN, ele tá aqui, “né”, você sabe se os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Bases Nacionais Curriculares Comuns dispõe sobre aqueles temas, hoje?

[23:12] **I:** Então, a base eu não cheguei a ler o texto, não cheguei a me debruçar sobre pra ver se em algum lugar ele cita, eu não sei te dizer mesmo, a base é muito nova “né”, a gente ainda “tá” caminhando, mas eu não sei te dizer se “tá” com esse tema explícito.

[23:29] **R:** E o PCN também não?

[23:20] **I:** O PCN eu lembro, faz um tempo, do PCN, mas eu acredito que até falasse alguma coisa, não sei se muito, ou se só citando.

[23:40] **R:** “Tá”, os requintes dele...

[23:42] **I:** É, exatamente.

[23:43] **R:** Você já disse que conhece essa iniciativa em Santos que foi a formação da sementeira, que você falou, “né”? É uma ONG isso?

[23:55] **I:** Não sei te dizer, veio da própria secretaria a formação, a convocação pra que uma da escola fosse...

[24:03] **R:** Ah “tá”, parceria então com entidade?

[24:05] **I:** Depois até... explica direitinho. É uma ação muito válida, “né”? Tem que ser.

[24:12] **R:** Você acha que deve haver, então, esse tipo de parceria, de iniciativa, de formação?

[24:15] **I:** Tem, não só pros alunos quanto pros pais, como eu te falei, muitos não dão a informação por não saberem o que fazer, porque às vezes tem aquelas perguntas cabeludas, ou nem tanto, que os adolescentes fazem em casa e a mãe não sabe responder, então ela tem medo, então vai dizer "ah depois eu respondo" ou "não sei", e aí não se dá a informação, o adolescente vai procurar em outros lugares e muitas vezes vem na escola pra falar "olha, tenho essa dúvida". E aí, ninguém responde? Fica por isso mesmo? Não, a minha opinião a escola tem que dar, é o lugar da informação.

[24:50] **R:** Ok, "tá"... E você avalia que essa iniciativa, ela é bem positiva, então, "né", pelo que você traz.

[25:00] **I:** Muito.

[25:01] **R:** Você conhece alguma... porque quando eu pergunto alguma postura, iniciativa, não só da escola, como uma iniciativa que abranja outras áreas... Saúde... Quando eu falo do teu conhecimento, é nesse sentido. Se você conhece alguma iniciativa no município como um todo, "tá"? E agora a gente vai pro recorte da educação, tudo bem? Você já disse que conhece essa iniciativa aí em relação aos assuntos no espaço escolar, "né"? Então a gente faz agora o entendimento contrário, fora o espaço escolar, você conhece alguma outra iniciativa voltada a esses temas no município?

[25:43] **I:** Não, no município eu não tenho conhecimento.

[25:45] **R:** "Tá". Você acha relevante ou importante ou não, para o corpo docente e para o corpo técnico escolar que esses temas sejam debatidos nas escolas do município de Santos?

[25:57] **I:** Muito.

[25:59] **R:** Você falou que acha importante. Para os docentes também, e por que?

[26:02] **I:** Para todos, acho que para os docentes porque "tão" ali em contato com a criança num espaço maior de tempo "né", para os professores que "tão" lidando ali, e vai na mão deles resolver alguns conflitos, direcionar algumas coisas que podem acontecer em sala de aula. Pra todos da escola também, porque a gente tem que entender o que se passa com os alunos, e essa questão da diversidade, sexualidade, tudo que envolve esse tema, "tá" muito emergente, "tá" vindo muito à tona, "né"? Então acho que todos da escola têm que ter uma formação pra esclarecer, não pra pré-julgar, pra esclarecer, informar, saber direcionar um conflito ou encaminhar pra equipe de uma maneira que não gere traumas e antipatias e nem preconceitos. Preconceitos não tem que ter nada, com nada disso, a gente tem que ver o aluno e tentar resolver, solucionar aquilo que "tá" na nossa mão, mas a formação tinha que ser pra todos, a nível de esclarecimento e informação.

[27:03] **R:** "Tá" certo. E para o corpo discente, você também achou importante, você já trouxe que é importante porque às vezes esse aluno não dialoga em outro espaço. Além dessa questão, você acha que é importante por um outro motivo?

[27:16] **I:** Pra entender a si mesmo, "né"? Eu creio que na adolescência é um turbilhão de coisas que acontecem "né", com eles, e isso vem acrescentar nesse turbilhão. Então assim, até pra eles entenderem enquanto pessoas "né", se situar, "o que tá passando comigo?",

"isso vai passar?", "o que tá acontecendo com a minha cabeça?", eles precisam ter esse tipo de conversa e confiar nas pessoas que estão conversando com eles pra que resolva essa coisa interna mesmo, "né"? Que já é normal da adolescência, então... Necessário e fundamental.

[27:51] **R:** "Tá", no sentido dele ter as respostas das suas angústias, entendi. E que profissionais, na sua concepção, deveriam atuar em prol da promoção desse debate, em relação àqueles temas, "né". E porque, e de que maneira eles deveriam atuar nesse sentido? Você pensa em algum... em profissionais específicos pra esse debate?

[28:19] **I:** Acho que o ideal "né" seriam profissionais da saúde, que tenham uma bagagem maior do que nós da educação, que eu digo "né", sabem os termos técnicos, a questão da biologia mesmo, tem mais domínio.

[28:34] **R:** Mas pensando nos profissionais da escola.

[28:36] **I:** Então, é isso que eu falei, o ideal, mas a gente não tem essas pessoas da saúde na escola todo o tempo, "né". Então na escola, eu acho que os docentes, todos, eu acho que todos, desde os pequenos até os maiores.

[28:51] **R:** Por que você acha que tem que ser os docentes e como eles contribuiriam para esse... de que maneira?

[28:59] **I:** Na verdade, teria que ser pensada um plano, assim, um plano de ação referente a esses temas. E como fazer isso, constantemente, pra que não se perca. Como eu falei, é uma vez e acabou, não, sistematicamente, um levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos, o que eles sabem a partir daí que a gente vai caminhar, quais são as dúvidas que eles têm e a gente vai andar a partir disso... Porém às vezes tem docentes que não tem relação nem vínculo com os alunos, teria que ser uma pessoa que eles confiem. Por exemplo vai, o professor "X" de ciências não tem a relação com o aluno, mas o professor de história tem. Assim, digo "né", de matemática, de ensino religioso, então teria que ser uma pessoa que os adolescentes se abrissem pra eles. Você vê, a orientadora tem um vínculo muito bom, mas sabe... Às vezes, nem necessariamente é o docente. A gente pensa no docente por conta da didática, mas de repente alguém que tem vínculo com eles, alguém da equipe, alguém da escola, um funcionário, um inspetor, que nem a gente tinha aqui um inspetor legal que tinha essa relação, poderia dar mais certo.

[30:08] **R:** E aí ele poderia fazer, mediante como você traz, um plano...

[30:16] **I:** Porque assim, qual o nosso problema? É gravidez na adolescência, é essa coisa da sexualidade aflorada, ou dúvidas que eles tenham? Vamos colocar esse problema principal, vamos dizer assim. E diante disso, traçar uma ação, que tenha, vai, alguns encontros com os adolescentes, que eles possam colocar as dúvidas... Que tenha uma caixinha pra não se identificar, "né"... Um contrato didático com eles, "olha, nós vamos tratar disso, desse assunto, mediante autorização dos pais"... Não sei, "tô" viajando aqui já... Porque é tão necessário isso na escola a gente falar, a mídia "tá" aí falando, bombardeando a gente, a gente que eu digo eles também "né". Aí assim, não tem informação em casa, vê na televisão que é "modinha"... Muitas vezes eu falo isso em casa, as meninas às vezes na adolescência tem aquela melhor amiga, que é melhor amiga, mas aí "tá" na novela que "tá" sabe, aquela modinha? "Será que eu tô gostando dela"? Essas

dúvidas que podem surgir nessa ação do ano inteiro, ou do semestre, que aí vai dizer "será que eu tô gostando da minha amiga ou será que ela é minha amiga mesmo? Será que eu gosto de meninas ou será que é minha amiga, que eu vou me interessar?" Sabe, todo o processo natural que a gente, no nosso tempo, teve, com eles "tá" diferente porque a atualidade "tá" muito diferente, "tá" muito um turbilhão de informações e é sabe... Eles são bombardeados, então tem que ter alguém que eles se sintam bem de falar pra poder tirar essas dúvidas todas da cabecinha deles, é muito difícil ser adolescente agora, no tempo de agora, é muito difícil, ser pai é muito difícil. Você não sabe se vai falar X ou Y, fica... Eu não sou mãe, mas fico pensando assim pra eles, imagina quem é mãe... É muito complicado, "tá" bem complicado.

[32:03] **R:** E aí dentro da pergunta, então, seria o profissional...

[32:09] **I:** É, eu até falo docente mas de repente quem tem mais vínculo seria o ideal, entendeu?

[32:14] **R:** "Tá". E como tais temas deveriam ser debatidos você já trouxe, "né", que é pensar em um planejamento contínuo e não pontual, "né"... E você acha então, você trouxe com recorte aí da gravidez na adolescência...

[32:35] **I:** É, foi... "tipo assim", um tema, por exemplo... Foi um exemplo de um problema que talvez seja emergente. Aqui não é, mas talvez seja. "Ai, gravidez na adolescência, o que podemos fazer pra prevenir?" No caso é a prevenção ali com os alunos, divulgar informações, métodos contraceptivos... Então, qual seria o maior problema, "né"? De detectar qual seria pra poder desenvolver esse planejamento.

[33:00] **R:** Seria aspectos que talvez permeassem o tema que você acha que pudesse destacar nesse plano contínuo. Além desse que você trouxe, que me chamou a atenção gravidez na adolescência, que permeia aí um olhar que vem de encontro que faz parte da sexualidade humana também, que outros temas além desse você acha que surgiriam se a gente pensar "numa" proposta de plano como você idealizou "né", que outros temas você acha que poderiam surgir naturalmente além do proposto, que seria trabalhar diversidade...

[33:43] **I:** Além da principal que levou a gente a fazer, "né"?

[33:44] **R:** Isso, que outras você acha que surgiriam?

[33:46] **I:** Ai eu não sei, eu acho que a questão do homossexualismo, porque eles vêm de uma clientela que tem muitos, até mulheres homossexuais. A gente tem no bairro da onde eles vêm, a maioria da escola, muitas mulheres homossexuais, talvez isso surgisse. Se bem que eles encaram com muita naturalidade, mas talvez alguma dúvida ou outra surgisse, até pra eles entenderem o que acontece com eles "né", pelo que eu falei da melhor amiga, "tal"... Talvez esse, não sei, talvez até a questão do conhecimento mesmo do corpo, o que acontece, como eu vou te explicar assim... Sensações que eles devem ter, "tipo", na descoberta do sexo, da primeira vez, essa coisa assim, "e poxa, o que tá acontecendo comigo, "né"? Tô interessada e tô, sei lá, interessada, fiquei excitada, o que acontece?" Coisas do corpo mesmo.

[34:43] **R:** Meu corpo... o que é isso no meu corpo?

[34:47] **I:** Reações que eles "tão" tendo "né", às vezes a masturbação, por exemplo, "ah, mas é errado? Me da prazer, mas é errado?" Sabe isso que fica na cabecinha deles? Acho que isso surgiria "numa" pergunta ou outra, pode ser que sim. Acho que essa questão por conta da não informação também, "né".

[35:02] **R:** "Tá". E você acha ou não que haveriam pressões ou resistências de pais ou responsáveis de alunos para a incrementação de uma política pública ou qualquer iniciativa escolar em prol daqueles temas?

[35:17] **I:** Com certeza.

[35:18] **R:** Por que você tem essa certeza?

[35:20] **I:** Porque às vezes os pais têm medo do que a escola vai dizer para os alunos. O que vão falar? "Vão falar de sexo, vão incentivar o meu filho a sair por aí"? Não é isso, a gente "tá" falando da questão da informação, "né"? Há uns anos atrás, quando eu comecei aqui na equipe, tinha algumas palestras... Mas era o que eu te falei, uma palestra, depois milhões de anos... Aí um pai soube que teve e veio aqui reclamar, porque como ele não deixou a filha dele, que era questão religiosa, que não ia autorizar mais. Que quando fosse a palestra, pra avisar, que a menina não vinha. Então assim, eu acho que eles têm receio do que a escola vai falar. "Ai, a escola tá incentivando a usar camisinha", "a escola tá incentivando a transar com todo mundo", não, a gente "tá" dando informação. Por isso que quando o curso da sementeira foi iniciado, a gente colocou todos os conteúdos e a mãe assinou que "tava" autorizando, porque já "tava" ali o que ia ser falado, a informação que ia dar, e a mãe autorizou. Então eu creio que a gente vai lidar com resistência sim.

[36:26] **R:** Mas você acha que essa resistência, esse desconforto que pode vir a causar no debate com o jovem aqui, ele seria, teríamos como reação a pressão, seria uma pressão, você acha que isso seria não só então uma insatisfação da escola dialogar com os receios que você traz que os pais poderiam achar que há um incentivo para, você acha que além disso haveria uma pressão para a não existência disso?

[36:59] **I:** Sim, é muito a questão religiosa também. "Ai, eu não quero que meu filho participe porque quem vai ensinar sou eu ou na igreja, então a escola não pode falar". Não participa porque eu quero falar do meu jeito, talvez.

[37:15] **R:** "Tá" certo. I, mais uma vez obrigada, foi um prazer ouvir a opinião da diretora, eu esqueci de dizer no início da nossa gravação que a I é diretora da UME SSSSSS... É muito grande o nome, muito obrigada.

[37:34] **I:** Imagina, que isso.

Entrevistada J

[00:00] R: J, boa tarde.

[00:02] J: Boa tarde.

[00:03] R: Antes de começar nossa conversa, a nossa entrevista, eu quero te agradecer a disponibilidade, a continência pra ajudar no projeto de pesquisa "né", eu venho hoje na condição de mestranda, não na condição de articuladora do PSE, e aí a intenção é seguir um roteiro de entrevista, dentro desse roteiro tem as perguntas que tem a ver com o tema do projeto que é diversidade sexual na escola, sobre esses silêncios, tabus e mitos, "né". Você fica muito a vontade, eu vou fazer algumas perguntas relacionadas aos seus dados pessoais, sua trajetória da formação profissional, da sua atuação profissional e no finalzinho a gente vai dialogar um pouco sobre o seu entendimento em relação ao tema, aos temas, "tá"? Eu queria que você começasse dizendo seu nome e o cargo, qual é a sua função hoje na escola, o nome da escola, depois seu nome... O seu nome completo na verdade, data de nascimento, e aí a gente vai conversando um pouquinho sobre esses dados pessoais... Tudo bem?

[01:11] J: "Tá" ótimo. Meu nome é J, eu nasci dia 777777777777, trabalho na escola DDDDDDDDo como orientadora educacional, estou aqui já tem uns cinco anos, nessa escola...

[01:30] R: Neste cargo também?

[01:32] J: Neste cargo. Já vim pra cá como orientadora.

[01:34] R: Você é fixa da escola?

[01:36] J: Sou. Sou fixa da escola.

[01:37] R: Vocês não chamam de fixa, é...

[01:40] J: Efetiva, "né"?

[01:42] R: Efetiva... Qual seu sexo, como você se identifica como sexo, a sua naturalidade?

[01:48] J: Feminina, e nasci no Brasil, em Santos.

[01:52] R: Em Santos. Seus pais nasceram em São Paulo, em Santos também?

[01:55] J: Não, minha mãe é portuguesa, meu pai nasceu em Santo André.

[02:01] R: E você tem alguma formação religiosa ou é adepta a alguma religião e qual?

[02:06] J: Eu sou católica. Frequento todo domingo, frequento a Igreja do Coração de Maria, na Ana Costa.

[02:16] R: Na Ana Costa, "tá"... Você se considera em que faixa de renda familiar? Classe média, média alta, média baixa, ou outra classe?

[02:25] J: Média...

[02:27] R: Classe média... bem média mesmo...

[02:28] J: Isso... Trabalha pra sobreviver... [risos]

[02:33] R: Agora entrando na tua trajetória de formação profissional, onde é que você cursou o ensino médio, se ele era escola pública, particular? Qual a escola que você cursou e que ano você concluiu?

[02:48] J: Vamos lá... Eu estudei no particular até o meu sétimo ano, "tá"... O ensino médio eu fiz o primeiro ano, eu fiz ele normal, e depois eu fui para o magistério no Canadá...

[03:01] R: Escola pública...

[03:02] J: Isso... Escola pública. O primeiro ano que foi o ensino médio normal foi no Luiza Macuco, que também era uma Escola Estadual, e depois eu fui pro magistério, que daí eram mais três anos o magistério, e no Canadá, também escola pública.

[03:19] R: Canadá é estadual também?

[03:21] J: Também, também é estadual.

[03:22] R: Eu não conheço muito... "Tá", entendi. Quando foi que você concluiu? Você lembra?

[03:26] J: Ai, acho que foi em 96... Por aí.

[03:33] R: A graduação, qual o nome da Universidade e quando você concluiu?

[03:40] J: Eu fiz UNIMES, particular, e terminei... é porque assim, eu comecei a fazer, aí eu dei uma parada e depois retornei...

[03:51] R: Na mesma Universidade...

[03:52] J: Na mesma Universidade... Então eu acho que eu terminei em 2003.

[03:56] R: Na sua... Seus pais "né", seus pais e avós, eles têm formação superior?

[04:03] J: Avós não... Não, nem meus pais... superior não.

[04:08] R: Então você faz parte da primeira geração...

[04:11] J: Isso, com ensino superior.

[04:12] R: Com ensino superior. Você tem irmão com ensino superior?

[04:15] J: É... Todos não. Porque nós somos em cinco, só que um é criança ainda, os outros quatro todos são formados em ensino superior.

[04:22] R: "Tá" certo... Você cursou pós-graduação lato sensu stricto sensu?

[04:27] J: Sim, eu tenho pós-graduação em gestão escolar e fiz, "tô" terminando agora, entreguei TCC agora de atendimento educacional especializado...

[04:38] R: Essa pós é lato ou stricto sensu?

[04:42] J: Eu acho que é lato...

[04:43] R: É lato... "Tá". Você fez essas duas especialidades, em qual instituição?

[04:50] J: Uma eu fiz na Cristal e a outra na Brasil.

[04:53] R: É aonde? É aqui em Santos?

[04:55] J: É, foi em Santos.

[04:57] R: Não conheço também... São Universidades, não? São polos?

[05:01] J: São polos. É aquele Instituto Cristal é da ELIS, você escutou falar? São polos. E a faculdade Brasil também, tanto é que tem aqui e tem na Praia Grande.

[05:13] R: E é presencial, é...

[05:14] J: Uma vez por mês.

[05:15] R: Uma vez por mês... Quando você concluiu essa pós? As duas, "né".

[05:20] J: A de gestão já tem três anos. O AEE eu "tô" terminando agora, vai vir o certificado só agora.

[05:28] R: Concluiu o ano passado...

[05:30] J: Esse ano, aí já entreguei TCC, então só "tá" faltando a avaliação do TCC, tudo direitinho.

[05:37] R: Ah, você conclui, você conclui... "Tá". Alguma especialização? Além da pós...

[05:43] J: Não, além dessa da pós, não.

[05:46] R: Você tem alguma formação específica em temas sobre sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e/ou identidade de gênero?

[05:57] J: Não, eu recebi, eu "tô" recebendo esse ano, aqui, foi até convite da própria SEDUC, da Rede Sementeira, se eu não me engano é do Hospital das Clínicas de São Paulo, de um curso sobre sexualidade, direcionado a adolescentes de treze a quinze anos.

[06:16] R: Então você está sendo formada...

[06:18] J: Estou sendo formada, isso mesmo. Aí é todo apostilado o curso, então nos encontros, é uma vez por mês, nos encontros eles fazem, aplicam uma dinâmica conosco pra nós aplicarmos nos adolescentes.

[06:34] R: Então vocês serão o que se conhece como multiplicadores...

[06:38] J: Isso mesmo, isso mesmo.

[06:41] R: Quem "tá" formando vocês...

[06:43] J: É a Rede Sementeira...

[06:45] R: É ela que informa... Quando você falou do Hospital das Clínicas...

[06:51] J: Quando me convidaram falaram que esse curso seria dado pelo Hospital das Clínicas, mas na verdade o nome é Rede Sementeira.

[07:03] R: Você conclui quando?

[07:06] J: Nós temos encontro agora dia 23 de novembro pra entregar as últimas avaliações, porque todo curso, todo módulo aplicado a gente faz uma avaliação de tudo que aconteceu com fotos e depoimentos, então agora novembro a gente entrega a última avaliação e dezembro é o último dia, o último mês assim, mas já não tem mais módulo pra aplicar com os alunos.

[07:35] R: Então a gente vai... Agora, falar sobre a sua trajetória de atuação profissional. Há quanto tempo você entrou no magistério?

[07:44] J: Olha, eu "tô" no magistério desde os meus doze anos de idade, porque minha mãe trabalha... posso contar "né", a minha vida pessoal?

[07:54] R: Deve, por favor.

[07:55] J: A minha mãe trabalhava "numa escolinha pequenininha" como faxineira e eu tinha medo de ficar em casa sozinha. E aí ela pediu pra diretora que eu fosse pra lá, mas pra ficar estudando... pra ficar estudando porque minha escola era muito puxada e realmente eu ia pra lá pra estudar. Mas uma vez, uma professora do maternal "tava" sozinha, deixaram eu ir pra lá, fiquei ajudando. Outro dia, fiquei ajudando. Até que os pais da escola queriam saber quem era essa "tia" nova que tinha na escola porque eles "tavam" falando muito, e aí a partir de então eu comecei a ganhar mesmo sem estar registrada, fui registrada aos catorze anos de idade, isso como auxiliar de professora, e desde aí eu não saí mais, nunca mais, de dentro da escola.

[08:37] R: Não sendo indelicada mas isso tem mais ou menos quantos anos?

[08:40] J: Eu "tô" com quarenta anos agora, desde os doze, vinte e seis anos...

[08:45] R: Desde os doze? Vinte e oito anos...

[08:47] J: Vinte e oito anos, isso mesmo.

[08:48] R: Vinte e oito anos, então você se vê no magistério.

[08:51] J: No magistério, isso mesmo.

[08:53] R: Em quantas escolas você já trabalhou?

[08:55] J: Bastante...

[08:57] R: Dentro e fora do município... quantas escolas?

[09:01] J: Desse município aqui de Santos?

[09:02] R: Dentro e fora dele... quantas escolas mesmo você já trabalhou, na vida... Além dessa dos doze...

[09:08] J: Particular eu trabalhei em duas "né", que foi essa da "abelhinha" e uma outra e depois eu logo entrei na prefeitura. Quando eu entrei na prefeitura eu trabalhei no Emília, trabalhei no Caruara, no São Manoel, Waldery, Mário... acho que só, porque eu fiquei sete anos no Waldery. É isso.

[09:36] R: Aí agora esse... Seis escolas?

[09:37] J: Isso.

[09:40] R: Fora as duas particulares...

[09:42] J: Isso, e eu trabalho em São Vicente também.

[09:45] R: "Ah", então você ainda tem...

[09:47] J: Tem, também trabalho em São Vicente.

[09:48] R: Então hoje... até agora você, pode se dizer que você trabalhou em sete escolas. Sete não, "pera aí", seis em Santos, duas particulares, oito, e uma em São Vicente...

[10:01] J: São Vicente eu também passei... Passei em São Vicente por algumas também...

[10:05] R: Então, quantas mais ou menos no total?

[10:07] J: Eu vou falar... São Vicente... Teve o Jorge, fui pra Vila Margarida, "tô" na União... Fui no São Manoel... mais quatro, e no Estado trabalhei em mais uma. Mais cinco. Oito mais cinco, treze.

[10:26] R: Treze escolas, "tá"... Em que níveis de ensino você já trabalhou?

[10:31] J: Só Fundamental I. E agora trabalhando com o Fundamental II, mas por conta da sexualidade, não é por ser orientadora, então aqui eu tenho Infantil, Fundamental I e Fundamental II.

[10:44] R: E você também disse da sua experiência dos catorze, também era com o "Fund" I?

[10:49] J: Não não, aí era com Infantil também.

[10:52] R: Então você trabalhou com Infantil nessa fase aí do particular anterior ao município de Santos... Já pra entender, é muita escola, muito tempo trabalhando. Hoje você trabalha em quantas escolas?

[11:06] J: Em duas. No município de Santos essa e no município de São Vicente, isso. Como professora em São Vicente.

[11:14] R: Aqui como orientadora educacional... Salvo no município de Santos, fora dele, em sua experiência profissional, que projetos ou demais iniciativas escolares te marcaram ou aqueles que você considera bem significativos, e por quê?

[11:35] J: Fora do município de Santos...

[11:37] R: Isso... que experiência profissional, algum projeto que você tenha... que te marcou consideravelmente e por quê.

[11:46] J: Eu tive dois, em São Vicente que me marcou bem. Foi o CRP, que era uma Classe de Recuperação Paralela, então eu atendia grupos pequenos com muita dificuldade, entendeu, e a gente ajudava sabe... Na questão de alfabetização, na dificuldade do aluno, era muito interessante esse projeto...

[12:08] R: Por que você acha isso tão interessante?

[12:11] J: Pelo fato da gente perceber que em grupos pequenos o quanto eles progrediam, entendeu?

[12:17] R: Isso foi bem significativo...

[12:19] J: Foi, foi bem. E também quando eu trabalhei como professora de informática. Saí da sala do fundamental I e fui como professora de informática, ainda no fundamental I, mas atendendo todas as salas. É muito interessante porque você consegue ver diversas realidades e adaptar tua aula desde o primeiro "aninho" até o quinto ano, também gostei bastante.

[12:42] R: Por esse motivo?

[12:43] J: Sim.

[12:45] R: Uma outra forma de ensinar adaptando várias classes, o recurso da informática, ele ajuda nesse sentido. É isso que eu "tô" entendendo, se eu não "tiver" entendendo você me corrige, "tá"? Salvo no município de Santos, na sua experiência profissional, houve

alguma política pública, e aí pensa só no seu conhecimento sobre isso, até onde você sabe que existe, só com olhar da educação... Enquanto política pública mesmo, você conhece alguma iniciativa em prol dos temas da sexualidade? Então vamos pra escola, política pública escolar, se você não conhece como um todo, existe alguma iniciativa ou alguma política pública em prol desses temas que você tenha conhecimento?

[13:38] J: Não.

[13:40] R: Há quanto tempo você trabalha na educação no município de Santos?

[13:46] J: Desde 98. Tem vinte anos, "né".

[13:51] R: E em quantas escolas de Santos, seis "né"? Seis com essa daqui, contando com essa. Atualmente você só trabalha no município de Santos nesta?

[14:04] J: Só nessa.

[14:06] R: Nas escolas, pensando nas escolas todas que você atuou no município, que projetos ou demais iniciativas escolares te marcaram e o que você considerou muito significativo aqui em Santos e porque? Agora pensando nas escolas que você passou, quais os projetos que foram muito significativos pra você e porque pra você foram muito significantes?

[14:35] J: Olha, projetos assim que eu me lembre, porque eu era mais direcionada pro Fundamental I "né", então é com outra vivência... Então assim, a escola que mais me marcou porque deu pra desenvolver um projeto que até então nas outras a gente fica só com assinatura de ponto... Então foi no Waldery, mas eram projetos específicos da escola e do ano. Teve um que a gente fez sobre o fundo do mar, teve um outro também que a gente fez com os alunos sobre a questão da convivência entre os alunos, do respeito entre eles, então assim, foi muito marcante tanto esse projeto quanto o outro.

[15:12] R: Por que os dois foram marcantes?

[15:14] J: A questão do Vivendo o Mar, "né", foi um projeto que envolveu a escola inteira. E assim, o produto final ficou muito legal, foi muito interessante a ponto até da escola ganhar um transporte público pra gente ir pra Caraguá pra conhecer o Projeto Tamar, em Ubatuba. Então assim, o envolvimento tanto dos alunos quanto dos professores nesse projeto envolvendo o mar foi muito interessante. Muito bom mesmo. E já no de respeito, que a gente tratava com as crianças, os "pequeninhos", o reconhecimento dos pais. Foi assim, muito grande, a ponto dos pais pedirem, eu era substituta, pra eu continuar com uma sala, porque "tava" fluindo, dando bastante frutos na questão de um respeitar o outro, a convivência... Atrelado a escrita dos alunos, porque a gente deu trabalhô argumento com alfabetização.

[16:20] R: Entendi. No município de Santos, houve alguma política pública e/ou iniciativa escolar em prol dos temas da sexualidade, orientação sexual e identidade de gênero? Você atuou nesses casos... Você já disse do Sementeira, "né", que é uma iniciativa escolar...

[16:43] J: Assim... em fatos isolados, assim. Já participei sim de reunião de identidade de gênero, mas tudo muito assim... "ah, hoje eu tenho uma formação ali", e fica por isso

mesmo. A título de formação mesmo, da gente discutir com os alunos, é esse da Sementeira. Já participei de outras reuniões sim, falando sobre identidade de gênero...

[17:09] R: Então são iniciativas que a Secretaria de Educação faz aí pontualmente, pelo que eu "tô" entendendo, em relação aos temas...

[17:15] J: Isso mesmo.

[17:16] R: E você participou, você atuou nesses casos, nessas formações... Ok. Agora a gente vai participar pro conhecimento sobre o tema, "né". E sem nenhum conceito de certo e errado, é no sentido de saber o que você pensa sobre isso, esse momento... é te ouvir muito, tá? Como você define, com muita calma, sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e identidade de gênero? Pra você, o que vem a ser sexualidade?

[17:54] J: Então "né"... É difícil agora a gente, a gente participa de tanta coisa, na nossa semana da educação a gente procurou justamente uma oficina sobre sexualidade... E aí foi nos dito, e eu acredito, que sexualidade é tudo. Assim, é a nossa forma de conviver, que não é o sexo propriamente dito, "né", sexualidade é quando você "tá" bem consigo mesmo, quando você consegue se aceitar e aceitar o outro, e a maneira que ele é... Acho muito, esses termos ainda muito confusos, muito confusos, cada hora uma coisa, ainda preciso de muito estudo pra falar com propriedade o que é cada uma deles, mas eu parto do princípio que a sexualidade é, assim... É o nosso ser, nosso ser, a nossa forma de se relacionar, a forma de aceitar o outro... Tudo envolve a sexualidade.

[18:57] R: E quando eu falo diversidade sexual, você pensa...

[19:03] J: Diversidade sexual... Eu acredito que seja cada um ser o que quer ser, entendeu? Assim, cada um ser da maneira que se sente bem, que se enxerga, que seja feliz, entendeu? O diferente, o diferente.

[19:30] R: Isso é o que você compreende sobre diversidade sexual. E orientação sexual, quando eu falo essas duas palavras você pensa no que, o que seja orientação sexual?

[19:42] J: Talvez o que a gente esteja fazendo nesse curso "né", da questão envolvendo várias coisas, desde como você é fisicamente, quando você entra na puberdade, quando você entra na adolescência, desde as formas de prevenções, da questão da gravidez na adolescência, da questão de rituais pra entrar na adolescência, rituais não administrados por adultos, porque os nosso rituais não são administrados... Eu acho que é a conversa, a escuta. Orientação sexual é a escuta e você mostrar um caminho.

[20:25] R: E por último mas não menos importante, dentre aí nos temas, o que você consegue compreender sobre identidade de gênero?

[20:35] J: Pouco, mas... porém... contudo... eu tenho lido bastante, porque até esse meu irmão que veio aí pra gente com onze anos, ele tem agora, e ele me deixa muito na dúvida, então eu tenho procurado muito, muito, muito mesmo. E a gente percebe, lendo, fazendo todas essas leituras, até pra poder ajudá-lo, porque a gente sabe o quanto o mundo é um pouco preconceituoso e essa identidade de gênero é a questão, de que assim, às vezes a criança nasce num corpo que não é aquele que ela se reconhece ali. Então assim, a aceitação de quem ele é, de quem ele é. Não tenho certeza ainda se é isso, porque eu ainda

"tô" lendo muito, entendeu, mas é isso que... ou então, ou eu nasço naquele corpo e vou me identificar daquela forma, entendeu, ou não... eu tenho um corpo e me identifico de outra maneira.

[21:41] R: E pra você isso tem a ver com essa questão da identidade, com identificação...

[21:46] J: Isso, isso mesmo... identidade de gênero.

[21:49] R: E aí você falou que lê bastante "né", sobre esse tema, até porque você trouxe uma experiência muito próxima, no sentido de...

[21:58] J: É novo, novo principalmente pra minha mãe, que é mais difícil, entendeu... Então a gente tem que tentar buscar e explicar, "não, mas tem uma explicação sim e vamos lá, vamos deixá-lo seguro se é isso que ele vai ser ou não, a gente não sabe, vamos deixá-lo seguro e mostrar um caminho pra ele", entendeu, então por isso essa procura, essa busca.

[22:21] R: E aí, mais ou menos quantos livros ou textos, quantificando mesmo, você já leu sobre esses assuntos? Mais ou menos, a gente não tem certeza de quantos livros na vida a gente leu, até com recorte desse, mas assim, na sua busca em relação a esses temas, mais ou menos quantos você se apropriou, quanto de livro e quanto texto?

[22:51] J: Então, livro na íntegra não. Eu tenho pego textos mais de revistas, da própria internet, e assim, a gente tem muita leitura agora por conta da Sementeira, porque é tudo baseado em texto, tudo, tudo, tudo, vários textos... mais de trinta já foram lidos, já.

[23:13] R: E dentre mais... além desses trinta, vem de encontro com esses temas de sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e identidade de gênero...

[23:23] J: Tudo, tudo.

[23:25] R: Tá... E você se informa sobre eles, pelo que eu percebi, sobre esses temas através do curso, pela tua busca em internet também...

[23:35] J: Isso, isso. E quando, às vezes, eu falei, uma revista, vejo o assunto, aí eu pego pra ler... entendeu...

[23:42] R: Tá... E quando foi a última vez, você lembra quando você se informou sobre esses temas e por quais meios? Bom, os meios você já me trouxe, mas quando foi a última vez?

[23:51] J: Ah, eu "tô" em constante, porque agora, a última vez que eu fiz o curso com os adolescentes foi quarta...

[23:57] R: Ah, bem recente...

[23:59] J: Foi, é... eu "tô", esse ano então, esse ano toda semana eu "tô" pegando pra ler, porque são apostilas, "né"? E aí essa apostila, a última, eu não pude ir no encontro e fala sobre identidade de gênero... Então eu "tô" lendo porque é o último módulo do curso, isso...

[24:19] R: Você acha esses temas relevantes ou não pra sociedade brasileira contemporânea e pro município de Santos em particular, porque você acha que é relevante ou não? Primeiro me responde se você acha relevante pra sociedade contemporânea... e pro município?

[24:35] J: Muito...

[24:36] R: Por que?

[24:37] J: Nós não estamos preparados pra aceitar o diferente. Nós não estamos, e a gente acaba selecionando as pessoas e fazendo delas o que elas não são, entendeu? Então eu acho que a gente tem que discutir sim, a gente tem que conversar sim... É incrível o quanto a minha afinidade com os adolescentes melhorou depois desse curso, muito... Muito mais. Porque a gente sentou, conversou, a questão do julgamento, ela desaparece, porque todo mundo se coloca no mesmo patamar, igualitário, eu acho que é necessário.

[25:21] R: Você acha então que a escola, ela deve atuar em prol desses temas?

[25:30] J: Sim.

[25:31] R: Por que você percebe o que quando se atua em prol desses temas?

[25:37] J: Eu percebo que eles começam a se colocar no lugar do outro. E aceitar o outro "né", que não é uma coisa que... É de outro mundo, como se era visto antigamente. "Ah, é coisa, sei lá, do demônio"... Não é nada disso, cada pessoa tem a sua escolha, cada pessoa tem o seu jeito de ser, e que isso tem que ser respeitado.

[26:02] R: Agora você conhece alguma política pública, a nível municipal, estadual, federal, voltada pra esses temas, enquanto política mesmo "né", como um todo, não só política de educação... Política pública, você acha que deveria haver nessas esferas, você conhece alguma? Ou você não acha que deveria haver? Você não conhece...

[26:24] J: Não conheço... Eu não conheço, mas eu acho que... eu acho que tem que haver sim, porque a coisa fortalece, porque só dentro da escola fica um fato isolado, entendeu? Eu acredito na política pública, no trabalho dos serviços todos juntos, todos falando a mesma coisa, entendeu? Eu acredito nisso sim, porque é importante.

[26:46] R: Você não conhece nenhuma iniciativa nesse sentido... Tá. E lei ou norma jurídica, municipal, estadual ou federal voltada pra esses temas, você acha que deveria haver alguma política nesse sentido ou não? Que garanta legalmente, judicialmente o diálogo sobre esses temas...

[27:11] J: Infelizmente eu acho que sim. Deveria haver, tem que a haver, porque o desrespeito é grande, o preconceito é grande... Então acho que deveria de haver sim.

[27:22] R: Alguma norma jurídica que respaldasse o diálogo sobre isso em várias esferas...

[27:30] J: Isso mesmo.

[27:32] R: Você não conhece nenhuma existência de lei ou garantia jurídica para isso?

[27:40] J: Não, não.

[27:42] R: Você conhece alguma orientação pedagógica, aí com esse olhar de vocês "né", alguma orientação pedagógica municipal, estadual ou federal voltada para aqueles temas? Você acha que tem que haver ou não?

[27:55] J: Então, dentro do nosso plano de curso até existe mas é tudo muito superficial...

[28:02] R: O que você chama de plano de curso?

[28:04] J: Plano de curso é o que o professor tem que, vamos dizer, tentar cumprir durante aquele ano, tá? Então a partir do quarto, quinto ano, já se começa a entrar no assunto de corpo humano, no quinto ano já se fala de sexualidade, mas é aquela coisa bem superficial, não é aquela orientação mesmo... Não. Se fala de DSTs, dentro do plano de curso, mas não é nada...

[28:36] R: Você fala aqui, nessa escola, no município?

[28:38] J: Isso, no município tem.

[28:40] R: Tá. Em outras esferas você desconhece orientação pedagógica, em outro estado, no plano federal... Você fala daqui, que existe muito a passar e que você também pensa que deveria ser um pouco mais aprofundado?

[28:56] J: Sim, é isso mesmo.

[29:00] R: Tá, você sabe o que os parâmetros curriculares nacionais e as bases nacionais curriculares comuns dispõem sobre aqueles temas? Você sabe o que os parâmetros e as bases trazem sobre esses temas?

[29:14] J: Então, na questão dos parâmetros... A base nacional, não é isso? A base nacional não vou falar com propriedade porque eu li muito pouco e eu não vou saber te responder com propriedade. Os parâmetros, eles já vem tratando da diversidade, porque o parâmetro é bem antigo... Ele já vem tratando da diversidade desde lá, só que... É complicado pra pessoa entender, e aí entende de uma maneira superficial também. Superficial, entendeu? Mas desde que os parâmetros... ele trabalha. Dentro dos parâmetros curriculares tem a diversidade, tem, tem a pluralidade, isso mesmo, existe, mas é tudo muito superficial que eu vejo.

[30:03] R: Você vê, você trouxe que é difícil de entender esses parâmetros, foi isso que você falou? É difícil porque ele não se aprofunda, ele só...

[30:14] J: Isso. Ele diz que a gente tem que trabalhar "tal", a questão do respeito, da orientação, mas é aquela coisa bem por cima...

[30:22] R: Sem dizer o modus operandi disso...

[30:24] J: Isso mesmo.

[30:25] R: Entendi... e ele é muito antigo...

[30:28] J: Ele é, um documento bem antigo...

[30:29] R: A base nacional já não "né", vem aí com um novo texto...

[30:33] J: Isso, mas essa eu não vou falar com propriedade, essa eu não sei.

[30:35] R: Você conhece, além da iniciativa aí da Sementeira, alguma outra postura, norma ou orientação do município de Santos em relação a esses assuntos? Você acha que deveria haver ou não?

[30:50] J: Então, eu acho que, "que nem" esse ano na questão da semana da educação tinha assuntos que tratavam... Tanto é que a gente foi no poder da energia sexual, então assim... "Tá" mudando, eu acredito que esteja mudando, eles já "tão" começando a pensar em algo maior do que ficar só naquele "planinho" de curso ou nos parâmetros e eu acho que "tá" abrindo um leque maior, entendeu? Tem até uma pessoa na SEDUC que fala muito bem sobre, e foi ela até que convidou a nossa escola pra fazer o curso de sexualidade... Esse ano é que eu "tô" vendo um aprofundamento melhor,

[31:38] R: Então houve esse ano uma iniciativa... E vem de encontro ao município, é uma postura do município inserir esses temas na semana da educação... Começou...

[31:46] J: Isso, isso mesmo.

[31:49] R: Você acha que tem que haver?

[31:51] J: Sim...

[31:53] R: Tem que ampliar...

[31:54] J: Isso... isso mesmo.

[31:58] R: Você acha relevante, importante, para o corpo docente, pensando nessa equipe de trabalho "né", e pro corpo técnico escolar que esses temas sejam debatidos em escolas no município de Santos e porque, pensando nos docentes...

[32:16] J: Eu acho sim... eu acho que tem que ser, tem que ser conversado sim, até pra que eles também saibam como lidar com a situação e como conversar com todos os alunos... E talvez essa formação que eu estou recebendo, que eu "tô" tendo "né" a oportunidade de receber, se todos tivessem essa formação seria muito interessante, porque fortalece o eu, fortalece a auto estima, fortalece as pessoas a se cuidarem, a ter esse cuidado com o próprio corpo, ao cuidar do outro... E às vezes, o professor, ele "tá" tão mergulhado nos afazeres do dia-a-dia e naquela coisa mecânica, do que ele tem que cumprir, dos objetivos, que ele não consegue enxergar esse outro lado. Talvez uma formação contínua com esses professores também seria muito bom.

[33:06] R: Contínua "né", que você disse...

[33:07] J: Isso... É, porque eu não acredito em fatos isolados. Só uma "reuniãozinha"... Eu já "tô" formada, isso aí eu não "boto muita fé".

[33:20] R: E pensando na importância, na relevância, ainda sobre a discussão dos temas, você acha que o corpo discente também deveria ter essa possibilidade nas escolas do município de Santos? Por quê?

[33:34] J: Sim, eu acho que depois de tudo que a gente conversou "né"...

[33:38] R: É importante pros alunos...

[33:40] J: Muito, e o quanto eles gostam de falar sobre. E eles precisam falar sobre.

[33:48] R: Por que você acha que eles precisam?

[33:50] J: Eles falam muito que assim... Eu vou falar também enquanto pessoa "né", eu fui uma das... Eu engravidei adolescente. Minha mãe conversava comigo mas eu não via minha mãe como amiga de forma alguma... De forma alguma, minha mãe sempre teve cabeça aberta mas não é igual ao que você conversar "num" grupo fora do núcleo familiar, entendeu? Porque eles falam muito da questão da família, eles tem muito amor pela família, tem... Mas não se sentem a vontade pra tratar de alguns assuntos.

[34:25] R: E esses alguns assuntos que você traz, a escola seria importante nesse sentido?

[34:30] J: Sim, porque até no grupo, a questão das conversas, da roda de conversa, é muito legal. E acaba que depois chega na família, mas de uma outra forma, e aí a família corresponde de outra maneira e é muito legal. E isso é muito legal.

[34:48] R: Ok... Pensando nos profissionais "né", que profissionais você acha que deveria, se for o caso, que eu acredito pelo que você trouxe que você acredita que seja, quais profissionais deveriam trabalhar em prol do debate em relação a esses temas? Porque pensar nesses profissionais e como, qual seria a forma que eles conseguiriam na sua, em um primeiro momento de pensar essa possibilidade, como eles fariam isso na escola?

[35:22] J: Profissionais de dentro da escola...

[35:25] R: É, quem você acha... quais profissionais você acha que deveriam trabalhar em prol desse debate?

[35:32] J: Acho que professores "né"... E acho que a equipe técnica também, equipe gestora.

[35:40] R: Por que você pensa nos professores e na equipe gestora?

[35:45] J: Talvez... Você diz não funcionário, é isso?

[35:52] R: Não... O que você pensa, por exemplo, que tipos de profissionais...

[35:57] J: Eu acredito pela proximidade que eles têm aos alunos...

[36:01] R: Os professores e a equipe técnica...

[36:02] J: Isso, e a equipe.

[36:04] R: Por isso que você acha que eles seriam os mais indicados pra promoção desse debate em relação a esses temas... E como que se, como que você imagina, em um primeiro momento, de que forma eles fariam esses debates? Como é que seria a promoção disso?

[36:18] J: É, não...É muito difícil, eu acho que precisa da formação. Que nem, pra mim mesmo, pra eu poder aplicar esse curso, se eu não tivesse um norte eu não saberia como começar, entendeu? E aí esse curso, ele vem todo "detalhadinho", todo "primeiro nós vamos tratar só disso, depois só disso" e aí isso foi legal, eu acho que se desse um norte, tanto para os professores quanto para a equipe gestora, começar "né", ter essas conversas, eu acho que seria melhor, eu acredito que ficaria melhor, ficaria mais coeso... E aí falaríamos com propriedade "né", não ficar a conversa solta...

[37:10] R: Aí você pensa nos professores e na equipe técnica... Mas pensando já eles formados, vocês todos formados e seguros para, porque você pensa estes profissionais? Você se remontou "acho que os professores, acho que a equipe técnica", algo te fez pensar que seriam profissionais bacanas pra essa, pra esse debate, essa promoção... Isso, a formação já garantiria o desenrolar desses temas, você acha que um professor ou alguém da equipe técnica formado, seguro, com propriedade teórica...

[37:58] J: Isso você fala dentro da escola? Os profissionais de dentro da escola?

[38:01] R: Dentro da escola... Porque, você pensa em uma outra possibilidade?

[38:04] J: Não, não... É, de repente alguma coisa relacionada à saúde também "né"...

[38:09] R: Você também acharia interessante...

[38:10] J: Sim...

[38:11] R: Se tivesse aí um profissional de saúde que pudesse vir, já vi que você não é muito fã da coisa pontual, mas de uma forma contínua estabelecer aí alguma coisa com esses jovens...

[38:25] J: Isso...

[38:26] R: Em não sendo a saúde, "né"...

[38:29] J: É porque assim... Eu digo professor e equipe gestora, mas equipe gestora também que "tá" acompanhando aquela escola, porque não dá pra ser aquela que entra "num" ano... Justamente por conta da proximidade com os alunos. Porque eles, tanto é, que às vezes a gente "tá" aqui no curso e aí a Marisa, coordenadora, quis participar... Ela pediu licença e falou assim "eu posso participar também?", aí eles assim "só que o que é dito aqui não sai daqui, você tá disposta a isso?", ela falou "não, tudo bem, combinado"... Porque a gente tem um combinado pra não ficar... Porque às vezes fala uma

particularidade e não é pra ficar espalhando pra escola inteira. E muito interessante eles falarem isso pra coordenadora, quando ela entrou pra participar. Então é isso, eu acho que é professor por conta da afinidade, por conta deles estarem diariamente juntos, mais tempo... Por conta disso.

[39:28] R: "Tá" certo... E como tais temas deveriam ser debatidos na escola se fosse o caso? Como, um modo "né"... Um modo de acontecer, como é que você imaginaria...

[39:38] J: É interessante, porque assim... Eu não "tô" atendendo todos os adolescentes. Eu atendo um grupo pequeno e no horário do contra turno. Eu acho que esses temas, eles tinham que ser tratados em sala de aula mesmo. Em sala de aula, durante a aula mesmo, "olha, hoje nossa aula vai ser desta forma, vamo conversar, vamo debater" e não ser só um fato isolado pra poucos.

[40:10] R: Você acha que atingiria com mais qualidade e um público maior...

[40:14] J: Isso...

[40:15] R: Fazendo parte do conteúdo pedagógico aí da escola, do projeto político, não sei como vocês chamam, mas compondo...

[40:20] J: É isso mesmo, é isso.

[40:26] R: Ok, já estamos quase que acabando... Você acha ou não que haveriam pressões e resistências de pais e ou responsáveis de alunos para a implementação de políticas públicas ou de quaisquer outras iniciativas escolares em prol daqueles temas? Por que?

[40:43] J: Então...

[40:45] R: Você acha que haveria pressão por parte dos...

[40:48] J: Acho que no momento atual, sim. Infelizmente. O que nós estamos vivendo, "tá"... Quando eu comecei, mandei todo o assunto que seria tratado pra casa, os pais conversaram comigo, nós conversamos, não tive nenhum pai que dissesse que não.

[41:10] R: Nesse grupo pequeno nesse curso que você "tá"...

[41:12] J: Isso mesmo.

[41:14] R: Mas pensando essa metodologia aí de trabalhar isso durante o ano...

[41:19] J: No momento que o Brasil "tá" vivendo eu acho que nós vamos ter bastante pressão.

[41:24] R: Por parte dos pais também?

[41:25] J: Também.

[41:27] R: Por conta do momento que você diz, o momento político é isso?

[41:30] J: Político do Brasil.

[41:34] R: "Tá"... Que outros aspectos sobre os temas você gostaria de destacar, que outros temas você acha que permeiam a diversidade sexual, a sexualidade, a identidade de gênero, a orientação sexual... Que outros temas você acha que esses temas podem trazer?

[41:54] J: Assim, eu acho que é questão dos valores "né", o respeito, é a diversidade, somos "diferente"... Temas que permeiam, "né"...

[42:10] R: Que outros aspectos "né" sobre esses temas, você acha que seria importante destacar...

[42:18] J: Eu... Respeito mesmo, trabalho com a diversidade, a questão do protagonismo dos alunos, deixá-los falar, trabalharmos a orientação de forma geral... eu acho que isso.

[42:36] R: J, muito obrigada... mais uma vez.

[42:41] J: Nada... eu não sei se ajudei, mas acho que é isso... [risos]

[42:42] R: Ajudou bastante, obrigada viu.

9.4) Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Diversidade Sexual na Escola: sobre seus silêncios, tabus e preconceitos

Pesquisador: RITA GISELA GUEDES FERREIRA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 94706318.9.0000.5505

Instituição Proponente: Universidade Federal de São Paulo Campus Baixada Santista

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.936.890

Apresentação do Projeto:

Projeto CEP/UNIFESP n: 0877/2018 (PARECER FINAL) PROJETO APROVADO

O trabalho analisa o tema da diversidade sexual em escolas do município de Santos, em especial as medidas empreendidas por profissionais da educação equipe técnica e gestores para tal fim. Os objetivos são compreender se há, ou não, medidas por parte desses atores em implementar o tema da diversidade sexual nas escolas. Para alcançar os objetivos, a pesquisa se dedicará a levantar os documentos oficiais que versam sobre esse tema e realizará 10 entrevistas com orientadores educacionais e gestores de três escolas do segundo segmento do ensino fundamental localizadas na Zona Noroeste da cidade de Santos. Busca-se com os resultados desta pesquisa ampliar subsídios para o fortalecimento do diálogo sobre diversidade sexual no contexto escolar.

Hipótese:

A hipótese principal do trabalho é a de que, no município de Santos, o tema da diversidade sexual no segundo segmento do ensino fundamental é

pouco problematizado por gestores e técnicos educacionais por razões subjetivas, institucionais e por pressões sociais diversas.

No que tange às razões de ordem subjetiva, gestores e técnicos educacionais talvez não vejam como de sua alçada a promoção do debate sobre

diversidade sexual nas escolas porque entendem que, devido à sua formação específica, lidam com questões conteudistas específicas, predominantemente, tais como o ensino de matemática,

Endereço: Rua Francisco de Castro, 55
Bairro: VILA CLEMENTINO **CEP:** 04.020-050
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)5571-1062 **Fax:** (11)5539-7162 **E-mail:** cep@unifesp.edu.br



Continuação do Parecer: 2.936.890

português, ciências, etc. No plano institucional, o poder público municipal de Santos enfrenta dificuldades em pautar a temática da diversidade sexual no espaço escolar.

Haja vista as pressões sociais que pairam sobre gestores e técnicos educacionais os levam ao não comprometimento com o debate, bem como de pais e responsáveis contrários ao tema, por não compartilharem valores que propiciem a sua discussão, e/ou por adotarem a concepção de que assuntos sexuais são de foro íntimo. Ou seja, caberia à esfera familiar privada lidar com tais questões, e não à instituição escolar. Ademais, há motivações religiosas que implicam também no silêncio do debate nas escolas.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender como o tema da diversidade sexual tem sido abordado (ou não) nas escolas de ensino fundamental, ciclo II, na cidade de Santos/SP.

Objetivo Secundário:

Sistematizar e analisar orientações e instrumentos normativos dos âmbitos federal, estadual e municipal sobre o tema da diversidade sexual nas escolas;

Compreender como a comunidade escolar – professores, gestores, alunos e pais – se relacionam com o temática da diversidade sexual;

Produzir materiais que subsidiem a implementação da temática no âmbito escolar.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

As entrevistas envolve processos de análise sobre o próprio trabalho dos educadores e as dificuldades referente ao acolhimento das demandas que atravessam a discussão sobre diversidade sexual; podendo trazer a tona sentimentos, traumas e desamparos que prontamente serão acolhidos e trabalhados a partir do vínculo estabelecido.

Benefícios:

Ao elaborarem as respostas para a entrevista, os educadores estarão realizando uma reflexão crítica sobre seus processos de trabalho, podendo passar a identificar demandas anteriormente invisíveis, fortalecendo sua atuação na escola e o público destinatário.

Endereço: Rua Francisco de Castro, 55
 Bairro: VILA CLEMENTINO CEP: 04.020-050
 UF: SP Município: SAO PAULO
 Telefone: (11)5571-1062 Fax: (11)5539-7162 E-mail: oep@unifesp.edu.br



Continuação do Parecer: 2.936.890

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de projeto de mestrado de RITA GISELA GUEDES FERREIRA. Orientadora: Prof^a. Dra. Patrícia Leme de Oliveira Borba. Projeto vinculado ao Departamento de Saúde, Educação e Sociedade, Campus Baixada Santista, UNIFESP.

TIPO DE ESTUDO: qualitativo

LOCAL: Os estudos de caso ocorrerão em escolas públicas do município de Santos, com turmas de ensino fundamental II, localizadas na Zona Noroeste. A indicação é que sejam nas seguintes unidades municipais de ensino: Prefeito Oswaldo Justo, Pedro Crescenti, José Carlos de Azevedo Junior, Prefeito Esmeraldo Tarquinio e Padre Leonardo Nunes.

PARTICIPANTES: Participarão 10 orientadores educacionais e gestores das escolas.

PROCEDIMENTOS:

-Inicialmente haverá levantamento dos documentos oficiais que versam sobre esse tema;

-Depois, serão realizadas 10 entrevistas com orientadores educacionais e gestores de escolas do segundo segmento do ensino fundamental. Na ausência destes profissionais, a entrevista ocorrerá com outros membros da equipe técnica.

-As entrevistas terão um roteiro previamente elaborado com questões mais abrangentes, com o intuito de respeitar e compreender fala dos interlocutores. O roteiro de entrevistas versará sobre: dados pessoais, incluindo nome; origem familiar; socioeconômica (faixa de renda), grau de instrução (familiar e pessoal); atuação profissional; tempo de magistério ou outra atividade técnica educacional; instrução e/ou formação complementar em temas afins à sexualidade; orientação religiosa; (auto)identificação sobre orientação sexual. Em seguida, a entrevista abordará o conhecimento do profissional da educação sobre textos normativos e documentos oficiais relativos à diversidade sexual nas escolas; se conhece iniciativas escolares de implementação de temas LGBT em escolas; se há ou houve medidas para adotar na escola em que atua; as competências sobre quem cabe tal iniciativa, entre outras perguntas pertinentes ao tema da pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

1- Foram apresentados os principais documentos: folha de rosto; projeto completo; cópia do cadastro CEP/UNIFESP, orçamento financeiro e cronograma apresentados adequadamente.

2-TCLE a ser aplicado aos participantes

3- outros documentos importantes anexados na Plataforma Brasil:

Autorização e Roteiro de Entrevista.

Endereço: Rua Francisco de Castro, 55	CEP: 04.020-050
Bairro: VILA CLEMENTINO	
UF: SP	Município: SAO PAULO
Telefone: (11)5571-1062	Fax: (11)5539-7162
	E-mail: oep@unifesp.edu.br



Continuação do Parecer: 2.936.890

Recomendações:

Não há

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Trata-se de respostas as pendências listadas no parecer nº 2.879.896 de 06 de setembro de 2018. Todas as questões estão adequadas. PROJETO APROVADO.

1-O roteiro da entrevista que foi anexado (Roteiro de Entrevista com as Pessoas em situação de rua; Pasta: outros- Submissão 1; Documento: Roteiro_Entrevista.docx) não se refere ao tema da presente pesquisa. Enviar o roteiro correto.

RESPOSTA: Anexo a versão correta do Roteiro de Entrevista

2-Em relação ao TCLE:

a) o documento não está em formato adequado, pois o TCLE não é uma declaração de autorização do participante, mas sim um convite por parte do pesquisador. Favor redigir novamente, dirigindo-se sempre ao participante ("Você está sendo convidado a participar desta pesquisa que tem como objetivo..." ou "Sua colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semi-estruturada, a ser gravada...") e, no final do documento, poderá haver um parágrafo de declaração do participante, concordando com todas informações dadas; separar esse parágrafo final com um subtítulo, por exemplo, "Declaração do participante";

b) ao disponibilizar os dados dos pesquisadores, fornecer também, o endereço;

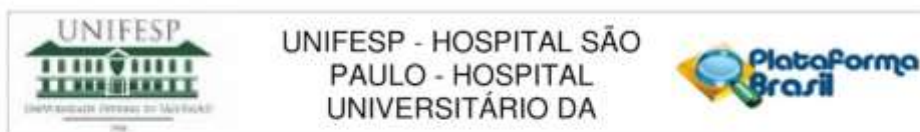
c) os dados (telefone e endereço) do CEP/UNIFESP devem ser inseridos, com a indicação de que o mesmo pode ser procurado caso haja dúvida quanto à ética do estudo (por exemplo: Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unifesp – Rua Prof. Francisco de Castro, nº 55, CEP - 04020-050, tel: (011)-5571-1062; (011)-5539-7162. E-mail: cep@unifesp.edu.br);

d) no campo em que é informado que o participante receberá uma "cópia" do TCLE, substituir a palavra "cópia" por "via", já que o TCLE do participante, por ser um documento original, não é uma cópia;

e) todas as páginas devem ser numeradas (ex: 1/4, 2/4, etc.), mesmo que seja uma só (1/1), as quais deverão ser rubricadas pelo pesquisador e pelo participante da pesquisa, no momento da aplicação do TCLE;

f) no final, além das assinaturas, inserir local para o nome do participante e do pesquisador que irá

Endereço: Rua Francisco de Castro, 55	CEP: 04.020-050
Bairro: VILA CLEMENTINO	
UF: SP	Município: SAO PAULO
Telefone: (11)5571-1062	Fax: (11)5539-7162
	E-mail: cep@unifesp.edu.br



Continuação do Parecer: 2.936.890

aplicar o TCLE.

RESPOSTA: Reformulado o Termo de Consentimento Livre e esclarecido.

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP informa que a partir desta data de aprovação, é necessário o envio de relatórios parciais (semestralmente), e o relatório final, quando do término do estudo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1112128.pdf	13/09/2018 20:18:52		Aceito
Outros	Comite_Rita.pdf	13/09/2018 20:17:42	RITA GISELA GUEDES FERREIRA	Aceito
Outros	ROTEIRO.docx	13/09/2018 20:17:10	RITA GISELA GUEDES FERREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_novo.docx	13/09/2018 20:16:49	RITA GISELA GUEDES FERREIRA	Aceito
Outros	Autorizacao.pdf	27/07/2018 10:56:58	RITA GISELA GUEDES FERREIRA	Aceito
Outros	Formulario_CEP.pdf	27/07/2018 10:56:03	RITA GISELA GUEDES FERREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.docx	27/07/2018 10:54:55	RITA GISELA GUEDES FERREIRA	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	26/07/2018 17:45:55	RITA GISELA GUEDES FERREIRA	Aceito

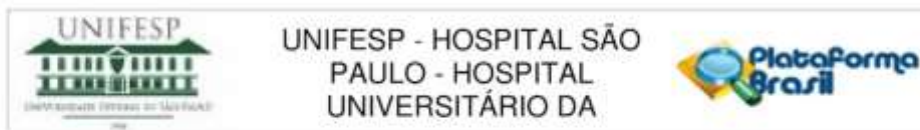
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Francisco de Castro, 55	CEP: 04.020-050
Bairro: VILA CLEMENTINO	
UF: SP	Município: SAO PAULO
Telefone: (11)5571-1062	Fax: (11)5539-7162
	E-mail: oep@unifesp.edu.br



Continuação do Parecer: 2.936.890

SAO PAULO, 03 de Outubro de 2018

Assinado por:
Miguel Roberto Jorge
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Francisco de Castro, 55
Bairro: VILA CLEMENTINO **CEP:** 04.020-050
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)5571-1062 **Fax:** (11)5539-7162 **E-mail:** oep@unifesp.edu.br

9.5) Aprovação do projeto pela Coform

23/07/2018

CPNET

Ajuda de tela

Consulta Trâmite

* campos com asterisco são de preenchimento obrigatório

Nº do Processo 24998 **Data Abertura** 2018 | 40 **Sector Abertura** SEAP-SEDOC **Situação** ATIVO
Título do Processo REQUERIMENTO **Nome do Interessado** UNIFESP **Cx.Arquivo**
Assunto SOLICITA ANÁLISE DO PROJETO DE MESTRADO DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA, SOB RESPONSABILIDADE DA ALUNA/PESQUISADORA RITA GISELA GUEDES FERREIRA.
Endereço

10 registro(s) encontrado(s)

Lista de Dados

Nº And.	Sector Entrada	DI. Entrada	Declaração	DI. Declaração	Autor Declaração	Sector Saída	Dt. Saída
18	DEPED	18/05/2018 16:22:15					
9	COPFORM-SEDOC	15/05/2018 09:38:01	An Deped, Pelo prosseguimento.	15/05/2018 11:00:24	MARIA ILIDIA PINHEIRO CDUTINHO TRONCOSO	DEPED	15/05/2018 11:00:24
8	SEFORM-DEPED	21/05/2018 10:50:08	A aluna pesquisadora solicita documento que oficialize a autorização dada pelo gabinete para dar entrada na Plataforma Brasil.	12/06/2018 17:20:28	DEBORA GIL SOUZA	COPFORM-SEDOC	12/06/2018 17:20:28
7	DEPED	16/05/2018 16:17:18	À Seform, Para ciência e prosseguimento.	16/05/2018 16:25:24	PATRICIA EVA VIRIATO ALVARENGA	SEFORM-DEPED	16/05/2018 16:26:24
6	GAB-SEDOC	11/05/2018 09:47:22	Autorizado.	16/05/2018 13:54:20	CARLOS ALBERTO FERREIRA MOTA	DEPED	16/05/2018 13:54:20
5	GAB-SEDOC	11/05/2018 09:47:22	Pelo autorização e posterior devolutiva ao DEPED.	14/05/2018 16:15:28	CRISTINA FERNANDES DOS SANTOS SOARES		
4	DEPED	09/05/2018 11:50:14	As Gab / Seduc, Para autorização com posterior devolutiva ao Departamento.	10/05/2018 19:52:07	MARIA HELENA MARQUES ROVERE	GAB-SEDOC	10/05/2018 19:52:07
3	SEFORM-DEPED	16/04/2018 08:52:01	Somos pelo prosseguimento.	09/05/2018 09:43:48	DEBORA GIL SOUZA	DEPED	09/05/2018 09:43:48
2	DEPED	06/04/2018 18:15:05	À Seform, Para ciência e manifestação.	06/04/2018 18:36:19	PATRICIA EVA VIRIATO ALVARENGA	SEFORM-DEPED	06/04/2018 18:36:19
1	SEAP-SEDOC	06/04/2018 15:26:16	AD DEPED-SEDOC	06/04/2018 15:26:16	SONIA REGINA FIGUEIREDO GOODY	DEPED	06/04/2018 15:26:16



PREFEITURA DE SANTOS

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS
ESTÂNCIA BALNEÁRIA

Fls. nº 28

Processo nº 24298 1.12-40

<p>SEDUC RECEBEMOS EM 06/09/18 ÀS.....HORAS</p>	<p>Ag. Gênis Seduc, Também autorizada para posterior devolutiva ao Departamento Pedagógico.</p>						
<table border="1"> <tr> <td>SAAF-DEPED/SEDUC</td> <td>Em 6/4/18</td> </tr> <tr> <td>Protocolo</td> <td>Recebido por:</td> </tr> <tr> <td>81/18</td> <td>Beatriz</td> </tr> </table> <p>A reform.</p>	SAAF-DEPED/SEDUC	Em 6/4/18	Protocolo	Recebido por:	81/18	Beatriz	<p>Em 9/5/2018</p> <p></p> <p>Maria Helena Marques Chefe do Departamento Pedagógico DEPED/SEDUC</p>
SAAF-DEPED/SEDUC	Em 6/4/18						
Protocolo	Recebido por:						
81/18	Beatriz						
<p>Para ciência e manifestação Em 6/4/18. Patrícia Em J. Alvoranga</p> <p>Patrícia Em Viriato Alvoranga Chefe da Seção de Apoio Administrativo e Financeiro SAAF/DEPED/SEDUC</p>	<p>Dr. Secretário para autorização e posterior devolutiva ao Deped.</p> <p>Em 11/05/18</p> <p></p> <p>Cristina Fernandes dos S. Soares Secretária Adjunta de Educação</p>						
<p>Ao Deped, Damos pela prosseguimento Em 07/05/2018 Debora Gil Souza</p> <p>Debora Gil Souza Chefe da Seção de Formação Continuada SEFORM/DEPED/SEDUC</p>	<p>Ao DEPED, Autorizado</p>						
<table border="1"> <tr> <td>SAAF-DEPED/SEDUC</td> <td>Em 9/5/18</td> </tr> <tr> <td>Protocolo</td> <td>Recebido por:</td> </tr> <tr> <td>81/18</td> <td>Beatriz</td> </tr> </table>	SAAF-DEPED/SEDUC	Em 9/5/18	Protocolo	Recebido por:	81/18	Beatriz	<p>Em 16/05/18</p> <p></p> <p>Carlos Alberto Ferreira Mota Secretário de Educação</p>
SAAF-DEPED/SEDUC	Em 9/5/18						
Protocolo	Recebido por:						
81/18	Beatriz						

SAAF-DEPED/SEDUC Em 16/5/18
 Protocolo Recebido por:
 81/18 B. B. B.

A reform.,
 Para ciência e
 prosseguimento
 Em 16/5/18.
 Patricia Eva V. Alvares
 Patricia Eva Vinato Alvares
 Chefe de Seção de Apoio
 Administrativo e Financeiro
 SAAF/DEPED/SEDUC

A reform.,
 Aluna pesquisadora
 solicita documento
 que oficialize a autoriza-
 ção dada pelo gabinete
 para dar entrada na
 Plataforma Brasil.

Em 12/06/2018
 Debora Gil Souza
 Debora Gil Souza
 Chefe de Seção de
 Formação Continuada
 SEFORM/DEPED/SEDUC

AO DEPED
 Pelo prosseguimento.
 Em 14/06/2018
 Maria T. Tronco
 Chefe de Seção de
 Formação Educacional
 COFORM/DEPED/SEDUC

SAAF-DEPED/SEDUC Em 16/6/18
 Protocolo Recebido por:
 158/18 B. B. B.

SAAF-DEPED/SEDUC Em 16/6/18
 Protocolo Recebido por:
 158/18 B. B. B.

SAAF-DEPED/SEDUC Em 16/6/18
 Protocolo Recebido por:
 158/18 B. B. B.

SAAF-DEPED/SEDUC Em 16/6/18
 Protocolo Recebido por:
 158/18 B. B. B.